



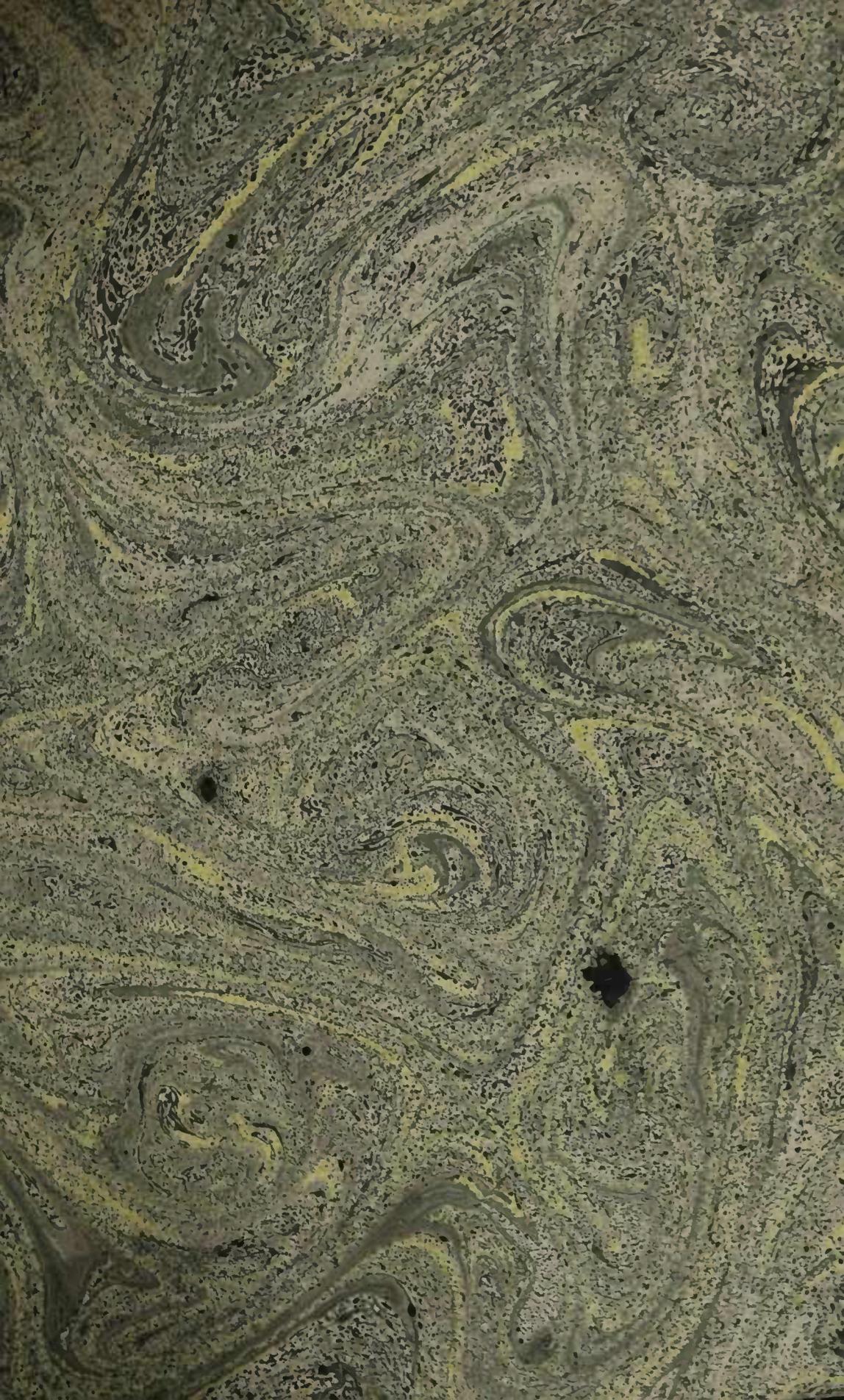


le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Trivium & quadrivium : 40 -

Pythagoras: 41

Galvao: 29-32 -

Olivia de Sabuco: "Filosofia oculta": pag. 43

2. Afonso, o Sabio + D. Diniz; 53 -

Safe: 37/8 -



A Biblioteca AIVOITE
F. Leitura e Jazys
Par. 11.8.93

COMPENDIO NARRATIVO
DO
PEREGRINO DA AMÉRICA
VOLUME II

Café 37/8

NUNO MARQUES PEREIRA

COMPÊNDIO NARRATIVO
DO
PEREGRINO
DA AMÉRICA

196.^a EDIÇÃO

completada com a 2.^a Parte, até agora inédita,
acompanhada de notas e estudos de

VARNHAGEN, LEITE DE VASCONCELOS, AFRÂNIO PEIXOTO,
RODOLFO GARCIA e PEDRO CALMON,
em dois volumes

VOLUME II



RIO DE JANEIRO
PUBLICAÇÕES DA ACADEMIA BRASILEIRA
1939

— Impresso na Oficina Gráfica —
BEDESCHI — Misericórdia 74 - Rio

NOTA PRELIMINAR

Nosso colaborador, que reviu toda esta edição e nos impede nomeá-lo, comunica-nos a seguinte nota, que merece vir á frente dêste segundo tomo :

“Duzentos e sete anos após ter sido escrita, sai finalmente a público esta segunda parte do Peregrino da América. Ao encerrá-la, prometia o Autor uma terceira parte. Tê-la-ia escrito? Existirá, acaso, o manuscrito, ou cópia, sepultado em alguma biblioteca, arquivo ou tombo de Portugal, ou alhures? É de presumir que não. E se existe, mergulhado no “letargo do esquecimento”, com diria o Autor, grande não é, nem para lamentar, a sua perda, a julgarmos pelas duas partes que conhecemos. O mais plausível é que o pêso dos anos e o desgosto de não ver em letra de fôrma a segunda parte do seu Compêndio tenham feito descorçoar o Autor de levar por diante o planeado intento de escrever a terceira: depôs a pena e aguardou lhe deparasse novo Mecenas a fortuna. Este não veio, mas veio a morte, que o levou para o reino da Bemaventurança, se é que êle cumpriu em vida os sãos preceitos e “documentos”, como dizia, e prérgava aos seus leitores. Deus o tenha á sua mão direita.

O manuscrito, cuja cópia serviu para a presente impressão desta segunda parte do Peregrino, existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, não é o autógrafo original do Autor, mas deploravel apógrafo, tais e tantos os dislates ortográficos, deturpações de palavras e citações latinas, divisões inadmissíveis de parágrafos, aglutinações incríveis de vocábulos, pontuação à la diable. Tudo isto delata e evidencia a palmar ignorância do copista, constituindo, a cada passo, verdadeiros enigmas para o revisor, que só a muito custo vingava

destrinchar o sentido de alguns períodos, descobrir a verdadeira ortografia de muitos vocábulos, atinar com as omissões, eliminar as repetições, reconstituir nomes próprios e textos latinos.

Essas cópias, ou apógrafos, eram outrora frequentemente extraídas de traslados de outras cópias. Dos Apólogos Dialogais de D. Francisco Manuel de Melo, cuja dedicatória a Antonio de Sousa Tavares é datada de 1654, e conservados inéditos até 1721, dizia o censor do Ordinario Pedro Álvares que “a curiosidade, competindo com a impressão, tinha multiplicado traslados manuscritos, quasi tantos como podiam correr impressos” É de presumir que o mesmo passaria com esta segunda parte do Peregrino da América, se inferirmos a curiosidade que moveria tambem os leitores da primeira, — publicada em 1728, vingara, até 1765, cinco edições, — a conhecer ou possuir o resto da narrativa. Correriam, pois, muitas cópias, extraídas de outros traslados, reproduzidos todos por escribas incultos, mais ou menos ignaros dos mistérios da ortografia, como dissera o Tolentino.

Derivam daí, por certo, os períodos mal construidos, a sintaxe não raro cambeteante, a confusão frequente das formas verbais das segundas pessoas (singular e plural), a qual, posto deparada nos classicos, neles não atinge nunca os extremos a que se alcançou a inciência dos copistas. Mantivemos, todavia, essas mesmas incorreções. Talvez o próprio Autor tenha nelas grande parte, pois, a julgar pelo estilo do primeiro volume, êle nem de longe se compara com o de Vieira, sem embargo do juizo de Varnhagen, juiz menos competente para conhecer da matéria..

Estas explicações, julgamo-las necessárias para prevenir o leitor incauto, atalhar a severidade dos criticos, circunscrever as responsabilidades. Suum cuique...”

Conforme.

A P

MOVIMENTO LITERÁRIO (1)

VIENA, 23 de dezembro 1872. — Ilmo. e Exmo. Snr. Con-
selhoiro Manoel Francisco Correia. — Enviando a V Ex.
os mais sinceros agradecimentos pelo acolhimento com que se dignou
receber a minha carta de 8 de outubro, a qual, por favor de V Ex.,
foi publicada no *Diário Oficial* de 6 de novembro último, vou ainda,
aproveitando-me do convite que V Ex. me fez na sua carta de 9
dêste último mês, valer-me de sua intervenção para que seja igual-
mente publicado o artigo junto, a respeito de um livro raro, e de
cuja reimpressão me parece que resultariam vantagens, tanto ás le-
tras pátrias, como á moralidade pública.

Por minha parte, não posso agora dedicar-me a fazer seme-
lhante edição, tendo entre mãos mais urgentes occupações, e acaban-
do de ser editor da primeira reimpressão que se faz dos célebres
Colóquios da Índia, de Garcia d'Orta, livro de muito interesse até
para a ciência médica no Brasil, e que estava raríssimo, sendo con-
tados os exemplares que dêle existem, por se não haver feito do mes-
mo livro mais edição que a de Gôa em 1563; por sinal que foi ofe-
recida ao célebre Martim Afonso de Sousa, bem conhecido na nossa
história.

Valendo-me de um exemplar que me foi emprestado e de que

(1) Com o título acima lê-se êste trabalho nas edições de 9 e 10 de abril de 1873, do "Diário de Pernambuco". Para a Academia Brasileira pediu o Dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti, diretor do Arquivo Nacional, cópia dêste artigo ao Dr. Neto Campelo, diretor da Faculdade de Direito do Recife, que o conseguiu da coleção dêsse periódico na biblioteca de sua escola. Comparou-o o Dr. Alcides Bezerra com a publicação anterior no "Diário do Império do Brasil", de 5 de março de 1873, corrigindo pequenas infidelidades de transcrição.

fiz tirar uma cópia, mandei-a imprimir (com a recomendação de *me* serem enviadas provas) na imprensa nacional de Lisbôa, juntando-lhe um noticioso prólogo, e dedicando-o á academia imperial de medicina dessa côrte, que espero acolherá benignamente a minha dedicatória e o livro; o qual todos sabem ser um dos mais antigos, em que se trata da cólera-morbus asiática; e que para o Brasil se recomenda muito pelas importantes noções que contém, não só acêrca de todas as plantas da Ásia, já aclimatadas entre nós, como os coqueiros chamados da Baía, tamarineiros, árvores das jacas, mangas, jambos, carambolas, mas, tambem de outras que nos cumpre mandar vir aclimatar como os duriões, mangustans, etc.

Sou, com a devida consideração de V Ex.

BARÃO DE PORTO SEGURO.

O PEREGRINO DA AMÉRICA

E o seu autor, natural de Cairú.

JUIZO CRÍTICO

VAI para século e meio, em 28 de junho de 1725, na cidade da Baía, um brasileiro, natural de Cairú, enviava ao poderoso mestre de campo Manoel Nunes Viana, bem conhecido como o chefe dos Embuabas, nas lutas em Minas, proximamente três lustros antes, uma obra manuscrita, acompanhando-a com uma carta bastante encomiástica, na qual supplicava ao dito mestre de campo que lhe mandasse imprimir a mesma obra; por se considerar êle autor “tão falto de poder como de cabedais” para disso encarregar-se.

O ricaço Embuaba, honra lhe seja feita, accedeu ao pedido, e o manuscrito foi levado a Lisbôa, e em 1728, saía á luz, formando um volumoso tomo em 4º, com o seguinte notavel título: “*Compendio narrativo do Peregrino da America, em que se tratam varios discursos espirituaes e moraes, com muitas advertencias e documentos contra os abusos que se acham introduzidos pela malicia dia-*

bolica no Estado do Brasil. Offerecido a Nossa Senhora da Victória, Imperatriz do céu, Rainha do mundo e Senhora da Piedade, Mãe de Deus.”

E tanta aceitação teve o livro, escrito em prosa mesclada de versos, que ao cabo de trinta anos (1), foi resolvido o fazer-se dêle uma nova edição, segundo todos os indícios postuma, pedindo-se para isso em 1758 as necessárias licenças do Santo Offício, do Ordinário e do Paço, e concluindo-se a mesma edição em 1760.

Esta reimpressão (que já vimos incorretamente citada como feita em 1765) foi igualmente muito bem aceita; e o livro seguiu sendo muito lido, não só no Brasil, como em Portugal, de tal modo que os exemplares de ambas as edições, passando de mão em mão, se foram estragando e consumindo; e como do livro não se fez mais reimpressão, veio a ser uma preciosidade bibliográfica, com a circunstância de que todos os exemplares, que até hoje dêle temos visto, contêm manifestos indícios de haverem sido, como os Carlos Magno, que se encontram em segunda mão, manuseados por infinidade de leitores.

Não sabemos a que mau fado attribuir o haver depois decorrido mais de um século sem fazer-se outra reimpressão do livro; a não ser que o seu título, essencialmente ascético, haja feito acobardar aos editores nestes nossos tempos de fé menos viva. Entretanto é sem dúvida que êste livro, dentre os da antiga literatura brasileira, é um dos que mais se recomendam, não só pela moralidade das doutrinas, como pelo estilo e a correção da linguagem, pelas descrições que dá, já das paisagens, já dos usos e abusos do Brasil, e, finalmente, pela instrução vasta do autor, que fôra ainda contemporâneo do padre Vieira, cuja locução por vezes tanto imita que muitos dos seus períodos podiam passar como da pena do mesmo jesuita. Dizemos mais. Em virtude da sua extraordinária fecundidade, Vieira não nos legou uma só produção tão acabada, e filha de tanto estudo e meditação, como o *Peregrino da América*. Não ha nessa asserção nenhum assomo de paradoxo. Estude cada um

(1) A segunda edição é de 1731. Ainda recentemente a adquiri para o Arquivo Nacional. (Nota do Dr. Alcides Bezerra).

com atenção esta obra e se convencerá de que ela deve ter custado o trabalho de largos anos ao seu autor, para, de uma forma tão amena e tão metódica, nos oferecer o fruto de seus muitos estudos, e leituras, especialmente dos mais notáveis moralistas castelhanos antigos.

Admiradores sinceros dos méritos dêste illustre escritor baiano, não hesitamos em recomendá-lo até aos nossos prelados, com a quasi certeza de que, os que o lerem não duvidarão fazê-lo adotar nos seminários das suas dioceses, começando por determinarem que o livro seja reimpresso até em proveito da moral do povo; com o que farão, ao mesmo tempo, um grande serviço ás letras pátrias. E desde já, para por nossa parte ajudarmos a realização dêstes sinceros votos, declaramos estar prontos a pôr á disposição do primeiro dos nossos diocesanos que o reclame, com a promessa de mandar reimprimir logo, o exemplar que possuímos e temos presente ao traçar estas linhas, aproveitando o ensejo de acabar de fazer do livro mui atenta leitura, com o principal intuito de emitir acêrea dêle, mui poucas linhas, um consciencioso juízo, na segunda edição da *História Geral*.

Para mais amenisar as doutrinas que se propõe expender, emprega o illustre escritor baiano o estilo parabólico. Figura-se fazendo, como *peregrino*, uma digressão desde a cidade da Baía, então capital do Brasil, á Cachoeira e ao sertão, com propósito de chegar ás Minas, origem então de muitos abusos que êle se propõe combater com a pena, começando pelos provenientes do excesso de ambição e soberba. Ouçamo-lo na seguinte primeira amostra do seu estilo padrivieirano :

“Ide a Pernambuco, passai ao Rio de Janeiro, subi a São Paulo, entrai nesta cidade (da Baía), correi essas vilas e seus recôncavos: vereis em quantos tem a soberba e os interesses feito notáveis destroços. A uns arrimar bastões; a outros largar ginetes, e muitos encostar vengalas; a alguns deixar alabardas, e fugirem muitos soldados; despejarem engenhos, desamparar fazendas. E se perguntares a essas ruínas quem lhes causou tão lastimosos estragos, vos responderão em eco essas arruinadas paredes e medonhas

fornalhas dos engenhos: que tudo lhes procedeu da soberba e demasiada ambição. Oh, se êsses tais, a quem isto succedeu, soubessem persuadir-se que tudo era uma quimera e presunção vaidosa, como acusariam de experimentar aqueles lamentaveis golpes.”

Logo adeante, encontramos, no mesmo autor, outras linhas, em que ainda mais ressaltam os dotes do seu estilo eminentemente vieirano. Ei-las:

“Os ricos e soberbos do mundo não crêem estas verdades, como cegos de ambição; . . . , fazendo-se cada vez mais altivos e desprezando aos humildes pobres. . . São êstes tais como uma casta de peixes que ha neste Brasil, e lhes chamam baiacús; entre os quaes ha uns que têm espinhos.

“São êstes peixes peçonhentíssimos, por terem no fel o mais refinado veneno que ha no mundo: e que ainda que algumas pessôas os comem, é com muita cautela. Mas vamos á comparação. Costumam êstes peixes, assim como os pescam e tiram d’água, começarem a inchar e fazerem-se como umas bolas. Os de espinhos não ha quem pegue neles, pelo risco das agudas pontas: incham de sorte que assim morrem ás vezes, dando um grande estouro. Ocupam-se êstes peixes em mariscar pelas margens dos rios e mangues; e só quando se vêem em terra é que se incham. Assim são os baiacús humanos e deshumanos: tanto que se vêem nas praias e terras do Brasil, logo começam a inchar: e se lhes dão algum officio ou posto, fazem-se baiacús de espinhos, etc.”

Admiremos ainda a comparação, feita pelo nosso Peregrino, entre o avarento e o cevado:

“O boi trabalha, o cavallo carrega, a cabra dá leite, o cão caça, o gato alimpa a casa. . . Porém o cevado só depois de morto se aproveitam dêle: come-se-lhe a carne; guarda-se-lhe a banha; apanha-se-lhe o sangue; não se perdem os miudos, e finalmente tudo se lhe aproveita. Assim tambem o rico avarento: enquanto vivo, para nada vale, tanto que morre para todos serve. Aparece o dinheiro. . . como o parente; aproveita-se o testamenteiro; pagam-se os clérigos, arremedeiam-se os pobres, satisfaz-se aos que trabalharam no funeral, etc.”

Dignos de ser citados são mais outros lugares; mas limitar-

nos-emos apenas a chamar aqui a atenção a mais um. Aceitando o Peregrino pousada, receioso da tempestade que ameaçava na barraca de um grande facinora ladrão no meio do mato, foi essa barraca investida, durante a noite por um tropel de porcos montezes, aos quais o ladrão, vencido pelo medo, tomou a princípio por uma escolta que vinha com o capitão do mato a prendê-lo. A cena do temporal é pelo autor baiano assim descrita:

“Já naquela hora estava descarregando a tempestade: gemiam as árvores com o pêso d’água, estalavam os ramos com os bramidos do vento, caíam as folhas com o abalo da agitação do movimento; tudo eram relâmpagos e trovões; e vendo-me em terra, me considerava em maior risco do que se no mar estivera, por temor que algum madeiro caísse em cima da barraca, e servisse de instrumento de castigo, etc.”

Porém, como íamos dizendo, o autor figura-se que fizera uma jornada ao sertão; e que está narrando a um respeitavel ancião que diàriamente encontrava no passeio da Vitória, junto da cidade da Baía. Durante essa jornada se fôra sucessivamente encontrando em presença dos abusos que se propõe espancar; e começa pelos que envolvem falta de cumprimento de cada um dos dez mandamentos da Igreja, levados pela sua respectiva ordem. Se esta circunstância faz perder a narração em interesse por lhe diminuir a verossimilhança, é o mesmo interesse resarcido com a alegação de muitos fatos narrados pelo autor como sucedidos efetivamente, especialmente nas vilas do sul da capitania da Baía que o autor melhor conhecia.

Como falta de observância ao disposto no 1º mandamento considera desde logo o severo autor os abusos dos pretos com as práticas de seus *calunduns* e *quigilas*. Figura pois que pousando em casa do primeiro morador além da Cachoeira, passara a noite desvelado, em virtude de muita bulha de “tabaques, pandeiros, canzás, botijas e castanhetas”. Ao amanhecer, perguntado pelo dono da casa como passara, queixou-se-lhe o hóspede do ocorrido; ao que respondeu o morador haver sido esta bulha causada pelos *calunduns* dos seus pretos.

“Que cousa é calunduns?” pergunta o Peregrino.

JUIZO CRITICO

“São uns folguedos ou adivinhações (respondeu o morador) que dizem êstes pretos que costumam fazer nas suas terras, e quando se acham juntos: tambem usam dêles cá para saberen várias cousas; como as doenças de que procedem, e para adivinharem algumas cousas perdidas e tambem para terem venturas em suas caçadas e lavouras; e para outras muitas cousas.”

Julgamo-nos dispensados de transcrever quanto no livro se segue. Cada qual pode fazer idéa de como logo o Peregrino aproveitaria a ocasião para meter em escrúpulos o dono dos pretos, provando-lhe que aquelas ruidosas práticas eram verdadeiros ritos gentílicos contrários á sua fé e á dos seus escravos.

O resultado foi proceder-se nada menos que a fazer-se uma fogueira, onde foi por vez estourar toda a catiguenta instrumental.

Vai o autor destinando a tudo quanto concerne a cada um dos mandamentos um dia da sua jornada; começando-o de ordinário com alguma descrição de nossas cenas, que, como era natural, se lhe deviam apresentar no caminho. Numa dessas descrições contempla, em um romance de 24 quadras, as nossas aves cantoras; sendo essas quadras, não em rimas, mas em assoante agudas ou numa só vogal obrigada. Em um post-escrito do apêndice ao 3º volume do *Florilégio* (ps. 103 a 136) reproduzimos, na íntegra êste romance, cuja primeira quadra diz assim:

Lá cantava o sabiá
Um recitado de amor
Em doce metro sonoro
Que ás mais aves despertou.

Recomenda-se igualmente a descrição de uma grande e bela cajazeira, a qual, sobrevivendo uma tempestade foi esgalhada por um raio; e é digna de ser citada e transcrita, a propósito de falta de observância do 7º mandamento, a conversação entre um vendeiro e o seu escravo, ouvida pelo Peregrino, quando o julgavam entregue ao sono.

Perguntou ao escravo o seu senhor quanta água deitara na-quele dia no vinho e mais bebidas que vendera? Respondera o es-

cravo que no vinho deitara duas canadas d'água e no vinagre três, e que também caldeara a aguardente do reino com a da terra. E logo (prossegue o Peregrino) perguntou mais o vendeiro se calcara com os dedos o fundo da medida de folha de Flandres em que media o azeite? “E finalmente se lançara o vinho de alto na medida para se derramar e parecer que estava cheia”? A tudo respondeu o pobre escravo mui ao gôsto do vendeiro, e o leitor fará idéa do sabãozinho que no dia seguinte chuparia êste último, que se mostrara muito “sêco, apesar de vender molhado”.

Não acabou o Peregrino enquanto o não deixou de todo convertido, o que Deus lhe pague.

A propósito da guarda dos domingos e festas, entra o autor em mui justas e saudáveis considerações contra os senhores que em êsses dias não outorgavam descanso aos escravos; o que lhe dá ocasião a recomendar como deviam êstes e as escravas ser tratados bem e com caridade; e até a exclamar: “Ver a vida e a lida de muitos lavradores do Brasil com seus escravos faz pasmar: e parecem mais homens faltos do uso da razão que racionais e cristãos!”

“E, se não, vêde. Amanhece o dia.” etc.

Recomenda-se muito o nosso autor, como já antes deixamos consignado, pelo método e naturalidade com que soube dispor as idéas, parte esta que exclusivamente lhe pertence.

De intento empregou êle nisso tanta arte reconhecendo, como diz o prólogo, que até Jesus Cristo preferira o uso das parábolas: “Tratando sólida doutrina os homens, para melhor os persuadir”; e que mais necessário se fazia isso em nossos tempos: pois “para convencer ao gôsto dos tediosos de lerem e ouvirem ler os livros espirituais, são necessários todos êsses acepipes”, etc.

Concluindo o Peregrino com quanto respeitava ao décimo mandamento no vigésimo capítulo dessa sua jornada-novela, de propósitos tão altamente louváveis e morais, prossegue o seu livro com oito capítulos mais: contendo o primeiro dêles alguns preceitos de hygiene, tão corporal como espiritual; o immediato com alguns conselhos para se fazer um testamento penitente, etc. No XXIII o Peregrino, prossequindo ainda na jornada, vai parar em meio de um campo, numa vivenda e igreja, com cujo pároco, que era um respei-

tável ancião, entra numa prática a respeito dos dotes indispensaveis em um bom sacerdote, alçando a voz contra “certos pregadores missionários, que costumam ir ás Minas, e a êsses sertões, mais levados dos interesses do ouro e cabedais, que do zêlo de servir a Deus e ao bem das almas.”

Antes de chegar a essa igreja e vivenda, atravessara o autor um cerrado bosque; e nele, descansando junto a um regato, vira passar, quasi a um tiro de pedra perto, uma anta, perseguida por um tigre, o qual por fim a filou, dando lugar á seguinte exclamação do mesmo autor:

“ Quem haverá no mundo que esteja livre de ser acometido de um perigo e assaltado de um contrário, ainda que traga uma coura de anta e viva em um deserto! ”

Nos dois immediatos capítulos (24° e 25°) trata o *Peregrino da América* de assuntos espirituais, do que observou na igreja, do modo como devemos bem orar, etc. No capítulo 26° é bem introduzido um novo interlocutor, dentre os quais se achavam no alpendre da igreja, o qual contando o que lhe passara em uma jornada que fizera á Baía, invectiva certos abusos e ridículos que na cidade presenciara na justiça, nos meirinhos, escrivães, advogados, médicos, eclesiásticos e sargentos de infantaria; conspira-se contra o uso, então geral, das cabeleiras postiças e a vaidade de se annunciarem os enterros dos ricos por meio de dois escravos vestidos de farricocos, e a prática de serem as boticas como espécies de ermidas, etc.

Neste capítulo dedica mais de duas páginas tratando dos poetas, cuja arte não deixava de ser “de grande trabalho e quebradeiro de cabeça,” bem que pouco proveito material desse aos que a exerciam; motivo por que aos mesmos poetas “muitas gentes os têm por loucos” E sem dúvida se lembraria Nuno Marques do seu comprovinciano Gregório de Matos, que haveria pessoalmente conhecido quando acrescentava que grangeava muitos inimigos o poeta que dava “em ser maldizente e satirizante... além de se expor ás notas do vulgo; porque os ignorantes os motejam, os criticos os reprovam, os políticos os vituperam e só os discretos os louvam”

No capítulo 27° copia-se uma carta escrita de Lima ao presi-

dente Charcas, descrevendo o horrível terremoto que assolara a capital do Perú, em (igual latitude que a Baía) no mês de outubro de 1687; e finalmente, no 28º último, se revela que o venerando interlocutor a quem, no passeio da Vitória, o Peregrino fizera a sua narração, era nada menos que o tempo bem empregado; o qual lhe dá muito bons conselhos contra as tentações, avultando-lhe a eficácia de uma confissão bem feita e o proveito da leitura dos livros edificantes.

Dêsse ancião se despede por fim o Peregrino por lhe ser preciso ir assistir a outro lugar; prometendo-lhe porém que o tornaria a buscar para prosseguir em semelhantes práticas, quando tivesse a dita de ver aprovadas as suas opiniões, as quais, com rendida vontade, sujeitava á correção da Santa Madre Igreja.

De semelhante continuação da obra, nenhuma outra notícia possuímos; e só sim a certeza de que, se acaso se escreveu, nunca chegou a publicar-se. Mais rica seria, sem dúvida, a nossa literatura se a possuíssemos; mas é também certo que ainda sem êle, é o tomo único do Peregrino um livro acabado. E na mencionada continuação ninguém pensaria sequer, se o próprio autor no-la não houvesse espontaneamente inculcado.

Creemos que uma tal segunda parte da obra, se se houvesse publicado, não teria menos interesse que a impressa; pois nela nos justificaria o autor outros vícios e abusos praticados nas próprias Minas.

A causa por que tal continuação se não chegou a publicar seria porventura a de não ter o autor, em razão da sua idade já avançada, sobrevivido muito á publicação do volume que acabamos de analisar. Lemos algures que o mesmo autor nascera em 1652; e sendo assim, em 1728 devia contar já seus 76 anos. De que o dito autor não devia ser já muito jovem, temos a confirmação no fato de haver êle, segundo se depreende do texto de seu livro, conhecido e apreciado o arcebispo D. Frei Manoel da Ressureição, varatojano, quando pouco antes de falecer, em 1691, foi de visita ás vilas do sul da capitania.

A respeito desta visita dá-nos o Peregrino tantas notícias e por menor que chegamos a desconfiar que houvesse êle sido um dos da

JUIZO CRÍTICO

comitiva. Do porto da Baía passou o arcebispo ao dos Ilhéos por mar; e d'aí, através de vinte léguas de longas praias e altas serranias, ao Rio das Contas; donde prosseguiu até a vila de Camamú, á distância de 14 léguas, por ásperos campos e rios caudalosos; onde se demorou visitando, prégando, crismando e até confessando.

D'aí passou ás vilas de Boipeba e do Cairú, pátria do autor, Fôrça do Morro, vila de Jaguaripe, e igrejas do recôncavo até a Cachoeira; com o fim de ir, segundo lhes dissera, descansar no templo de Belém; segundo efetivamente realizou, falecendo logo, e ficando aí sepultado.

Vem toda essa digressão a propósito do empenho com que nesse templo dos jesuitas, fundado pelo padre Alexandre de Gusmão, para todos liberal, verdadeiro, cortês, afável, desinteressado, magnânimo, prudente, atento ás ações, no ânimo constante, sempre no semblante igual; o Peregrino quis visitar e saudar, na capela-mór, a sepultura do mesmo venerável prelado, ao qual tinha ainda mui presente na lembrança desde o tempo que o vira em sua vida e dos grandes frutos espirituais que obrou com sua santa doutrina e bom exemplo.

Á vista destas expressões, é de toda evidência que no tempo do mencionado arcebispo devia já Nuno Marques ser homen feito, ainda que lhe não demos os 39 anos que teria, se efetivamente nasceria em 1652.

Em todo o caso, temos por quasi seguro que a segunda edição de 1760, sem nenhuma diferença da anterior, foi, como a princípio dissemos, já póstuma; não duvidamos que á primeira tivesse ido assistir a Lisbôa o próprio autor, como havia declarado terminantemente ao *Tempo*, por despedida no passeio da Vitória, e habitar outro lugar sem ser a Baía. Morreria em Lisbôa? Deus o sabe.

Talvez que futuras indagações nos possam vir a subministrar dados mais positivos acêrca da biografia quasi misteriosa, dêste nosso aliás mui notável escritor, que tanta honra faz ao Brasil. Ele é o proprio que nos diz que, ainda que se não graduara, havia estudado o direito. Mas onde? Em sua própria casa? No seminário? Ou em Coimbra? A êste último conceito propendemos ao vê-lo, no seu livro, bastante conhecedor das cousas de Portugal. O que temos

em todo caso por sem dúvida é que nunca chegou a ser sacerdote: e não sabemos onde um nosso fecundíssimo escritor tal ouviu para o nomear como padre Nuno Marques Pereira.

Não concluiremos esta notícia sem refletir que o livro do *Peregrino da América*, apesar dos seus méritos de linguagem e riqueza de vocábulos, que hoje podem todos nele reconhecer, especialmente nas cousas do Brasil, foi dos poucos impressos que deixou de ser contemplado no incorreto e caprichoso *catálogo* denominado da Academia (Academia das Ciências de Lishôa) de livros a ler para a composição do dicionário da língua portuguesa. Talvez por isso, e também por não se ter podido aproveitar ainda do mesmo livro o erudito Bluteau, para o seu dicionário impresso antes de 1728, tão pouco o poria em contribuição o lexicógrafo Morais Silva, que, como filho do Brasil o houvera sabido apreciar, se tivesse dêle tido conhecimento. Em todo caso temos por certo que, se houvesse lido o nosso *Peregrino*, não teria deixado de se lembrar de introduzir no dicionário a palavra *calundum* tão conhecida e vulgar no Brasil, como se lembrar de admitir a sua parceira (igualmente de origem africana) *quigila*; adotando até por sua própria autoridade, aliás para nós mui valiosa, o verbo *quigilar*.

Quando os próprios escritores nacionais se descuidaram tanto de atender aos méritos dêste nosso autor, não é para admirar que o seu nome seja buscado embalde nos tesouros bibliográficos estrangeiros, tais como os de Gradesse, Brunet e Denis (com Pinçon e Martonne.) Não falamos em Wolf, porque, na parte antiga, pouco mais fez que aproveitar-se de comida feita que achou no *Florilégio*, o qual tão pouco havia contemplado a êste autor; e na contemporânea limitou-se a sufocar aos que pessoalmente conhecia, com turbuladas de rasteira adulação; reservando para os demais a pôr por escrito o que ouvia, e mais de uma vez publicar sob sua autoridade, em vez de críticas justificadas, alguns cochichares da maledicência e da inveja.

BARÃO DE PORTO SEGURO.

O "PEREGRINO DA AMÉRICA", DE NUNO MARQUES PEREIRA, COMO FONTE DE INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA ⁽¹⁾

ESTA obra (isto é, *Compêndio narrativo do P. da A.*) é formada de duas partes: uma, publicada pela primeira vez em Lisboa em 1728, e pela segunda em 1731, edição de que me sirvo; outra, que se guarda inédita na nossa Biblioteca Nacional (marcação ant.: A-2-39, mod. 39, de 183 fls., em 22 capítulos, não obstante haver engano na numeração de alguns dêles). Nas citações que adiante se fizerem do *Peregrino*, a parte I, ou impressa, indicar-se-á, em regra, pelas páginas; a parte II, ou manuscrita, pelos capítulos.

Os historiadores da Literatura portuguesa subordinam a obra ao gênero novelístico, e no seu encaixo vou; ela, porém, mais é narração, dialogada, de viagem, ou suposta viagem, entremeada de peripécias românticas, e escrita com intuito religioso-moral, do que vero romance. O autor finge que parte da Baía de Todos os Santos para as Minas do Ouro de S. Paulo, afim de as ver e admirar (pt. I, cap. 2.º), e de caminho fala de quanto lhe veio à mente: história, louvor das artes e ciências, higiene, doutrina cristã, endereçando tudo ao alvo principal, e procurando justificar com grande erudição mística e profana, e até com poesias próprias, ou de outrem, as asserções que produz.

Aparece diante do leitor o então ainda nosso Estado do Brasil, com seus panoramas estupendos, abras, rios, fontes, e ricas ve-

(1) Artigo extraído da *Etnografia Portuguesa*, que estou escrevendo. Faz parte da *Introdução*, cap. III. (Nota do autor). Publ. no "Biblos", Coimbra, vol. V, ns. 3-4, 1929, pags. 147-157.

getação e fauna, expressas às vezes por termos peculiares, como: *caravatal* (de *caravatá*, planta), pág. 193, *cajazeira* (que dá *cajás*), págs. 207, 236. O *sabiá*, muitos anos depois (1846) cantado por Gonçalves Dias, em versos que quasi se tornaram populares em Portugal, figura já aqui numa poesia, pág. 43, em companhia de outras aves, o *curió*, o *sanhaçú*, o *tapiranga*, a *guarinhatã*, o *pitahuaã*, o *cucurutado*, a *aracuaã*, a *juruti*, a *araponga*, o *tucano*, o *paó*, a *arára*, e acrescenta o A., na mesma poesia, que deixa de falar de mais aves, e bem assim dos *sahuins* (saguins) e *guigós*, "que com bayles de alegria || festejão ao Creador", págs. 43-46. Noutros lugares: "casta de peixes que há neste Brasil, e lhe chamam *bayacus*", pág. 19; "cobras a que chamão *surucucús*" I, 206.

Com rápidas pinceladas se apresentam aqui e acolá elegantes descrições de sítios, e se alude em todo o decurso da obra aos três elementos fundamentais da etnogenia de Santa Cruz:

a) *Índio da terra*, pág. 191, *naturais da terra* (na *Supplica* inicial do volume impresso), moradores do *certão* (ibid.), *gentio bárbaro* (ibid.);

b) Elemento português, *passim*;

c) Elemento africano ou preto, oriundo do Congo, Benguela, Costa da Mina, por exemplo, a pág. 147-148, e *passim*.

O cap. 2.º da pt. II até trata *donde procedeu este gentio da América*. . (depois do dilúvio e da confusão das línguas por ocasião da construção da Torre de Babel) Diz o A. que alguns povos vivem em *barracas de fôlhas*, sustentando-se "das raízes dos paos, fôlhas e palmitos, frutas, e mel de abelhas, a que chamão os naturaes *mel de páo*, por haver muito... pelas árvores silvestres" Fala dos seus caracteres morais e físicos (côr).

Tem muita ocasião de se referir aos escravos, ao modo bárbaro como os tratam e os obrigam a trabalhar nas *fazendas*: e torna-se protector dêsses infelizes, aconselhando aos *senhores* que usem de caridade com êles. Os escravos, ao tempo em tão grande número no Brasil, são por assim dizer tema obrigatório em muitos dos capítulos, sobretudo da parte I.

Aos volumes, como se vai vendo, não falta curiosidade, ou para os Brasileiros modernos, ou para os Portugueses, visto que se refere ao Brasil como colónia nossa. Mais particularmente no campo etnográfico, êles nos dão também notícias. Antes de me voltar para as que concernem à vida portuguesa, notarei umas tantas da vida dos escravos ou Pretos do Brasil, que vêm no cap. 11º da pt. I, e que, por causa do carácter exclusivamente portuguez da presente obra, não haverá ocasião de tornar a mencionar adiante.

A pág. 116 fala-se do “*Preto curador*, ou para melhor dizer, feiticeiro”

A pág. 107-113 fala-se das *calundús*, cerimonia de feitiçaria, para adivinhar, e para se ter ventura em alguma empresa, — e enumeram-se alguns objetos que entravam na cerimonia: tabaques (tambores), botijas, canzás (instrumentos músicos), castanhetas, e pés de cabra.

A pág. 119-120 fala-se da *quijila*: “abuso que consiste em não comer caça, ou peixe, marisco e outras muitas cousas”, o que entra na classe que hoje chamamos *tabú*. O A. attribue êsse abuso ingenuamente a pacto com o Diabo, para se ter “bom successo na guerra, fortuna na caçada, na lavoura, etc.”, e informa que êle “passa por tradição a filhos, netos e mais descendentes”

Assim como o A. se insurge, segundo vimos, contra os proprietários que maltratam os Pretos, insurge-se ao mesmo tempo contra os desmandos do clero brasileiro (o que é o mesmo que se se reportasse ao clero da metrópole), o qual prevaricava na reza do breviário, na celebração da missa, no púlpito, e na missão, e só aspirava ao gozo mundano, em lugar de cuidar da alma. E lamenta a facilidade com que no Brasil se praticavam adultérios, pág. 298, asseverando, por outro lado, que “os filhos de Lisboa nascem na Côrte, crião-se na India, e perdem-se no Brasil”, pág. 287 Apesar dêste remoque dirigido aos Portugueses, e de a pág. 19 comparar com os *bayacús*, que costumam inchar-se quando os pescam, os emigrantes que vão enriquecer ao Brasil (no que tem de certo em mente os emigrantes d’aquem-mar), o autor mostra-se bom e fiel vassalo de Portugal, por exemplo, na *Supplica* inicial, dirigida ao Mestre de Campo Manuel Nunes Viana, e no cap. 3º da pt. I.



Ao que fica dito, segue-se na minha obra um resumo do que no *Peregrino* se lê respeitante a Etnografia portuguesa, e que será aproveitado no corpo desta, conforme os capítulos em que a reparto. Como, porém, o presente artigo é sóto, reproduzo adiante, em conjunto, os apontamentos que tomei, e subordinei-os ao meu plano geral.

1. CARACTERES

a) ...sempre os Portugueses forão muy obedientes aos precytos de seus mayores.. Pág. 190.

b) ...sendo a nação Portuguesa de tão grande valor e acertado conselho... Pág. 190.

2. MOUROS E CIGANOS

a) MOURO

"Ouvistes já dizer aquelle rifão: *Mouro, o que não pode haver, dá-o pela tua alma.*" Pág. 249.

(Irónico).

b) CIGANOS

Falando da quiromancia diz o A. do *Peregrino da América*: "he a que hoje profissão os Ciganos, de mentir e enganar pelas rayas das mãos" Pág. 114.

3. COMIDA

a) Gente rica que manda "cantar, e tocar varios instrumentos, assim musicos como bellicos", durante as refeições. Pág. 323.

b) Almôço dado ao *Peregrino*: vaca assada, leite quente, ovos frescos, e doce frio. Pág. 350.

Ele comeu e deu graças a Deus.

4. FORMAS DE HABITAÇÃO E MÓVEIS

a) Sobrado = andar:

“alta torre com quatro *sobrados*” Pt. II, cap. 3.º

b) ...nas janellas se não vião sacadas para a rua, nem rotas (= rótulas) ou genolozias (= gelosias), semelhantes... ás casas .. de Paris” Pt. II, cap. 3.º

c) “espaçosa sala muy bem ornada e aparamentada; e no meyo della estava um grande bofete, famosos tamborettes, luzidos espelhos, ricos quadros, custosas cortinas, e hum espriguceiro” Pt. II, cap. 3.º

d) *no peitoril da varanda das casas*. Pt. II, cap. 13.º (e também na pt. I).

e) “varanda com hum espaçoso alpendre”; “escabello de encosto”, bofete com hũa escrivaninha (conjunto de tinteiro, areeiro, etc.) Pt. II, cap. 3.º

f) ...argola de ferro, que pendente estava em hũa corrente do mesmo metal, e puxando por ela ouvi tanger um sino. Pt. II, cap. 15.º

5. TRAJO

a) Trajo de peregrino: *cajado, alforges, cabaça de agoa*. Pt. II, cap. 3.º

b) *menores* (o que fica por baixo do trajo principal): ...despi um religioso franciscano, e tomando-lhe o habito, *o deixey ir em menores*... Pág. 193. Hoje dizemos: “estar em habitos menores”

c) Cabelo:

“no Direito Civil se acha escrito que nem os cabellos da cabeça pôde cortar a mulher sem licença e authoridade de seu marido”. Pág. 150.

6. MÚSICA

a) *Instrumentos musicos*: viola, arpa, alaude, tiorba, bandurilha, rebeca, rebecão, cítara, dedal, buxão, fagote, corneta, frauta, charamela. Pt. II, cap. 4.º

b) Falando da proibição que o Direito faz de músicas noturnas pelas ruas das vilas e cidades, diz o A. do *Peregrino da*

América: "em nenhuma parte devião ser ellas mais bem castigadas que neste Estado do Brasil, pelo profano das modas, e mal soante dos conceitos..." Pág. 211.

Na Bahia cantavam-se pelas ruas coplas em que se dizia, "como por apoio da cantiga: *Oh Diabo!*" Pág. 211.

Isto o A. attribuia ao Diabo, por ser "grande poeta, contrapontista e tocador de viola" *Ibidem*.

...muitas músicas deshonestas tenho ouvido cantar, como de huma moda, que se usou, e ainda hoje se canta, e acaba dizendo: *Berra a tua alma...* Pág. 212.

7. POESIA POPULAR

a) Moda:

(um musico) ...pegou em hũa viola... e começou a cantar hum tono que se usava naquele tempo, dizia a letra:

Para que nascestes, Roza,
Se tam depressa acabastes
etc."

Pt. II, cap. 9.º

b) Chulas:

"...na Bahia, nos tempos passados, quando se uzavão hũas chulas, ou mangalaças. Estava certo soldado a sua porta cantando ao som de hũa viola, e depois que punha fim ao quarteto, dizia por apoio da cantiga:

Nem ha hum rayo para hum triste
Que parta a hum desdichado?"

Pt. II, cap. 4.º

8. DANÇA

a) ...danças deshonestas diante das procissões..., censuradas na pt. II, cap. 9.º. O A. diz tê-las visto.

b) Já o A. se queixava das *danças deshonestas* do seu tempo, pág. 209.

9. PROVÉRBIOS

- a) *O mal e bem || a face vem*, pt. II, cap. 5.º
- b) Provérbio ou dito: *vender gato por lebre*. Pt. II, cap. 7.º
- c) *A fome e o frio || metem a lebre a caminho*. Pág. 147
- d) *Se queres ter alegria, || planta e cria*. Pág. 349.
- e) Quem compra e vende
Não sabe o que despende.

(Parece provérbio). Pág. 246.

f) ...segundo os dictames da Medicina, sempre ouvi dizer: *depois de cear, || mil passos dar* Pág. 273.

g) ...como diz o adágio português: *se queres enfermar, || cca e vay-te deitar* Pág. 273.

h) *Quem adiante não olha, atrás se fica*. Pág. 187.

i) *..o villão ruim não ha mister chocallo*" Pág. 241.

j) ...repeti aquele prolóquio: *.que ha males, que vem por bem*. Pág. 191.

10. TEATRO

a) Comédias dos Jesuitas:

...essas danças e farsas que se fazem em nome dos estudantes dos pateos do Collegio, sem embargo de serem muitos filhos de homens honrados, e terem mui boa doutrina de seus doutos e religiosos mestres, padecem a nota de vadios e calaceiros, e talvez sem terem commetido as culpas que se lhes imputam. E a razam he por se meterem entre elles muitos mascarados, negros, mulatos, e gente calaceira e vadia. E o pior he que nam falta quem diga que tambem vam negras, mulatas, e muitas mulheres. (2). fazendo e obrando couzas inauditas" Pt. II, cap. 90º.

(2) Segue-se aqui uma palavra que na minha cópia não está clara, e não posso agora verificar o que é. N. do Autor. — Essa palavra, no traslado que serviu de original á impressão desta 2.ª parte do *Peregrino*, é *damas*. N. do REVISOR.

b) "Naquella outra caza... servem as suas lógens de *patio das comedias*" Pt. II, cap. 3.º

c) No cap. 8.º volta a falar:

"*espaçoso patio... claro e luzido...* por se ver no tecto da sala hũ globo de cristal.. e por todos os lados do tablado muitas tochas acezas. Estavão cobertas as paredes do espaçoso patio de fina raza [pano d'arrás] encarnada, e todo o pavimento da sala cheyo de ricas alcatifas, e por hũa e outra parte muitos escabelos, e encostados as paredes arquibancos, donde estavam sentados mui bem vestidos mancebos. E por cima camarotes, nos quais estavão mui fermosas damas muy bem vestidas. Viam-se em hum espaçoso lugar tres estrados cobertos de damasco, carmezim, e em sima hũa cadeira de espaldar que cobria hum docel de fino brocado com frangoens (sic = franjões) de ouro: lugar onde. servia de assento ao Prezidente da saude. Defronte estava o tablado (palco) das comedias com grande pompa e preparos, de ricas cortinas e bastidores. Já se ouviam tocar alternativamente clarins, trombetas, charamellas, frautas e ataballes. Recreavace (= recreava-se) o olfato com fragrantes *casuellas* (3) e perfumos cheirozos que ardiam em acezas brazas em sima de pratos de prata.

Esperava o famozo auditorio para gozar de tam plauzível re-creyo..."

d) Como bom moralista, censura representações de comédias, e enumera várias comédias espanholas de assunto sacramental, que se representavam (passos do Nascimento de Cristo, titulos de santos). Cita as *Orden.*, liv. V, cap. 34, que proíbe que homens se vistam de mulher, e vice-versa.

11. FESTAS E FESTEJOS

a) Reis:

.em hũa noite dos santos Reis sahirão estes (músicos de ore-lha) com varios instrumentos pellas portas dos moradores de hũa villa, cantando para lhe darem os *Reys*, em premio do que huns lhe

(3) Esp. *cazuela*.

davam dinheiro, e outros doces, e frutas etc. e chegaram a hũa caza e comessaram a cantar hum tono, cuja letra dizia:

Guerra travada se ruge
entre Florencio e Floresta.
Acodi cá, minha Dama,
que ferve a bulha na festa.

Andaram huns mancebos desenfadados... em seguimento dos muzicos.. Pt. II, cap. 4.º.

b) S. Gonçalo:

...hũas festas que se costumavam fazer (na Bahia) pellas ruas publicas em dia de Sam Gonçallo, de homens brancos, mulheres e meninos e negros, com viollas, pandeiros, e adufes, com *vivas e re-vivas, Sam Gõçallinho!* trazendo o santo pellos ares... Pt. II, capitulo 9.º.

Corpus Christi:

...no nosso Reino de Portugal... na festa de *Corpus Christi:* sahiram nas procissoens a dança das pellas, serpe, drago, gigantes, cavalinhos fuscos, e outras muytas danças antigas; porem hoje na corte de Lisboa se tem prohibido, e em outras muitas partes. Pt. II, cap. 9.º.

12. COSTUMES RELIGIOSOS

Vida conventual:

...se costuma nos refeitórios de todos os religiosos mandar que se lea á meza algum livro espirital, ou vidas de santos... — Página 323.

Ainda hoje assim se faz nos seminários. Num dêstes, ha pouco tempo, um colegial, encontrando no texto a palavra *parcho*, leu *parôxo*, o que foi motivo de risada.

13. SUPERSTIÇÕES

a) ...mulheres que tem concúbito com o Diabo. Pág. 115.

b) Possessão:

.entrando o demonio em huma mulher rustica, foy um sacerdote fazer-lhe os exorcismos... e entrando-lhe a curiosidade, perguntou ao demonio o que sabia: respondeo-lhe que era musico. E logo lhe mandou vir huma viola, e de tal maneira a tocou. que parecia ser tocada por hum famoso tocador. E dizendo-lhe o Sacerdote que cantasse, repetio o demonio huma letra etc." Pág. 212. Exemplo tirado do livro do P Bento Remígio, *Deos Momo*.

c) Cometas:

O *Peregrino da América*, pt. II, cap. 6.º, crê "serem os cometas avisos de Deos", suposição "tam certa e recebida, que nisso concordam sem discrepância (*sic*) os santos padres, theologos, e philosophos etc." e acrescenta: *signais no céu, mal pella terra*.

14. MEDICINA

O *Peregrino*, na pt. II, cap. 8.º, zomba dos medicos, cirurgiões e boticarios indoutos, e barbeiros-sangradores.

"Cirurgiões... que.. se querem entremeter a darem razoens de Fisicos, por talvez terem lido alguns Livros romancistas que ensinam alguãs regras de Medicina"

Grandes sátiras contra eles.

15. MEDIDAS

a) De distancia:

.em menos distancia de hum tiro de arcabuz... Pág. 178.
.. vi. distante do lugar em que me achava, quasi *hum tiro de pedra*. Pág. 351.

b) De tempo:

...acordey no *quarto da alva*... Pág. 307
...outros, levados do interesse, se occupam em fazer repertorios, prometendo nelles muitas cousas, que tal nam vêm a succeder, e para terem gasto os mandam vender por cegos, mancos, e aleijados pellas ruas e praças das cidades, villas e lugares, pello interesse que disso rezulta" Pt. II, cap. 6.º.

16. COMÉRCIO (ilícito)

..Ouvi... perguntar o vendeiro a hum seu escravo quanto tinha feito aquelle dia em dinheiro? Respondeo-lhe o escravo que quatro mil reis. Pouco fizestes a respeito dos mais dias, lhe disse o vendeiro. E assim mais lhe perguntou quanta agua deitára no vinho, e nas mais bebidas? Disse-lhe o escravo que no vinho deitára duas canadas de agua, e no vinagre trez; e que tambem caldeara a agua ardente do Reyno com a da terra. E logo lhe perguntou mais o vendeiro se calcára com os dedos o fundo da medida de folha de Flandres, em que media o azeite? porque fazendo cova pela parte de fóra no meyo da medida, com o pezo do liquor se derrama, e parece ao que compra que está chea. E finalmente lhe perguntou se lançara o vinho de alto na medida, para se derramar, e parecer que estava chea? Tudo fiz, Senhor, como vossa mercê me tem ensinado, lhe disse o escravo. Pois assim has de fazer, lhe disse o vendeiro; porque nestas casas quem dá o seu a seu dono, fica sem cousa alguma. Aqui se callou então o vendeiro... Págs. 264-265.

17. NOMES DE ESCRAVOS PRETOS

O lavrador do Brasil, seculo XVIII, senhor de escravos pretos, assim que amanhece o dia, "começa a gritar... pelo Inimigo máo; e depois por hum Congo, por hum Benguela, e por hum Mina... Pois como os não chamais pelos nomes, que lhes puzerão quando os bautizáraõ? Porque esses escravos, respondem alguns *senhores*, tem os nomes de Christaõs; porém obraõ peyor que o Demonio" Pág. 154-158. Emprêgo do nome étnico em vez do nome de batismo.

Lisboa, 5.III.29.

J. LEITE DE VASCONCELOS.

COMPENDIO NARRATIVO
DO
P E R E G R I N O
D A A M E R I C A

em que se tratam varios discursos espirituaes e moraes
com muitas historias exemplares, e no fim
com os quatro Novissimos do homem, doutrina solida,
e mui conducente para bem da salvação.

Dedicado á VIRGEM DA VICTORIA
EMPERATRIZ DO CÉO, RAINHA DO MUNDO,
E SENHORA DA PIEDADE, MÃE DE DEUS.

AUTOR

NUNO MARQUES PEREIRA

SEGUNDA PARTE

*Dizeres do frontispício da cópia do manuscrito existente
na Biblioteca Nacional de Lisboa.*

DEDICATORIA

A Nossa Senhora Virgem da Victoria, Emperatriz do Céu, Rainha do Mundo, Senhora da Piedade e Mãe de Deus

TORNO segunda vez, divina Senhora, a offerecer-vos esta segunda parte do compendio narrativo do *Peregrino da America*, porque fôra falta de agradecimento, ou meio de ingratição, se me não mostrara agradecido dos grandes beneficios que de vossas divinas mãos tenho recebido em todo o discurso de minha vida.

E agora de presente, não menos lembrado estou, do grande favor, que me tendes feito, quando vos dignastes que, por vossa intercessão, sahisse á luz a primeira parte deste livro: não conhecendo eu nelle meritos, para que fosse tão bem acceito, pelo que se viu que dentro em tres annos duas vezes se deu ao prelo (1), devendo-se tudo ao vosso divino amparo.

E por isso agora, divina Senhora, vos torno a offerecer esta segunda parte; e quando aconteça ser tão bem succedida como a primeira, tudo deverei a vosso divino patrocínio. Porque, se é estylo dos Autores, quando pretendem dar seus livros ao prelo, buscarem Mecenas, que os protejam com o seu poder, e respeito, onde poderei eu achar, divina Senhora, maior grandeza, que na vossa sacratissima pessoa; porque, além de seres venerada por tantos titulos, basta a divina prerogativa, que tendes de ser Mãe de Deus; e sendo assim, por essa razão segunda vez me valho da vossa protecção, para que encaminheis este pobre e necessitado Peregrino; porque, como sois principio dos caminhos de Deus, como assim diz Salomão em Vosso nome: *Dominus creavit me initium viarum suarum* (Prov 8. juxta L. XX); sendo assim, como é certo,

NUNO MARQUES PEREIRA

vêde, divina Senhora, com quanta razão me acho, para de vosso amparo me valer em vos offerecer este pobre Peregrino, para que o encaminheis. E se até agora, divina Senhora, tem sido pobre, e mendigo, agora o supponho mui rico, e favorecido pelo patrocínio com que o illustrais, e o amparo com que o favoreceis.

Indigno escravo vosso

NUNO MARQUES PEREIRA.

NOTA Á DEDICATÓRIA

(1) O "*Peregrino da América*" foi repetidamente editado no seculo XVIII. Julgava Baltazar da Silva Lisbôa que á 1ª ed., de 1728, se seguissem a 2ª, de 1760 e a 3ª, de 1765, (Eduardo Perié, *A literatura brasileira nos tempos coloniais*, p. 382, Buenos-Aires, 1885) chegando a alvittrar fossem nò vos frontispícios apóstos á edição unica, de 1728. Temos agora a palavra do Autor: duas edições em tres anos! A 2ª edição é de 1731.

AO LEITOR

DISCRETO e pio leitor, torno outra vez a expôr-me ás notas e censuras das gentes, fiado na benevolencia, com que recebeste a primeira parte deste compendio narrativo do *Peregrino da America*. Por suppores, com razão, que foi todo o meu designio escrever materia util, estylo claro, idéa deleitavel. A mesma razão me persuade fazê-lo agora, nesta segunda parte.

Tambem te não peço me dêes louvores, porque não sou tão louco, que não conheça a minha insufficiencia á vista de ver tão doutos escriptores, que só a estes lhes são devidos todos esses applausos e elogios pelo sublime de suas idéas. E por esta razão, estou mui longe de me persuadir esperar de ti essas lisonjas de que tanto se pagam alguns homens nesta vida; porém, só tomara persuadir-te no que tenho escripto, que o fim que amo é, a maior honra, e Gloria de Deus, e o proveito dos meus proximos.

Resta-me agora dar-te algumas satisfações por não fugir do Estylo, que se costuma praticar nos Prologos, e juntamente por me não teres por confiado, condenando-me de presumido por te não querer fazer presente as minhas faltas, que muitas considero haver nesta escripta.

Primeiramente, não vai finalizada a historia neste Livro, como te havia prometido na primeira parte, pela grande appetencia de alguns curiosos desejarem saber o que mais aconteceu ao Peregrino na sua derrota; e por isso quasi me arrebataram das mãos estes mal limados cadernos, persuadindo-me com varias instancias dá-los ao prelo.

Tambem te peço, me não notes o estylo humilde de que uso nesta escripta, porque além de não ser o meu intento escrever só

para particulares, fugi de subir muito por me não precipitar; porque sempre ouvi dizer que quem mais alto sobe, maior quêda dá, e por isso me quiz accommodar ás regras de historico, e deixar as de panegyrista.

Uso das presentes humanidades, e moralidades, e historias tão repetidas para melhor te persuadir deleitando-te o gosto, e enter-tendo-te a vontade; quiz seguir alguns autores da melhor nota nesta minha escripta, que tambem usaram deste modo de escrever em dialogos, e interlocutores, como foram os seguintes:

Dom João de Palafox, Bispo de Osma, no seu livro *Pastor de la noche buena*. O Padre Alexandre de Gusmão, no seu livro *Peregrino predestinado*. O mesmo estylo o praticou Tristão Barbosa de Carvalho no seu livro *Peregrinação christã*. Frei Heitor Pinto, no seu livro intitulado *Imagem de Vida Christã*. O Padre João da Fonseca, da Companhia de Jesus, o mesmo estylo no seu livro intitulado *Satisfação de aggravos, e confusão de vingativos*; além de outros escriptores que debaixo destas mesmas metaphoras insinuaram mui solida doutrina espiritual.

Tambem houveram outros muitos Autores historicos, e profanos, que usaram de muitas humanidades, e moralidades, debaixo das quaes mostraram doutrina mui importante ao bom regimen, e governo politico, como foram Dom Miguel de Cervantes Saavedra, no seu livro de *Dom Quixote de la Mancha*, o Licenciado Cosme Gomes, no seu livro que compoz intitulado *El Lion prodigioso*. Bocalino, no seu livro *Avizos del Parnaso; Córtes na Aldea*, de Francisco Roiz Lobo. Dona Oliva Sabuco, na sua *Nueva Filosofía de la naturaleza del hombre*. Finalmente Didimo, gramatico, compoz quatro mil livros do nascimento das fabulas, descobrindo nellas varias antiguidades, inquirindo a verdade dellas, mostrando qual foi a verdadeira Mãe de Enéas, e onde foi a Patria de Homero, se foi verdade casar Jupiter com sua Irmã, e se Sapho, poetisa, foi casta, ou deshonesta, etc. Estas, e outras cousas semelhantes, bem que algumas inuteis, deleitavam os Autores.

Vêde agora quanto maior razão tenho para trazer-te as moralidades, e humanidades, com que te pretendo lisonjear o gosto

neste livro que te offereço, para debaixo dellas te dizer e mostrar solidas virtudes, com relações muito exemplares.

Bem sei, que com muita razão posso temer as murmurações dos criticos: ha Escriptores do tempo presente, que são necessarias Prosodias, Cardozos, Calipinos, e outros vocabularios para declarar e explicar seus significados, que a tanto como isto tem chegado a escripta portugueza; porém, se todos temeram estas murmurações, não haveria quem se atrevesse a escrever, e se perderiam as memorias dos successos antigos, e modernos.

Mas anima-me muito ter lido, que sendo Cornelio Tacito aquelle oraculo dos escriptores politicos, de quem se disse, que cada pagina era um livro, cada periodo um discurso, e cada palavra um mysterio, delle tambem se disse que adulterou a pureza da lingua, e faltou ás leis da historia.

O mesmo li de Salustio, a quem deram o epitheto de Principe da historia de Roma. Mas que tanto affectou imitar a Catão que usou dos termos antigos, e dissonantes na prosa da lingua do seu tempo.

Finalmente o Padre Antonio Vieira, aquelle heroe adornado de tantas prendas no saber, a quem se lhe tem feito tantos elogios, e epithetos, chamando-lhe Principe dos prégadores, sol dos oradores, e oraculo do pulpito. Houve uma mulher (porém Castelhana) que se atreveu a apagar estas luzes, mas qual outra borboleta queimou as asas, e cahiu no que tinha feito, depois que se lhe mostrou por escripto a sua ignorancia.

E quando de tão famosos escriptores houve quem se atrevesse a aniquilá-los, que poderei eu esperar se diga de mim nos tempos presentes? Pois tenho ouvido dizer que costumam alguns escriptores modernos deslustrar aos mais famosos Autores dos seculos passados (ainda a seus proprios nacionaes), a quem veneramos por insignes escriptores, os quaes já por mortos se não podem desculpar, ou despiciar.

Porém, contento-me que lá virá tempo, que os nossos criticos, e idiomatistas, tão prezados de scientes, os hão de desbançar os vindouros futuros. E se me perguntarem com que palavras, ou estylo? respondo: unindo a escripta latina com a portugueza, e o idioma

das mais nações com a nossa, fazendo tal miscelanea, que não haverá quem os entenda.

E se no que tenho dito, discreto e pio leitor, te não tenho satisfeito, nem contentado: concertemo-nos; porque sou de boa avença; eu em sofrer tuas murmurações, e tu em não leres a minha escripta; e assim ficaremos pagos.

E quando succeda tomares por divertimento leres este Livro, usa delle, como costumam fazer os mineiros. Os mineiros, que vão tirar ouro e diamantes nos rios das Minas, metem a batea na agua, e o que trazem nella é areia e cascalho; porém, nem de uma cousa, nem de outra fazem caso, e só o que procuram é verem se acham algum grão de ouro, ou lasca de diamante, e o demais lançam fóra.

Isto é, que entre as humanidades, moralidades, e historias tão repetidas, que achares neste livro, escolhe entre ellas os ditos dos Santos Padres, e palavras da Sagrada Escriptura, para disso te aproveitares, e deixa a areia e cascalho de minhas toscas palavras, que achares nesta escripta, que por inuteis e superfluas as lança fóra, e não uses dellas.

Faço este aviso aos ignorantes, como eu, que desejam aprender, que os doutos bem sabem como dos livros se hão de aproveitar; e por isso serão de Deus mais castigados, quando não obrem o que devem observar.

E esta foi a razão sem duvida, que teve o veneravel Padre Beda para dizer, que infelizes são tres castas de pessoas, que vivem na Lei de Deus: o que não sabe, e não pergunta; o que sabe, e não ensina; e o que ensina, e o não faz.

E assim acabo dizendo, que cada qual obre conforme a obrigação de seu estado, e o que não souber, pergunte aos que têm obrigação de ensinar; não desprezando nunca a lição dos Livros Espirituaes, por serem cartas e avisos do Céu, que nos manda Deus, para nos aproveitarmos. — *Vale.*

DEDICATORIA

SENHOR

MIGUEL DE PASSOS DIAS

Cavalleiro professo da Ordem de S. Thiago, familiar do Santo Officio, e nobre cidadão da cidade da Bahia (1)

PERMITTA-ME a sua grande modestia fazer manifesta ao mundo, neste livro, uma acção tão generosa, como gratulatoria, que da honrada pessoa de Vm. tenho recebido, nesta segunda parte do meu Peregrino da America; porque estando quasi no lethargo do esquecimento, pela minha impossibilidade, achei um thesouro aberto na sua benevola e prestantissima pessoa, onde por uma leve demonstração de meu desejo, foi este bastante instrumento, para abrir as portas de sua grande liberalidade; por ser esta a arte com que as vontades se obrigam, e os pobres se remedeam.

Mas que muito achasse eu tão proficua vontade na pessoa de Vm. em soccorrer e amparar a este pobre Peregrino, quando o reconheço tão devoto da Santissima Virgem da Victoria, a quem tenho dedicado este livro, para logo me dizer Vm. lhe mandaria assistir, com o custo que fizesse na impressão (quando tenha a dita de ser approvedo o que nelle vai escripto).

Esta acção tem muita connexão com todas as mais obras, com que se tem Vm. mostrado nesta terra, pelo que se experimentou na Occupação de Meritissimo Provedor da Santa Casa da Misericordia, no tempo que nella assistiu Vm. usando da sua grande piedade, sem reparar no dispendio da sua fazenda, mostrando-se tão liberal, como zeloso, por conhecer que nunca mais bem se gasta

NUNO MARQUES PEREIRA

a fazenda, que quando se despende no serviço de Deus e em cousas honestas, e feitos honrosos; além do grande augmento, que se experimentou, na mesma Santa Casa, porque nunca houve mais dinheiro para acudir aos pobres do hospital, e remediar aos de fóra, que naquella occasião.

O mesmo se experimentou na pessoa de Vm., na occasião que por duas vezes foi chamado por acertada eleição, para o governo politico de Vereador do Senado da Camara desta cidade, pelas suas acertadas direcções, por serem mui justificadas; e por isso de todos mui acceitas, pela sua rara prudencia, e lisura, com que as praticou: além das grandes correspondencias, que tem Vm. para o Reino de Portugal, e suas conquistas, e mais partes da Europa; por cujas razões o têm estas acções constituido em mui elevados creditos de um perfeito Heroe.

Mas como não houvera de ser isto assim, quando reconheço a Vm. com tanto amor e temor de Deus, resultando-lhe tudo da grande lição dos Livros, dos quaes tem Vm. colhido muitas virtudes espirituaes, e moraes. E por estas razões tão certas, como justificadas, tem sido o motivo, sem duvida, para achar na pessoa de Vm. a fortuna de ser amparado este pobre Peregrino, por meio da grande devoção que tem Vm. com a Virgem Santissima da Victoria; que ella permitta alcançar-lhe e haver de seu Divinissimo Filho muitos augmentos de sua Divina Graça, com mui prospera vida para amparo de seus criados.

Cidade da Bahia, e de Novembro 12 de 1733.

Deste seu criado, e venerador

NUNO MARQUES PEREIRA.

NOTA Á DEDICATÓRIA (A Miguel de Passos Dias)

(1) O rico "cidadão da Bahia" Miguel de Passos Dias, Mecenas da segunda parte do "Peregrino", como fóra da primeira Manoel Nunes Vianna, occupou nessa terra os cargos mais distintos compatíveis com a sua condição

O PEREGRINO DA AMERICA

de negociante de grosso trato: duas vezes vereador, Provedor da Santa Misericórdia de 2 de Julho de 1730 a 2 de Julho de 31), com munificencia e critério... É aliás de 1717 a sua inclusão entre os Irmãos da Misericórdia (cf. *Livro de termos*, ms. do arq. da mesma Santa Casa, f. 221). Aí o registo seguinte: "*Termo do Irmão Miguel de Passos Dias. De maior Condição.* Aos vinte e um dias do mez de Março de mil e setecentos e dezasete annos, no Consistorio da Santa Casa de Misericórdia, estando em Mesa redonda o Provedor della o Coronel Joseph de Ar.º Rocha comigo Escrivão e mais Irmãos Conselheiros da Mesa e Junta, foi proposta ua petição de Miguel de Passos Dias, familiar do Santo Officio, natural da Villa de Vianna, filho de Antonio dos Passos, já defunto, e de sua mulher Nataria Dias, casado nesta Cidade com Francisca de Oliveira Neves, filha de Manuel de Oliveira Neves e de sua mulher Sebastiana de Lemos, Irmãos desta Santa Casa, na qual pedia o admittissem por Irmão desta Santa Casa, e sendo mettida a votos, depois de feitas as mais diligencias, sahio o suppe. acceito com os necessarios, e que eu Escrivão lhe desse o juramento, o que fiz em um missal em que pôz as mãos, e prometteo guardar os estatutos do Compromisso, de que fiz este termo, em que assignou com o dito Provedor e Mesa, e eu Manuel Gonçalves Vianna, que o escrevi e assignei. *Manuel Gonçalves Vianna. Miguel de Passos Dias.*" Familiar do Santo Officio, cavaleiro da Ordem de S. Tiago — vale dizer, cristão velho, sem eiva herética — em 1731 foi ministro da Ordem Terceira de S. Francisco (cf. *Poliantéa*, p. 22, Bahia, 1921). Na descrição das obras da Misericórdia diz-nos Antonio Joaquim Damazio: "Barra de azulêjo. Foi encomendada para Lisbôa em Novembro de 1733 a Manoel de Passos Dias...", *Tom-bamento dos bens da Santa Casa*, p. 29, Bahia, 1862. Este era por certo seu irmão e correspondente comercial.

SONETO

*Em louvor do Autor deste livro pelo Licenciado Joseph
de Oliveira Serpa (1)*

Tu, que ao Pindo o crystal puro bebendo,
Qual de idade de Phebo admiras tanto,
Que esse choro Pierio, o doce canto,
Deixas, por ir de teu metro aprendendo;

Tu, que ao mais sabio engenho suspendendo
Da America te fazes docto espanto,
Ficas sendo de Homero um raro canto
Quando a um Tullio excedes escrevendo.

Vê, que Apollo, medindo a zul esphera,
No seu carro solar hoje te acclama
Peregrino na luz em que se esmera:

E as Camenas tecendo a esquivã rama
Collocam-te apezar da fragil Hera
No immortal Templo donde vive a Fama.

NOTA

(1) O licenciado José de Oliveira Serpa — filho de Francisco Alvares Carneiro e D. Arcangela Guedes de Britto — nasceu na Bahia em 13 de Janeiro de 1696, diz-nos Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, e tendo cursado as classes do Colégio da Companhia, tomou as ordens sacras e se distinguiu no pulpito, publicando *Sermão da Soledade*, dito na matriz de S. Pedro, Lisbôa, 1740, *Sermão da Conceição*, Lisbôa 1746, este inaugural do convento da Lapa; e deixou outros trabalhos literários que não tiveram o beneficio da impressão. Foi um dos sete fundadores da *Academia Brasilica dos Esquecidos*.

SONETO

Ao livro Peregrino da America, por um amigo do Autor

BUELA con blancas plumas Peregrino
Libro al cielo, porque eres mas que humano:
Si, Peregrino, mas tan soberano,
Quanto vá de lo humano a lo devino.

En que un Aguila mas fuera digno
Se trocaran sus hojas, y no en vano;
Pues bolando batieras mas ufano
En cada hoja una pluma al poster signo.

No los zoylos falcones entimiden
Tu buelo, que aspirando a mayor gloria
Las plumas ya de Europa al ayre miden:

Pues negras plumas (dize una memoria)
A un Peregrino el buelo no le empiden:
Que se lleva en las manos la victoria.

DECIMA

*Em louvor do Autor do livro Peregrino da America,
por um seu amigo, nacional do Brasil*

COM tantas preciosidades
Engrandeceis o Brasil,
Que fazeis com gostos mil,
Que se lhe rendam vontades.
Eu não sei em que idades
Houvesse thesouro tal,
Que pudesse tão fatal
Publicar suas grandezas,
Porém só estas Bellezas
Conheceu um natural.

DECIMA

*Do Bacharel formado João Vieira de Macedo,
em louvor do Autor (1)*

NESTE compendio examino,
Quando esta parte á luz dais,
Que assim como o illustrais,
Sois, como elle, peregrino:
Sois sol, segundo imagino,
Que a todos a luz reparte,
E para que se não coarte
Vossa eloquencia fecunda,
Sois, não só nesta segunda,
Mas insigne em toda a parte.

NOTA

(1) João Vieira de Macedo foi 2.º ouvidor da Bahia, por provisão d 22 de Novembro de 1698, Luiz dos Santos Vilhena, *Cartas Soteropolitanas* II, 332; e desembargador da Relação da Bahia: empossou-se em 13 de Fevereiro de 1710, José Antonio Caldas, *Indice Geral, Revista do Inst. Hist. Geogr. da Bahia*, n. 57, p. 90.

DECIMA

Por um Anonymo, amigo do Autor

BIEN te aprestas Peregrino,
Hojas vistiendo por ropa,
Para hazeres a la Europa
Desde America camino:
Sigue, sigue tu destino,
No el mar te vaya asombrando,
Porque al mismo sol regando
Burlaras de sus espumas,
Si America alas e plumas
Te dá para ires bolando.

DECIMA

*Pelo Licenciado Luiz Franco da Silva, em louvor do Autor
do livro Compendio narrativo do "Peregrino da America"*

POR bello modo mostrais,
Elegante Peregrino,
Que todo vosso designo,
São verdades que ensinais;
Nos documentos que dais,
Com tantas moralidades,
Envolvendo humanidades,
Para melhor se entender,
Que assim se deve aprender,
As mais solidas verdades.

COMPENDIO NARRATIVO
DO
PEREGRINO DA AMÉRICA

VOLUME II

CAPITULO I

Como tornou o Ancião a buscar ao Peregrino, ao qual achou ainda assistindo na casa dos Romeiros, da Freguezia da Virgem Santissima da Victoria, e lhe relatou o mais que passou depois que delle se havia apartado.

Tão cuidadoso como desvelado me considerava eu, pelo desejo de me tornar a encontrar com o Tempo bem empregado, que me não quiz retirar do sitio e casas dos Romeiros da Santissima Virgem da Victoria; até que passado mais de um mez, quando em uma clara manhã, em que a aurora mais luzente promettia um alegre dia, ouvi os animados ramalhetes, musicos da madrugada, que trajando-se de pennas, a muitos dão alegria, com mui aplauzível contento, dar as boas emboras a esse monarcha das luzes, sempre Phebo por bizarro, e por discreto Apollo.

Quando a repetidos golpes ouvi bater na porta da casa, onde assistia; cheguei á janella, e avistando ao veneravel Ancião, que de mim se havia despedido, sahi logo a recebê-lo, e depois de nos cumprimentarmos, lhe pedi me fizesse o favor de entrar naquella humilde casa, o qual sem repugnancia me fez de acceitar o cortejo, e depois de nos sentarmos, rompeu nestas palavras:

Sabei, senhor Peregrino, que depois de me apartar de vossa presença, cheguei á Europa, e entrando naquella nobilissima e real côrte das cidades de Lisbôa, aonde as mais nações do mundo con-

correm a tributar-lhe o mais precioso de suas riquezas e mercancias, tanto pelo inexplicavel de suas excellencias, como para verem e renderem os devidos cortejos áquella Suprema Magestade, que de presente a rege, o muito alto e poderoso Senhor Rei Dom João V (1), do qual vos posso affirmar, que havendo no mundo mui grandes Principes, Reis e Imperadores, nenhum goza as excellencias e predicados como este Supremo Monarcha.

E a razão é, porque além de estar governando os seus reinos e conquistas, tambem é Senhor de dois mundos, como o entendem os mais dos escriptores (quando fallam da America) e assim parece havia ser, que para um tão esclarecido Planeta, não bastava um só hemispherio, nem para um tão magestoso monarcha um só mundo. Prova-se este meu pensamento, pelo que de presente estamos vendo e observando, á vista das duas cidades, que foi preciso dividisse em duas, a de Lisbôa oriental, e a occidental (2), servindo-lhe uma a este Supremo Rei, de vistoso jardim, e a outra de formosa quinta para melhor se poder recrear, e dilatar a sua real grandeza.

Porque parece que até o céu, por promissão divina, permite que os quatro elementos o estejam favorecendo, por se ter mostrado esse orbe celeste, mui benevolo com seus influxos: a terra desentranhando-se, e offerecendo-lhe copiosas minas de prata e ouro, e mui preciosas pedras de mui grande valor; o mar franqueando-lhe as passagens para as navegações; os ventos alhanando-lhe as monções para as Armadas. O fogo dando-lhe luz e calor a seus vassallos para melhor lhe tributarem as rendidas adorações, e affectos cordeais, como tão costumados a leais vassallos, e obedecerem a seu rei natural; porque todos reónhecem que têm um Rei tão zeloso da honra de Deus, e bem commum de seus vassallos, que sabe castigar os erros dos insolentes soberbos, e premiar os feitos heroicos dos humildes benemeritos.

E tratando agora do mais que vi, e observei naquellas cidades (sem embargo das muitas vezes que nellas assisti) sabei, Senhor Peregrino, que muito folguei de ver os Sagrados Templos, os devotos conventos, os soberbos Palacios, as altas torres, os sumptuosos Castellos, os grandes fortes, a pomposa e nobilissima fidalguia, o rectissimo dos Tribunaes, o alinhado e concerto do plebeu, que tudo

me pareceu uma Republica bem concertada, por aquelle supremo monarcha que de presente a governa.

Vi e reparei tambem naquelle famoso e arrogante rio Tejo, gigante crystalino com a garganta de ouro, e bocca de prata fina, pela qual despeja para as mais partes da Europa copiosa corrente destes preciosos metaes, o qual nascendo no Reino de Castella, e passando por varios lugares, aldeias, villas, e cidades com furia mui arrebatada vem a render tributo e vassalagem áquellas notaveis cidades de Lisbôa só para ver e admirar suas grandezas, e portentosas maravilhas, que continuadamente se acham nellas, o que nos mais se não acham tão repetidas vezes, como vos mostrarei pelo que tem escripto varios Autores fallando das suas excellencias.

Porque haveis de entender, que aquelle poder incriado, e o omnipotente Deus, que fez tudo, e faz sem dependencia alguma, considerando o quanta gloria lhe havia resultar da nação portugueza, collocou aquelle Reino de Portugal em tal sitio, e debaixo do céu tão benevolo, e o illustrou com taes prerogativas, que bem se deixa ver, que entre os mais Reinos do mundo, muitos Autores o põem em o primeiro lugar de todos; porque primeiramente está no melhor e mais nobre dos quatro do universo, que é Europa, como o confessam todos os Autores, e a experiencia nos ensina; e das partes della, está na melhor que Hespanha em si inclue, assim da bondade do clima, fertilidade da terra, como em virtudes de seus moradores, e riquezas do Reino, pela qual razão é chamado aquelle Reino cabeça da Europa: e assim devia ser.

Porque, prevenindo Deus as muitas e grandes excellencias de Portugal, não fallo aqui em Roma, que como cabeça da Igreja, não entra neste discurso. E é sem duvida, que se deve confessar que a terra na qual tanto se venera o culto divino, e se mostram seus habitadores tão firmes na fé catholica, ahí havia residir a cabeça deste corpo; por ser a cabeça assento e tribunal da alma. E se me disserem alguns contemplativos, que á vista dos mais Reinos e cidades não é o de Portugal, nem as cidades de Lisbôa as maiores: respondo com aquella sentença de Aristoteles quando disse, que nem toda a cousa grande é boa, porém, que toda a cousa boa (3), é grande.

Varios e muitos tem sido os Autores que em louvor daquelle Reino têm fallado: Cassanio, no seu catalogo da Gloria do mundo, diz que o principio do mundo começa no Occidente, e o mesmo diz Plinio no seu livro da historia natural; sendo pois assim, se hade entender, que o occidente é Portugal, por ser a ponta occidental mais extrema de toda a terra, e a cabeça de toda Europa: e assim lhe chamou o nosso famoso Homero Lusitano nas suas *Luziadas*, canto 3.º (4) e Manoel de Faria, no seu *Epitome das Historias Portuguezas*, chama a Hespanha fronte de Europa, e a Portugal grinalda dessa fronte; e Julião de Castilho na sua *Historia dos Reis Godos* no livro 1.º e no 2.º livro, discurso 2.º, descrevendo a Europa, a pinta em figura de uma mulher ricamente vestida, dizendo que Hespanha é cabeça desta mulher, e que Portugal é a corôa desta cabeça.

Porém, eu digo que seja embora Hespanha cabeça desta mulher, e que o Reino de Portugal seja a corôa, ou grinalda; porém, que os olhos desta cara, ou estrellas deste céu terreno, são as duas formosas cidades oriental e occidental: por serem na vista as mais perspicazes, e de todas as nações do mundo as mais bem vistas.

De Portugal passei ao Reino de Castella, entrei na Côrte de Madrid, onde vi a Magestade de Phelipe V (4), aquelle monarcha por certo mui condigno de todo o louvor e veneração pelo seu grande esforço, e muita prudencia, pela qual razão premeditando o quanto convinha a conservação de seus Reinos e conquistas o ter paz e amizade com a nação portugueza, se uniu por meio dos felicissimos desposorios dos serenissimos Principes (5), e assim ficaram enlaçados estes dois Reinos, que contam aplauzível contentamento, e se têm dado os parabens desta reciproca união todos os seus vassallos: que permitta Deus se conservem em uma perpetua paz para sempre.

Passei a França, entrei na grande e opulenta cidade de Paris, e nella vi ao seu Rei Luiz XV (6), o qual é muito bem visto de todos os seus vassallos, pelas esperanças de que virá a seguir as maximas e dictames de seu segundo avô Luiz XIV; corri muita parte de seus paizes, onde achei mui grandes talentos, tanto nas direcções da arte militar, como em todas as sciencias, e facultades.

D'alli passei a Roma, aquelle emporio do mundo, onde achei

um pasmo de admiração, assombro de milagres, ventura da religião catholica, o muito alto e magnanimo Summo Pontifice o Papa Benedicto XIII (7), que estava governando a Igreja de Deus. nunca cabalmente acabado de ser louvado, por nelle se ver e achar todas as virtudes espirituaes, e moraes, pelo grande zelo, que teve da Igreja de Deus, e amor dos proximos, sendo no conselho prudentissimo, na conversação manso, no corrigir prudente. no mandar grave, na justiça recto, na vida espiritualissimo, finalmente um epilogo ou prototypo de todas as perfeições. Nesta grandiosa cidade achei um douto religioso, o qual me mostrou um livro, que havia escripto, intitulado *Desengano de Peccadores*, mui util, e conducente para todos aquelles que de sua lição se quizerem aproveitar. Digam os da Mesa censoria.

E como me lembrasse do que vos havia promettido, quando nos apartamos, que houvera de tornar para darmos principio e fim á segunda parte do nosso Compendio narrativo do *Peregrino da America*, não quiz deixar de voltar para vos tornar a ver; e como vos deixei em casa do Padre Capellão, no ponto em que ieis tratando da vossa peregrinação: tomara agora que fizeras o favor de continuares o mais que vos aconteceu na vossa viagem até o presente, porque nisso me dareis um grande gosto e contentamento.

Com palavra, Senhor (lhe disse eu) vos não posso significar o grande gosto, e prazer, que de presente me acompanha, de vos tornar a ver em minha presença: mas já que Deus foi servido tornar-vos a trazer para termos este encontro, de nenhuma sorte me poderei escusar de satisfazer o que me mandais vos relate, pois tão obrigado me considero a vosso primor, e cortezia.

NOTAS AO CAPITULO I

(1) D. João V, filho del-rei D. Pedro II e de sua segunda mulher D. Maria Sofia Isabel de Neuburgo, nasceu em 1689, e reinou de 1706 a 1750. No seu largo periodo de governo a civilização portugêsa adquiriu um esplendôr magnifico.

(2) A divisão de Lisboa em oriental e occidental resultou da Bula "*In Supremo apostolatus solio*", 7 de Novembro de 1716, que elevou a colegiada de S. Tomé á dignidade de igreja e basilica patriarcal como uma recompensa

do Pontífice aos grandes serviços de D. João V em defesa e sustentação da Santa Sé. Nesse alto diploma dizia Sua Santidade: "...Dividimos as ditas cidade e diocese de Lisboa em duas partes... uma parte para o lado do oriente ao antigo arcebispado de Lisboa, e assinamos a outra parte, para o lado do ocidente, ao novo arcebispado que por nós vai ser erecto..." O novo Patriarca, D. Tomaz de Almeida, irmão do conde de Avinte, antigo bispo do Porto, entrou oficialmente nos seus domínios eclesiásticos em 13 de Fevereiro de 1717, Eduardo Brazão, *D. João V e a Santa Sé*, p. 219, Coimbra, 1937. A divisão em duas Sés foi suprimida em 1740, ficando a Patriarcal subordinada á de Lisboa Oriental.

(3) Lisboa... cousa boa. O A. insiste no refrão poético, quiçá popular (Lis...bôa? Lis-ótima, emendá-lo-ia, agradecido, o nosso Guilherme de Almeida) que vem do seculo anterior. Em Portugal, diz-se por exemplo:

Quem não viu Lisboa
Não viu cousa bôa.

(4) Felipe V (nas. em Versalhes, 1683, fal. em Madrid, 1746), duque d'Anjou, segundo filho do Grande Delphim, feito pelo avô, Luiz XIV, rei de Espanha (1701), fundou a dinastia que, dous seculos, dirigiu os destinos desse paiz.

(5) O casamento "dos serenissimos Principes" constitue uma das páginas mais interessantes da história diplomatica do seculo XVIII. A infanta Mariana Victória aos quatro anos de idade fôra por seus pais, Felipe V e Isabel Farnésio, entregue aos cuidados do Regente de França, o duque de Orléans, para que a educasse, e a unisse depois a Luiz XV, com quem se teria de casar. Morto, porém, Orléans, e convidando os conselheiros de Luiz XV que devia ele casar-se sem demora, D. Mariana foi devolvida á corte de Madrid e o rei consorciado com a bela Maria Leczinska, filha de Estanislao Leczinski, da Polónia. Tal rompimento irritou profundamente a familia real espanhola. (Vd. Caetano Beirão, *Cartas de D. Mariana Victória*, I, LVII, Lisboa 1936). Propoz então uma aliança a Portugal, mediante casamentos, de D. Mariana com o principe herdeiro D. José, e da infanta D. Maria Barbara, irmã deste, com o principe herdeiro D. Fernando. Em 19 de Janeiro de 1729 a infanta foi solenemente acolhida por D. João V e sua côrte na fronteira. Em Madrid a infanta portugûesa exerceu papel preponderante e benefico: defendeu eficazmente a causa da paz entre as duas pátrias e conseguiu desarmar as prevenções que, desde os primordios da nacionalidade, as separavam (Vd. Pio Zabala y Lera, *Espanña bajo los Borbones*, p. 35, Barcelona, 1926). O reinado de Fernando V foi breve: 1746-1759. Pouco sobreviveu á esposa que amára com extrema paixão (Vd. Docteur Cabanés, *Le Mal Héritaire*, p. 248, Paris (Deuxième série)).

(6) Luiz XV, 1710-1774, bisneto de Luiz XIV, filho do 2º Delphim, o duque de Borgonha (o "Telemaco", de Fenelon) e Maria Adelaide de Saboia, foi rei aos 5 anos e meio de idade, em 1 de Setembro de 1715.

(7) Benedito XIII, Vicente Maria Orsini, natural de Bari, 2 de Fevereiro de 1649, subira ao trôno pontifical em 29 de Maio de 1724. Faleceu em 21 de Fevereiro de 1730. Foi o 246º Sumo Pontífice. O reinado de seu sucessor, Clemente XII, estendeu-se de 12 de Julho de 1730 a 6 de Fevereiro de 1740.

CAPITULO II

Relata o Peregrino o mais que lhe succedeu, depois que o Ancião delle se apartou, e da ultima conversação que teve com o Padre Capellão, acerca de donde procedeu a origem do Gentio, que veio a estas partes da America.

COM mui primoroso termo, se despediu o Padre capellão dos seus freguezes, e chegando a casa achamos a mesa posta, e depois de jantarmos, se recolheu o Padre a passar a sesta, e eu me fui para o quarto onde havia passado a noite, e seriam tres horas depois do meio dia, quando me levantei, e fui até a Igreja, e fazendo oração, me fui sentar á sombra della, por estar em um lugar alto, e descampado, e correr uma fresca viração. Alli me puz a rezar nas minhas contas, e depois de as ter offerecido á Virgem Santissima Nossa Senhora, vi sahir o Padre Capellão de casa, e encaminhando os passos para o mesmo lugar, onde eu estava, me levantei, e com todo o primor e cortezania lhe dei o melhor lugar; e ambos nos sentamos, e rompeu o Padre nestas palavras:

Com muita razão se diz, Senhor Peregrino, que conversar com homens discretos, e sabios, é manjar da alma: por cuja razão vos venho buscar, porque me dais grande gosto, em vos ouvir repetir o que vos tem acontecido, nesta vossa peregrinação. Agora tomara que me disseras, que juizo estaveis fazendo neste lugar tão solitario. Supposto que já ouvi dizer, que não havia sabio, que estivesse só, porque sempre estavam acompanhados de seus discretos discursos; e por isso me persuado, que vos não devieis occupar em pensamentos ociosos, por seres homem de quem faço mui bom conceito.

Primeiramente, Senhor Reverendo Padre, (lhe disse eu) assen-

temos, que não reconheço em mim essas partidas, e predicados, com que me tendes lisonjeado: porém, o que sei é, pelo ter ouvido dizer, que o sabio nenhuma cousa ha de fazer que depois tenha arrependimento de o haver feito. E daqui veio a dizer Salomão, que a sabedoria vale mais que todos os Reinos, e riquezas: porque traz consigo todos os bens, e assim a quem a possui, tudo sobeja. Não são necessarias a esta virtude as abundancias dos ricos, porque ainda que lhe faltem todos os haveres do mundo, e padeça dores e trabalhos, soffre virtuosamente, tendo a gloria na paciencia, e para isso o sabio só basta a si mesmo, sem adjutorio exterior.

E assim digo que uma das maiores mercês, e beneficios, que pode fazer Deus a uma creatura, é dar-lhe bom entendimento, porque com este dom o livra de muitos perigos, dando-lhe os meios de se poder remediar nas suas necessidades, fá-lo procurar amigos com prudencia, e ainda conservar a mesma saúde temporal, livrando de muitos vicios, conhecendo as virtudes espirituaes, e mo-
raes; além de outros muitos bens, que lhe resulta de ter bom entendimento.

Senhor, (me disse o Padre) tomara que me dissesseis, que conceito fazeis do homem a quem Deus lhe deu os meios de o fazer sciente, e douto? Respondo (lhe disse eu): não ha duvida, que é um dos melhores dotes, que pode uma creatura possuir, e prezar, por se ver com estimação entre os mais. Porém, haveis de saber, que lá disse um discreto, que mais valia uma libra de prudencia, do que arrobas de subtilezas; e se não, dizei-me: que prestará a um homem ser grande Philosopho, Theologo, e Jurista etc. se lhe faltar a prudencia, para se saber governar, e livrar dos vicios, e amar as virtudes?

Bem sei, Senhor, que a prudencia se adquire tambem com os muitos annos, e larga experiencia do tempo, motivo e razão porque lá disse Aristoteles, que os mancebos não podiam ser discretos por falta da experiencia. Em tudo falais, senhor Peregrino, com muito acerto, (me disse o Padre capellão) mas tomara que me disseras a razão da minha pergunta, que vos havia feito logo quando aqui cheguei.

Dir-vos-hei, senhor Reverendo Padre, o discurso que agora fa-

zia, antes da vossa chegada; estava vendo, e observando, o como Deus, por sua Divina providencia, fecundou esta dilatada região da America, com tantos, e tão infinitos meios de se poderem sustentar seus habitadores de verdes e frondosos arvoredos, com tanta variedade de flores, frutos, legumes, campos, e multidão de animaes, aves, e rios, imensidade de peixes, e mariscos, fontes, e lagôas, além de outros muitos e grandes haveres de prata e ouro, pedras mui preciosas, e quantidade de ambar, que muitas vezes se acham pelas praias desta America.

E por isso com muita razão se pode chamar a esta região jardim, e pomar do Mundo, ou thesouro de inestimavel valor. E assim digo, que se não fôra, como é, tão farta, e abundante de todas estas cousas, que acabo de repetir; e de outras muitas, que se não podem explicar com individuação, mal poderiam viver seus habitadores, como estavam vivendo, e ainda hoje vivem toda uma machina de gentilidade, sem terem commercio com outra alguma nação, ou partes do mundo.

Na verdade, senhor Peregrino, (me disse o Padre capellão) que me estais dando motivo para vos perguntar uma cousa, que ha tempos a desejo saber, e vem a ser: que me digais, de donde procedeu este Gentio da America? por ser uma questão tão debattida como nunca decidida entre os escriptores, que do principio desta Gentilidade têm fallado, sem darem a verdadeira solução desta certeza, de donde procedeu a sua origem; porque é sem duvida que de alguma parte passou a esta região: por ser tambem certo, e de fé, que no mundo não houve mais que um Adão, e uma Eva, criados e feitos pela omnipotencia de Deus; e que destas duas creaturas foram nascidas e produzidas as mais gerações das gentes, e que estes gentios são creaturas racionaes: supposto que já houve quem lhes negasse este procedimento, mas com evidencia se tem comprovado, e com formaes razões mostrado serem creaturas racionaes, e capazes de receberem todos os sacramentos da Santa Madre Igreja, o que se tem averiguado por doutissimos prelados, e espirituaes missionarios tanto na nova Hespanha, como neste Estado do Brasil.

Sabei, Senhor Reverendo Padre, (lhe disse eu) que, supposto pareça difficultosa a resposta, dir-vos-ei o que nesse particular

sinto, e pelo que tenho lido, entendo que vem a ser o caso: depois de passado o diluvio universal, estando já o mundo em grande numero do genero humano, partindo grande multidão de gente do Oriente ao Campo Sanaar, perto do rio Euphrates, levando por seu capitão ou general a Nembrod, neto de Cham, de commum accôrdo e parecer edificaram alli uma cidade, e nella uma torre, que intentaram levantar até o céu, ou fosse por deixar seus celebres no mundo, ou tê-la para o refugio de escaparem de outro diluvio.

E com effeito, chegaram a levantá-la até quatro mil passos em altura; e sendo neste estado, querendo Deus impedir seus desatinos, e presumpções, fallando todos uma mesma lingua hebréa, lha dividiu em setenta, de tal maneira que, fallando differentes, não se entendessem entre si: pela qual razão se deixaram de edificá-la; e por esta confusão foi a torre chamada de Babel, e a cidade de Babilonia; em a qual Nembrod foi o primeiro monarcha; reinou depois com Jupiter: Belo seu filho, e os demais juntos em amizade, conforme o numero das linguas se repartiram, e dividiram por toda a terra, dos quaes Sem, com os seus, occupou a Syria, e as mais de Asia; Cham o Egypto, e o restante de Africa; Japhet, a Europa.

Tudo quanto aqui vos tenho dito o achei escripto, e consta da Sagrada Escriptura (Gen. 10-11). Agora será razão nos accomodemos ao melhor parecer, e dito dos melhores escriptores, porque não falta quem diga, que fóra destas tres tribus, ou familias, que houveram outras mais, as quaes lhe não dão lugar certo para onde foram, nem se acharam até o tempo que se descobriu este novo mundo, o qual por promissão divina esteve tantos tempos occulto, e falto da luz da nossa santa fé catholica, padecendo, e experimentando os rigores das suas idolatrias, soberbas, e rebeldias, e de outros, e infinitos peccados, que só a Deus é reservado estes justos e divinos segredos.

Mas por onde se pode presumir o ser indubitavel a razão de ter vindo este gentio daquella parte, é por serem homens soberbos, teimosos, e não quererem conhecer o poder de Deus, cahindo em varios e infinitos peccados de idolatria, superstições e feitiçarias,

que muito offende a sua divina Magestade; fundo tambem a minha razão nestes principios.

Estavam estes homens com a memoria dos estragos, e vestigios, que havia feito o diluvio universal; sabiam que Deus tinha alagado todo o mundo por feios peccados, e que só escapara Noé, e seus filhos de donde procediam, e sem embargo deste cabal conhecimento, como tornaram a offender a Deus com a fabrica da torre, parecendo-lhes que se tornasse a vir outro diluvio teriam onde escapar, sem embargo da promessa, que havia feito Deus a Noé, e jurada a seus successores e descendentes, fazendo aparecer nas nuvens o Arco Iris, no qual lhe prometeu em signal de perpetua paz, que não destruiria outra vez o mundo com diluvio de agua. (Gen., cap. 9).

E porque não quizeram erer esta verdade, mas antes fabricaram a torre, foram castigados com este desterro tão dilatado, como homens reprobos, soberbos, e faltos de fé; porque sabia Deus, que creaturas, que de tal sorte obravam, e houverem de persistir em semelhantes culpas, e maldades, não eram capazes para o uso do culto divino nos seus sagrados Templos, e mais santos sacrificios: por isso os desterrou por seus justos juizos para terras tão remotas; não lhes faltando, porém, como Senhor de piedade e misericordia, com a sua divina providencia de os sustentar, e alimentar com o provimento necessario, até o tempo que sua divina clemencia foi servida alumiá-los com a luz da fé, e doutrina do Santo Evangelho, que a muitos destes gentios tem abrazado, e nelles se tem visto signaes de verdadeiros catholicos.

Estou mui satisfeito, Senhor, (me disse o Padre Capellão) do que me tendes dito, porque lhe acho muita concludencia, além do que tendes provado com a Sagrada Escriptura: mas tomara que me disseras o modo e meio que teve esta Gentilidade para passarem a terras tão longes, e remotos climas, sem guias, ou embarcações que os trouxessem? sendo que ouvi dizer, que esta região da America era ilha; e tambem tomara que me disseras. onde foi a primeira parte. em que a situou este gentio, se da parte da nova Espanha, ou nesta do Brasil? e assim vos pergunto mais, e que

razão haverá para serem homens de côr tão diversa dos mais homens da Europa, e dos mais que vivem em outras partes?

Respondo (lhe disse eu), Senhor Reverendo Padre: é falso dizer-se que America é ilha, porque por muí comprovadas razões e evidentes experiencias se tem visto, que é terra firme, a qual se une com as mais partes do mundo, por uma península, ou lingua da terra de bastante largura: isto se vê, e se acha em qualquer carta de marear, ou roteiro hespanhol.

Em quanto ao mais, que perguntais, Senhor Reverendo Padre, supposto que não tenhamos autor que nos autorize o pensamento, a mesma razão nos persuade; e assim vos digo, que nem li, nem ouvi praticar; o que supponho é, que vendo-se aquelle povo tão excluído, e desprezado dos mais, por serem homens de mau procedimento, pelo que usavam; se resolveram a apartar-se da companhia, e congresso dos mais, seguindo sua derrota, pelo espaço do mundo, chegaram a aquellas partes, onde hoje chamam as Indias de Hespanha, e como acharam capacidade de bons sitios, melhor clima, sustento em abundancia, correntes e claras aguas, e por ser a terra tão fertil, como abundante de todo o necessario; porque nenhuma outra como ella, produz melhor os frutos, para o alimento da vida humana, sem o trabalho de os cultivar, como seja esta região, alli se começaram a situar; e como traziam ainda as especies das aldeias, villas, e cidades, de donde haviam sahido, a aquella imitação fizeram tambem as povoações, onde haviam habitar; e depois foram fazendo nobres casas, soberbos palacios, dilatados reinos, como foi visto, e achado pelos primeiros hespanhóes, quando chegaram áquellas partes, o que tudo consta de verdadeiras relações de doutos livros escriptos por famosos autores.

Isto supposto, o mais gentio, ou por crimes que tivessem feito, por serem homens desalmados, e facinorosos, ou pela appetencia de verem e descobrirem as mais terras, que viam, e se lhes representavam haver para estas partes do Norte, Nordeste, Léste, Sueste e Sul: principalmente aquella gente mais vadia e calaceira daquelle povo, sahio das cidades e povoações com mulheres e filhos; o que inda hoje estamos vendo e observando nesta nação, porque o ponto está, que lhes accommode irem a alguma pescaria, caçada, ou a co-

merem fructas, porque logo com toda a sua familia deixam as casas e aldeias, e partem a fartar-se daquella gulodice por dias, semanas e mezes.

Alguns destes gentios, tendo eu visto tão vadios, e calaceiros, que nem aldeias, nem casas têm, nem domicilio certo, porque dormem onde lhes anoitece, o mais que fazem em tempo de inverno, e de muito frio e chuva, é armarem umas barracas de folhas, e alli passam as noites e alguns dias emquanto passa aquelle temporal; e dalli se despedem de sorte que não tornam a ellas mais; tendo sómente por Deus os seus ventres, e todo o seu cabedal trazem comsigo, que é o arco e flechas.

São esta casta de gentios semelhantes aos ciganos, entre as mais nações do mundo; chamam-se estas nações Grens (1) e Aimorés (2): esta é a razão, porque os portuguezes, quando vieram descobrir este Estado do Brasil, lhes não acharam villas, cidades, nem reinos, como se achou dos que habitavam nas mais partes das Indias de Castella; e seria causa, sem duvida, que como se passaram como fugidos, criminosos, e calaceiros corridos dos outros povos, não tratavam mais que de se sustentarem das raizes dos paus, folhas, e palmitos, fructas, e mel de abelhas, a que chamam os naturaes mel de pau, por haver muito em grande quantidade pelas arvores sylvestres: o mais que faziam e fazem estes gentios é demarcarem-se, uns tomam de tal parte até tal lugar, onde costumam fazer suas caçadas e pescarias, e as duvidas, que haviam e ha entre elles são a respeito de entrarem uns nos partidos dos outros a pescarem, e caçarem, de donde resultavam varias guerras, e muitas mortes: até que com a chegada dos Portuguezes a este Estado, se tem evitado bastantes damnos e dissensões.

Estas, e outras cousas semelhantes me contava um indio muito velho que vinha á casa de meus pais, o qual era mui pratico destas antiguidades, por tradições de seus antepassados: porém, gostava eu muito de lhe ouvir nomear os nomes e cognomes de muitos lugares, terras, rios, barras, e costas do mar, e o que significavam em nosso idioma portuguez (3).

Entre o mais que me contava, era que ouvira dizer aos seus antepassados, que tinha havido um diluvio de agua, e que este

alagara a toda a terra, e que só escaparam alguns indios com suas mulheres em um monte em cima de uma palmeira (4), de donde se pode inferir, que viciaram e corromperam a verdade, por falta de escripturas: porém sim atinavam com verdade, que houvera diluvio universal; mas não sabiam com individuação, em que tempo, parte, e muito menos em que instrumento se salvou Noé com sua familia; e a razão é, porque como haviam passado tantos seculos de annos abusavam desta verdade, de como houvera aquella Arca, na qual se salvou Noé, e seus filhos, e os mais animaes: o que se comprova com a Sagrada Escripura; da qual consta que o diluvio universal alagara todo o mundo 15 covados em cima dos mais altos montes, e se afogaram, e submergiram todos os viventes, excepto os peixes (Gen. 5. 7), estes e outros muitos abusos se acham nestes gentios, e se escapariam vivos Enoch e Elias no Paraizo Terreal.

São estes homens de mui pouca estabilidade em seus tratos e negocios, muito atraçoados, vingativos, sem nenhum genero de caridade, não dão quartel a seus contrarios; não se acha nelles primor nem cortezia; não têm agradecimento ao beneficio, que se lhes faz, mais se inclinam para o mal, do que para o bem; prezam pouco a honra, e sua estimação: e só depois de muita doutrina, que recebem dos operarios do Santo Evangelho, nas aldeias dos Padres da Companhia e mais Missionarios, é que se desviam, e deixam muitos erros e abusos, que tinham tido entre si, que são varios e infinitos os ritos e ceremonias, que observam, e ainda se acham entre elles.

O motivo, e razão, porque tambem se presume, que esta gentilidade foi vinda e procedia daquella cidade de Babylonia, torre de Babel, é pela larga experiencia, que se tem visto e achado nos seus ritos, e cerimonias, cantos, e algumas palavras hebraicas, e costumes; porque assim o asseveram os Padres da Companhia, que foram os primeiros que os reduziram á nossa santa fé, e os aldearam debaixo de suas protecções, e os fizeram domesticos, ensinando-lhes a nossa santa doutrina, e mais artigos da fé.

Em quanto á razão da côr não ser alva, como os demais homens da Europa, tem-se averiguado que procede de ser este clima mui adusto, pela razão do grande calor do sol, assim como tam-

bem succede nas partes de Guiné; e pelas suas desnudezes de andarem expostos ás calamidades do grande calor do sol, e frios, sem reparo algum, de donde se veio a converter o uso em natureza, como por experiencia o estamos vendo nos homens marítimos, e trabalhadores, que logo se mudam da côr alva em trigueiros.

A este tempo tangeu o sacristão as Trindades por ser já quasi noite, e depois de termos rezado as Ave-Marias, me disse o Padre capellão: Na verdade, senhor Peregrino, que estou muito satisfeito do que me tendes dito e explicado acerca do que vos tenho perguntado, na relação que com tanto acerto tendes patentado a origem, de donde procedeu esta geração do gentio da America. É tarde, vamos nos recolher. E assim logo nos levantamos, e fomos para casa, onde achamos a mesa posta, e depois de termos feito collação, me disse o Padre Capellão que me podia ir recolher a passar a noite, por ter na manhã seguinte que fazer jornada, ao que eu promptamente obedeci, e me fui agasalhar.

NOTAS AO CAPITULO II

(1) *Grens* são indios de Ilhéos, ainda existentes em pequenos grupos (*Revista do Inst. Hist. da Bahia*, n. 60, p. 256), que os jesuitas aldearam em Santa Cruz e imediações. A vila de Almada deriva de uma dessas aldeias, submotidas á administração leiga em 1759, vd. José Antonio Caldas, Índice, *Revista do Inst. Hist. da Bahia*, n. 57, mapa geral de todas as missões etc. Não pertenciam á lingua geral (nem se confundiam com os tupiniquins, "roduzidos" na mesma região pelos missionários). Os etnografos costumam incluí-los na larga familia tapuia dos "botocudos", que abrange aimorés, *guerens* (ou *grens*) e *boruns* (vd. Rodolfo Garcia, *Etnografia*, cap. do *Dicionário do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* comemorativo do centenário da Independência e, entre os ultimos trabalhos da especialidade, Estevão Pinto, *Os indígenas do Nordeste*, I, 130, S. Paulo, 1935. O principe Maximiliano de Wied-Neuwied ouviu varios nomes dados aos *botocudos*, *Aimorés*, *Gherius* ou *Grens*... (Leia-se a descrição de Augusto de Saint-Hilaire, *Viagem pelas Provincias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, trad. de Clado Ribeiro Lessa, II, 129 e segs.). E Martius, em Ilhéos: "os botocudos eram antes chamados aimorés, e nesta região *guerens*", *Viagem pelo Brasil*, ed. do Inst. Hist. II, 239, Rio, 1938.

(2) *Aimorés*, indomáveis tapuias que dêram o nome á serra de Porto Seguro, justificaram a fama, de mais ferozes e traiçoeiros entre todos os indios do Brasil. "São estes aimorés tão selvagens que dos outros barbaros são havidos por mais barbaros", já dizia Gabriel Soares, *Tratado Descritivo*, ed. Varnhagen, p. 58. Confirma o que escreveu Gandavo: "Vivem todos en-

tre os matos como brutos animais, sem terem povoações, nem casas em que se recolham”, *História da Prov. de Santa Cruz*, ed. da Acad. Bras., p. 142. Descendo do interior para o litoral quando florescia, entre Ilhéos e Porto Seguro, a colonização que por aí começara a expandir-se, destruíram engenhos, propriedades, lavouras e sacrificaram por dous seculos o progresso economico de ambas as capitánias. Em 1565 a vila de S. Jorge dos Ilhéos teve de preparar-se para lhes resistir; e em 1581 os conteve com heroismo. Os moradores “venceram e o povo attribuia á proteção de S. Jorge essa vitória. E celebrava-lhe a festa com solenidade e veneração”. P. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, 192, Lisbôa, 1938. Chegaram a ameaçar a própria cidade da Bahia nesse fim de seculo, frei Vicente do Salvador, *Hist. do Bras.*, p. 377 e segs.

(3) Sobre a toponímia indigena do Brasil, ver Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, 1902, e Bernardino José de Souza, *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil*, S. Paulo, 1939. Devemos reconhecer que a maioria dos vocabulos de lingua geral ligados aos accidentes geográficos do país provem do mamaluco, que até o seculo XVIII, nas vilas e arraiais da colonia, falava indistintamente o português e o idioma do avô gentio.

(4) É a lenda de Tamandaré, de que se aproveitou José de Alencar para o epilogo romantico do “Guaraní”: numa palmeira, arrebatada pela correnteza, se salva da inundaçáo (ou do diluvio) o casal privilegiado... Desse mito a primeira descriçáo é do padre Manuel da Nobrega: “Sabem do diluvio de Noé, bem que não conforme a verdadeira história; pois dizem que todos morreram, excéto uma velha que escapou em uma arvore”, *Cartas do Brasil*, edição da Acad. Bras., p. 91, c. de 1549. E n’outro carta do mesmo ano, *op. cit.*, p. 101: “dizem que cobrindo-se a terra d’agua, uma mulher com seu marido subiram em um pinheiro e, depois de mingoadas as aguas, se desceram, e destes procederam todos os homens e mulheres”. André Thevet ouviu aos tamoios a versáo de “Tamendonare”, vd. A. Métraux, *La Religion des Tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus tupi-guarani*, p. 44 e segs., Paris, 1928. Assim Hans Staden, o padre Cardim... (Também Herbert Baldus, *Ensaíos de Etnologia Brasileira*, p. 206, S. Paulo, 1937).

CAPITULO III

Despede-se o Peregrino do Padre capellão, e dá inteira relação do que viu, e observou no Palacio da Saúde, e seu territorio de deleites, por ser a materia de grandes moralidades, é mui digna de se ler.

ACORDEI a tempo, que os repetidos cantos dos vigilantes gallos estavam annunciando a vinda da mais bella aurora, e como despertando-me para gozar a frescura da manhã, que é para os caminhantes o mais accommodado meio para evitar a calma, e para poder lograr a melhor porção do dia, levantei-me, e chegando perto do quarto, onde se agasalhava o Padre Capellão, deste me despedi: o qual primorosamente logo se levantou, e com palavras mui cortezes me significou o sentimento, que lhe ficava de tão depressa me querer ausentar de sua companhia, pedindo-me fosse servido acceitar uma limitada offerta de matalotagem para o caminho, no que me mostrei mui satisfeito, e delle me despedi com demonstrações de mui agradecido a respeito da boa hospedagem, que me havia feito em sua casa.

E seguindo a minha viagem, fui descobrindo verdes e copados arvoredos, que com o fresco terral do Norte se estavam recreando; e depois de ter andado mais de uma legua, achei uma fonte tão clara, como liberal de suas aguas, que sahindo de umas pedras estava convidando a todos os caminhantes com suas doces aguas. Alli almocei, e depois de ter gozado da amenidade do sitio ouvi tropel, e brevemente chegou um galhardo mancebo, mui bem vestido, montado a cavallo, com quatro escravos, dois armados e dois com cargas; salvou-me muito cortezmente, correspondi-lhe com a mesma

urbanidade, perguntando-lhe para onde seguia a sua derrota? respondeu-me que para o Palacio da Saude, e territorio dos deleites, que distava dalli duas leguas: e logo sem mais detença de mim se despediu fazendo sua viagem.

Eu tambem lhe fui seguindo seus passos (e por certo que não foi a vez primeira que andei a rasto de bestas) e depois de ter andado as duas leguas, e seria já perto de onze horas antes do meio dia, quando avistei um alto muro, e no meio d'elle, uma porta, e nella escripta esta letra:

Quem neste Palacio entrar
E nelle quizer viver,
Ouro e prata hade trazer
Para deleites gozar.

Cheguei-me á porta, e pegando em um perro de bronze, que assentava sobre um tais do mesmo metal, dei o primeiro golpe; e ao segundo promptamente se me abriu: e logo vi um mancebo mui bem trajado, o qual me mandou entrar; e chegando a uma varanda, como um espaçoso alpendre, me deu assento junto a si em um escabello de encosto: e em cima de um formoso bofete que junto a si tinha, estava um livro, e uma escrivaninha, e defronte estava outro mancebo galhardamente vestido com o mesmo preparo. E logo me perguntou o primeiro mancebo, que me tinha mandado entrar, como me chamava? e que cabedais trazia de prata, ou ouro, ou pedras preciosas? porque assim era obrigado a fazer toda aquella diligencia por razão do seu officio.

Sabei, senhor, (lhe respondi eu): que me appellido por Peregrino da America; e os bens que possuo, e trago comigo, são este cajado, alforges, e esta cabaça de agua; e o fim que me traz a este Palacio da Saude, e a seu territorio, é ter ouvido contar suas grandezas, para ver, e admirar, e poder contar por onde me achar suas maravilhas, porque costume fazer assento e observação dos casos mais notaveis, que vejo, e ouço dizer terem acontecido no mundo para exemplo dos presentes e vindouros. E logo lhe fiz presente, em breve relação, o que me havia acontecido, e visto por onde havia

peregrinado neste Estado do Brasil; e das artes, e partes que havia aprendido na minha mocidade.

Já que, senhor Peregrino, (me disse o mancebo) tanta mercê me tendes feito na relação que me tendes dado da vossa peregrinação, e partes, que sabeis, e por vos considerar com uma tão curiosa occupação; vos quero tambem dizer o como me chamo, e meu companheiro; e mostrar-vos o mais que em si comprehende este palacio da saúde, e territorio de deleites; para que fiqueis com mais lembrança, e inteira noticia do que vos pretendo mostrar no breve termo de vinte e quatro horas, que é o tempo consignado, que aqui podeis estar; porque, passando elle, somos obrigados eu e meu companheiro logo a despedirmos a todas as pessoas, de qualquer qualidade que sejam, tanto que não trazem cabedaes; por nos não expormos a experimentar as penas impostas, e declaradas pelo senhor Presidente da saude.

E assim vos digo que eu me chamo Bellomodo, e meu companheiro o Attractivo; assistimos neste lugar que vêdes, com a incumbencia de fazermos assento e lembrança de todas as pessoas que aqui entram, a fazer assistencia, ou sejam homens, ou mulheres; declarando os nomes, e bens que trazem, os quais logo meu companheiro os põe em boa arrecadação, fazendo assento naquelle livro, que tem junto a si, para os entregar a um thesoureiro, a quem chamam Banqueiro, e muitos lhe chamam Trapaceiro, pelo que costuma obrar em deter as partes, quando lhe procuram os seus cabedaes; e sem embargo disso não ha quem se queira emendar, nem desenganar de lhe entregarem os seus bens.

A este tempo deu o relógio meio dia, e despedindo-se o mancebo Bellomodo do seu companheiro o Attractivo, me levou em sua companhia: subimos por uma escada, e entramos em uma espaçosa sala mui bem ornada, e aparamentada; e no meio della estava um grande bofete, famosos tamborettes, luzidos espelhos, ricos quadros, custosas cortinas e um espreguiceiro.

Achamos a mesa posta, e puzemo-nos a jantar com todo o regalo de mui perfeitas iguarias: vieram selectos doces, gostosas frutas; e depois de termos jantado, me levou o mancebo a uma janella de duas que tinha a sala, de donde me mostrou um soberbo palacio

que nos ficava de frente, o qual tinha vinte e cinco janellas rasgadas com grades de ferro, com bolas douradas, e no meio do palacio uma alta torre, com quatro sobrados com janellas para todas as quatro partes, norte, sul, léste e oeste, com vidraças, e só no ultimo sobrado tinha as janellas abertas com um lettreiro, que dizia:

O que nesta torre entrar,
Achará muito que ver
E não menos que admirar!

E de uma e outra parte do palacio estavam duas grandes casas de sobrado com passadiços, que se uniam ao mesmo palacio, e no meio da praça estava um formoso chafariz de pedra marmore, com quatro canos por onde despejavam quantidade de agua, e da parte da mão direita estavam uns postes, e da outra parte da mão esquerda um curro cercado de tabuado, e de madeiras, e no mais espaço da praça ou terreiro o cercavam muitas casas de sobrado sem desigualdade na altura uma da outra: que me pareceram as que cercam a praça da côrte de Madrid, e nas janellas se não viam sacadas para a rua nem rotas, ou genolias (1) semelhantes tambem ás casas de Paris e de França.

E logo me foi explicando o mancebo com toda a individuação tudo quanto me havia mostrado, dizendo-me: Sabei, Senhor Peregrino, que aquelle palacio, que vêdes, é o da saúde, onde assiste o Presidente da Saúde, com maior grandeza, e regalos, que o mais poderoso monarcha que pode haver no mundo. Aquella casa que fica ao lado direito nas loges é onde se fazem as audiencias no juizo dos defuntos, e ausentes, a quem chama este povo, da Ambição. Em cima no sobrado está o Tribunal Superior em fórmula de Relação, onde assistem seis Ministros, a quem chamam Consultores, com assistencia do mesmo Presidente da Saúde, onde se determinam os feitos, que se sentenciam na audiencia da Ambição.

Naquella outra casa, que fica ao lado esquerdo, servem a suas lojas de patio das Comedias, que se representam ás sextas e segundas-feiras em presença do Presidente da Saúde; e no sobrado de cima é onde se fazem as academias, em todos os domingos do

anno, tambem com assistencia do Presidente. E como não podeis, Senhor Peregrino, assistir neste acto, pelo pouco tempo de vossa assistencia, vos quero dizer o assumpto, que se tem tomado para se discorrer nesse dia; e vem a ser: Qual vale mais, se ter ouro, ou ter estrellas? Não deixa, Senhor Bellomodo, (lhe disse eu) de ser a questão curiosa por ser problematica, que por uma e outra parte muito se pode dizer. Podeis continuar a vossa explicação. Aquelles postes (continuou o mancebo) servem de correr cavallaria ás sextas e segundas-feiras, aquelle curro serve de correr touros nos maiores dias de festas, aquelle chafariz, que vêdes no meio da praça, é aonde manda buscar todo este povo agua para beber por ser mui clara e sadia.

E como já havia dado meia hora depois do meio dia me disse o mancebo, que me podia encostar no esprigueiro a passar a sesta; porque elle tambem ia fazer o mesmo no seu quarto. E assim como deu o relógio duas horas se levantou o mancebo, e eu tambem me puz a pé, e me disse o Bellomodo, que o acompanhasse, que me queria mostrar e fazer presente as mais grandezas daquelle territorio de deleites.

Com effeito sahimos de casa, e puzemo-nos na rua: tomou o mancebo pela parte direita, e eu em sua companhia, e logo fomos vendo pelas janellas muitas damas mui bellas, e bem vestidas, as quaes eram cortejadas politicamente de alguns mancebos, que pela rua iam passando, com varios acenos affectuosos, de quem eram tambem correspondidos; e nas lojas das casas vi muitas mulheres de maior idade, as quais se occupavam em coser e fiar, e outras tinham por officio darem casa de pasto a todas aquellas pessoas que queriam ir comer gostosos manjares, e beber varios sorvetes, e chocolates, chá, café (2) e outras muitas potages de gosto ao paladar.

NOTAS AO CAPITULO III

(1) O sistema de rotulas á janela, ou "mucharabieh" grade de madeira de fino crivo atraz da qual enlanguesciam as mulheres, a quem se impedia mostrar o rosto ao transeunte — persistiu até o advento do Principe-Regente D. João. Peor era a "urupema", grade de taquaras ou caniços, como rêde, que fechava os postigos das casas pobres. Dizia-se "rota" na

India, cf. Mons. Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, II, 260. Coube ao vice-rei marquez de Lavradio extinguir a "urupema" no Rio de Janeiro. Max Fleiuss, *Hist. da Cidade do Rio de Janeiro*, p. 130. Governou esse notavel administrador dez anos, 1769-1779. Testemunhou Martius: "Possuindo as casas, segundo costume oriental, sacadas fechadas diante das janelas, foram substituidas por ordem real por balcões abertos", Pedro Calmon, *História Social do Brasil*, I, 60.

(2) Não se tomou café no Brasil antes do meiado do seculo XVIII.

Afonso d'E. Taunay, na sua monumental *História do Café no Brasil*, I, 252, Rio, 1939, estuda as primeiras referências a essa infusão em lingua portuguesa. Parece-lhe que foi o judeu Pedro Teixeira quem primeiro escreveu a palavra café, em 1610. Dicionarizou-a o P. Rafael Bluteau, em 1711. Aí diz "que já em Portugal se começava a introduzir" Cumpre agora acrescentar á lista de precursôres Nuno Marques Pereira.

No reino, continua Taunay, por 1777 havia duas lojas de bebidas, ou cafés. Mas na Bahia, e na região de Ilhéos, data a plantação do governo do marquez de Valença, que a encomendou muito ao desembargador Francisco Nunes da Costa, *op. cit.*, II, 43. Este foi ouvidor daquela comarca a partir de 4 de Novembro de 1780, Vilhena, *Cartas*, II, 341. Antecedeu no cargo ao Dr. Baltazar da Silva Lisbôa, que se empossou em 11 de Novembro de 1797.

Quanto ao chocolate, podia vir do Pará ou da América espanhola, senão, reexportado, da Europa. Os cacauais da Bahia não são anteriores a 1740, vd. Leo Zehntner, *Le Cacaoyer dans l'État de Bahia*, p. 35, Berlin 1914.

O chá... este não podia faltar em porto de escala das náos da India, abarrotadas de porcelanas, especiarias e tecidos da China. É certo que os viajantes que falam do país em 1808-10 ainda viram o chá vendido nas boticas, como remédio. Coube ao negociante inglês dar-lhe a dignidade de bebida elegante e... social.

CAPITULO IV

Como chegou o Peregrino á casa da Mestra da Solfa, e lhe explicou as excellencias da musica, por serem tão universaes a todas as creaturas.

Ao som de mui afinados instrumentos, ouvimos sonoras vozes, e mui bem entoadas, cantar tão aprazivel e docemente, que causavam desejo a todos para mais de perto gozarem de suas consonancias: até que chegamos a uma escada de pedra, pela qual subimos, e entrando em uma espaçosa sala, na qual achamos uma formosa matrona sentada em uma cadeira, que nos recebeu com mui primoroso cortejo, e fazendo signal, se calou todo o harmonico da musica, e reparando para um e outro lado da sala, vi que estavam sentados muitos rapazes e raparigas, porém divididos uns dos outros em boa ordem, e todos com papeis de solfa nas mãos.

E no meio da sala estava um grande estrado de altura de dois palmos e meio, e em cima delle muitos e varios instrumentos de cordas, como eram violas, harpas, alaúdes, tiorbas, bandurilhas, rebecas e rebecões, e cитарas, etc. ; e no outro lado do mesmo estrado, vi muitos instrumentos dedais, baixões, fagotes, cornetas, flautas, charamelas, etc. E em um canto da sala um organo, um cravo, e um monacordio; e encostado a uma parede da sala uma estante de muitos papeis de solfa, e livros da mesma arte.

E depois de nos termos cumprimentado, rompeu o mancebo Bellomodo nestas palavras: Sabei, Senhora Mestra da solfa, que por dita minha, chegou o Senhor Peregrino a este Palacio da Saúde, e territorio de deleites, a quem pedi viesse em minha companhia á vossa presença, por ser pessoa a quem Deus tem dotado de mui perfeitas partes, e artes liberaes, pelo que me tem feito presente; e

por esta razão tomei a confiança para lhe pedir, viesse em minha companhia a esta escola da musica, de que sois mestra com tanta acceitação de todos. Não prezo pouco, Senhor Bellomodo, (lhe respondeu a Mestra da solfa ao mancebo) o favor tão gratulatorio, que me fazeis; e ao Senhor Peregrino (falando comigo, me disse) lhe rendo as graças de tomar o trabalho de chegar a vir honrar esta escola do canto, com a sua primorosa e discreta pessoa.

Supposto, senhora, (lhe respondi assim) que em mim não reconheço os partidos, com que o senhor Bellomodo tanto me tem engrandecido: porque nasceram sem dúvida da sua generosa e honrada pessoa; só me fica a pena de não ser tão perito, e consumado nessas artes, como desejo, para satisfazer a cortezania, que me estais fazendo. Verdade seja que, sendo moço, algum tempo gastei em me occupar a aprendê-las, porém, hoje por andar nesta minha peregrinação, me considero muito alheio e remoto dellas, supposto que sempre fui mui venerador das sciencias, e artes liberaes, por conhecer o quanto se devem prezar, e estimar; e nesta em que vos exercitais com mui duplicada vontade; porque vos confesso ingenuamente, que sempre a prezei muito pelos grandes partidos que tem para ser muito estimada.

Já que, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da solfa) tanto vos tendes mostrado afeiçoado a esta arte, tomara que com mais individuação, me fizeras o favor diante destes meus discipulos publicar suas grandezas, para que elles com maior vontade se applicassem a aprendê-la.

Sabei, senhora, (lhe respondi eu) que fôra necessario mui largo tempo para vos dizer e declarar as grandes excellencias desta tão perfeita arte; porque, além de muitos e grandes autores terem dito, e escripto muitos volumes em seu louvor, a experiencia me tem mostrado, que entre as mais artes liberaes, é a musica a mais perfeita, e universal, e natural a todas as creaturas racionais e irracionais, como são os terrestres e volateis, e como cousa tão sabida me escuso de o explicar, e ainda as arvores compelidas dos ventos tangem, e cantam, e fazem o compasso com seus ramos; cantam as pedras, e os metaes; até os quatro elementos usam da consonancia da musica; finalmente, tambem serve a musica para a saúde corporal.

E por isso já houve quem lhe chamou princeza das artes: assim o disse Xenophonte e Agesilau; e o mesmo disse o doutor S. Gregorio Nazianzeno, e Napologo; e como as artes têm vinculos entre si, devem todos dar-lhe a perfeição, pois ella é entre as mais a mais perfeita, util, e necessaria para governo politico, e ainda para a arte militar, e mais uso das ciencias, como tambem para recreio da vida humana.

A musica, segundo Platão (*De Rep.*, dialogos 3.º, 7.º e 8.º), compõe o espirito para seguir as virtudes, instrue o animo para a consonancia da vida, regula as medidas para governo da Republica: diz Santo Agostinho que favorece as ciencias, renovando as forças do entendimento para o estudo.

Ella, segundo a doutrina de varios autores, é insinuadora da Theologia (1), norte da Jurisprudencia, semelhança da Astronomia, mãe da Oratoria, fundamento da Architectura: por isso lhe deram o nome de Musa, que se deriva da palavra grega, que significa inquirir, doutrinar, e assemelhar: quasi dizem que todas as sciencias têm vinculo entre si com ella, donde os Gregos equivocaram o nome de sabio, com o de musico; até para a elocção serve a musica, para a entoação das palavras: nos coros da musica se costuma antes de se começar a cantar darem tom natural, ou accidental.

É a musica tão universal, que dizem os Pithagoricos que por seus compassos fôra o mundo creado; os sabios affirmam que os céus cantavam: Licurgo dizia que a musica era natural aos homens: disse bem, mas disse pouco: porém, o que Licurgo não declarou, explicarei eu agora. Nasce o homem, e logo que nasce traz na mão esquerda a arte da solfa, e a mão direita livre para fazer o compasso. Isto sabem os professores desta arte quando começam a aprender. E já houve quem ainda antes de nascer, no ventre de sua mãe, entoou e cantou louvores a Deus. E isto succedeu ao Patriarcha São Bento, como consta da sua lenda.

Finalmente ensinou Deus a musica aos homens, por ver o quanto della haviam de carecer, e por isso não falta quem diga que é, ou tem signal de predestinado toda a pessoa que é inclinada a ouvir cantar, e muito mais quando nas igrejas se louva a Deus.

Erradamente diziam os poetas antigos, que fôra seu autor Apollo, e outros Mercurio, Orpheu, e outros muitos lhe deram por seus autores. E a razão era por supporem, como gentios, e faltos de fé, que uma arte tão divina podia ter inventor humano.

Na verdade, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da solfa) que estou mui paga, e satisfeita do que vos tenho ouvido manifestar dos louvores desta arte da musica. E supposto que tenho já lido em varios autores antigos e modernos suas excellencias; mas nunca com tanta novidade, como vos vejo agora repetir, porque vos posso certificar, que para mim é materia prima; pois vos ouvi dizer que tambem cantam, e tanger as arvores, fazendo o compasso; e que cantam as pedras e os metaes, e que até os quatro elementos usam da consonancia da musica, e que serve a musica para a saúde corporal: tomara que me fizeras o favor de me explicar o como succede isto nestas creaturas, para melhor ficar entendida das perfeições desta arte.

Haveis de saber, senhora, (lhe disse eu): que tanger, e cantam, e fazem o compasso as arvores, quando compelidas de algum brando terral, ou fresca viração, chegam as suas folhas, e as fazem tanger, e cantar com um sonoro rugido, e agradável consonancia, como succede aos coqueiros e palmeiras nas suas palmas, batendo umas nas outras, em fôrma de consonancia mui aprazivel, e o mesmo fazem as bananeiras com suas verdes e largas folhas; e as mais arvores, pela mesma causa da agitação do brando vento, estão fazendo o compasso com seus ramos, e outras dançando, como cheias de prazer e alegria, servindo-lhes as fragrantas flores de tecidos ramalhetes e grinaldas para adorno das suas capellas das musicas.

Vamos agora a mostrar, como vos prometti, senhora, como tambem cantam, e tanger as pedras pela industria dos homens. O Padre Francisco da Soledade (2), sacerdote do habito de São Pedro, que foi o primeiro que descobriu a Lapa do Rio de São Francisco neste Estado do Brasil, e nelle edificou aquelle famoso e milagroso Templo (3), onde acabou a vida com grande opinião de virtude, me certificou que havia na igreja um sino de pedra, que se ouvia em grande distancia o som delle (4).

No hospicio de Nossa Senhora da Piedade dos Religiosos Bar-

bonos de São Francisco (5), na cidade da Bahia, vi uma pedra que está no seu refeitório, que serve de chamar aos Religiosos, para irem fazer colação, que se ouve o som della em todo o convento.

Cousa bem sabida é, que ha muitas furnas de pedras, que falando-se ou cantando-se, respondem em echos, como quem fala, ou canta. Dois grandes penedos vi eu, que de muitos são bem conhecidos, um na costa das praias da villa de Camamú chamado Itaipú (6) e outro nas praias da costa do mar da cidade da Bahia, a que chamam Itapuã (7), que com qualquer mudança de tempo, se ouvem seus sons e vozes tres e quatro leguas, com tal circumstancia que, quando ha de fazer ruim tempo, canta com vozes sentidas, e estrondosas, e se é para succeder bom tempo, ouve-se com vozes alegres e sonoras.

Conta Plinio, alludido por Dona Oliva de Sabuco, no seu livro *Filosofia occulta*, a folhas 66 verso, que no tempo em que Roma dominava a cidade de Lisbôa, enviaram embaixadores a Tiberio imperador, só para lhe darem conta, e saber como haviam achado a um Triton, que é um peixe em figura de homem tangendo e cantando com umas pedras nas mãos.

A mim me certificou um homem digno de todo o credito, que andando á caça em cima de um outeiro, de donde via a praia da entrada da barra do rio das Contas (8), que é uma povoação que fica entre a villa dos Ilheus e a do Camamú, descobrira a um indio sentado em cima de uma pedra, com a cara para o mar, e as costas para a parte da terra, tangendo em duas pedras, que tinha nas mãos, com as quaes fazia consonancia; e parecendo-lhe ao homem que era algum indio, que por ali andava folgando, lhe deu um grito, e saltando de mergulho no mar, não tornou mais a surgir, com que veio o caçador na certeza que era um animal a que chamam peixe marinho, e os naturaes lhe chamam Itaporã (9); este se estava enlevando com a consonancia do toque das duas pedras. E assim vos tenho mostrado como tambem as pedras tocam, e cantam de sua virtude propria, e pela industria dos homens, e impulso dos animaes.

Mostrarei agora, como tambem cantam os metaes: cousa bem sabida é, a consonancia que fazem os sinos, clarins, trombetas, cor-

netas, pifanos, e os mais instrumentos feitos e fabricados de varios metaes pelo impulso do vento, e industria dos homens.

Vamos agora brevemente a mostrar como cantam os quatro elementos. Canta a terra, porque quando em alguma parte se acha vasia, ou concava, e nella se bate, ou pisam, costuma responder tom, tom, que quer dizer consonancia, ou tambem faz harmonia em qualquer instrumento de barro, botijas, potes, e outras vasilhas semelhantes.

Canta o mar, quando com suas brandas ondas nas margens de algumas praias, onde fazem remanso, ou enseada, se ouvem, como uma alegre e sonora harmonia, suas aguas: e tambem se ouve nos rios e fontes, em suas correntes, um alegre sussurro do correr por entre os penedios buscando seu centro, que é o mar, onde tambem cantam, e encantam as sereias com suas suaves vozes.

Canta o ar, e os ventos, porque quando se põe uma harpa temperada defronte de alguma porta, ou janella, compellida com o vento faz tal consonancia, que não pode haver melodia mais sonora. O mesmo fazem os instrumentos dedaes, a saber, baixões, fagotes, charamellas, e todos os mais, quando por impulso do vento, que lhes sopram, cantam e tagem.

Canta o elemento do fogo, quando vemos tremular, e fazer rugido uma vella, ou candeia: como tambem em uma fragoa de ferreiro, ou de ouvires, em que se vêm do fogo as linguas, como que proferem do canto as vozes, e formam da solfa as entoações.

Agora vos quero explicar, senhora, como tambem serve a musica para a saúde corporal. É a musica o que mais alegra o cerebro e o coração, porque é um genero de contentamento espirital, que alegra a alma; por cuja razão se une com o affecto recreativo do espirito, tanto que com a musica se cura o damno que faz o veneno. Sabido é aquelle remedio com que se curam as mordeduras daquellas aranhas da Provincia de Apulia chamadas tarantulas, que têm tanta peçonha e veneno, que a pessoa a quem mordem só cantando e bailando se livra do perigo.

Galeno, depois de consumado na sua faculdade da Medicina, aprendeu a musica, por reconhecer o quanto era necessario usar della para a saúde. Prova-se isto pelo que diz o Ecclesiastico,

40. 20, falando da musica onde diz, que tambem aproveita a saúde corporal.

Asclepiades escreve que aos freneticos aproveita a musica. Tambem Ismenias, medico thebano, curava muitas dôres, e outras enfermidades com musica. Theofrasto e Aulogelio dizem que a musica mitiga as dôres da ciatica e da gotta: além de outras enfermidades, que alivia muito o ouvir o harmonico da musica. Serve tambem para os melancolicos, e afflictos do coração, como se está experimentando a cada passo; pois vemos que os trabalhadores se aliviam do trabalho cantando: os presos, e afflictos, só cantando divertem as suas penalidades e afflicções.

Por cujas razões é esta arte por muitos titulos mãe digna de toda a estimação, e merecedora de se prezar muito, assim por servir nas igrejas de louvor a Deus no culto divino, como tambem para recreio dos maiores monarchas do mundo, e contentamento de todas as creaturas, e finalmente até para a conservação da saúde corporal, como vos tenho mostrado, é util e necessaria.

E sendo assim, é muito para sentir, ver o como usam mal della alguns homens com musicas lascivas, e cantos deshonestos, indignos de se poderem repetir entre catholicos; e por esta causa vão muitos, e levam outros comsigo ao inferno: e alguns se fazem aborrecidos pelo jocoso dos conceitos, como ouvi acontecer a uns musicos de orelha, que não eram professores desta arte. E foi o caso:

Que em uma noite dos Santos Reis, sahiram estes com varios instrumentos pelas portas dos moradores de uma villa, cantando para lhes darem os Reis (10), em premio do que uns lhes davam dinheiro, e outros doces, e fructas. etc., e chegaram a uma casa, e começaram a cantar um tono, cuja letra dizia:

Guerra travada se ruge
Entre Florencio e Floresta.
Accudi cá, minha Dama,
Que ferve a bulha na festa.

Andavam uns mancebos desenfadados, (por não dizer vadios) em seguimento dos musicos, e assim como os ouviram cantar com

tal concerto, ou desconcerto, começaram a apedrejá-los; e como os cantores vissem que lhes não podiam fazer resistencia, usaram de corridas, e os que os haviam apedrejado lhes foram contando os passos, ou compassos, nas pausas tacitamente.

Outro caso ouvi contar succedera na Bahia, nos tempos passados, quando se uzavam umas chulas, ou mangalaças. Estava certo soldado a sua porta cantando ao som de uma viola, e depois que punha fim ao quartetto, dizia por apoio da cantiga:

Não ha um raio para um triste
Que parta a um desdichado?

A este tempo ia passando um mancebo (do qual se conta acabara com grande reforma na vida, na religião de São Francisco) e tirando pela espada lhe deu uma grande cutilada, que o fez chorar, e sentir alguns dias o golpe do raio, que pedira cantando.

Na verdade vos digo, senhor Peregrino, me disse a mestra da solfa, que estou mui satisfeita do que vos tenho ouvido relatar com tanto acerto das excellencias desta arte da musica, e de como é tão universal a todas as creaturas, e autorizada com autores antigos e modernos, e do grande damno que faz aos que usam mal della. Mas tenho por ultimo que vos pedir duas cousas: a primeira é, que me digais em que consiste a definição de toda esta machina de solfa, que ha; porque me parece uma cousa quasi infinita a sua extensão, pela grande variedade que nella se acha. Em segundo lugar, que me façais a honra de cantar uma letra, em qualquer destes instrumentos para credito desta escola, e satisfação do gosto de todos os que presentes estamos.

Haveis de saber, senhora, lhe disse eu, que toda esta machina de solfa, que temos visto, composta pelos grandes contra-pontistas, que tem havido, e a mais, que se compuzer, toda se reduz a dois termos, e pontos, que vem a ser: cantar em toada, e a compasso: porque nestes dois termos, ou preceitos, está toda a inteireza e perfeição desta Princeza das Artes. E levantando-me sem mais cerimonia, peguei em uma viola, e depois de a temperar, e fazer um rojão, cantei esta letra:

O PEREGRINO DA AMERICA

Nesta palestra da solfa
Que é do mundo gloria e pasmo,
Quero cantar seus louvores,
E dizer seus predicados.

Que seja divino o invento,
Nem é novo, nem estranho;
Porque seu mesmo principio
Foi desses céus enviado.

Para que tambem os homens
Com regozijo e agrado
Dêem mil louvores a Deus
Em companhia dos Anjos.

A vista desta grandeza
E que muito que empenhado
Assim me mostre eu cantar
Os louvores deste canto.

E assim como puz termo á letra, disse á Mestra da solfa: Perdoai-me, Senhora, se vos não tenho satisfeito. E levantando-se todos mui gratos, mandou a Mestra aos discipulos que, em reciproco primor, me cantassem um tono a quatro vozes; e pegando elles em uma harpa, viola, e rebeca, cantaram a seguinte letra:

Com mui festivos applausos,
meu discreto Peregrino,
deve todo este congresso
applaudir vosso juizo.

Pois com tal erudição
formastes os elogios,
que o que da Arte pretendes
se divisa em vós cumprido.

NUNO MARQUES PEREIRA

Por cuja razão mui gratos
nos confessamos rendidos
a vossa idéa discreta,
a vosso extremado alinho.

Cante, pois, o mundo todo
com clarins da Fama finos
os multiplicados louros,
de que mil vezes sois digno.

E depois de render os agradecimentos á Mestra da solfa, e a seus discipulos, nos levantamos eu e o mancebo Bellomodo, e delles nos despedimos, os quais nos acompanharam até a porta, e chegando-se junto a mim a Mestra da solfa, me disse: Aceitai, Senhor Peregrino, esta limitada prenda, que servirá de lembrança da mercê, que me fizestes de vires a esta escola do canto. E logo me entregou uma regua de ouro, que podia ter palmo e meio de comprido, vasada pelo meio ao buril. Aceito, senhora, (lhe respondi eu) por não cahir na nota de ingrato, e menos cortez a vossa grande liberalidade, e cortezia. E com effeito nos despedimos.

NOTAS AO CAPITULO IV

(1) A musica na velha Universidade tinha um logar excepcional. O ciclo escolar compunha-se do Trivium (trivial...): Gramática, Dialética, Retórica; e Quadrivium: Musica, Aritmética, Geometria e Astronomia. (Vd. Joseph Calmette, *L'Élaboration du Monde Moderne*, p. 313, Paris, 1934). A gloria de tal esquêma pertence ao sábio Gerbert, depois Silvestre II, o "papa filosofo"... Ainda escrevia D. Francisco Manoel: "Não menos a Musica (que tambem podemos contar por faculdade divina) nos deu grandiosos sujeitos...", *Cartas Familiares*, ed. de M. Rodrigues Lapa, p. 237, Lisbôa, 1937.

(2) A história do "monge" que fundou o culto de Bom Jesus da Lapa é obscura e edificante. Chamava-se Francisco de Mendonça Mar e era português e pintor, dizem frei Agostinho de Santa Maria e Rocha Pitta, que primeiro lhe publicaram os prodigios. Matias da Cunha, o governador geral que morreu em 1688, — incumbira-o de concertar a casa que comprára para aumentar o Palacio. Reclamou o pagamento a el-rei e ao governador D. João de Lencastro. Chegou a ter bom peculio, acrescenta o autor da *História da América Portuguesa*, porém, desenganado das cousas do mundo, preferiu abandoná-las, entrando os sertões como um ermitão em busca de sua gruta. A da Lapa era famosa entre os "emboabas", que subiam o S. Francisco.

O PEREGRINO DA AMERICA

Provavelmente deles ouviu o elogio do lugar. Valorizava-o a circunstancia de ficar no trajéto dos "mineiros", que assim encontrariam, na róta para a aventura, a suprema advertencia de Bom Jesus... O monge Francisco da Soledade esqueceu, na Lapa, o insignificante Mendonça Mar. Creou um dos Santuários mais celebres do país. O arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide chamou-o e o fez padre e capelão do templo instalado na gruta (1706). Em carta de 1717 declarou o P. Francisco da Soledade "sacerdote do habito de São Pedro, ha 26 anos existente na Lapa do Bom Jesus..." ter ali um verdadeiro hospicio onde se demoravam clérigos e viajantes. Portanto desde 1691... (P. Turibio Villanova Segura, *Bom Jesus da Lapa, resenha histórica*, p. 120, S. Paulo, 1937). Faleceu depois de 1722.

O A. esteve na Lapa, pois nos diz: "me certifiquei que havia na igreja, etc." Se por lá passou em 1704, ano do documento, citado no volume anterior, que lhe noticia a fuga, o cenobita ainda não tinha ordens sacerdotais. "Onde acabou a vida com grande opinião...", acrescenta: o que confirma a suposta data do seu desaparecimento.

(3) Veja-se a descrição do P. Turibio Villanova, *op. cit.* Este é também o bom vigário do "famoso e milagroso Templo".

(4) A alusão ao sino de pedra é do "*Santuário Mariano*", cit. Diz-mos o P. Turibio Villanova que o destruiu o incendio que em 1903 lavrou na velha capela. "Este sino era um fonolito, ou pedra de som, que pendia do tecto, em forma de formosa e grande estalagmite, no centro de uma cavidade, frente do altar da Sacristia e perto da varanda ou janela de Santo Antonio. Foi destruido pelo fogo no incendio de 1903", *op. cit.*, p. 94.

(5) O hospicio da Piedade, de capuchinhos italianos, data de 1679, sendo fundadores os padres fr. João Romano e fr. Tomaz de Sóra. "Edificaram uma pequena casa e depois de terem habitado nela por algum tempo, a mandou o serenissimo Principe Regente de Portugal o sr. D. Pedro dar aos Religiosos franceses da mesma ordem de que era Prefeito o padre fr. Jaques. Fundaram estes uma igreja assejada, posto que pequena e o convento sufficiente em que assistiram por vinte anos, quando no de 1702 o mandou o mesmo Senhor, quando já Rei, restituir aos Padres italianos de quem era Prefeito ou superior o Padre fr. Angelo de Napoles, o qual o ampliou e poz na grandeza em que existe, com o acrescimo de algumas mais obras que a necessidade tem pelo tempo exigido. Concorre áquele Santuário da Senhora da Piedade muito povo devoto...", Vilhena, *Cartas Soteropolitanas*, II, 466. Acrescenta Francisco Vicente Vianna: "Essa igreja sofreu profundas mudanças no principio do seculo actual, quando o Prefeito fr. Antonio de Rocca e fr. Arcangelo de Ancona, na época da occupação da cidade pela tropas portuguezas, com esmolas que haviam adquirido reformaram-na inteiramente ao gosto romano, precedendo para isto licença regia em aviso de 18 de Janeiro de 1808. A civilização muito deve a estes frades, na fundação e desenvolvimento que tiveram as missões de Pacatuba, de indios da tribu Carrapato; S. Pedro dos Romanés; Rodelas, Acapá e Vargem dos indios Trocazes; Pambú, Cavallo, Taperoá e Vacarapá de indios Kasinos; rio de Contas e S. Felix de Guerens", *Memória sobre o Estado da Bahia*, p. 309, Bahia, 1893. O templo da Piedade é presentemente um dos mais belos e frequentados da cidade.

(6) Itaipú, de ita-ypú, a fonte das pedras, manancial saído de pedras ou rochedo, cf. Teodoro Sampaio, *O Tupi na Geografia Nacional*, 3ª ed., p. 231.

NUNO MARQUES PEREIRA

(7) Itapoan, da ita-apuã, bloco de pedra ou pedra redonda, Theodoro Sampaio, *op. cit.*, p. 235. Gabriel Soares escreveu: “é uma ponta saída no mar, com uma pedra no cabo cercada dele, a que o gentio chama deste nome, que quer dizer pedra baixa...”, *op. cit.*, p. 51.

(8) Barra do Rio das Contas — foi povoação indígena, cuja capela o arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide elevou a freguezia. A donataria de Ilhéos, condessa de Rezende, mandou crear a vila em 27 de Janeiro de 1732, vd. Borges de Barros, *Dicionário Geogr. e Hist. da Bahia*, p. 148. O ponto elevado a que se refere o A. pode ser Pontal de Pedra.

(9) De peixes bois e outros entre Camamú e Ilhéos já falava Gabriel Soares: “cousa que faz grande espanto”, *Trat. Descritivo*, p. 55. A “hipupiára” descrita por Pero de Magalhães Gandavo, como tendo lutado com um morador de S. Vicente em 1564, levanta-se “como um homem” (*Hist. da Prov. de Santa Cruz*, p. 122).

(10) Os “reisados” vieram de Portugal e floresceram nestes seus domínios — como testemunha Nuno Marques Pereira, dando-nos os mais antigos versos que se conhecem, dos bailes e cortêjos que se faziam em todo 6 de Janeiro. E desde a véspera...

Chamam-se “ranchos”, na Bahia, esses grupos de cantôres. Numerosos e inspirados poetas ha dous seculos lhes alimentam o entusiasmo com as suas “quadras” harmoniosas, o seu lirismo suave e risonho.

Vinde abrir a vossa porta,
Se quereis ouvir cantar;
Acordai, se estais dormindo,
Que vos viemos festejar.

Os três reis de longas terras
Vieram ver o Messias,
Desejado ha tanto tempo
De todas as profecias.

.....

(Cf. Manuel Quirino, *A Bahia de Outr'ora*, p. 20, Bahia 1922).

Mello Moraes Filho coligiu multiplas cantigas de reisados, secundando as pesquisas folclóricas de Silvio Romero. Na Bahia, porém, a alegria da noite santificada não se atenuou ou corrompeu com o tempo: persiste a boa tradição, uma das poucas, por sinal, que o povo conservou, pura e apaixonada...

CAPITULO V

Como o Peregrino chegou á segunda sala, e nella achou a Mestra da Poesia, e lhe relatou o Peregrino os principios e excellencias daquella arte, e de como alguns homens usaram mal della, e por essa razão lhes aconteceu varios damnos, e se fizeram aborrecidos.

DEPOIS de nos termos despedido da Mestra da solfa, fomos andando por uma sacada, que tinha mais de seis palmos de largo, e trinta de comprido, com grades de ferro; e chegando a uma porta, que estava aberta, entramos em uma espaçosa sala, e alli achamos uma veneravel matrona sentada em uma cadeira, e junto a si um bofete, e em cima alguns livros, e de uma e outra parte da sala muitos mancebos mui bem trajados, e junto ao bofete da mestra algumas moças honestamente compostas: e assim como entramos se levantou a veneravel matrona, e o mesmo fizeram os seus discipulos, os quaes nos receberam com mui perfeito termo de cortezia, e logo nos mandou a matrona sentar.

Rompeu o mancebo Bellomodo nestas palavras: Por reconhecer, Senhora Mestra da Poesia, o muito apreço e estimação, que fazeis dos homens praticos, e versados nos estudos, e artes liberaes, pedi ao senhor Peregrino se dignasse de acompanhar-me a vossa presença; pois nelle reconheço os dotes, com que o céu o tem enriquecido de mui perfeitas partes e illustrado de um feliz entendimento.

Bem reconheço, Senhor Bellomodo, (disse a Mestra da Poesia ao mancebo) o quanto vos vivo obrigada pelo que merece vossa cortezia e affecto cordeal com que me tratais, e agora mais que

nunca pelo favor que me fazeis de me quererdes lisonjear o gosto em trazer a esta classe, ou certamen poetico, ao Senhor Peregrino, do que vos não estou menos obrigada: mas visto termos esta oppor-tunidade de tempo, quizera pedir-vos um favor. Vêde, Senhora, (lhe disse eu) em que vos possa servir, que estou mui prompto para vos obedecer. Vem a ser, Senhor, (me disse a Mestra da Poesia), que visto como vos considero tão versado nas artes liberaes, segundo o que me tem feito presente o Senhor Bellomodo, me façais a graça de dizer o que sentis desta arte da Poesia, que supposto tenha sido tão estimada nos seculos passados, hoje, se não está desprezada de todos, de alguns a vejo menos estimada.

Se é credito de quem manda, haver logo quem lhe obedeça, Se-nhora, (lhe respondi) só por este principio, quando me não consi-derasse tão obrigado a vosso primor por tantos titulos, o fizera: mas como me considero tão falto de sciencia, como de verdadeiras noticias para poder fallar de tão superior e perfeita arte, temo e receio não satisfazer a vossa vontade, como me persuade o meu desejo, mas fiado na vossa nobillissima pessoa, e claro entendi-mento, direi o que sinto com toda a submissão.

Famosa se fez sempre em todos os seculos, esta nobilissima arte da Poesia, assim pelo elevado de sua cadencia, como pelo rele-vante de seu estylo, merecendo os creditos de preciosa e soberana pelas estimações, que lhe deram os homens, grangeando a sabedoria de Minerva, e os encomios de Apollo. E se a nobreza desta famosa arte tanto tem avultado no mundo, quem haverá que, sem a nota de pouco advertido, se queira atrever a aniquillar, ou deslustrar sua grandeza, e graduação; sendo dos melhores homens de enten-dimento, e ainda de grandes personagens, e principes, tão louvada, e applaudida; pois é certo, que nos poetas se comprehendem todas as sciencias, e as mais relevantes noticias.

São os versos uma recreação honesta, em que o entendimento tanto se diverte, que esquecendo-se do penoso que o afflige, se suaviza na occupação de os compor, ou ler, não só entre a gente popular e plebea. mas tambem entre os mais nobres e grandes principes, e reis. de quem tiveram grande estimação. El-Rei David compez psalmos em versos; o nosso primeiro Rei de Portugal

D. Affonso Henrique tambem foi poeta, e compositor delles, que ainda hoje se conservam de manuscrito; D. Diniz, VI Rei de Portugal, sendo moço, tambem foi poeta, e compoz varias obras em versos, que mandou a seu avô D. Affonso X, Rei de Castella, a quem chamaram o Sabio. O filho do mesmo Rei, D. Pedro, Conde de Barcellos, tambem fez versos, quando compoz o livro das gerações; D. Pedro I tambem fez versos. E o Infante D. Pedro, filho de El-Rei D. João I, fez versos em louvor da cidade de Lisboa; o nosso muito e poderoso senhor Rei D. João IV foi muito amante das artes liberaes, e sciencias, por cujas razões fez a muitos de seus vassallos, por terem boas partes, grandes homens.

O condestavel mór do Reino de Portugal, D. Nuno Alvares Pereira, tambem fez versos, e eu me lembro ter lido algumas decimas, que fez em louvor de sua dignissima esposa. Hyeronimo Côrte Real foi grande poeta; Francisco de Sá de Miranda tambem o foi, e tão famoso, que chegou a lograr o nome de Platão Lusitano, pelas suas admiraveis obras, como se podem ver no seu livro, que deu ao prelo. D. Francisco Manoel tambem foi mui venerador da Poesia, e deu tambem suas obras em verso á estampa. Deixo de repetir outros muitos grandes poetas do nosso Portugal, que foram dotados desta famosa parte, como se pode ver de muitos livros, que se deram á luz; além de outras muitas obras, que, dispersas, se acham em poder de varios curiosos; porém, eu não deixarei de publicar, e fallar do nosso famoso Homero Lusitano, Luiz de Camões, que teve o melhor lugar entre os melhores poetas antigos e modernos, gregos e latinos, no idioma portuguez.

No nosso Estado do Brasil (fallo dos Nacionaes da cidade da Bahia, e seu reconcavo) foram, e são tantos os poetas, que bem pudera eu dizer, que nelle estava aquelle decantado monte Parnazo, onde disseram os antigos existiam as Musas; porque verdadeiramente apenas se acharam, entre cem filhos do Brasil que versaram e versam os estudos, dez que não sejam poetas, porque os noventa todos fazem versos latinos e vulgares: e porque não fique no lethargo do esquecimento os de maior nota e graduação, direi parte delles; porque nomear a todos fôra um processo infinito.

O muito Reverendo Padre Antonio Vieira, religioso da Com-

panhia, foi insigne poeta (1). Seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, secretario que foi deste Estado do Brasil, tambem foi famoso poeta (2). Da mesma sorte o foram o Padre Euzebio de Mattos (3) e seu irmão o doutor Gregorio de Mattos (4). O Capitão mór Manoel Botelho de Oliveira o foi, e deu seus versos ao prelo, como se pode ver do seu livro das quatro musas (5). O Licenciado Gabriel Vieira (6) O Capitão Francisco Pinto, filho da villa do Cayrú (7). E os que ainda hoje existem não será razão que os deixe de nomear:

O Coronel Sebastião da Rocha Pitta é mui famoso poeta, principalmente de versos de arte maior (8). O Capitão João de Brito Lima, cujos versos já se imprimiram (9). O Licenciado Manoel de Medeiros é outro Lope da Veiga nos seus versos comicos. O Capitão Manoel Teixeira de Mendonça (10) faz mui bem versos com bom assento e estylo, e sendo moço foi famoso musico. Meu mestre da solfa, o Padre Francisco da Costa Carqueja (11), foi mui venerador da poesia, e fazia as lettras para a solfa, que compunha, e muitas vezes lhe ouvi dizer que não sabia como podia ser bom musico quem não fosse poeta.

Finalmente são tantos os poetas, que se de todos fizera menção fôra necessario um grande catalogo; e para prova do que vos digo, senhora, vejam-se as obras poeticas, que se fizeram nas Academias, que mandou fazer o Conde de Sabugosa, no tempo do seu governo na cidade da Bahia (12)

Não fallo aqui dos grandes poetas, que tem havido, e há no Rio de Janeiro, Pernambuco, e mais cidades, e villas deste Estado do Brasil; porque foram, e são tantos, que se juntaram todas as obras poeticas, que se tem feito, se fariam muitos volumes (13).

Em Castella não menos, e outros Reinos estranhos, houveram muitos principes, e reis, que foram mui amantes desta arte da poesia. e o Imperador Carlos V fez grandes honras aos poetas do seu tempo. El-Rei Felipe IV fez tambem muitas estimações da poesia. e não menos foi insigne poeta. Os fidalgos daquelle Reino, muitos prezaram a poesia, como estamos vendo nas multiplicadas obras, que andam impressas em varios livros, nas quaes se mostram com toda a verdade. O Conde de Villamediana, D. Joan

de Tarsis, deu ao prelo um livro intitulado *El Fenix Castellano*. D. Antonio de Mendonça deu um livro á impressão das suas obras lyricas.

Do famoso D. Francisco de Quevedo é testemunho do muito que teve de poeta, além de outras muitas obras, o seu livro do *Parnaso*, que teve grande acceitação pelo relevante do estylo (inda que picante). D. Luiz de Gongora foi aquelle tão subido poeta, que ainda até hoje, não houve quem o fizesse descer: além de outros muitos, entre os quaes tiveram não pequeno lugar os famosos Garcilasso de la Vega e Lope de la Vega Carpio, que um e outro illustraram a sua patria com as suas tão discretas, como entendidas obras poeticas, que tiveram e têm mui grave acceitação em todo o mundo.

Finalmente para credito desta arte basta ter havido no mundo homens de mui conhecida virtude, e superiores dignidades, que foram muito amantes della. Entre em primeiro lugar o santo Pontifice Damaso nosso portuguez, que como famoso poeta soube estimar muito esta arte. Do Papa Urbano VIII nos testificam havê-lo sido, os hymnos que fez no breviario romano. Do veneravel Padre Joseph de Anchieta, religioso da Companhia de Jesus, os versos latinos que compoz em louvor da Virgem Nossa Senhora, e andam impressos na vida do mesmo veneravel Padre (14): e de Santa Theza de Jesus os repetidos versos, que compoz ao divino. Nem fique de fóra da série, a soror Violante do Céu, religiosa de São Domingos, que illustrou assim as suas religião e patria como o engenho das mulheres com os muitos versos, que fez tambem ao divino; além de outros muitos, que para cousa tão sabida, me escuso repeti-los.

Lembra-me agora, por fallarmos em versos ao divino, um soneto, que fez São Francisco Xavier a Christo bem nosso, para prova de que nem os Santos desprezaram esta arte, inda fallando com Deus em seus soliloquios: se é, senhora, que ainda o não tendes visto, ou ouvido? Muita mercê me fareis, Senhor, (me disse a Mestra da Poesia) em o repetir.

SONETO

Não me move, Senhor, para querer-vos
A gloria que me tendes promettido,
Nem me move o inferno tão temido
Para deixar por isso de offender-vos.

Moveis-me vós, Senhor, move-me o ver-vos
Prégado nessa Cruz, e escarnecido.
Move-me o vosso corpo tão ferido,
E essa morte, que vejo padecer-vos.

Minha alma em vos amar tanto se esmera,
Que inda a faltar o céu, eu vos amara,
E não havendo inferno, vos temera:

Nada por vos amar de vós espera,
Pois, se o que em vós espero não esperara,
O mesmo que vos quero vos quizera.

Por certo, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Poesia) que me não pudéreis repetir cousa de mais agrado, e contentamento, tanto pelo assumpto a que foi feito, como pelo autor, que o compoz. Podeis continuar vossa narração, que todos com muita attenção gostamos de vos ouvir.

Sabei, senhores, (proseguí eu) que foram sempre muito estimados e honrados os poetas dos melhores juizos, que com muita razão conheceram a excellencia desta arte, não só pela comprehensão de grandes e elevados conceitos, que encerra em breves discursos, como porque sempre como divinos foram reconhecidos, e parece que assim o insinuou Ovidio, quando disse:

Est Deus in nobis sunt, et commercia coli,
Se dibus ætheris spiritus ille venit.

Confirma-se esta verdade, de grande estimação que tiveram os poetas, pelo que succedeu ás sete cidades, quando contenderam, qual fôra a patria de Homero. Archelao, Rei de Macedonia, consagrou grandes honras a Euripides. Alexandre Magno, querendo destruir, e combater a cidade de Thebas, mandou primeiro, que na casa e familia de Pindaro, poeta vizinho della, não se tocasse. De Virgilio aprenderam muitos poetas doutos e graves o facundo do escrever em verso, como na Cabalina bebiam os antigos, e bebem os presentes poetas o florido e elegante methodo da poesia. Não repito o mais que fizeram grandes reis e monarchas de honras a outros, porque me falta o tempo.

E supposto que hajam alguns criticos, que fazem escandalo, e reparo de tudo, e murmuram tambem dos que fazem versos, razão porque andam já alguns homens, que tem propensão para a poesia, muito ás escondidas fazendo versinho, e ás vezes com o nome supposto; porque lhe não chamem poeta, como se o ser poeta fôra vileza: sendo que só poderiam ser notados quando de tão perfeita arte usam mal della.

E outros que pelo pouco conhecimento da poesia, dizem que esta parte regularmente não depende de arte; porque basta só que tenha, ou haja veia, para fazer versos: como se não necessitara de regras, preceitos, figuras, tropos, sinalefas, e de outras muitas regras, e documentos, como se pode ver em qualquer arte poetica. E assim digo que tudo lhes nasce da ignorancia em que vivem estes taes: por cuja razão disse o nosso grande Luiz de Camões que quem não sabe da arte, não a estima: e outra douda penna ao mesmo intento, que saber fazer versos era gala do entendimento, e condemná-los por indignos inveja de nescios.

Com que concluo com dizer, que as artes não podem deslustrar nem desfavorecer o juizo dos homens, quando dellas usam licitamente. A moderação com que se usa das artes é que lhe dá mais ou menos preço e estimação, e assim sem razão se nota a um poeta de o ser, quando só deve ser louvado, e applaudido.

Com que, sendo como é esta arte, por tantos titulos digna de ser estimada, é para sentir a multidão de poetas, que tão mal usam della com assumptos profanos tão mal soantes, como indignos de

se poderem proferir entre catholicos, e outros prezando-se de satyri-
 zizar a seu proximo com infamias e injurias no credito e honra,
 sem se envergonharem de deslustrar uma tão famosa arte por modo
 tão indigno de se praticar entre homens, que presumem ter enten-
 dimento: sendo que só é entendido, e sabe bem dizer, quem diz
 bem de todos, e mal de si: e não ha algum destes maldizentes,
 que não tenha tambem faltas dignas de muita nota. Bem co-
 nheceu esta malicia Alexandre Magno, quando matou um poeta
 a fome por maldizente e satyrico.

E por isso já houve quem disse que é mais para temer a penna
 de um poeta satyrizante, que a lingua de murmurador; porque o
 murmurador é ouvido dos que estão presentes, porém, uma penna
 satyrica vôa, e vai passando de mão em mão, de treslado em tres-
 lado, com grande detrimento da honra e credito do proximo: e
 por esta causa tem acontecido grandes desgraças no mundo.

Veja-se o que succedeu áquelle grande poeta Gregorio de Mat-
 tos, de quem já fallei, e bem conhecido foi por seu grande talento,
 que fazendo uns versos satyricos a certa personagem, foi dester-
 rado da Patria, e fóra della acabou miseravelmente, sem mais glo-
 ria, que a de ser conhecido por poeta satyrico, nome que grangeou
 tanto á custa de seus trabalhos e miserias (15).

Tambem vos contarei, senhora, o que vi succeder a um man-
 cebo, que assistia em certa villa mui prezado de satyrico; era meu
 vizinho, e tinha com elle alguma amizade. Em uma tarde sahi eu
 fóra de casa, e passando pela sua porta lhe fallei da rua, veio logo
 á janella, e perguntando-lhe se queria que fossemos ao passeio?
 respondeu-me, que estava com certa occupação, e por isso me não
 acompanhava: com effeito delle me despedi. No dia seguinte me
 disseram, que tinha vindo para sua casa com duas cutiladas, e com
 o cirurgião para o curar (16). Fui logo vê-lo, e perguntando-lhe
 quem lhe fizera aquelle malificio? respondeu-me: que se lhe originara
 daquella occupação, com que no dia antecedente, me havia dito,
 estava, que era fazendo uma satyra a um homem, o qual se despi-
 cou com aquellas duas cutiladas, que lhe dera.

De outro satyrico vos contarei, senhora, o que succedeu tam-
 bem: e foi o caso, que fazendo este outra satyra a um homem, lhe

mandou dar uma cutilada pela cara, e no dia seguinte lhe mandou pôr na porta este pasquim:

O mal e o bem á face vem: gloze-me este mote, Senhor Poeta.

Posso-vos affirmar, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Poesia) que tendes muita razão no que tendes dito acerca dos poetas maldizentes e satyricos, e assim se deve reprovar ao homem que tão mal usa de uma arte tão perfeita: o que supposto, outro favor tenho que vos pedir. Muito prezarei, senhora, (lhe disse eu) haver cousa em que vos possa servir. Vem a ser (me disse ella) que me glozeis o titulo de uma comedia, que se ha-de representar esta noite, em uma decima, ou quartetto, porque este senhor Presidente tem ordenado, que se lhe não façam loas dilatadas, e que só se diga o titulo da comedia em um verso. Supposto, senhora, (lhe disse eu) que ainda até o presente vos não tenha dito, que era poeta, nem tão prompto, que possa glozar de repente: comtudo, por vos obedecer, farei o que puder; porém, é necessario que me digais o enredo da comedia, e o seu titulo.

O enredo é, Senhor, do naufragio que succedeu a Diogo Alva-
res nas praias da cidade da Bahia, e o titulo vem a ser *El dichoso Naufragante*. Pedi logo penna, papel e tinta, e fiz uma decima, em que me parece satisfiz ao pedido. E depois de a ter feito a offereci cortez á Mestra da Poesia, que primorosamente m'a acceitou, e disse aos mais circumstantes, que na função da comedia, que se havia de representar, a ouviriam repetir. E eu lhe disse: Já que tive a fortuna, senhora, de chegar a este nobre certamen poetico, tomara que me fizereis o favor de me mandares glozar tambem um mote. Dizei, Senhor, (me disse ella) porque tudo faremos, por vos dar gosto, e pelo muito, que nos estais merecendo.

MOTTE

Sem conta, peso, e medida,
Vivo no mundo, de sorte
Que não sei, chegando a morte,
Que conta darei da vida.

Mandou logo a Mestra da Poesia, repetir os pés do quartetto por quatro discipulos, e que glozasse cada um em decima o pé que lhe tocasse, em observancia do que, promptamente o glozaram na fórma seguinte:

GLOZA

Quem na vida a conta ajusta
Com peso e medida prompta,
Como leva certa a conta,
Ao dá-la em nada se assusta.
Mas muito ajustá-la custa
Ao que nesta fragil vida
Pela culpa distrahida
Com lastimosa desgraça
No breve termo que passa
Sem conta, peso, e medida.

Excita-me este motivo
A considerar-me absorto,
Mais eternamente morto,
Que temporariamente vivo.
Cujo pezar excessivo
É tão vehemente, e forte,
Que se na conta da morte
A alma triste considera
Como assim se não vivera
Vivo no mundo de sorte.

Em os mares alterados
De meus vagos pensamentos
Padeço mil descontentos
Todo cheio de cuidados.
Assim já todos errados
Cuidando na minha sorte,
Não sei o como me porte

O PEREGRINO DA AMERICA

A tal conta que me espera,
Neste caso que dissera?
Que não sei chegando a morte.

Na conta considerando
Que tão estreita hei de dar
Querendo as culpas sommar
As vou mais multiplicando.
Da vida a conta sommando
A vejo mui dividida,
Como prova vai perdida;
Levando mal ajustada
A conta da vida errada
Que conta darei da vida?

Com muita razão se diz, senhora, que na casa cheia, depressa se faz a ceia: e agora o experimento na promptidão com que estes senhores vossos discipulos com tanto primor e arte glozaram o mote, que vos pedi; e assim fico no cabal conhecimento da agudeza do vosso engenho, e destes senhores vossos discipulos. Não menos, senhor Peregrino (me respondeu ella): fico satisfeita de vos ter ouvido repetir com tanto acerto e discrição os creditos e louvores desta arte, e de seus professores.

Porém como de alguma sorte me quero mostrar grata ás finezas, em que vos fico, acceitai esta limitada prenda, que vos servirá de lembrança do muito que vos fico obrigada. E dito isto, me offereceu um cartão de ouro, em que mettia os bicos das pennas com que escrevia, feito com muito artificio, que podia ter de peso dez oitavas; e levantando-nos eu e o mancebo Bellomodo, lhe disse: Aceito. Senhora, a prenda, que me offereceis, não pelo valor della, mas pela muita estimação, que devo fazer de vossa generosidade. E despedindo-nos della, e de seus discipulos, acompanhados de todos até á porta da sala, nos retiramos.

NOTAS AO CAPITULO V

(1) Embora nascido em Lisboa, 6 de Fevereiro de 1608, Antonio Vieira pertence á “escola bahiana”, ou geração de humanistas, oradores e poetas que na Bahia floresceu entre 1640 e 1700. Realmente veio criança, com seis anos de idade. Conservou o sotaque “brasileiro”, por alguns reputado entre os seus atrativos no pulpito português: uma pronuncia nova... Viveu largamente: até 1697. Leia-se J. Lúcio de Azevedo, *História de Antonio Vieira*, 2 vol., 2ª ed., Lisboa 1931: é a sua definitiva biografia. O mesmo autor deu-nos uma edição comentada em tres tomos das Cartas, que a completam. Aí e alí o que se sabe do maior dos pregadores portugueses de todas as épocas. Aliás o P. Serafim Leite nas suas investigações feitas nos arquivos da Companhia de Jesus encontrou uma dezena de epistolas inéditas de Vieira: e nos volumes que em breve publicará de sua *História da Comp. de Jesus no Brasil*, seculo XVII, nô-lo apresentará iluminado pela documentação que faltou a J. Lúcio de Azevedo.

“*Vieira Brasileiro*”, chamou-lhe Afrânio Peixoto, recompilando-lhe o melhor dos sermões e das missivas.

Não errou o A. dizendo-o tambem poeta. É fr. João de S. José quem informa: “Poucos sabem que ele o foi. Em nome da guarda do colégio da Companhia fez ele a el-rei D. João IV a seguinte *Canção panegirica*. Transladei-a dos seus papeis apreendidos na busca que o Santo Officio lhe fez”. Camillo, *Memórias do Bispo do Pará*, p. 79, Porto, 1868.

(2) Bernardo Vieira Ravasco, irmão do padre Antonio Vieira, nasceu na Bahia e aí faleceu, 1617-1697. “É a pessoa de maior experiência daquele Estado”, elogiou-o o grande jesuita, *Cartas*, I, 426, ed. de 1886. Fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo, alcaide mór de Cabo Frio, secretario (o 1º) do Estado do Brasil, foi soldado na mocidade, poeta, personagem de vasta influência na colonia. Capitão de infantaria em 1638, figurou na defesa da praça atacada pelo príncipe de Nassau; foi ferido nas lutas pela recuperação de Itaparica tomada por von Schkoppe... Exerceu a secretaria do Estado a partir de 1646. Esteve preso no governo do conde de Obidos em virtude de uma conspiração contra a autoridade deste (1665) e participou da agitação que houve na Bahia em 1683, quando do assassinio do alcaide Francisco Telles de Menezes. Em 1681 exerceu a provedoria da Santa Casa. Gregorio de Mattos e Manoel Botelho de Oliveira gabaram-lhe as poesias, das quais poucas — e desvaliosas — chegaram até nós.

(3) Eusebio de Mattos, 1629-1692, irmão de Gregorio, jesuita e depois carmelita, foi um pouco de tudo, e em tudo notavel: orador sacro (*Sermões*, 410 pgs., Lisboa, 1694), poeta, humanista, pintor... “Tarde se creação na Companhia outros Mattos”, disse desolado Vieira, ao saber que a tinha deixado... Afrânio Peixoto, *Peq. Hist. da Liter.*, p. 97.

(4) Gregorio de Mattos Guerra, 1633-1696, natural da Bahia como o precedente, e filho do português Gregorio de Mattos (cf. documento que encontramos no arq. da Miz. da Bahia), pode ser hoje avaliado, como poeta satirico, lirico, sacro, através dos seis volumes das *Obras* que lhe imprimiu a Academia Brasileira, no ultimo dos quais ha, sintese biográfica, suficiente material histórico para que se lhe complete o retrato excelente de Araripe Junior. Foi célebre no Brasil e na metropole.

O PEREGRINO DA AMERICA

(5) Manoel Botelho de Oliveira nasceu na Bahia em 1636 e aí faleceu em 5 de Janeiro de 1711. Formou-se na Universidade de Coimbra. (Vd. Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, e Manoel de Souza Pinto, Pref. á 2ª ed. das *Obras de Botelho de Oliveira*, Academia Brasileira, 1929, p. 25). Foi advogado, vereador na sua cidade natal, senhor de engenho e capitão mór das ordenanças de Jacobina. Fez a guerra aos "mocambos" do Rio do Peixe e Gameleiras. Teve o posto de capitão mór desses distritos por haver emprestado 22 mil cruzados de sua fazenda para as obras da Casa da Moeda da Bahia, *Livr. de Patentes do Governo*, 1678-1688, f. 241 v., arq. do Est. da Bahia, ms. Intitulou-se o primeiro poeta brasileiro que publicou versos (Lisbôa, 1705). "*Musica do Parnasso*" e "*Ilha da Maré*", sua obra prima, foram reimpressas pela Academia, na coleção Afrânio Peixoto.

(6) O licenciado Gabriel Vieira parece ser o indicado por fr. Jaboatão, *Cat. Geneal.*, p. 223, Gabriel Vieira de Araujo (filho de João Vieira, natural da vila de Guimarães, casado com D. Anna Monteiro de Abreu, filha do capitão Domingos Monteiro de Abreu, que viêra com o conde de Castelo Melhor), pae dos padres Manoel Monteiro de Abreu e Miguel Vieira Monteiro, vigários respectivamente de Cotinguiba e do Rosário na cidade.

(7) O capitão Francisco Pinto, "filho da vila de Cayrú", é sem dúvida o indicado no *Catalogo Genealógico*, de fr. Jaboatão, p. 326: "D. Maria Garcez d'Eqn, mulher de Francisco Pinto, o velho, do Cayrú"

(8) Rocha Pitta, nascido na Bahia, 1660-1738, alferes aos dezoito anos, respeitando "ser sobrinho do desembargador João da Rocha Pitta", *Documentos Históricos*, XXVII, 107, bacharelou-se em canones, chegou a coronel do regimento privilegiado das ordenanças da Bahia em 1694, ganhou fôro de fidalgo em 1701, pertenceu á Academia Real de História Portuguesa, como supranumerário, e foi um dos fundadores da Academia Brasilica dos Esquecidos. O seu titulo ao apreço da posteridade é a *História da Améieca Portuguesa*, Lisbôa, 1730, que apesar de sua retórica, por vezes extravagante, representa a melhor contribuição da Academia do conde de Sabugosa á literatura do país. Rocha Pitta foi poeta secundário, mesmo detestavel... (Vd. Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*).

(9) O capitão João de Brito Lima nasceu na Bahia em 22 de Outubro de 1671 e morreu em 25 de Novembro de 1747. "Além de varios poemas pauegíricos e gratulatorios, publicados, deixou outros inéditos", Afrânio Peixoto, *Peq. Hist. da Literatura Brasileira*, p. 123, Rio, 1931. Pertenceu á Academia Brasilica dos Esquecidos, Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*

(10) O capitão Manoel Teixeira de Mendonça é filho do "bacharel" João Teixeira de Mendonça a quem Gregorio de Mattos dedicou uma sátira, *Obras*, II, 229. Faleceu aos 70 anos de idade em 20 de Fevereiro de 1734, Jaboatão, *Cat. Geneal.*, p. 240. Foi capitão das ordenanças da cidade da Bahia. Herdára do pae e avô o officio de escrivão, no qual foi substituído, por doente, em 8 de Abril de 1726, *An. da Bibl. Nac.*, XXIII. Andára em busca de minas de prata pelo sertão, de acôrdo com o alvará que se lhe passou em 7 de Dezembro de 1690. O filho, João Teixeira de Mendonça, figura entre os membros da Academia Brasilica dos Esquecidos, em 1624. Este foi o 4º de sua familia na propriedade do officio de escrivão da ouvidoria geral do civil e ainda vivia em 1759.

NUNO MARQUES PEREIRA

(11) O Padre Francisco da Costa Carqueja pôde ser o da sátira conhecida, de Gregorio de Mattos:

Reverendo frei Carqueja,
Cantarida com bordão,
Magano da religião
E mariola da Igreja:
Frei sarna e frei bortoeja, etc.

(*Obras*, IV, vol. 2.º, p. 209).

Diz um biografo (*Obras*, VI, 74) que se arrependera dessas injurias rimadas: "que lhe pezava dentro nalma o que tinha dito de Frei Basilio", que começa, "Reverendo frei Carqueja..." O mestre de solfa de Nuno Marques Pereira? Não havia muitos eclesiásticos com igual sobronome na Bahia áquele tempo.

(12) Creou Vasco Fernandes Cesar de Menezes, 39.º Governador e 4.º Vice-Rei do Brasil (1720-1735) a Academia Brasilica dos Esquecidos no seu próprio Palacio, em 7 de Março de 1724. Nesse dia ali reuniu o Padre Gonçalo Soares da França, o desembargador Caetano de Brito e Figueiredo, o coronel Sebastião da Rocha Pitta, o capitão João de Brito e Lima (estes naturais da Bahia), o juiz de fóra Dr. Inácio Barbosa Machado e José da Cunha Cardoso, a quem "comunicou a vontade em que se achava de erigir e estabelecer a Academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados, como filha de tão excelente e generoso espirito, e com o seu beneplacito escolheram por empresa o sol com letra — *sol oriens in occidus* — assentando entre si com louvavel modestia intitularem-se os Esquecidos" (Auto de instalação, Braz do Amaral, nota a Accioli, *Mem. Hist. e Pol.*, II, 373). O nome escolhido continúa a cair-lhes bem: Esquecidos...

Possúe o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro os *códices* manuscritos que contêm os trabalhos dessa efêmera Academia.

Os Esquecidos poetaram, oraram e escreveram com abundância. Até 4 de Fevereiro de 1725 se juntaram dezoito vezes para ouvir conferencias concituosas e eruditas e muito soneto insipido. Tomaram pseudônimos arcádicos: *Obsequioso* (Padre Gonçalo), *Nubiloso* (o desembargador Caetano), *Vago* (Rocha Pitta), *Laborioso* (o juiz de fóra, irmão do abade de Sevér), *Infeliz* (Brito e Lima), *Venturoso* (Cunha Cardoso), *Ocupado* (Luiz de Siqueira). Rocha Pitta escreveu a sua *História* de acôrdo com a distribuição de têmes proposta por Vasco Fernandes Cesar.

A iniciativa do vice-rei fóra provocada pela fundação da Academia Real da História Portuguêsa em 8 de Dezembro de 1720. D. João V, em carta de 31 de Março de 1722, pedira-lhe coligisse os informes necessarios "para a composição da história Portuguêsa que encarreguei á Academia Real", na parte referente ao Brasil (doc. in B. do Amaral, *ibid.*, II, 375), donde a conveniencia da agremiação dos homens de letras á sombra de sua autoridade protetóra.

A dos Esquecidos extinguiu-se sem rumôr em 1725. Caberia a outro Mecenas colonial, o desembargador José Mascarenhas Pacheco Pereira de Mello, revivê-la — em 19 de Maio de 1759 — com o nome de "Renascidos" (vd. Alberto Lamego, *A Academia Brasilica dos Renascidos*, p. 10, Paris 1923). Para curta existencia: acabou peor, porque o seu epilogo foi a prisão do magistrado, que incorrêra no odio de Pombal, atirado logo em seguida nos

carceres da fortaleza do Desterro, em Santa Catarina, onde ficou pelo resto do governo de D. José I e do seu grande ministro.

(13) Veja-se Barbosa Machado, que catalogou os literatos brasileiros cujos escritos impressos pode conhecer, *Bibl. Lus.*

Os poetas eram em maior numero...

Na Bahia formavam legião.

Além dos sete socios fundadores da Academia dos Esquecidos, figuram com as suas composições poéticas nos codices citados: Luiz Canello de Noronha, padre Antonio de Oliveira (que tambem foi da Academia dos Renascidos), Joseph de Mattos, José Pereira de Castro, Manoel Ribeiro Rocha, Antonio Cardoso da Fonseca, fr. Francisco de S. Bertoldo, Manoel Vieira Pinto, Manoel Nunes Leal, fr. Anselmo de S. Eufrosina, P. Antonio da Cunha, Antonio Gonçalves Pereira, André de Figueiredo Mascarenhas, José de Mattos Moreira, João Alvares Soares, Anastacio Ayres de Penafiel, Antonio Nunes de Siqueira, o vigário Antonio Pinheiro Barreto, Manoel Pinheiro Rocha, Manoel Nunes de Souza, Antonio de Freitas do Amaral, fr. Pedro da Estrela, Francisco Xavier de Araujo, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, fr. Avertano, Gervasio Sueiro Franca, Jerônimo Rodrigues de Castro, João de Barbosa e Lima, Francisco Pereira do Lago Barreto, Geraldo da Fonseca Cassão, fr. Antonio de S. Maria, Antonio Dias da Franca, Gervasio das Montanhas "eremita na Tebaida das Jacobinas", p. Estevão Ribeiro Guimarães, p. José Lopes de Araujo e Lanos, João Machado Barcelos, Inácio de Araujo Lassos. Preponderam as odes latinas... (*Codice* no Inst. Hist., ms.).

(14) P. Simão de Vasconcellos, *Vida do Veneravel P. Joseph de Anchieta*, Lisboa, 1676, dedicada a Francisco Gil de Araujo, o opulento fidalgo baiano que comprou a capitania do Espirito Santo. As poesias do taumaturgo, relacionadas na bibliografia que Artur Motta organizou, *Hist. da Literatura Bras.*, I, 310, S. Paulo, 1930, completam-se com a descoberta do poema sobre o governo de Mem de Sá, cuja divulgação ficaremos a dever ao P. Serafim Leite, benemerito das letras jesuiticas luso-brasileiras.

(15) Vd. *Obras* de Gregorio de Mattos, ed. da Acad. Bras., pref. ao VI vol., "Ultimas" Acabou em Pernambuco, em 1696, proibido de voltar á Bahia e satirico mesmo na agonia...

(16) Tem este caso, do poeta ironico que foi acutilado por uma de suas vitimas, analogia com a tentativa de morte que sofreu Gregorio de Mattos, em tempo do governador Antonio Luis, o "Marinicolás", razão por que os seus amigos, com Gonçalo Ravasco á frente, lhe apressaram a viagem para Angola, num exilio salvador...

CAPITULO VI

Mostra o Peregrino em como a sciencia da Mathematica é a mais util, e necessaria, para se poder usar das mais sciencias, e artes nobres, e mechanicas; e como alguns de seus professores têm usado mal della.

DESPEDIDOS da Mestra da Poesia, e seus discipulos, nos puzemos na mesma sacada, ou passadiço, e indo por elle andando chegamos a uma porta, que por estar francamente aberta entramos em uma sala da mesma capacidade e largueza das duas donde haviamos sahido: e nella achamos uma veneravel matrona em pé, acompanhada de alguns mancebos todos cercando um globo, ou esphera, que no meio da sala estava fixo entre duas estantes, e em cima de um grande estrado á moda de bofete, varios instrumentos mathematicos, como são, belestilhas, quadrantes, astrolabios, oculos, agulhas, cartas de marear, roteiros e mappas. E encostado a um lado da parede da sala uma estante de muitos livros: e tinha a matrona na mão um compasso de ouro com pontas de prata.

E depois de nos cumprimentarmos com a matrona, e seus discipulos, nos pediu ella, que nos sentassemos, e fallando o mancebo Bellomodo, lhe disse: Supposto, Senhora Mestra da Mathematica, considero, que intempestivamente vos vimos buscar por vos achar tão entretendida nesta vossa nobilissima occupação, com estes senhores vossos discipulos: comtudo, motivou-me a fazê-lo, ter chegado a este palacio da saúde, e territorio de deleites, o senhor Peregrino a quem o céu tem ornado de mui perfeitas partes, e sciencias, o que tenho entendido pelo que lhe tenho ouvido praticar com mui

solidos fundamentos nas escolas do canto da solfa, e poesia: e por reconhecer tambem a estimação, que fareis dos homens discretos, e sabios; e por isso trouxe ao senhor Peregrino em minha companhia á vossa presença.

Por ingrata, e menos cortez, me tivera eu, Senhor Bellomodo, (disse a Mestra) quando me não mostrava muita agradecida ao grande favor, que me fazeis; e a vós, Senhor Peregrino, (fallando commigo, me disse) por venturoso acerto tenho chegares a esta aula, porque me parece que estavas premeditando o quanto nesta ocasião desejava viesse a esta aula pessoa pratica e experiente para com ella consultar algumas dúvidas que se me offerecem: E por isso já começo a pedir-vos me façais o favor de dizer diante destes meus discipulos, que juizo fazeis desta sciencia da Mathematica; porque me dizem alguns, que têm ouvido dizer entre gente vulgar, que não é sciencia formal; razão porque a cada passo erram os seus professores nas observações que fazem; e supposto lhes tenha eu dito, e explicado seus fundamentos, cuidam serem encahecimentos, hyperboles, e affectados elogios, só afim de os persuadir a aprendê-la.

Ainda que não caiba no limitado de meu juizo, senhora, a comprehensão de tão superior e relevante sciencia: nem o pequeno barco de meu entendimento possa seguro navegar nas procellosas ondas de tão profundo mar, de suas grandezas: comtudo não sem receio direi alguma cousa, por obedecer-vos, pois vejo que ainda os maiores atlantes della, perdem o passo na grande extensão de suas partes, por ser todo o seu objecto essas esphas celestes. Quando, porém, não acerte com os seus solidos fundamentos, terei ao menos a gloria, que fui pontual em obedecer, a quem me pode mandar.

E assim digo, que só a sabedoria increada daquelle Deus omnipotente, com piedosa providencia, é que pôde fazer esta machina celeste e terrestre com tal ordem, que pudessem os homens philosophar della, para conhecerem de alguma sorte os seus influxos, e ministerios, e formarem com a sua discursiva, os fundamentos de uma tão excellente sciencia, como a da Mathematica tão util, e necessaria a todas as sciencias.

E se não, vêde. O Philosopho ha de entender da Mathematica: por ella se faz louvavel a medicina; é muito necessaria á arte militar; os engenheiros se valem della para as suas fortificações; os pilotos não navegaram se della não aprenderam as suas observancias; a agricultura de que usam os lavradores se ajudam della para seus tempos; ella tirou a ignorancia, que havia nos homens, dos eclipses, e cometas, e outros muitos successos naturaes. Tambem é muito necessaria para as artes, e officios mechanicos de pedreiros, carapinas, e todos aquelles que usam de regua, olivel, plumo e compasso.

Finalmente, é tão util, e necessaria esta universal sciencia, que já houve quem disse, que se não poderiam governar os homens com acerto sem usarem de suas regras, e observações, ainda que muitos lhe ignorem os termos. Os egypcios, caldeus, chinas, e outras muitas nações, foram tão amigos desta sciencia, que por suas regras, e observancias se governavam. Os nossos Principes, e Reis de Portugal foram mui veneradores desta sciencia. O Principe D. Henrique, filho de El-Rei D. João I, foi tão grande mathematico, que por sua alta sciencia se deu principio á navegação, e se descobriu a famosa ilha da Madeira, quando a ella mandou a João Gonçalves Zarco, que foi o primeiro explorador daquella, e mais ilhas. El-Rei D. Manoel tambem foi famoso mathematico, e pela sua inexplicavel sciencia foi a quem devemos o descobrimento da India Oriental. O senhor Principe D. Theodosio, filho do senhor Rei D. João IV, foi insigne mathematico, e gastava muitas horas de conferencias com homens praticos nesta sciencia.

E assim que tornando ao nosso intento, de que nos afastou esta famosa digressão dos nossos principes, digo que comprehende a mathematica em si trinta partes mui differentes: além das mais da esphera celeste, a saber, geometria, arithmetica, astronomia, musica, astrologia, nautica, geographia, optica, dioptrica, cathoptica, gnomonica, artectonica, etc. Nestas todas, e as mais que não repito, como são astrologia, e astronomia, por serem tão sómente pertencentes aos astros celestes, de que por ora não fallo, por não confundir o meu discurso: e só vos digo, Senhora, que á vista desta machina de partidos, e de outras muitas cousas, de que não posso

com individuação narrar-vos, vêde se tenho razão para vos dizer, que é uma sciencia a mathematica de que se deve fazer muita estimação, e apreço, e de todos seus professores.

Posso-vos dizer, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Mathematica) que com palavras vos não posso significar o quanto me tendes satisfeita com a relação, que tendes dado acerca do que vos tenho pedido. Porém entram agora as minhas perguntas, que assentam a respeito de algumas dúvidas, que se tem ventilado nesta aula. Iremos por partes, para melhor me poderes entender, e eu explicar-me.

Primeiramente, senhor, quero que me digais qual é a razão porque se move um cometa ou meteoro mais veloz no seu curso um mais do que outro: e o mesmo observamos nos planetas, ou estrellas gyrando umas, mais que outras nos mesmos astros, ou espheras; e assim mais vos pergunto, se estes cometas são effeitos naturaes, ou sobrenaturaes, e ordenados, e mandados por disposição de Deus?

Respondo, senhora, (lhe disse eu) a uma e a outra pergunta, e serão tambem por partes, para melhor me poder explicar, e vós entenderes-me. Haveis de saber, que succedem esses effeitos nos cometas e mais planetas conforme o lugar do céu, ou esphera, onde esse cometa ou planeta está; porque em quanto menor esphera se move um corpo celeste, tanto mais veloz faz seu curso; e pelo contrario sendo maior o circulo em que anda, mais tardo se faz o seu movimento: daqui vem que Saturno, como mais remoto da terra, faz o seu curso em trinta annos. Jupiter, que é logo inferior a Saturno, faz o seu curso em doze annos. Marte, que é inferior a Jupiter, quase em dois annos. O sol em um anno. Venus e Mercurio da mesma sorte. Finalmente, a Lua por espaço de um mez; porque segundo a differença dos orbes em que se movem se mede a sua velocidade.

Em quanto á outra pergunta, Senhora, que me fazeis acerca dos cometas, se são effeitos naturaes, ou por disposições de Deus, respondo, segundo a doutrina dos philosophos antigos, e modernos. Diz Aristoteles com outros, que procedem os cometas dos vapores da terra, e que estes se condensam com o calor do sol, e destes se

fazem os cometas. E o modo destes effeitos o explica Rephero com uma semelhança accommodada segundo a opinião commun. Diz elle, que assim como os humores nocivos do corpo humano concorrem e se ajuntam a um lugar, onde geram tumor, ou apostema, assim as exhalações sublunares, viscosas, seccas, e crassas, ou pingues se juntam na parte, onde se accende o cometa, e de seus influxos perniciosos nascem os seus ruins effeitos.

E assim erra na interpretação dos cometas não só o vulgo, mas os que se prezam de scientes chamando-lhes effeitos das causas segundas, devendo-lhes chamar effeitos da primeira causa. E sobre a supposição desta verdade de serem os cometas avisos de Deus, para que ninguem o duvide, é tão certa, e recebida, que nisso concordam sem discrepância os santos padres, theologos, philosophos, historicos, mathematicos, e, com elles o consenso universal de todo o genero humano; fundado na larga experiencia, e continua observação dos cometas, e depois que começaram a apparecer no mundo: finalmente o que vos posso dizer pelo que já tenho ouvido a homens de bom entendimento, é que, signaes no céu, mal pela terra.

Por certo, senhor Peregrino, me disse a mestra da mathematica, que por melhores termos vos não podereis explicar, nem eu melhor ficar entendida. Agora vos peço que visto estares tão presente nessas maximas, e observações da mathematica, me façais o favor dizer, ou dar solução a tres perguntas, que vos quero fazer. A primeira é, que me digais, quando fica o sol de nós mais perto, se no nascente, ou no meio dia, ou no poente? A segunda pergunta é, que duvidam estes meus discipulos, se é certo como affirmam todos os autores, e o entendemos por larga experiencia, haverem antipodas que ficam por baixo de nós: como se podem ter estas creaturas em cima da terra, sem cahirem? E a terceira pergunta é, que me digais a causa, porque qualquer creatura racional tanto teme e se perturba ver cousas fundas, e grandes precipicios, e lugares subterraneos, de que lhe procede fugir o lumie dos olhos, e a muitos dar-lhes vágados: e, pelo contrario, não temem ver lugares altos, e montes por subidos que sejam, finalmente até o mesmo céu! Precisa, e necessariamente, senhora, para melhor me poder explicar, e dar razão das perguntas que me tendes feito, hei de fallar,

inda que seja de passo, dessa esphera celeste, e planispherio deste globo da terra. E assim digo, que o sol tem dois differentes movimentos: um com que se move do oriente ao occaso, no qual gasta vinte e quatro horas, formando o dia e a noite; e o segundo movimento, quasi opposto aos proprios astros, que acaba seu curso mui desigualmente quando o sol em espaço de um anno sem fazer a minima mudança em sua carreira donde nasce, passando por varios climas da terra, uns calidos e outros frios, e alguns temperados com boa proporção, que se acham perto, ou apartados, de donde passa mais ou menos perpendicular este planeta.

E por esta razão seus circulos se distinguem maiores e menores; porém, assim uns como outros, se dividem em trezentos e sessenta partes, ou gráus; os maiores quatro são equinocial, zodiaco, oriente e meridiano. Outros tantos são os menores: tropico de Cancer, tropico de Capricornio, circulo polar arctico e circulo polar antarctico.

Por este circulo equinocial, se conta a latitude dos lugares, subindo desde o mesmo donde começa, até onde acaba, cujo espaço são noventa gráus: a um se chama latitude septentrional, e outro latitude meridional, conforme a melhor opinião dos mais vistos e previstos nesta sciencia.

O Zodiaco é o caminho do sol, corta a equinocial em duas partes iguaes; a sua maior distancia é de vinte e tres gráus e meio, e se divide em doze partes ou signos por onde passa, chamam-se: Aries, Taurus, Geminis, Cancer, Leo, Virgo, Libra, Scorpius, Sagitarius, Capricornius, Aquarius, Piscis. Aqui se move, e anda este planeta entre dous polos, antarctico e arctico, que vulgarmente chamam norte e sul.

Isto supposto, deixando o mais, que fôra um processo infinito querê-lo em breve mappa mostrar: porém, vamo-nos explicando por partes por nos não confundirmos, acerca do que me perguntais. Fallando do sol, dizem os mathematicos que a terra, a respeito do céu, é um ponto. Não obstante ser este globo da terra, e agua, que juntos formam um corpo espherico e redondo, chamado globo terrestre, e se nos representa debaixo de uma superficie, que se distingue em terra firme, ilhas, oceano, mares e golfos: e sendo tão

vasto, e dilatado, não tem mais de circuito e redondeza, que sete mil e duzentas leguas, conforme a opinião de todos os mathematicos, ficando de todas as partes rodeado de ar, sustenta-se sobre seu proprio peso pela divina omnipotencia de quem foi creado.

E como nós, em qualquer parte que estejamos, sempre ficamos em cima desta bola do mundo na sua superficie, e não no centro; por essa razão, mais perto ha de ficar de nós o sol ao meio dia, do que ao nascente, nem quando se põe no horizonte: e só ficaria o sol de nós tão perto ao nascente, como ao meio dia, e no occaso se estiveramos no centro da terra, e da mesma sorte, quando nos fica o sol em qualquer dos tropicos, do norte ou sul: isto é o que me parece, salvo o melhor juizo.

Em quanto á razão de não cahirem os homens racionaes, e os mais animais que existem nos antipodas é, porque cada genero ou especie de creaturas buscam seus centros: os animaes a terra; as fontes e os rios buscam o mar; os ventos, e o ar, buscam as nuvens; o fogo, finalmente, busca a esphera, que é o seu centro. É cousa esta tão certa, que não necessita de prova; mas, para maior evidencia desta verdade, que a terra é centro das creaturas, e cousas pesadas e solidas: trarei um exemplo, ou comparação: se fôra cousa que se pudesse abrir um furo desta superficie da terra até sahir aos antipodas, e por aquelle buraco deitassem uma bola de ferro de grande peso, ou uma peça de artilharia, chegaria até o centro onde ficaria firme, porém não sahiria a passar a outra parte. E assim que umas e outras creaturas não padecem violencia estando no seu centro.

E satisfazendo, Senhora, a terceira pergunta que me fizestes acerca da causa porque as creaturas racionaes tanto temem ver lugares fundos, e precipicios subterraneos, e não temem ver lugares altos até o céu? Respondo: que assim como a nossa alma é espirital, e feita pela omnipotencia divina, por essa causa temem e receam ver todos esses lugares fundos, e cousas subterraneas, por se avizinharem com esse centro do inferno; e por contraposição não temem, nem se atemorizam, quando vêm eminencias, e partes altas até o céu, por ser o céu nossa patria, para onde fomos creados. Com que, senhora, parece-me que tenho satisfeito ao que me

mandastes; disse meu parecer: perdoai-me se não tenho dado a solução com aquella certeza que devo, por satisfazer a vosso gosto, como me persuade a minha vontade.

Agora conheço, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Mathematica) que tem sido o senhor Bellomodo mui diminuto no que me tem dito de vossas relevantes partes, e por isso me não enfado de vos perguntar, pela appetencia que tenho de saber de vossa discreta, e sciente pessoa, algumas dúvidas, que nesta aula se movem, e assim vos peço por ultimo me digais a causa, porque não tem esta sciencia aquellas estimações, que teve nos seculos passados?

Muitas têm sido, senhora, as razões (lhe disse eu) porque esta perfeita sciencia não tem de presente as estimações, que por tantos titulos merece entre as mais; é a causa, porque seus professores se não applicam nos solidos fundamentos com que se deviam applicar tanto no especulativo, como no pratico; occupando-se talvez em cousas de menos preço, e entidade, por lisonjearem os principes com varios vaticinios; levantando-lhes figuras a seus prazimentos para os tempos futuros com muitas promessas de prosperidades, e depois vir a acontecer muito pelo contrario.

E outros, levados do interesse, se occupam em fazer repertorios promettendo nelles muitas cousas, que tal não vem a succeder, e para terem gosto os mandam vender por cegos, mancos, e aleijados pelas ruas e praças das cidades, villas e lugares, pelo interesse que disso resulta.

A este proposito vos direi, senhora, o que ouvi contar succedera na Côrte de Madrid, e foi o caso, que estando para se correrem touros em uma festividade na praça, succedeu ir passando um manco pelo meio do curro, o qual levava um alforge ás costas; a este tempo se soltou um touro, ou fosse acaso, ou de pensado; vendo o manco o evidente perigo de ser acommettido pelo bruto, tirou uma faca, e com ella cortou as correias, com que estava a perna atada com que se fazia aleijado, e largando o alforge no meio do curro partiu de carreira: chegando o touro, e mettendo as pontas nos alforges os lançou para o ar, e como iam abertos e desamarrados, começou de cima a despejar caderninhos; foi-se examinar o caso, acharam que eram repertorios, e folhinhas do anno: e disto resul-

tou haver no auditorio grandes risadas, e galhofas, com menos preço do mathematico, que os mandara vender.

Por certo, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Mathematica) que bastante causa houve para haver esse regosijo. E eu tambem gostei muito de vos ouvir repetir, por vir tanto a proposito do nosso intento, e não me enfadara de vos ouvir contar outras semelhantes, pela graça com que o dizeis.

Bem desejava, senhora, (lhe disse eu) em tudo satisfazer a vossa vontade, porque sempre ouvi dizer, que se hade fallar a quem deseja de ouvir. Mas como seja tarde, e nos falta o tempo, e estou ás ordens do Senhor Bellomodo, não tomara dar-lhe detrimento, a quem vivo tão obrigado. Sabei, senhor Peregrino, (me disse o mancebo Bellomodo) que com o mesmo desejo estou de vos ouvir pelo discreto estylo com que vos tendes havido em toda a vossa narração, e assim nisso me fareis tambem grande gosto, e contentamento.

Ora pois, senhores (lhes disse eu assim): vá de segunda historia, já que nisso vos dou prazer, e foi o caso: que vinha eu embarcado em uma sumaca das villas do sul para a cidade da Bahia, e pelos ventos serem contrarios chegámos á barra da fortaleza do Morro: vinham por passageiros eu, e um mercador morador na cidade da Bahia, e um homem que se gabava de famoso piloto e mathematico: chegou a noite, e por estar serena, e bem estrellado o céu, pediu o mercador ao piloto mathematico, que visto ser professor daquella arte, e sciencia, que fizesse alguma observação dos astros, e estrellas, para ver se teriamos alguma mudança de tempo para podermos seguir a nossa viagem.

Começou o mathematico a olhar para o céu, e fazer varias observações fallando das estrellas: a uma lhe chamou tauro, e a outra leo, e a muitas a barca, cruzeiro, e via lactea &. Donde tirou por conclusão, que no dia seguinte havia de haver mudança de tempo com chuva, e vento mareiro capaz de seguirmos viagem. Contentes, e satisfeitos, ficamos todos: disse o mercador ao mathematico, que se assim succedesse, como havia vaticinado, chegando á cidade, lhe promettia dar um par de meias de seda.

Fomo-nos agasalhar dentro do camarote todos tres passageiros com o mestre da sumaca; seriam quatro para as cinco horas da

manhã, quando ouvimos a um marinheiro da embarcação chamar aos escravos, e mais companheiros da obrigação da embarcação, que acudissem a cobrir ao fogão, e as mais cousas, para que se não molhassem da chuva. Sahimos todos do camarote mui contentes ao convez da embarcação, e vimos a manhã mui clara, sem demonstrações de mudança de tempo. Perguntou o mestre da sumaca ao marinheiro, que causa tivera para assim inquietar a todos? Respondeu o marinheiro: Por ter ouvido o senhor mathematico certificar que havia de haver mudança de tempo com chuva aquella manhã, por isso se quiz haver com aquella prevenção. Disse-lhe o mestre alguns verbos substantivos; porém, como o caso tinha vindo tanto a proposito, dissuadimos ao mestre da paixão com que estava contra o marinheiro, e todos lhe solemnisamos o galanteio com que se tinha havido: e só o mathematico ficou muito triste, e desconfiado. O despique que teve foi dizer, que bem dizia o castelhano, que no Brasil até astros mentiam.

Posso-vos affirmar na verdade, senhor Peregrino, (me disse a mestra da mathematica) que não pudera ter melhor recreio de gosto esta tarde, tanto pelo relevante estylo, com que tendes fallado desta sciencia, como pelo plauzivel modo com que tendes repartido as historias acerca deste particular. E para que em parte me possa mostrar agradecida do muito que vos fico obrigada, sêde servido de acceitar esta limitada prenda, que vos offereço, que é nascida de um affecto cordeal, com que vos venero. E logo me entregou o compasso de ouro com pontas de prata, com que a achamos nas mãos, quando entramos na sala.

Para ir, senhora, (lhe disse eu) na certeza da honra, que me fazeis, não pode haver prenda de maior valor, que o grande cortejo com que me tratastes nesta discreta e famosa aula; porém, para que não falte em vos obedecer, acceito o compasso para que não dê passo, sem lembrança desta offerta, que de vós recebo. E com effeito acceitei o compasso, e nos despedimos da Mestra da Mathematica, e de seus discipulos, que todos nos acompanharam com grande primor e cortezia até sahirnos fóra da porta.

CAPITULO VII

Relata o Peregrino o que lhe succedeu na quarta sala com a Mestra da Philosophia, e com varios exemplos mostra as excellencias desta sciencia, e trata da medicina, e de como alguns de seus professores, por imperitos, e faltos de sciencia, usaram mal della.

DEPOIS de nos havermos despedido da Mestra da Mathematica nos puzemos no mesmo corredor, ou passadiço, e fomos por elle andando até que chegamos á quarta sala, onde achamos uma veneravel matrona sentada em uma alta cadeira, e por uma e outra parte da sala estavam sentados muitos mancebos vestidos á escolastica (1), e a matrona dictando, e ensinando em voz alta, e intelligivel; e assim como nos viu entrar na sala logo se levantou, e nos pediu nos sentassemos, e depois de estarmos todos de assento, rompeu o mancebo Bellomodo nestas palavras:

Á vossa presença, Senhora Mestra da Philosophia, trago ao Senhor Peregrino, talento por certo mui condigno de toda a estimação pelo que delle tenho visto e experimentado pelos solidos fundamentos, e primorosa certeza com que tem falado em todas as artes e sciencias, tanto da musica como da poesia e mathematica, donde vimos, e estivemos até agora, e por isso lhe pedi me fizesse o favor de acompanhar a esta classe de Philosophia, onde sois Mestra com tão grande acceitação de todos.

Quando, Senhor Bellomodo, (respondeu a Mestra da Philosophia ao mancebo) não tivera o senhor Peregrino as preclaras prerogativas, e relevantes prendas das partes e sciencias de que o reconheceis dotado; só por ver o desejo, que tendes de o proteger, devo eu tambem ser muito sua veneradora. Mas visto ter a dita de

tão grande fortuna deste encontro, tomara, Senhor Peregrino (falando commigo) me fizereis o favor de dizer o que sentis desta sciencia da Philosophia, por serem tão decantadas e recantadas entre os escriptores de melhor nota suas grandes excellencias.

Supposto, Senhora Mestra da Philosophia, (lhe disse eu) tanto me tenha exaltado e engrandecido o Senhor Bellomodo com tão superiores partes, as quaes em mim não reconheço, vejo-me tão precisado a obedecer ao que me mandaes, que ainda que fique ás notas de pouco advertido, e ás censuras de menos considerado, já me arrojô a fallar de uma sciencia, que por sua grandeza é tão superior, que não ha palavras, que possam declarar seus predicados.

E assim digo, que é a sciencia da Philosophia a arte das artes: chave mestra de todas as sciencias, e por isso lhe deram o epitheto de rainha das sciencias, e com muita razão merece estes applausos e elogios por ser uma sciencia, que em tanta estimação tem posto aos homens, e por isso já houve quem disse, que sem as mais sciencias, e faculdades, bem poderia viver e passar o homem no mundo; porém, que sem ser philosopho, inda que não fosse mais que natural, se não poderia bem governar.

E, verdadeiramente, é a sciencia da Philosophia a que tira a ignorancia aos homens: não só aperfeiçoa a sabedoria, e dá luz ao entendimento, mas tambem o ampara e defende dando-lhe conhecimento da verdade; e se não, vêde quantos desatinos disseram os indoutos antigos, que hoje são burlas dos meninos, por falta do verdadeiro conhecimento desta perfeita sciencia: por onde veio a dizer um sabio, que os extremos da sabedoria é a ignorancia, e com razão disse um discreto, que a felicidade do sabio é uma vida bem aventurada; porque goza uma faculdade de saber, dando verdadeira relação das cousas humanas e divinas, com cabal conhecimento da verdade; tirando-se daqui o viver bem, e virtuosamente.

Finalmente daqui se colhe, por conclusão infallivel, que esta sciencia foi dada e ensinada por Deus, desde o principio do mundo a Adão, e alguns de seus descendentes. Foi tão amada dos homens que ainda os gentios faltos de verdadeira luz da fé a prezaram, e a estimaram muito, e pelos reflexos da luz divina, vieram a conhecer a luz da razão. Platão pela sua grande sciencia, inda sendo

gentio, teve o nome de divino, pelo que descobriu e disse das cousas divinas, e altissimo mysterio da Santissima Trindade; foi para Aristoteles tão saborosa a philosophia, que diz no seu livro das partes dos animaes, que em nenhuma outra arte ou sciencia recebem mais gosto que na philosophia; Eliano, por se occupar nesta sciencia, renunciou todas as honras, e esperanças de palacio, como elle mesmo encarece no fim de sua historia. Oppiano antepoz a todas as maiores riquezas a occupação desta sciencia. Não fallo nos mais Philosophos, como foi Diogenes, e outros muitos, que mais prezaram esta sciencia, que todos os haveres do mundo.

Com que á vista destas razões, de tão grandes Philosophos, bem pudera eu certificar que é a sciencia da Philosophia entre as mais sciencias a mais famosa, e necessaria ao homem, porque das obras humanas, podemos passar a essa esphera celeste, transformando de cousas vis, a preciosas; de materiaes, a espirituaes; de terrenas, a celestes; de humanas, a divinas.

E supposto que o habito vicioso não pode passar a virtuoso nem o habito virtuoso, ao vicioso; comtudo, tem esta sciencia tal força na persuadição, que faz transformar, e ceder ao vicioso em virtuoso, fazendo mudar o fim do objecto que amava, e vir no verdadeiro conhecimento da summa verdade.

Deveras vos digo, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Philosophia) que me tendes muito satisfeita do que vos tenho ouvido, porém offerece-me uma objecção a essas vossas razões acerca de como a sciencia da Philosophia faz mostrar a verdade, e é mui conducente para a vida espiritual; e supposto que assim o creio, e confesso: que me direis, daquelles Philosophos como foi Luthero, Calvino, Juliano Apostata, e outros muitos hereges, que sendo tão agudos no decorrer, nunca quizeram obrar bem; mas antes se serviam de seus saberes para obrarem mal? Respondo, Senhora, (lhe disse eu): esses homens eram uns Centauros, meios homens e meios feras, porque tendo perfeitos entendimentos, tinham depravadas as vontades, para abraçarem a summa verdade; que supposto foram luzentes pelo saber, foram alenternas, que encaminharam aos mais ás trevas da perdição para o inferno.

E por isso, aos hereges chamou o Apostolo São Judas Thadeu

estrellas errantes: *Sidera errantia*, que vale o mesmo no grego que planetas errantes; porque erram na vida, e na doutrina: na vida, porque se desviam da verdade; na doutrina, porque fazem errar aos outros na fé. Errantes, porque pela instabilidade de seitas que professam, estão fóra do firmamento da Igreja, em que os bispos, e doutores catholicos, como estrellas estaveis, e fixas persistem neste céu: *Et habebat in dextra sua stelas septem*.

E por contraposição sabemos que houve um São Paulo, e um Santo Agostinho, São Cypriano, São Dyonisio Areopagita, e outros santos, que sendo grandes hereges e gentios se persuadiram, e se converteram pelas suas sciencias (com ajuda de Deus) a abraçar a nossa santa fé, e obrando feitos heroicos, com o seu saber, sendo tochas, e luzernas ardentes, para mostrarem o verdadeiro caminho da salvação aos mais, como o estamos ainda vendo de seus sagrados livros, de que nos estamos aproveitando de suas sciencias.

E daqui vem que todas as sciencias praticas conduzem ás contemplativas, e todas contemplativas naturalmente conduzem ao conhecimento do Autor da natureza para adorá-lo, e bemdizê-lo, por ser ultimo fim de todas as virtudes intellectuaes, as quaes recebem deste fim todo o bem, e honra no serviço de Deus; por isso Aristoteles estando para morrer fez que o levassem a um campo, e olhando para os céus, disse: Causa primeira das causas, havei misericordia de mim. Não crendo em os seus idolos, que naquelle tempo a gentildade adorava.

Alguns obram mal por não conhecerem racionalmente o bem; outros conhecendo, cegos do amor proprio, voluntariamente o não querem seguir: e muitos finalmente querem seguí-lo, porém, a paixão do temor, do interesse, da concupiscencia deleitavel, e outros semelhantes vicios os dissuade, e lhes perturba o entendimento para que não obrem livremente o que devem obrar e seguir espiritualmente. E assim que, para fazer uma obra moralmente boa, devem concorrer todas as circumstancias honestas e virtuaes, porém, para a viciosa basta uma só.

E assim digo, que para obrar bem, e virtuosamente, é necessario ao homem a prudencia para lhe alumiar o entendimento; a justiça para lhe regular a vontade; a fortaleza para que lhe tire

o temor; e a temperança para que lhe modere o ardor da concupiscencia delectavel.

E desta sorte, senhora, me parece que de algum modo vos tenho dito parte das muitas grandes excellencias desta famosa sciencia, fallando moral e espiritalmente. Agora tomara que me fizereis o favor de dizer a materia que trataveis, e estaveis ditando a estes senhores vossos discipulos quando aqui chegamos?

Sabei, senhor Peregrino, (me disse a mestra da Philosophia) que me tendes muito agradado, não só do que tendes dito da Philosophia moral, e ascetica, mas tambem mui edificada com vossa discreta doutrina espirital; porém, satisfazendo ao que me mandais, vos digo: estava tratando de uma proposição physica, que me haviam proposto estes meus discipulos. E vem a ser, que me perguntaram se era certo o que diziam alguns professores da medicina, que o semen retido causa doença, e ás vezes mortes? e como estavamos nestes principios: desejava, senhor Peregrino, me fizesseis o favor dar solução a esta proposição, ou pergunta? pois vos considero illustrado de tão claro entendimento, e com tão formaes noticias em todas as sciencias.

Na verdade, Senhora Mestra da Philosophia, (lhe disse assim) que bem desejava eu agora não vos ter pedido que me dissesseis do que estaveis tratando quando aqui chegamos: por me não encontrar com materias physicas; porque além de não serem de minha profissão, queixam-se, com muita razão, os professores desta faculdade de muitos escriptores terem tomado por empresa de escreverem contra elles, sendo que se não pode passar (principalmente nas enfermidades) sem sua assistencia. Além de ser uma sciencia mais divina que humana: conforme diz Origenes, que conhecendo Deus a natureza humana, sujeita a tantas misérias e trabalhos, prevendo estas necessidades, creou os medicamentos na terra, e deu sciencia aos medicos para lhe conhecer as virtudes, para que, faltando a saúde do corpo humano, não faltasse o remedio para a restituir, e conservar.

Sendo que foi a Medicina tão estimada nos seus principios, que não podia ser medico, quem não fosse da geração real, como foi Hippocrates, da familia de El-Rei Grifamede. Este foi chamado

divino Hippocrates, por restaurar a Medicina racional, e scientifica. Os mesmos predicados tiveram Galeno e Avicena, que amplificaram e reformaram a Medicina, e a puseram em pratica racional.

Além de muitos principes, e reis, que foram medicos, os quais presaram, e estimaram muito esta sciencia, e assim que nenhuma razão tem os que se empenham em aniquillar esta faculdade com o fundamento, que succede nas juntas, em que se acham os medicos, uns estarem contradizendo aos outros: porque isto mesmo se vê em todas as mais sciencias, e faculdades; porque destes argumentos se vem a colher a mais provavel razão. Nem tambem acho fundamento, de homens racionaes dizerem que esta sciencia não livra da morte a todos os enfermos, porque além daquella irrevogavel sentença: *statutum est hominibus semel mori*, como nos diz São Paulo, 9. 27, temos mais aquella lição de Job, que diz: *Constituiste terminos ejus qui proteriri non poterant*.

E sendo assim, como é certo, não pode o medico obrar nada fóra dos decretos, e vontade de Deus: isto supposto, por verdade certa e infallivel não devemos negar que é a Medicina dignissima de todo o louvor, sendo o medico sabio, e pratico na sua sciencia; porque fallando dos imperitos, e faltos de sciencia, estes se não deviam admittir nas republicas, pelo damno que disso resulta á saúde dos corpos humanos.

Vamos agora á definição que me mandais, de meu parecer, accrea da pergunta, ou proposição, que vos tem feito os senhores vossos discipulos. Primeiramente, senhora, (lhe disse eu) haveis de saber que esses aphorismos e sentenças desses medicos, que dizem que o semen retido causa enfermidades e mortes, além de serem ditos de hereges, e gentios, e faltos do verdadeiro conhecimento da fé, é falsissima, e tão erronea, como falta da verdadeira experiencia, e tão alheia da razão, como adiante vos mostrarei. por ser tambem odiosa contra a lei divina: porque a experiencia *ad oculum* nos está mostrando o contrario.

E se não, vêde: Creou Deus ao homem, e o aperfeiçoou de tal natureza, e em tal fórmula, e tão bem proporcionado, como feito pelas mãos de tão divino Artifice; e sendo assim, no que não ha dúvida, não houvera Deus fazer a creatura de tal materia e com-

posição que ficasse na dependencia de um humor, ou sustancia tão malina, que, havendo maior porção della, lhe resultasse a morte. E supposta esta razão tão certa, como verdadeira, a experiencia nos tem mostrado que estamos vendo muitos homens e mulheres de cincoenta, sessenta, e setenta, e mais annos, guardando mui inteira castidade, e com vida de mui conhecida virtude, e sem padecerem achaques, e muitos destes sem levarem sangrias, nem purgas, e passarem a vida com mui perfeita saúde.

De mais que, se da retenção do semen procedessem essas enfermidades, e mortes: não permittira Deus que se guardasse a castidade, e que tanto se estimasse a virgindade, e houvesse continencia nos celibatos: nem se permittira nas religiões fazerem voto de castidade aos frades, e freiras, e mais religiosos: finalmente não fôra prohibido nem estranhado nas donzellas e viúvas usar do acto venereo, á vista desse evidente perigo, que suppõem acontecer por essa causa, como o ensinam esses faltos de experiencia, e professores da doutrina desses medicos, gentios, e faltos de fé, e sem conhecimento da verdade.

E se me disserem os professores dessas seitas que têm visto varios exemplos acerca desse particular, de uns por terem essas retenções padecerem varias enfermidades, e outros que, por terem esse acto, tiveram melhoras em seus achaques, a isso lhes respondo: *dato, et non concesso*; que para isso tem inventado a medicina christã varios remedios, para semelhantes achaques, que se geram nos corpos, por algum incidente, ou alteração de humores; e que se não deve logo aconselhar a uma creatura christã, para ter melhoras no corpo, que use de um remedio mortal para a alma.

Além de que é axioma dos philosophos, e da mesma medicina, que uma sustancia nunca pode ser contraria a outra sustancia. *Substantia nihil est contrarium*. O fogo não se apaga com outro fogo, antes cresce, e se augmenta o calor. Com o seu contrario, porém sim, que é agua, se extingue. Uma doença procedida de calor se lança fóra com os remedios frios. *Contraria contrariis curantur*. Do mesmo modo sendo a luxuria um fogo voraz e infernal, mal se pode curar applicando-se-lhe o mesmo fogo da luxuria e fornicção, por excitar a maior enfermidade; até a mesma escriptura

sagrada compara a luxuria ao fogo: *Ignis est usque ad perditionem devorans*. A este proposito vos contarei dois casos, um em contraposição do outro, além de outros muitos, que vos podera repetir acerca deste mesmo particular; e depois tornaremos ao nosso intento.

Houve um clerigo, que esteve por capellão de uma igreja no termo de uma villa: succedeu a este enfermar de certo achaque, foi á cidade da Bahia a consultar a sua queixa com certa pessoa, que lhe pareceu que entendia de Medicina, e depois de manifestar o achaque ao curador, ou para melhor dizer, ao matador: este o aconselhou que tivesse copula carnal com mulher, e retirando-se o clerigo outra vez para onde era morador, o foram visitar alguns amigos, e depois de lhe darem as boas emboras de sua chegada, lhe perguntavam o como passara das suas queixas? Respondia: com muita melhora; mas que tinha vergonha de publicar o remedio, com que se havia curado: até que a instancia de um seu particular amigo, lhe veio a descobrir o segredo, porém, foi muito mal succedido com o remedio, porque de tal sorte usou delle, que dentro de seis mezes veio a acabar a vida.

O outro caso aconteceu, porém, com muito melhor successo, porque houve um cavalheiro, assistente no reconcavo da cidade da Bahia por nome Lourenço da Franca (2), das principaes familias desta terra: seria de mais idade de cincoenta annos; enfermou este homem de um achaque, e consultando com medicos a sua queixa: lhe deram a entender que usasse do acto venereo: respondeu elle que se a sua saúde estava em tal remedio, mais queria padecer e morrer que offender a Deus. Até que chegou um estrangeiro a sua fazenda, o qual lhe applicou um facil remedio, com que teve saúde, e viveu depois disto muitos annos, e acabou com boa opinião de homem bom christão.

Por certo, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Philosophia) que o segundo enfermo melhor se soube curar pela certeza em que estava que só sabe ter saúde, aquelle que a Deus não quer offender. Podeis continuar o mais, de que ieis tratando, porque nisso me dais grande gosto, e contentamento.

Haveis de saber, senhora, (lhe disse eu) que segundo a mais

provavel regra de medicina, e o que a experiencia tem mostrado com mais certeza, é que o semen no corpo humano serve de uma sustancia liquida, que se nutre do chilo, e fica em deposito guardada para a propagação do genero humano, e tem acção vital para refazer e recobrar a natureza, em tal fórma que envia e reparte esta sustancia por todas as partes do corpo mandando ao miolo esta sustancia, pela medulla espinhal, que é o tronco desta arvore do corpo humano, e mais nervos, que são os ramos, que nascem della; e distribuitivamente manda, e reparte com todos os mais membros internos e externos; a demais porção manda para os vasos seminarios, donde a maior parte desta sustancia, ou sangue puro, como querem outros autores, se torna a cozer, e toma a qualidade de esperma, a qual se não ha evacuação della em coito, se converte em pingue, e grosso, que são as enxundias e gorduras.

Porém se ha muita continuação de coito, deixa a natureza, e todas essas outras vias, que são para o augmento do individuo, e só a despede para o meio de sua debilitação; como se vê claro, em os animaes, que frequentam aquelle acto, que se tornam fracos e mirrados: isto se experimenta nos gallos, cavallos, e mais barrões; e nos mesmos homens, que morrem tysicos, e esfalfados. E para que engordem os cevados e outros animaes, os capam para que, immunizando aquelle via, assim engordam logo. O homem tambem não usando daquelle acto venereo, se augmenta o individuo, engorda, e goza perfeita saúde, e o livra de varios e infinitos achaques, que, por essa causa, vem aos corpos humanos.

Aecio, famoso medico, diz que o demasiado acto venereo causa muitos damnos aos corpos, que são os seguintes: tira-lhe as forças, faz cruezas, entorpece os sentidos, causa esquecimentos, faz tremores, dor de juntas, ardores da via da urina, ruim cheiro na boca, dor de dentes, esquinencia, inflamação no paladar, escarrar sangue, tristezas do coração, dôres no estomago, e muitas vezes febre, e mortes, como conta Plinio, *qui in venere mortui sunt*.

E não cuide nenhum, que por causa do semen retido, se padecem achaques, como chegou a dizer certo anatomico indouto, que os lubinhos, e mais tumores impuros, se geravam nos corpos do semen retido, e extravasado pelos poros, e meatos do corpo, porém,

a isso lhes respondera eu, que bem aviados estavam os frades e freiras, e os castos; porque todos andariam cheios de varios tumores, e lubinhos. Mas, pelo contrario, se tem averiguado que semelhantes tumores, e apostemas, nascem ou da muita porção de fleuma, colera, malenconia, e de outros humores: e muitas vezes da muita copia de humor galico, e assim, senhora, que esta é a solução que vos posso dar acerca do que me tendes perguntado.

Estou muita satisfeita, senhor Peregrino, do que me tendes dito com tanto acerto, porém, agora tomara que me dissereis que razão haverá para que se não tenha a tantos mil annos descoberto a verdadeira medicina, porque não sei se diga que cada vez menos se sabe, tendo-se escripto e praticado por tão doutos professores desta sciencia.

Havcis de saber, senhora, lhe respondi assim: que a razão dessa razão só Deus a sabe; porém, fallando com toda a humildade, e sumissão, digo: que me parece que a causa por onde não permite Deus que se não saiba a certeza da verdadeira medicina, é porque os homens, fiados em que tivessem a medicina certa e prompta, se não arrojassem a peccar mais soltamente do que peccam. E por isso poz a medicina de traz de tal cortina, ou retrete, que a não deixa ser vista dos homens, e se permite deixá-la ver por alguns foi por uns descortinios; e assim ha de estar até o fim do mundo, ou para o tempo que sua divina vontade for servida, e permittindo ás vezes que aquillo, que os grandes professores dessa arte o não puderam conhecer, uma velha, ou outra qualquer pessoa sem sciencia, o saiba entender.

Como tambem não permittiu Deus que o homem soubesse quando houvera de morrer, por que não peccassem mais do que peccam fiados no longo tempo que haviam de ter de vida, e só nos encommenda e avisa nos Evangelhos que vigiemos, para que nos não apanhe a morte descuidados. Math. 25. 13. Marc. 23. 33.

Agora, Senhor Peregrino, estou bem entendida, que em tudo falais com muito acerto, e por isso sou tão importuna, com minhas repetidas perguntas: porém feita esta, que vos pretendo fazer, prometto não vos enfadar mais. Vem a ser, Senhor, que me digais, que juizo fazeis dessas faculdades de phisicos, anatomicos, cirurgiões,

boticarios e barbeiros? porque estou vendo e experimentando tanta variedade nestas sciencias, e artes, que me dá motivo para vos fazer esta pergunta.

Ora, senhora mestra da Philosophia, já me parecia, que estava livre de me tornares a metter em novas perguntas, acerca da Medicina, porém agora vejo que pretendeis que tornemos a esses; o que de boamente tomara que me deras por escuso; porque é certo que, fallando dessas sciencias e artes, de alguma sorte poderei offender a seus professores, quando o meu desejo não é aniquillar a pessoa alguma: mais ainda de umas faculdades e artes tão prezadas e estimadas de todos, como já tenho dito neste mesmo discurso.

Porém, por não faltar ao muito que vos devo, e me estais merecendo, direi ainda que já me torno a reportar: Não fallarei, genericamente de todos, porque bem conheço que ha muitos professores dessas sciencias e artes mui scientes e peritos, a quem se lhe deve todo o louvor, porém, só direi dos indoutos e imperitos, que são os que têm o nome de medicos sem o merecerem, por lhes faltar a sciencia, os quais se entremettem a curar applicando remedios só fiados no que ouviram fallar, e fazer, e sem advertencia das causas e signaes das doenças, e assim obram incautamente.

Tambem fallarei aos anatomicos presumidos de scientes, que cuidam que só por verem as entranhas de um corpo morto podem fallar como se o viram vivo. E dos cirurgiões, que não satisfeitos de usarem das suas artes, se querem entremetter a darem razões de physicos, por talvez terem lido alguns livros romancistas, que ensinam algumas regras de Medicina. E tambem direi dos boticarios, que por darem sahida a seus medicamentos, vendem gato por lebre. E finalmente falarei dos barbeiros, que tiram o sangue onde não é necessario tirá-lo, por ganharem dinheiro: destes é que pretendo dizer, e responder, Senhora, ao que me perguntais.

Primeiramente digo, que o juizo que faço destes medicos indoutos e imperitos sem sciencia é o mesmo que se pode fazer de um cego. E se não vêde, e reparai: chega um destes medicos á casa de um enfermo, e depois de lhe dizer o doente a causa porque o mandou chamar, pede-lhe o medico o braço, como se fôra um cego, para se levantar, e pôr a caminho: toma-lhe o pulso, em um e ou-

tro braço, e sem mais dizer-lhe a causa da doença, que padece o enfermo, lhe diz que logo se sangre, e tome uma ajuda fresca, sem lhe dizer de que se hade compôr a ajuda, e que se ponha em dieta; e se o enfermo se descuidou de lhe pagar a visita, não tornou mais o medico a ver ao enfermo; e se succede continuar com a cura, e o enfermo não tem melhora com sangria e purga, costuma dizer o que lá disse um poeta, que com esta letra se despedem os medicos imperitos dos seus doentes, por lhe não saberem applicar outros remedios:

Tengo sangrado, e purgado,
Si no queres quedar bueno,
Hirás para el saneristan,
Que asi lo manda Galeno.

Entra agora o meu reparo, ou advertencia; porque não hade dizer este medico ao enfermo: Senhor, o achaque que Vossa mercê padece procede desta ou daquella causa; Vossa mercê tem ou não tem perigo; trate do bem espirital primeiramente, que isso não mata, mas antes dá saúde, como tenho visto succeder a muitos doentes. E se for necessario, conte-lhe alguns casos, que tem succedido acerca desse particular, para animar ao enfermo, porque os medicos, supposto curam temporalmente, tambem podem fallar espiritalmente, que para isso são doutos, pois vemos que muitos enfermos morrem como brutos, pelos medicos lhes não dizerem o perigo em que estão.

Isto supposto, fallemos agora dos anatomicos indoutos e prezados de scientes. Costumam estes aniquillar aos medicos, por cuidarem que basta fazerem anatomias nos corpos mortos, para estarem presentes em todos os effeitos e operações dos corpos vivos, e assim digo que o juizo que delles faço é o que se pode fazer de um carniccio; porque os vejo com um verdugo na mão, abrirem, e esquartejarem a um cadaver, e começar a fazer observações em todos os membros internos, e externos: a tempo que já aquelle cadaver não tem operações vitaes, por estar o sangue coalhado, e os mais humores frios e repletos, e as operações dos nervos e ar-

terias immoveis. Isto mesmo se pode ver em outro qualquer animal depois de morto.

Por isso certo anatomico estrangeiro, quando queria fazer semelhantes observações, dizia a um seu criado, que comprasse algum carneiro bem gordo, porque lhe ficasse servindo para o mandar para a cozinha; porém se estes taes anatomicos de quem fallo tiveram tal arte, ou geito, que soubessem pôr uns vidros crystalinos nos corpos, por aquellas frestas, ou janellas, viram o que passava dentro dos corpos vivos: como circulava o sangue, se movia a colera, passava a fleuma, e se guardava a melancolia, nos seus vasos, e os mais humores: então fizera melhor conceito delles.

E fallando agora da arte da cirurgia, digo que é mui util, e necessaria á republica, e sem ella mal se poderá viver; mas se estes taes cirurgiões dão em se metterem a physicos, succede o que vi acontecer em uma junta; e foi o caso: mandou chamar um enfermo a tres cirurgiões, por não haverem medicos naquelle lugar. Estava o enfermo deitado em um estrado, a tempo que chegaram os tres cirurgiões: sentaram-se junto ao doente, e como a enfermidade parecia ser opilação, votou o primeiro cirurgião dizendo que lhe parecia ser aquella doença hydropsia anasarea. Votou o segundo, dizendo que lhe parecia ser opilação flatulenta. Votou o terceiro que era ictericia complicada com flatos uterinos. Riram-se os dous do dito do terceiro cirurgião: Motivou o terceiro, a perguntar aos dous de que se riam? Responderam: Rimo-nos, porque sendo o enfermo homem, o quer vossa mercê fazer mulher. Desta desconfiança, resultou a razões, e de razões passaram ás mãos, e das mãos a lutas, de que procedeu cahir um dos cirurgiões em cima do enfermo. Começou o doente a gritar que o mataram os tres cirurgiões. Sahiram elles pela porta fóra com a mesma luta, e o doente começou a lançar uma apostema pela boca. Acudiu a mulher do enfermo, e algumas vizinhas, e lhe foram dando caldos de gallinha com leite de peito, e assim o foram confortando, até que em breves dias teve melhora o doente, com alguns remedios caseiros, que tem ensinado a experiencia.

Porém, fallando agora do juizo que faço dos boticarios, principalmente do nosso Estado do Brasil: digo que é o que se pode

fazer de um vendeiro, ou taverneiro (fallo dos de má consciencia, e ignorantes na sua arte), porque havendo muitos, são mui poucos os que têm bons medicamentos, e se não usam do que fazem os taverneiros, que é deitarem agua no vinho, e mais bebidas. Fazem ás vezes peor, porque se lhe receitam agua d'escorcioneira, ou de cardo santo, etc., deitam-lhe agua de tansage, ou borragens, ou outra qualquer, por não terem a que lhe pedem, só por fazerem dinheiro (se já não é por não entenderem a fórma com que se receita).

A este proposito vos contarei o que vi succeder em minha presença, estando em uma botica: Havia um boticario na cidade da Bahia, o qual por ser musico, costumava sahir fóra da cidade a cantar algumas festas (sendo que o bom medico, cirurgião e boticario não hade ter muitos officios, porque diz lá aquelle rifão: quem muitas partes sabe, e de todas usa, de tornar a aprendê-las não no escusa). Tinha este boticario um escravo, que quando sahia fóra de casa, o deixava na botica vendendo medicamentos, o qual não sabia ler; chegou um moleque á botica com uma receita, a tempo que me achava eu presente: chamou o preto boticario a um rapaz seu vizinho, que lhe costumava ler as receitas, a qual vinha escripta naquella fórma, que costumam escrever os medicos e cirurgiões, em breve, que oxalá se receitara em linguagem portugueza, como o conheceram os antigos christãos de Portugal, e por isso se assentou nas côrtes que se fizeram quando El-Rei D. Manoel casou com a Rainha D. Isabel, filha dos Reis catholicos (3) Este foi um dos principaes capitulos entre os mais que se assentou; e o mesmo se mandou observar nas côrtes de El-Rei D. João, que se fizeram em Torres Vedras, pelas razões nellas declaradas (4).

Mas tornando ao proposito do que nos afastou a historia das côrtes; dizia a receita: Av.^a 3. Crist. 3. Alm.^o 3. em cozimento com assucar. Disse o preto depois de ter ouvido ler o rapaz, que estava entendido. Entrou em mim a curiosidade, e perguntei ao preto como entendia aquella receita? Respondeu-me: que se pedia nella: Avenca, crista de galo, Alemonada, naquellas quantidades com assucar. Pois estais muito enganado (lhe disse eu): porque a receita é cousa muito diversa disso que entendeis. O que nella se manda fazer é: Aveia, cristal mineral, e Almeirão, nessas por-

ções que dizem os caracteres. Ficou o preto admirado, e foi com a receita a casa do outro boticario, que lhe confirmou tudo quanto lhe havia eu dito.

E que vos parece, Senhor Peregrino, me disse a Mestra da Philosophia, que potagem beberia esse enfermo, se não succedera achar-vos presente nessa botica? Pois ouvi, Senhora, (lhe disse eu) outro caso que tambem presenciei, por vir muito a proposito do que tratamos; se é que vos não dou molestia. Mal me podeis dar detrimento, Senhor Peregrino, (me disse a Mestra da Philosophia) quando conheço que tudo quanto praticais, assenta em documentos mui conducentes ao bom regimen da republica, e da saúde das gentes.

Foi o caso, senhora, que estando eu, em outra botica, entrou um rapaz com uma receita escripta, na fórmula seguinte: Semente de rosa mesandria nova em pó, 40 réis. Assim como o moço, que estava na botica, leu a receita, tratou logo de tirar umas folhas de rosa seccas, e se poz a pisá-las: chegou a este tempo o dono da botica, e perguntou ao moço, que estava fazendo? Respondeu-lhe o discipulo: que estava pisando folhas de rosas para dar a aquelle rapaz, porque as pedia por aquella receita, a qual lhe poz nas mãos. Riu-se o mestre quando devia entristecer; e respondeu nestas palavras ao discipulo: Deita fóra o que estás pisando, porque o que se pede nesta receita é herva lombrigueira, que assim é que se receita na Pharmacopéa Luzitana.

Vêde, Senhora, (disse eu á Mestra da Philosophia) o que terá no mundo acontecido por causa destas equivocções e faltas de se não entenderem estes nomes, e caracteres, com que se escrevem as receitas nos tempos presentes. E o que se terá morto de gente: porém como depois de mortos não fallam, tudo fica debaixo da terra, e não se castiga. E se não, vêde o que aconteceu áquelle fidalgo na cidade de Lisbôa, não ha ainda muitos annos, que por não entender o moço do boticario a receita que se lhe mandou, em lugar de Almeirão, que se mandava juntar agua da aveia, deitou Sulimão, com o qual fez estalar ao fidalgo em breves horas. Sem embargo, que já ouvi contar que, por não ser bem entendida uma

receita, veio um enfermo a ter perfeita saúde. E como succedeu isso, senhor Peregrino? me perguntou a mestra da Philosophia.

Succedeu, senhora, (lhe disse eu) que vindo um homem da villa do Porto Seguro á cidade da Bahia a consultar um achaque que padecia, com um medico, este, depois de ouvir ao enfermo, lhe deu uma receita, na qual em breve lhe escreveu seis pirolas e lhe disse que enquanto as tomasse comesse galinhas, frangos, ovos, peixe leve, biscouto, e marmelada, etc. Pagou o homem a receita ao medico, e depois lendo-a entendeu que lhe mandava o medico comprar seis peroleiras de vinho; com effeito as comprou, e um barril de biscouto, e bocetas de marmeladas, etc.

E assim como chegou a sua casa o enfermo, tratou de comer galinhas, frangos, ovos, e bom peixe, biscouto, marmeladas, e sempre bebendo do vinho das peroleiras; e logo se achou com mui perfeita saúde. No anno seguinte tornou o homem á cidade, e foi buscar ao medico com um presente: e depois de se cumprimentarem, lhe perguntou o medico, como se havia achado com as pirolas que lhe havia receitado? Respondeu-lhe o homem: Senhor Doutor, eu não tomei pirolas, porque entendi que vossa mercê me mandou comprar peroleiras de vinho; essas é que levei; e do vinho é que usei; com que me tenho achado muito bem, graças a Deus. Respondeu-lhe o medico: Vá vossa mercê em paz, que melhor se soube curar, do que eu receitar. Por certo, Senhor Peregrino: (me disse a mestra da Philosophia) que muito folguei de vos ter ouvido contar esse successo da receita mal entendida; que na verdade foi para o enfermo bem acertada.

Resta-me agora, senhora, dizer-vos o conceito que faço dos barbeiros; e assim digo que são mui poucos os que obram como são obrigados observar a sua arte, principalmente neste Estado do Brasil; porque, além de serem mui poucos os homens brancos, que exercitam esta arte, por serem negros e pardos, que della usam, e talvez mal aprendidos, quando se devia pôr grande cuidado nisso, mandando-os examinar como se pratica em todas as mais partes do mundo; porém, vamos ao caso, que o mais pertence aos que tem obrigação de o fazer.

É a arte do Barbeiro tambem muito necessaria á saúde do corpo humano, pelos atrozes casos, que tem acontecido por falta de não saberem della usar os que a exercitam; e se não, reparai em um lastimoso caso, que vi acontecer, ha mais de cincoenta annos na cidade da Bahia (hei de nomear as pessoas, excepto ao barbeiro, que supponho ser já fallecido). Estava eu por hospede em casa de um sargento por nome João de Mattos; adoeceu este homem de uma febre com dôres de cabeça; mandou chamar a um barbeiro, e assim como chegou á casa do enfermo, sem mais lhe perguntar as indicações do achaque, tratou logo de o sangrar, e depois de lhe ter feito seis sangrias, vendo o enfermo que não tinha melhora mandou chamar o medico Manoel de Mattos de Viveiros (5), e assim como chegou á casa do enfermo, depois de lhe tomar os pulsos e as informações necessarias, lhe perguntou que medico, ou cirurgião, o mandara sangrar? Respondeu-lhe o doente: que o havia sangrado o barbeiro fuão; disse-lhe o medico: Pois mande-lhe dizer que lhe prepare o enterro, porque se desta vez logo não morrer, hade vossa mercê ficar ethico, ou tysico, e desta cama se não hade levantar. E assim succedeu, porque supposto se curasse o enfermo com bons medicamentos, e alimentos substanciaes, dahi a dois mezes veio a falecer.

Nisto é, senhora, que havia haver grande cautela pelos grandes damnos, que a cada passo está succedendo aos enfermos, por se sangrarem, e tomarem mezinhas, por dito de um barbeiro, sem parecer de quem o entende. Eu conheci a um famoso barbeiro, que quando o chamavam para sangrar algum doente costumava perguntar: Veio já medico, ou cirurgião? Se lhe respondiam que ainda os não tinham mandado chamar, dizia elle: Pois, senhores, nós somos como officiaes de justiça, ministros e escrivães, que não fazem diligencias sem despacho de seus ministros, e assim digo que com parecer de medico, ou cirurgião, promptamente virei sangrar ao enfermo; porque o sangue no corpo humano, além de ser thesouro da vida, é tambem como as palavras, porque muitos se arrependeram de haver fallado, e poucos de haver calado; por ter ouvido dizer a um famoso medico, que o tinhamos por oraculo da Medicina: ajudas muitas, purgas poucas, sangrias com grande necessidade: e com

estas, e outras semelhantes razões costumava este famoso barbeiro haver-se com os seus doentes.

E assim vos peço, Senhora, me perdoeis, se não tenho satisfeito ao que me mandastes, que dêsse meu parecer; porque como homem terei errado, porém ficai entendida, que me não tem levado má tenção fallar contra os professores destas sciencias, e artes, porque todo o meu desejo é que em tudo se obre com grande acerto em serviço de Deus, e bem do nosso proximo.

Agora vos digo, senhor Peregrino, (me disse a mestra da Philosophia) que fico no cabal conhecimento, que além de seres mui pratico em todas as artes, e sciencias, nesta da Medicina estais com mui largas experiencias; e pelo muito que vos estou obrigada, sêde servido acceitar este annel com este diamante, que vos servirá de lembrança do favor, que me tendes feito de vires honrar esta classe com vossa presença.

Para conhecer, senhora, (lhe disse eu) a muita mercê, que me fazeis, não é necessario que de vossas liberaes mãos vá tão prendado; porém, vós daes a medida de vossa grandeza, e eu acceito, por me não mostrar ingrato, a liberalidade de vosso primor. E acceitando o annel da mestra da Philosophia, me despedi, e dos seus discipulos; e o mesmo fez o mancebo Bellomodo. E com todo o primor e cortezia nos trouxeram até sairmos fóra da porta da sala, com demonstrações de um cordeal affecto.

NOTAS AO CAPITULO VII

(1) Sobre a história do ensino da filosofia na Bahia temos um importante documento na carta, datada de 12 de Agosto de 1851, que escreveu o conego Dr. Antonio Joaquim das Mercês, *Revista do Inst. Hist. e Geogr. da Bahia*, n. 58, ps. 81-92. Cita como primeiro mestre conhecido o P. Paulo da Costa, que no Colégio da Bahia ensinou a Antonio Vieira, tendo este escrito em 1635 o seu opusculo *Curso Filosofico*, que ainda se lia no fim do seculo XVIII. Seguiram-se os padres Francisco de Mattos, Domingos Ramos, Matias de Andrade, Francisco Camêllo, Gaspar Borges, Martinho Calmon. "De então para cá (continua o informante) nenhuma noticia temos, senão de alguns doutos filosofos, que aprenderam dos discipulos daqueles, e com os quais ainda nos communicamos em 1804 em diante, como foram o Deão Maciel Monteiro, o Deão Borges Leal, e sobretudo o doutissimo conego Mateus de Lima Passos, o qual nos noticiou que no seu tempo nos Pátéos da Companhia onde ele fizera todos os seus estudos Filosoficos e Teologicos, se

NUNO MARQUES PEREIRA

ensinava a Filosofia pelo supramencionado opuseulo do Padre Antonio Vieira, cujo sistêma era Escolastico, e tambem se lecionava a Fisica por Verney”

(2) Lourenço da Franca, filho do velho Afonso da Franca e D. Catarina Côte Real, era tio de Manoel de Barros da Franca, que lhe herdou o posto de coronel de auxiliares do Reconcavo, em 1682. Seria o 5º filho do dito Afonso, primeiro do seu apelido que se passou á Bahia. Foi nomeado pelo prazo de um ano Provedor da Alfandega, durante a licença dada a Francisco de Brito de Sampaio (*Documentos Históricos*, XXVII, 71). Gregorio de Mattos a ele se referiu numa poesia descritiva da caçada que fez em companhia dos Francas (*Obras*, III, Graciosa, XLIX).

Afonso da Franca, pai de Lourenço, era sobrinho-neto do homónimo capitão mór da Paraíba, tio de Lancerote de Franca que, com a sua náó “Caridade”, do comboio de D. Fradique de Toledo, se perdera nos recifes da costa (1625). Lancerote levou a Pernambuco a noticia da armada restauradora, Fr. Vicente do S. Salvador, *Hist. do Bras.*, p. 569, e illustrou-se no assédio da Bahia. André Dias da Franca, capitão mór de Pernambuco, Fr. Vicente, *op. cit.*, p. 614, em 1626, fraco defensor de Páo Amarelo quando af dessembarcaram os holandeses, Garcia, nota á *Hist. Geral do Brasil*, II, 338, era irmão de Afonso da Franca.

D. Luiza, irmã de Lourenço e esposa de Domingos Barbosa de Araujo, Jabotão, *ibid.*, p. 244, foi avó materna de João Alvares Soares, um dos fundadôres da Academia Brasilica dos Esquecidos.

(3) Reuniram-se as côrtes em Alcantara, Lisbôa, em 11 de Fevereiro de 1498 e terminaram em 14 de Março do mesmo ano, Damião de Góes, *Crónica de... D. Emmanuel*, 1ª parte, cap. XXVI.

(4) Celebraram-se em Torres Novas, em 1525, João Pedro Ribeiro, cit. por Alfredo Pimenta, *Elem. de Hist. de Portugal*, p. 550.

(5) O doutor Manoel de Mattos Viveiros substituiu o Dr. Ventura da Cruz Arraes no cargo de Médico do Hospital da Santa Casa, ou “dos soldados”, com 40\$000 de soldo cada ano, em 1679, sendo confirmado por carta regia de 26 de Novembro de 1687, *Documentos Históricos*, XXIX, 446-8.

CAPITULO VIII

O que succedeu ao Peregrino, depois de ter sahido das casas das artes e sciencias, e desceu á praça do territorio dos deleites, donde achando-se principiou a correr a cavallaria, até chegar ao pateo das comedias, e do que nelle viu, e observou.

JÁ a este tempo, que seriam quatro horas da tarde, em que o sol ia declinando seu apressado curso, a sepultar-se no horizonte, sem temer as ardentes fraguas dos robicundos robins e flamantes granadas; para depois apparecer no seguinte dia, qual renascido Fenix, feito infante nos braços da bella Aurora, com luzentes resplandores de seus brilhantes raios.

Fomos descendo por uma escada de pedra, que estava em correspondencia da outra, por onde haviamos subido para as salas das artes e sciencias. E chegando á praça do território dos deleites, se estava dando principio a uma cavallhada de mui bem trajados mancebos. Começaram logo uma travada escaramuça, e depois entraram a passar parelhas dentro dos postes, e a correr argolinhas, as quaes eram feitas de ouro massiço. As primeiras, que levavam por sortes, as iam offerecer ao Presidente da Saúde, o qual estava sentado em uma janella do palacio debaixo de um rico docel, com toda a magnificencia, e as mais as iam levar ás damas, que pelas janellas estavam, e algumas pessoas particulares. Entraram depois a correr canas. Acabaram esta função, com outra mui bem ajustada escaramuça, e se foram recolhendo; e nós tambem para casa, por ser já tarde, e assim como chegamos, mandou o mancebo Bello-modo pôr a ceia; e depois de termos feito colação me disse o Bel-lomodo, que fossemos ver a comedia, porque se costumava fazer cedo.

Sahimos outra vez á praça, e chegamos á porta do pateo das

comedias: fez signal o mancebo, e promptamente se nos abriu, por conhecer o porteiro que era o Bellomodo, e sem pagarmos a esportula costumada, sendo que se dava cento e sessenta réis por cada pessoa, além do que mais se pagava nos assentos, que todo este dinheiro se applicava para o Presidente da Saúde.

E com effeito, entramos em um espaçoso pateo, tão claro e luzido, que se estava a noite equivocando com o mais claro dia, por se ver no tecto da sala um globo de crystal, com dispersos raios de scintillantes luzes tão artificialmente feito, que parecia o mesmo sol, pelos reflexos, com que cegava a vista; e por todos os lados do tablado muitas tochas acesas. Estavam cobertas as paredes do espaçoso pateo, de fina rasa encarnada, e todo o pavimento da sala cheio de ricas alcatifas, e por uma e outra parte, muitos escabellos: e encostados ás paredes arquibancos, donde estavam sentados mui bem vestidos mancebos. E por cima camarotes, nos quaes estavam mui formosas damas mui bem vestidas.

Via-se em um espaçoso lugar tres estrados, cobertos de damasco carmezim, e em cima uma cadeira de espaldar, que a cobria um docel de fino brocado, com franjões de ouro: lugar onde me disse o Bellomodo servia de assento ao Presidente da Saúde; defronte estava o tablado das comedias com grande pompa, e preparos, de ricas cortinas e bastidores. Já se ouviam tocar alternativamente clarins, trombetas, charamellas, frautas e atabales. Recreava-se o olfacto, com fragrantés casuellas, e perfumes cheirosos, que ardiam em acesas brazas, em cima de pratos de prata.

Esperava o famoso auditorio para gozar de tão plausivel recreio: quando sahiu o Presidente da Saúde, tão custosamente vestido, como se só viera a contentar os olhos, e dar agrado aos circumstantes com sua presença; e assim como appareceu, todos nos levantamos; deu logo o Presidente signal para nos tornarmos assentar; começaram os musicos a cantar a seguinte letra:

Vistan los jardines,
vistosas galas,
Salgan las estrellas
de ouro e de plata.

O PEREGRINO DA AMERICA

Pues que sae el sol
en aquesta sala,
con luzida Pompa
tanto alumbrada.

Con requebros mil
en afectos graves
Se lhe cantem vivas
Musicas suaves.

E pondo-se fim ás coplas, sahiu o primeiro galã, pomposamente vestido, e deitou a lóa, repetindo a decima que havia eu feito em casa da mestra da Poesia a seu rogo, na fórmula seguinte:

DECIMA

Con humildad primorosa,
Os vengo hoy a ofrecer,
Senhor, a nuestro plazer
La comedia más famosa.
Estoria tan portentosa,
De un portuguez tan Atlante,
Que no tiene semejante.
E por eso con razon
Fué por su mayor blazon
el dichoso naofragante.

Levantaram-se logo de um camarote quatro mulheres, mui bem trajadas, que eram as mestras da Solfa, Poesia, Mathematica, Philosophia; as quaes estavam defronte de nós, sem eu as conhecer, e em alta voz, e mui intelligivel, me deram um victor, da lóa que o comediante havia repetido. Levantei-me promptamente, e lhes fiz una mesurada cortezia, em remuneração do louvor, que publicamente me haviam feito; motinando por esta causa todo o auditorio, pondo os olhos em mim. Mandou logo o Presidente chamar ao mancebo Bellomodo, que junto de mim estava, e depois de o ter

ouvido tornou, e me disse que o presidente me mandava dizer que no seguinte dia, das sete para as oito horas, lhe fosse fallar. Tornei-me a levantar, e lhe fiz uma grande genoflexão com toda a submissão, dando-lhe a entender, que ficava entendido, a obedecer ao seu recado. Começou-se logo a primeira jornada, e se foi continuando a comedia até o fim. Essa é, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) que tomara me fizeras favor dizer agora. Haveis de saber, senhor, que além de ser mui difficultoso repetir o enredo de uma comedia, que só uma vez se ouviu representar, é cousa mui fóra de meu genio hoje, tratar de enredos de comedias, passos, bailes e entremezes, tanto pela grande offensa de Deus, como pelo damno que disso resulta a republica, pelos lastimosos casos, que tenho visto succeder, por essa causa, como vos relatarei adiante

Acabou-se finalmente a comedia, depois de se ter feito e representado famosamente o successo, que aconteceu a Diogo Alvares, quando naufragou na costa da praia da cidade da Bahia (1). Com mui famosa musica, e bellos bailes; e no fim se abriu umas cortinas onde estava a Virgem Santissima da Graça, e todos os comediantes se puzeram de joelhos, e se começou a ouvir uma bem afinada capella de musica, com varios instrumentos a cantar esta letra:

Admire-se todo el Orbe
de una gracia tan fatal
que es gracia dizer que gracia
puede en Maria faltar.

Es Aurora rutilante
esto luzido cristal,
pues con inchentes de gracia
viene a todos alumbrar.

Es amparo de las almas
tanto que inda las pagans
con su gracia las ampara
de gracia las vien buscar.

Finalmente es de Dios madre.
Pidi-lhe, pues puede dar
muchas enchentes de gracia
nessa gloria celestial.

E assim como se acabou a musica se tornaram a fixar as cortinas, e disse Diogo Alvares:

E aqui, noble auditorio,
e vós, Senhor Presidente,
dá fim a sua tragedia
El dichoso naofragante.

E desta sorte se acabou a comedia. E nós tambem sahimos fóra do pateo, e chegando a casa, deu o relógio duas horas depois da meia noite; e logo me offereceu o mancebo Bellomodo uma mui bem feita cama, onde passei a noite.

NOTA AO CAPITULO VIII

(1) Os autos a que se refere o A., sobre o naufragio de Caramurú, não chegaram até nós. Estavam nos costumes da terra e dos jesuitas, em cujos pátcos desde os primeiros tempos houve representações alegóricas, edificantes, sacras e artisticas. O "Auto da vila da Vitória ou de Mauricio" que se encenou no Espirito Santo em 1586, P. Serafim Leite, *Hist. da Companhia de Jesus no Brasil*, II, 611, é um tipo desse teatro incipiente e educativo: os personagens eram o Embaixador do Paraguai, a Vila da Vitória, o Governo, S. Mauricio, Vitor, Amor e Temor de Deus, a Ingratidão, etc. Como na Bahia se cousiderasse Caramurú o patriarca de sua colouização, numerosos dramas e comedias lhe exaltaram o infortunio, o heroismo, a fé, sem esquecer a virtuosa Catariua que erigira a capela de Nossa Senhora da Graça, tão venerada que o governador geral D. João de Lencastro ao assumir o poder lá foi depôr nas mãos da Imagem o seu bastão de comando. Santa Rita Durão no seu poema deu um definitivo interesse literário á história e á lenda do naufrago, creando simultaneamente a epopéa brasilica. O seu "*Caramurú*", Lisboa, 1781, filia-se a um ciclo de lirismo indianista que data do seculo XVII.

Gregorio de Mattos não perdoava a seus conterrâneos o orgulho com que falavam de Diogo Alvares... Assim os sonetos IV a VI de *Satirica*, IV, vol. 1°.

A Casa da Torre e os Monizes mantiveram a tradição do primeiro casal baiano de quem descendem. Na igreja da Graça as sepulturas armoriadas de Caramurú e sua mulher e os belos quadros da sacristia evocam essa fidelidade, que ua época da Iudependência se exacerbou, como um puro e illustre arguemento nativista, contra os reiúes..

CAPITULO IX

Da conversação, que teve o Ancião com o Peregrino, acerca do quanto é nocivo e prejudicial ao bem da Republica fazerem-se comedias, passos, bailes, entremezes, toques de violas e musicas deshonestas; com varios exemplos, mui necessarios para bem da salvação e serviço de Deus.

DE tudo quanto vos tenho ouvido, senhor Peregrino, estou mui satisfeito (me disse o Ancião). Porém não deixarei agora de vos perguntar: qual foi a razão que tivestes para me dizeres, quando vos pedi que me fizesses favor repetires o enredo dessa comedia, para vos escusares dizendo, que já não era de vosso genio, e agrado o ver comedias, nem semelhantes farças: quando vos conheci na vossa mocidade, tão inclinado a ellas?

Por isso mesmo, Senhor (lhe respondi assim): porque já ouvirieis dizer, que ninguem pode fallar da arte, sem della ter parte; e que não ha melhor medico, que o mesmo enfermo. E por essa razão vos posso certificar, que se podera emendar esse tempo perdido, tanto em detrimento da minha alma, ainda que fosse castigado pela justiça, mandando-se-me correr as ruas publicas, com um pregão no qual se dissesse: justiça, que se manda fazer a este homem, por ter sido autor de comedias, e passos, e nellas ter entrado, tanto em risco de sua salvação, e máu exemplo, que tem dado a seus proximos: de boamente acceitara o castigo, e affronta, á troca e satisfação do mal que tenho obrado.

Verdade seja que ignorando, naquelle tempo, o mal que agora conheço. E por isso se diz, que quem innocentemente pecca, innocentemente vai ao inferno. Porém, eu direi que quem innocente-

mente pecca, justamente é condemnado. Porque todos temos obrigação, quando chegamos a ter uso de razão, procurarmos aprender tudo aquillo, que temos de obrigação saber, para o bem de nossa salvação.

Agora conheço eu a grande razão que teve Santo Agostinho, para fazer um livro de suas confissões, e a causa foi (além das mais) porque sendo moço, antes de sua excellente conversão, ter feito comedias, e muitos versos profanos.

O veneravel Padre Frei Antonio das Chagas, religioso de São Francisco, prégador missionario, sendo moço, e secular (1), compoz muitos versos profanos e amatorios; e depois que se metteu religioso, pedia particularmente, e nos pulpitos, que toda a pessoa, que tivesse versos que elle havia composto, lhos entregasse, porque sabia o quanto semelhantes obras são indignas de se lerem, pelas grandes consequencias que disso resulta de mal a bem da salvação.

Porque haveis de saber, que assim como não pode haver maior merecimento, para com Deus, como é uma creatura que dá bom exemplo a seu proximo. Assim tambem não pode haver maior culpa para um homem ou mulher, como é todo aquelle que costuma dar mau exemplo a outros, sendo incitadores e conductores para a offensa de Deus. Isto se vê, e se acha, em todos aquelles, que são autores de comedias, passos profanos, bailes, entremezes, toques de violas e musicas deshonestas.

Porque sem dúvida, que semelhantes farças profanas, tudo é um invento diabolico, que costuma o demonio incitar aos poetas para fabricarem idéas malignas e artificiosas, dirigidas a offensa de Deus, com o pretexto de lisonjear o gosto aos que a estas funções vão assistir, provocando a concupiscencia deleitavel. Finalmente meio de peccar, e caminho franco para o inferno.

E assim vos digo, que se tivera voto em capitulo, ou em algum tribunal, onde se propuzesse, se era ou não acerto, usar de comedias e dessas semelhantes farças, houvera ser o meu voto, e parecer, que não só se mandasse prohibir comedias, passos, bailes, entremezes, musicas lascivas e toques deshonestos, mas que tambem se mandasse queimar todos os livros de comedias, passos profanos, e tudo o mais referido; e que fossem punidos com graves

penas todos aquelles, que em semelhantes farças fossem achados a representá-las, pelas grandes offensas de Deus, e consequencias, que disso resulta de mal ao bem da republica, tanto em prejuizo da honra, e credito, das casas honradas, que a semelhantes actos vão assistir. Por serem estes taes representantes mestres das escolas diabolicas, aonde se ensinam e se aprendem muitas deshonestidades, contra a virtude, e perdição das almas, debaixo dos nomes de divertimentos honestos. Os quaes estão incitando e provocando a muitas torpezas, como tenho visto representá-las a estes taes conductores da perdição das almas.

E por isso se tem visto acontecer varios successos lastimosos a estes taes: dos quaes vos farei presente parte delles, se fores servido dares-me attenção: o que farei com a maior brevidade, que puder. Nomeando algumas dessas pessoas, a quem succederam os taes successos, por vos não deixar na supposição, que por mim são inventados, para melhor vos persuadir. (Supposto que não são passados tantos annos, que não hajam ainda muitas pessoas vivas que os presenciaram). Além de outros muitos casos, que no mundo tem acontecido acerca deste particular. Muita mercê me fareis, Senhor Peregrino, em mos repetires (me disse o Ancião). Pois ouvi, Senhor, (lhe disse eu) que são os seguintes:

Era assistente na freguezia de Nossa Senhora da Encarnação em Passé (2), no reconcavo da cidade da Bahia, um mancebo por nome Lourenço Ribeiro (3), mui presumido de comediante, o qual estando representando um passo em uma noite de Natal, posto no tablado, lhe fizeram tiro com uma arma de fogo, que logo ali o deixaram morto.

Nas Minas do ouro de São Paulo, em uma villa chamada Ribeirão do Carmo (4), assistia um homem por nome Francisco Leitão Pereira, o qual era em extremo inclinado a fazer comedias, e nellas entrar, a representá-las. Succedeu que estando em certa occasião ensaiando a uns comediantes, lhe deu uma dôr tão excessiva, que em breves horas acabou a vida.

Outro homem conheci eu chamado Vicente Riço, morador na villa do Camamú, mui presumido de grande comediante, o qual depois de ter entrado em tres comedias, que fizeram em uma fe-

tividade, se retirou para sua fazenda, que distava duas leguas fóra da villa; no seguinte dia depois de sua chegada, lhe deu um estupor, que não teve de vida mais que sete horas, sem ter lugar de se confessar.

Menos tempo haverá de dez annos que se fez uma comedia em uma noite na praça da cidade da Bahia, onde se fabricaram camarotes, para de cima delles verem as mulheres (que não foram poucas) o enredo della. Havia um homem por nome de Balthazar da Silva Reis, mui dado a ler e ver comedias; e como soubesse daquella que se fazia, não quiz perder a occasião de a ir ver: e achando um lugar vasio debaixo de um camarote, nelle se met-teu; porém, logo experimentou o castigo da sua curiosa ociosidade, porque cahindo o camarote com o muito peso das mulheres, o apañhou debaixo, e o deixou tão molestado, que o levaram em uma rêde, e por aquella causa veio a falecer em breves dias.

E porque não fiquem os musicos, e tocadores de violas, de toques e musicas lascivas, sem algum exemplo, contarei um entre muitos, que vos pudera repetir, e foi o caso: que houve um pardo por nome João Furtado, famoso musico e grande tocador de viola destas modas profanas, assistente na freguezia de Nossa Senhora do Socorro, no reconcavo da cidade da Bahia; o qual em certa occasião pegou em uma viola, e se foi deitar na sua cama, e começou a cantar um tono, que se usava naquelle tempo, dizia a lettra:

Para que nascestes, Rosa,
Se tão depressa acabastes &.

Ouviram-no cantar e tanger os que na casa estavam. Porém, quando o foram acordar, estava na outra vida. Vêde que arrependimento este, ou acto de contrição para a hora da morte?

Haverá mais de cincoenta annos partiu do porto da cidade da Bahia uma lancha para o reconcavo della com musicos e comediantes a irem fazer uma festa; levavam algumas armas de fogo, e com ellas iam disparando muitos tiros; succedeu saltar uma faisca na panella de polvora, que ia na lancha, e fez tal estrago, que a uns

queimou, e a outros fez saltar ao mar; razão porque se não fez a comedia, pelo destroço que entre elles aconteceu.

Na cidade do Porto, no Reino de Portugal, succedeu ha bem poucos annos um lastimoso successo, e foi o caso: que fazendo-se na mesma cidade em uma casa particular um presepio, ou passo com grandes regosijos de toques, e musicas lascivas, onde se ajuntaram muitos homens, e algumas mulheres vestidas em trajos de homens, por não serem conhecidas. Succedeu pegar o fogo no presepio, e fez tal estrago o incendio, que por aquella causa morreram mais de cem pessoas, onde entre ellas acabou a vida o Desembargador Christovam Gomes.

Mas, tornando outra vez aos effeitos das comedias: conheci em certa villa a um homem casado com mulher, filhos e filhas, que todos viviam com mui bôa opinião de bom procedimento: veio este homem a dar em um notavel sestro, o qual foi fazer representar comedias em sua casa nas mais das festas do anno, nas quaes entravam seus filhos, e alguns de seus vizinhos, por ser morador menos de um quarto de legua fóra da villa. Foi muitas vezes advertido de seus parentes, e amigos, para que deixasse semelhantes divertimentos. Dava por resposta que as comedias faziam aos homens discretos, e bem fallantes, e que pretendia que seus filhos se fizessem praticos e correntes para que soubessem fallar em publico, sem pejo e com discrição.

Tinha este homem uma filha casada, a qual vivia mui honestamente em companhia de seu marido; porém, tantas vezes foi assistir ás comedias, que por ordem de seu pai se faziam, que veio a namorar-se de um comediante, com o qual cometeu adulterio a seu marido, o qual, vindo-lhe a noticia, a matou, e ao adultero; e por este caso vieram-se acabar os enredos das comedias naquella casa.

De caminho quero fazer uma advertencia aos pais de familias, que poderá ser que m'a agradeçam, e vem a ser: que não consintam que suas mulheres, filhas, irmãs, parentas, e pessoas honradas de sua obrigação, que estiverem debaixo de sua proteção, vão ver comedias, nem semelhantes farças. E muito menos consintam, que estas pessoas vistam comediantes, ainda que sejam em trajos de

mulheres, pelo que tenho visto succeder por estas causas, o que por modestia o não publico.

Porém, isto supposto, e o mais que vos deixo de contar pelo ligeiro passo com que vou acabar este discurso, dissei-me agora, senhor, o como poderá sahir uma donzella, e mulher honesta, de semelhantes lugares, á vista de tão lascivos e profanos objectos, fazendo estes taes tantos meneios, e acções provocativas á luxuria, com cantos, e encantos amatorios?

O que vos posso dizer, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) é que sahirá uma mulher de semelhantes funções distrahida, e com pensamentos tão estragados, que se não poderá reformar em muitos dias. Com grande razão, e cabal experiencia, disse um contemplativo, fallando a este proposito, que grande força faz no sexo feminino a poesia cantada. Porque, como o amor é doce, com a melodia do canto as faziam perverter, e abraçar em um incendio amoroso. E por isso, lá disse Plutarcho, que das cousas indecorosas, e inhonestas, se deviam apartar os ouvidos, por não sujeitar a vontade a seu imperio.

E assim vos digo, que vos acho muita razão no que vos tenho ouvido relatar, além do muito, que tenho visto acontecer no mundo, tanto nos pateos das comedias nas côrtes, como em outros varios lugares, e em casas particulares; porém, vejo que estão de presente as comedias tão introduzidas entre tão boa gente, e com tão boa acceitação, que não sei como poderá ser acceto esse vosso voto, e parecer, além de não ter visto leis, nem prematica, que as prohiba.

Dir-vos-hei, senhor, (lhe respondi eu) muitas cousas se tem usado e praticado no mundo com capas de virtudes, que se toleravam, e dissimulavam. Até que pelos tempos adiante se vieram a descobrir, e conhecer suas maldades. Outras que pela primeira face pareciam boas, porém, depois vistas, e examinadas, si vieram a conhecer, e foram reprovadas.

Estas mesmas comedias e passos nos tempos passados as vi eu representar dentro das Igrejas (5) e hoje estão prohibidas, e com muita razão, porque diz São Paulo (Epist. I. ad. Cor. cap. 3, n. 17) e ameaça, dizendo, que Deus destruirá a quem profanar sua

casa. E vêde que maiores profanidades se podem fazer no Templo de Deus, que consentirem fazerem-se semelhantes farças.

Nos tempos antigos se costumava aprender a sciencia magica em alguns estudos entre catholicos; correram os annos, conheceram o erro e malicia diabolica, tem-se evitado esses estudos.

Em Roma houveram muitos abusos na gentilidade, como era a festa das candeias, com que iam festejar aquella Deusa, rodeando os muros da cidade. Houve um Summo Pontifice, que fez mudar do profano ao divino, fazendo solemnizar a festa de Nossa Senhora da Puirificação, a dous de Fevereiro com o titulo das Candeias.

Aquelle abuso chamado a festa do Entrudo se tem diminuido as suas demasias desordenadas com os jubileus das quarenta horas, que se costumam fazer em muitas igrejas.

No nosso reino de Portugal houveram varios inventos gentlicos, que muitos annos se praticaram entre os christãos, como eram na festa de *Corpus Christi*, sahirem nas procissões a dança das Pellas, Serpe, Drago, Gigantes, cavallinhos fuscas, e outras muitas danças antigas; porém hoje na côrte de Lisboa se tem prohibido, e em outras muitas partes. Tambem tem sahido alguns livros debaixo de certas razões apparentes, que vistos e examinados, se tem mandado prohibir. E ainda alguns autores escreveram casos de Moral, parecendo-lhes escreviam com grande acerto; hoje estão condemnadas muitas das suas proposições pelo sagrado Collegio Apostolico.

E assim vos digo, que tambem as comedias, e essas farsas profanas, se com o zello christão se examinaram, e viram o damno que dellas resulta ao bem da Republica, tanto em prejuizo e credito das casas honradas, e nobres familias, sem embargo de andarem, como andam tão introduzidas no mundo entre essa boa gente, que vós dizeis, se houveram de mandar prohibir; supposto que algumas trazem o rebuço de serem compostas ao Divino, para melhor poderem disfarçar o seu veneno tão maligno, como são as seguintes:

El lego del carmen, de S. Francisco de Sena; *El juramiento ante Dios*; *La devocion de la Cruz*; *La Cruz en la sepultura*; *El Arrenegado del cielo*; *Cahir para levantar*; *Lo que puede el oír missa*. E outros muitos titulos de santos da lei escripta, e passos do nasci-

mento de Christo bem nosso. E outros sacramentais, que fora um processo infinito quere-los a todos relatar.

Porém reparai que todas estas comedias e passos com o nome de Divinos, são feitas e fabricadas com varios enredos profanos e amatorios, entre homens e mulheres, com bailes e entremezes deshonestos para depois mostrarem a historia e vida dos Santos. E muitas vezes lhe estão negando o verdadeiro sentido, só por accomodar o Poeta ao seu intento o enredo da comedia, ou passo, as quais vidas dos Santos e Misterios Divinos se acham escriptos por doutos escriptores em prosa com todo acerto.

Demais, Senhor, que me não haveis de dizer que vistes nem ouvistes contar, que houve algum homem, ou mulher, que depois de terem visto representar alguma comedia ou passo, fosse buscar o deserto, ou alguma religião para se reformarem, e fazerem vida santa, como tereis visto e ouvido dizer de muitos homens e mulheres, que por terem ouvido um sermão de doutrina, ou lido algum livro espiritual, ou feito uma boa confissão, se reformaram de sorte que acabaram as vidas com mui conhecida virtude.

Em quanto o dizeres-me que não tendes lido nem ouvido dizer que haja lei, ou prematica, que prohiba fazerem-se semelhantes farsas, é porque não reparastes na nossa Ord. L. 5, cap. 34; onde se manda, que se não vistam os homens em trajos de mulheres nem mulheres em trajos de homem com as penas declaradas na dita lei, supra citato. Além de muitos autores espirituais, e Missionarios Apostolicos, que nisto têm fallado e reprehendido, e muitos edictos, e prematicas de Reis e Imperadores.

E se não, vêde: Santo Agostinho, no livro terceiro de suas Confissões, cap. 2.º, chora muito haver sido affeiçoado (quando moço) a ler comedias, e diz que estes livros são o meio eficaz que pode haver para corromperem e destruirerem o espirito dos moços de poucos annos. Pois se lê-los causam tantos damnos, que será ouvi-las? Em outra parte chamou as comedias pompas dos Demonios: de donde se verifica o que diz Salviano, e é, que os que assistem em theatros de comedias, não cumprem a Deus a palavra que lhe deram no Baptismo; porque ali se obrigaram a renunciar ao Demonio, e todas as suas pompas, e é certo o não cumprem, emquanto es-

tão nos theatros ouvindo as comedias. Consequente diz S. Efrem, que se entristecem os Anjos de ouvirem as musicas, e representações, bailes, e saraos dos theatros, porque estas são as festas do Demonio. S. João Chrysostomo dizia ao povo Antioqueno, que antes queria estar muitos dias em um carcere escuro, que por breve tempo em o theatro. E por isso chamou o santo o ver e assistir a comedias escola de deshonestidades, pestilente officina de luxuria, lugar de perigosas enfermidades, e forno de Babylonia. (São João Chrysostomo, *hom. ad populam. Aut e pen. ininit. hom. 8*).

Vêde agora, á vista de tão certas autoridades, e ditos dos Santos Padres, quem haverá que vá assistir a comedias, e a tais tragedias com alegria, quando tanto se offende a Deus, e fazem entristecer os Anjos.

De Agesilau, Rei de Lacedemonia, diz Aristoteles, que aborrecia tanto ao theatro, e aos comediantes, que lhes fazia grandes desprezos. O Imperador Tiberio experimentou que as comedias eram total ruina da honestidade, por cuja causa as prohibiu em Roma, e desterrou aos comediantes. Assim o refere Dion. — Baronio, em o tomo sexto de seus *Annaes*, diz mais que, desejando o Imperador Leão V o maior serviço, e agrado de Deus, e santificação das festas, ordenou um decreto, que se publicou em Constantinopla, em o mez de Dezembro do anno de Christo de 469, no qual mandou, que se prohibissem os theatros e comedias. O Imperador Justiniano fez o mesmo que havia feito o Imperador Leão, e declarou, que assistir a comedias era delicto dos mais graves, e vicio dos mais relaxados. Para evitar que não houvessem comedias deu por infames aos que publicamente usassem dellas.

E não vos pareça que tambem não tem sido prohibido semelhantes farças dos nossos monarchas portuguezes em os tempos passados, como se tem visto nas prematicas, e ordenações, como já vos mostrei no livro 5.º da ordenação. Vejam agora as grandes personagens se tenho razão para tanto estranhar o uso das comedias com tanto prejuizo d'alma, e da honra, e offensa de Deus.

E se de presente estão toleradas, e se não dá a execução ás leis, é debaixo de um rebuço apparente, e conveniencia; principalmente nas côrtes, onde se acham pateos de comedias, que publi-

camente se costumam representar, por se offerecer certa porção de subsidios para os pobres dos hospitaes (6), como se não tivéramos a liberalidade dos nossos monarchas, e a divina Providencia, que a todos remedeia.

Uma das felicidades, que gozou o nosso Reino de Portugal foi quando se não permittiram fazerem-se comedias pelos castelhanos no tempo que reinou o serenissimo Senhor Rei D. João o IV. e nem por isso deixaram de se sustentar os pobres dos hospitaes (7). E então foi que começou a florescer o Reino em bons successos, livrando-se do jugo de Castella; com grandes felicidades nas batalhas, e depois em uma socegada paz. E por que não será agora de muito agrado a Deus que se evite o fazerem-se comedias, e semelhantes farças, tanto nas côrtes, como nas suas conquistas, pelas razões sobre ditas?

Na cidade de Lima, de que já falei na primeira parte deste compendio, no penultimo capitulo, ouvi contar, que haviam homens tão entregues aos divertimentos profanos, comedias, e passatempos, que já não havia quem quizesse ouvir a palavra de Deus, como se provou do que succedeu ao Padre Frei Luiz Galindo naquelle tempo, o qual oito dias antes de succeder aquelle notavel castigo, foi o dito padre pelas ruas publicas da cidade convidando, e chamando a todos moradores ao som de uma campainha, que importava muito ao serviço de Deus que lhe fossem ouvir um sermão á Igreja maior, metropole da mesma cidade; e no dia assignalado, se achou o servo de Deus com doze pessoas sómente, a quem elle intimou da parte de Deus o grande castigo, que estava para succeder. Vêde agora que taes estariam os moradores daquella cidade á vista de não quererem obedecer a um servo de Deus, que tanto os avisava para o bem de suas salvações.

Isto que lá succedeu áquelles homens, por que nos não poderá acontecer a nós tambem, pelo que estamos vendo observar, e praticar neste estado do Brasil? Principalmente na cidade da Bahia: pelas grandes devassidões de danças, musicas, e farsas tão deshonestas, ainda dentro das igrejas, e procissões, que se fazem pelas ruas publicas, indo encaretados, provocando muita lascivia, como

todos os annos se está vendo, e experimentando usarem estes tues dançantes balharins.

Já que tocastes nesta tecla, senhor Peregrino, (me disse o An-cião) tomara que me dissereis o que sentis de certas danças, e bailes cantados, que costumam fazer os estudantes dos pateos do collegio todos os annos, com o pretexto de solemnizarem a festa das onze mil virgens? (8) E assim ficam continuando com estas danças, e bailes deshonestos muitos dias, e mezes, tanto dentro das igrejas, como nas procissões, que se costumam fazer nas freguezias da cidade da Bahia nas festas, que fazem os irmãos do Santissimo Sacramento, naquellas Domingas das festas do Senhor.

O que vos posso dizer, senhor, (lhe respondi assim) acerca do que me perguntaes, é que, supposto dizem muitos que são necessarios todos esses divertimentos para fazerem mais apraziveis as festas dos santos, sou de mui diverso parecer; porque os santos para serem louvados, e festejados pelos seus devotos, e mais povo christão, não é necessario que se use de semelhantes farças profanas tanto em offensa de Deus, como as vejo praticar. Basta que se repiquem os sinos, e se toquem instrumentos apraziveis, e se cantem vespersas; e no dia dos santos haja missa cantada, e para maior solemnidade se exponha o Santissimo Sacramento, cantando psalms, e vilhancicos ao divino, e haja sermão condicente á festividade, segundo a doutrina do Santo Evangelho.

Porém, não querem os Santos que se façam esses bailes e musicas indecentes dentro das Igrejas com mascaradas, e cobertos com chapéus e capacetes diante do Santissimo Sacramento, por ser isso uma grande irreverencia, que se faz a Deus, e a seus santos; e por isso disse Deus aos Hebreus por bocca do Propheta Isaias: *vossas festas, vossos sabbados são mentirosos, e na verdade me molestam* (cap. 1.º, v. 14).

Não deixarei de fazer agora uma advertencia mui necessaria a proposito do que tratamos, e vem a ser: que essas danças, e farças, que se fazem em nome dos estudantes dos pateos do collegio, sem embargo de serem muitos filhos de homens honrados, e terem mui boa doutrina de seus doutos e religiosos mestres, padecem a

nota de vadios e calaceiros, e talvez sem terem commettido as culpas, que se lhes imputam.

E a razão é, por se metterem entre elles muitos mascarados, negros, mulatos, e gente calaceira, e vadia. E o pior é que não falta quem diga, que tambem vão negras, mulatas, e muitas mulheres damas, fazendo, e obrando cousas inauditas. Vêde agora, senhor, como assenta bem aquelle adagio, que diz: quem com farelos se mistura etc.

Tambem digo, e aviso, que se deve pôr grande cuidado (os que têm obrigação de o fazer) que se não permitta, nem consintam, que vão encaretados com danças deshonestas diante das procissões; e principalmente onde vai o Santissimo Sacramento, pelo que tenho visto fazer esses caretas de deshonestidades tão publicamente; porque não é para crer, o que costumam fazer estes taes vadios, em semelhantes lugares, diante de mulheres honradas, e moças donzellas, que estão pelas janellas para verem as procissões, incitando-as, e provocando-as por este meio a muitas lascivias com semelhantes danças, e musicas torpes tão publicamente que parece (como é certo) que os mandam o diabo, que vão diante das procissões provocar e incitar aos homens e mulheres, para que não estejam com aquella devida reverencia e devoção, que se deve ter a Deus, e a seus Santos.

Estas são as razões, que tenho, senhor, para tanto estranhar, e fazer estas advertencias a quem lhe incumbe por direito prohibir, e emendar estes abusos tão perniciosos contra a honra de Deus, e bem da Republica christã, por ver estes corretores do Demonio tão descaradamente em lugares tão dignos de toda a reverencia, e profunda attenção, estarem espalhando abrolhos, e refinado veneno entre um povo christão, sem haver quem os prohiba, passando tudo por risadas.

A este proposito de risadas vos contarei um caso, que vi acontecer. Havia um homem assistente na cidade da Bahia, chamado João de Araujo: vulgarmente o appellidavam por João Magano, por ter sido do congresso do Doutor Gregorio de Mattos, que costumava levar-lhe os alvitres, e contar-lhe os successos, que aconteciam na cidade, para os compor em versos (9). O qual homem morava em

umas casas no Terreiro de Jesus entre o collegio e São Francisco. Succedeu estar em uma janella das suas casas, com um seu amigo; e neste tempo passou pela rua uma negra mui ridicula, e engraçada em dizer dictos jocosos; começou o João Magano a tirá-la a terreiro (como se costuma dizer). Respondeu-lhe a preta com seus costumados dictos e gracejos; poz-se a rir o Magano, e de tal sorte foi a risada, que com ella acabou a vida, sem se poder valer dos sacramentos, morando entre duas religiões, e assim passou rindo-se para outra vida, que permitta Deus que não esteja no inferno chorando.

Mas, tornando outra vez no nosso proposito: se me disserem estes taes dançantes, e musicos deshonestos, que o seu fim não é offender a Deus, nem darem máu exemplo a seus proximos, porém que o fazem por se divertirem, e darem prazer aos circumstantes, a isso responderei com um exemplo bem vulgar; e se não, vêde: succede muitas vezes acharem a um homem com armas defesas, e prohibidas, sem embargo que com ellas não tenha commettido malficio, ou offendido a ninguem; por mais desculpas, que dê em sua defesa, se não livra de ser castigado, e punido pela justiça. E a razão é, porque tem sido transgressor da lei; e assim tambem se não deve admitir semelhantes desculpas a estes dançantes, e musicos deshonestos, por se não livrarem de commetterem culpas contra a lei divina, e obrarem mal contra os bons costumes, por andarem tão publicamente commettendo tão deshonestas acções, como se estão vendo praticar, sem temor de Deus.

E por estas e outras semelhantes causas, tem acontecido muitos castigos em varias terras, e notoriamente se tem visto, e nós o temos experimentado neste Estado do Brasil, como succedeu haverá setenta e tantos annos com aquelle notavel castigo da doença das primeiras bexigas (10), que resultou morrerem mais de tres mil pessoas, e depois o fatal castigo da doença da bicha, haverá quarenta e tantos annos (11), que falleceram muitas gentes, sem lhes poderem os medicos acertar com o remedio, por ser castigo dado por Deus, e merecido por peccados, que chegaram a provocar a ira de Deus.

Ouvi o que mais succedeu neste Estado do Brasil, por não fi-

car um caso tão atroz no lethargo do esquecimento, por ter acontecido ha cento e tantos annos. E foi o caso, que depois de se ter descoberto o Brasil pelo Capitão Pedro Alvares no anno de 1500, se começou a povoar a capitania de Porto Seguro, por ser a primeira parte, que se descobriu pelo dito capitão, como das chronicas de seu descobrimento consta.

Começou-se logo a povoar aquella capitania com tanta grandeza, e opulencia, que em menos distancia de trinta leguas se fizeram cinco villas. Viam-se seus moradores com tantas abundancias, e regalos, que parece se descuidavam das obrigações, que deviam a Deus, porque tudo nelles eram festas, e varios passatempos de comedias, e outras semelhantes funções de divertimentos mundanos. E por isso havia entre elles adulterios, estupro, homicidios, furtos, e varias insolencias, que faziam ao gentio da terra. Finalmente todas as mais castas de vicios, e feios peccados; e sem embargo de os reprehenderem os religiosos, tudo desprezavam, por seguirem seus desordenados vicios.

Até que succedeu haver um indio chamado Baquirá, que vivia entre os mesmos brancos portuguezes, o qual se accumulou com os mais gentios, e com algumas aldeias de indios barbaros do sertão, e puzeram tal guerra aos Portuguezes, dando-lhes varios assaltos, que como os acharam deseuidados, e desprevenidos, fizeram um notavel estrago de mortes e roubos em todas aquellas villas e fazendas; em tal fórma e consternação puzeram aos moradores, matando homens, e mulheres, e meninos, que sendo cinco villas mui bem povoadas de gente, as fizeram despovoar, que mal se conserva no tempo presente a villa de Porto Seguro, e com mui poucos moradores a povoação de Santa Cruz (12)

Não falta quem diga que uma das maiores causas, porque está o Estado da India tão atenuado, e principalmente a cidade de Goa, é pela permissão, e consentimento, com que os Vice Reis, e mais Republicos, consentem aquellas mulheres gentias, a quem chamam as Balhadeiras, virem á cidade introduzirem ao povo christão tão deshonestas danças, e musicas profanas. provocando, e incitando por esta causa a muitos peccados contra os divinos preceitos da lei de Deus, e principalmente a peccar contra o sexto mandamento;

além dos mais peccados de superstições, e idolatrias, por serem creaturas pagãs, e gentias.

Por isso o Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, estando governando a cidade da Bahia, por ver umas festas, que se costumavam fazer pelas ruas publicas em dia de São Gonçalo, de homens brancos, mulheres e meninos, e negros com violas, pandeiros, e adufes, com vivas e revivas São Gonçalinho (13), trazendo o santo pelos ares, que mais pareciam abusos, e superstições, que louvores ao santo, as mandou prohibir por um bando, ao som de caixas militares com graves penas contra aquelles que se achassem em semelhantes festas tão desordenadas.

E da mesma sorte evitou as demasias do entrudo, e os excessos das festas de São João Baptista, tanto pelo grande gasto de polvora, que se fazia nos tiros das espingardas, e foguetes (14), desde as vespersas até o dia do santo, que já não havia quem se atrevesse andar pelas ruas, pelo risco do fogo, e mortes, que tinham acontecido; além de outros muitos abusos, que reprehendeu, e evitou, como foi os calundús dos negros feiticeiros; e que se não alugassem casebres aos negros cativos pelas consequencias, que disso resultava de prejuizo á republica: o que tudo obrou este zeloso general pela conservação dos povos, e serviço de Deus.

Mas, tornando outra vez ás danças, e bailes deshonestos: porque haverá algum, que me queira trazer por exemplo, dizendo que tambem El-Rei David, sendo Rei, e santo, dançou, e cantou publicamente em uma procissão diante da Arca do Testamento, figura do Santissimo Sacramento. A isso lhe responderei: que El-Rei David é verdade que dançou e cantou diante da Arca, porém não diz o texto sagrado, que fosse mascarado, nem coberto, porém sim deixando todas as suas vestiduras reaes, cingindo uma tunica, ou alva de panno branco, como levavam os mais Levitas, fazendo quanto sabia, e podia, que eram psalms ao Divino em louvor e alabanças de Deus; e assim foi cantando e bailando diante da Arca até entrar dentro da cidade, e de seu palacio, onde a collocou para depois a levar ao templo, e desta sorte é que dançou, e cantou David, porém, não usou das danças, e musicas deshonestas, das que usam fazer estes dançantes bailarinos.

Demais que El-Rei David foi muito zeloso da honra da casa de Deus, e por essa razão abrazado do zelo, e amor de Deus, compoz aquelle psalmo, que se costuma cantar por antiphona, antes de se entrar ao officio de quarta-feira de trevas, que começa dizendo: *zelus domus tuo comedit me et opprobria exprobandium tibi ceciderunt super me* (*Psalm. 68, v. 10*), no qual sentia as offensas, que se faziam no templo de Deus naquelle tempo. E com espirito prophetico sentiu as mais, que para o tempo futuro, se haviam de fazer, e usar nas igrejas de Deus.

E por isso rompeu naquellas mysteriosas palavras, querendonos mostrar, que soffreu opprobrios pelo amor de Deus, porque o cuidado da casa de Deus o abrazava, e atormentava o seu animo de tal sorte, que nada lhe dava maior molestia, que ver desprezar-se, e fazer menos preço da Religião, e honra devida da casa de Deus. Além disto tomava tanto a si, e sentia tanto as affrontas, que se faziam a Deus, como se fossem feitas a elle proprio.

Posso-vos certificar, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) que com palavras vos não posso manifestar o quanto vos estou obrigado, por ver o grande zelo com que vos tendes mostrado, por tanto desejares exaltar e engrandecer a honra de Deus, e o proveito de vossos proximos, pelo que vos vejo estranhar estes abusos de comedias, passos, e outras semelhantes farças, pelo que tendes mostrado com varios exemplos, que no mundo tem acontecido, e pelas advertencias, que fazeis a todos aquelles, que têm obrigação de o emendar, e reprehender; e assim permitta Deus que se observe. Porque é certo, que quem dissimula vicios, e peccados, podendo-os emendar, e reprehender, é rigorosamente por Deus castigado, pelo que consta da Sagrada Escriptura, além do que estamos vendo, experimentando *ad oculos* pelos varios casos, que no mundo tem acontecido, e estamos vendo succeder.

Heli, sacerdote do Templo, por não evitar e reprehender a seus filhos Ophni e Fineos, por estes commetterem no Templo de Deus muitos peccados, e deshonestidades com as mulheres, que passavam alli as noites, foi castigado seu pai, e elles rigorosamente com castigos temporaes, e depois com a morte eterna.

Vêde o que succedeu a Herodes por tanto gostar de uma dança

de Herodias, tão deshonesta, como profana, que chegou a mandar degollar ao Baptista, mas com mui differente successo, porque o santo foi gozar de Deus para sempre na Bemaventurança: e elles para o inferno, onde penarão por uma eternidade.

El-Rei Balthazar por se dar a gostos, e prazeres, e não reprehender a seus vassallos, deixando-os viver a rédea solta, dando-se a banquetes, e regalos, lhe appareceu aquella mão na parede do palacio, onde lhe escreveu a sentença da sua morte.

Lêde as chronicas, e vidas dos imperadores de Roma, vereis o que succedeu a Caligula, a Nero, Vitellio, e Lucio Vero, e outros muitos pelas insolentes desordens de vidas, que tiveram, e deixaram seus vassallos viverem vidas insolentes, e depravadas, não se emendando, nem reprehendendo a seus vassallos.

Finalmente, a El-Rei Rodrigo de Castella lhe succedeu aquella fatal destroço de perder as Hespanhas, por se entregar a vicios, e dissimular a seus vassallos, sendo elle o mesmo exemplar, pelo que fez á filha do Conde Julião, chamada Cova, ou Florinda, como querem alguns autores, quando a desflorou, que por ser cousa tão sabida, me escuso de repetir.

E assim vos digo, que são tantos os casos, que por este peccado de se não reprehenderem vicios, tem acontecido no mundo, que fóra contar estrellas, numerar flores, esgotar o mar, querê-los repetir, e a todos com individuação contar.

Mas para prova de tudo quanto temos fallado neste particular, vêde, senhor Peregrino, o que succedeu na cidade de Palermo, cabeça do Reino de Sicília, por occasião de viverem seus habitadores tão descuidados da obrigação, que deviam observar, como verdadeiros catholicos, e professores da lei de Christo. Não foi menos o caso do que succedeu na cidade de Lima, na America, na nova Hespanha, se é que ainda a não tendes ouvido contar.

Na verdade, senhor, (disse eu ao Ancião) que muito favor me fareis em mo repetires, porque vos posso certificar, que o não tenho lido, nem visto contar, e será sem dúvida pelas distancias dos lugares. Pois sabeí, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) que além de ser tão notorio este successo, anda impresso no idioma portuguez, porque tambem se deu ao prelo no Reino de Portugal. na cidade de

Lisbôa occidental, com todas as licenças necessarias; e por não faltarem ao que me mandais vos diga, o direi com as mesmas palavras, com que andam escritas na relação.

NOTAS AO CAPITULO IX

(1) Frei Antonio das Chagas, no seculo Antonio da Fonseca Soares, capitão na Bahia, foi aqui que se converteu á causa da fé, tornando-se um dos mais piedosos e exemplares frades portuguezes. Veiu para o Brasil com um parente desembargador em 1653. Seria este o desembargador Afonso Soares de Mendonça, que se empossou na Relação em 16 de Janeiro de 54, cf. Vilhena, *Cartas*, II, 313? Diz-se que, em meio a uma vida irregular, de espadachim e poeta, encontrára numa casa amiga as Obras Espirituais de fr. Luiz de Granada, e tanto se impressionou com ellas que caiu da cadeira, aturdido... Quiz então ser franciscano; repatriou-se; mas não obtendo aprovação das autoridades ecclesiasticas para o seu pio designio, entre 1657 e 1662 se deu com maior alarde aos versos profanos, dignos alguns da lira peccadora de Gregorio de Mattos seu contemporaneo e admirador. No exercito encetou uma breve carreira, distinguindo-se no Alentejo e ganhando a patente de capitão do terço de Setubal, em 1661. Abriu-lhe tambem as portas do convento, onde afinal entrou em 18 de Maio de 1662. Faleceu como um santo em 20 de Outubro de 1682. (Vd. resumo biografico de Rodrigues Lapa, Frei Antonio das Chagas, *Cartas Espirituais*, p. XXV, Lisbôa, 1939).

O bom religioso repudiou a sua literatura profana e pedia que lhe destruissem as poesias da mocidade. Estas perduraram na lembrança dos brasileiros. "Este veneravel frade foi muito amigo dos beneditinos entre os quais esteve retirado quando matou um homem no Brasil, sendo soldado", Camillo, *Memórias do bispo do Pará*, p. 96. Diz Gregorio de Mattos, *Obras*, IV, vol. 1°, p. 57, "a certo autor ignorante, mostrando por suas umas decimas que se entende eram de Antonio da Fonseca Soares":

Triunfante ao Parnaso entrou gavalho
Com decimas de metrico *capucho*...

O proprio frei Antonio das Chagas escreveu a um amigo da Bahia, em 1676: "Sabe Deus que tenho um ardente desejo de passar a essa terra... para que esses países que me viram escandaloso, ue vissem ao menos arrependido..." *Cartas Espirituais*, II, 41.

(2) Segundo Gabriel Soares, *Trat. Descr.*, p. 136, a freguezia de Passé tinha a sua séde na igreja de Nossa Senhora do Rosario, que ficava no engenho de Luiz Gonçalves Varejão. Prevaleceu a invocação de Nossa Senhora da Encarnação em Passé, que no fim do seculo XVIII abrigava 298 fôgos e 2.497 almas (Vilhena, Mapa das freguezias, *op. cit.*, II).

(3) Pode ser descendente de Bernardo Ribeiro, sobrinho afim de Gabriel Soares, pelo casamento deste com sua tia Ana de Argollo, Jabotão, *Catal. Geneal.*, p. 181. O Padre Lourenço Ribeiro, "vigario que foi de Passé", poeta, que respondeu a Gregorio de Mattos com uma sátira notavel, *Obras*,

VI, 257, talvez fôsse este a quem alude o A. sem lhe lembrar a dignidade eclesiastica.

(4) A vila de Ribeirão do Carmo, a primeira das Minas Gerais, foi fundada em 8 de Abril de 1711 e confirmada por carta-regia de 14 de Abril do ano seguinte, Diogo de Vasconcellos, *História Antiga de Minas Gerais*, p. 269, Belo Horizonte, 1904. E a cidade de Mariana (desde 23 de Abril de 1745) nome que se lhe deu em homenagem á rainha D. Mariana d'Austria, mnlher de D. João V, quando da instalação da diocese — a primeira do interior do Brasil.

(5) É de La Barbinnais a noticia mais minuciosa sobre as representações que se consentiam em algumas igrejas, como a do Desterro, onde as noviças podiam mostrar os seus dons artisticos.

Foi ás 10 da noite da Natividade, na igreja de Santa Clara, "onde não esperava ver uma comedia ou antes uma farça". "Deu o capelão o sinal, entoando o psalmo *Venite, exultemus*. Todas as freiras então se puzeram a cantar as cantigas que com tantos cuidados tinham estudado. Cada qual recitava a sua... Cantavam e dansavam com tal algazarra que cheguei a crer estivessem possuidas de algum espirito fatuo..." (Afonso d'E. Taunay, Na Bahia Colonial, *Revista do Inst. Hist.*, vol. 144, ps. 370-1).

(6) A tradição portugêsa, de fazer-se da renda dos teatros subsidio para os hospitais, foi ainda respeitada pelo intendente Pina Manique, que conseguiu anexar o teatro de S. Carlos á Casa Pia de Lisboa, Eduardo Noronha, *Pina Manique*, p. 126, Porto, 1923. Em 1794 deu-lhe um novo alento: a loteria. Herdamos este sistêma: mediante loterias que se concederam aos empresários teatraes, ou para o efeito da construção das casas de Opera, o Brasil teve, a vespêras da Independencia, as suas grandes salas de espetaculos.

(7) D. João IV deu desenganada preferencia á musica — apaixonado compositor que era — combatendo a comedia castelhana que dominára o pobre teatro portugêsa, desde que Gil Vicente caíra no esquecimento. É o periodo das cantatas, das pastorais, das alegorias. Estende-se até 1735, quando aparece a opera italiana. O restaurador não impediu que na sua côrte se continuasse a fazer literatna em espanhol. D. Francisco Manoel e os de sua geração escreveram ora numa ora noutra lingua, a sufragar o critério de que a boa peça teatral tinha de ser no idioma de Calderon de la Barca e Lope de Vega. Deste preconceito só se libertaram os autôres de Lisboa ou da colonia no seculo seguinte. Em 1752, representavam-se os entremeses de Francisco de Sales Silva, "La ciência de reinar", "Cueba y el castillo de amor", "La piedra filosofal", em Pernambuco... (Vd. Lafayette Silva, *História do Teatro Brasileiro*, p. 19, Rio, 1938).

A carta régia de 9 de Outubro de 1733 mandou "demolir um proscênio que existia no salão da Camara da Bahia, com assentos para os espectadores... Hipolito Cassiano de Miranda, nota a Accioli, e Sílio Boccanera, *O Teatro na Bahia*, p. 5, Bahia, 1924.

Mas havia os teatros ambulantes. Num destes em 1717 assistiu La Barbinnais á exhibição da "La Monja Alferez", pálida comedia espanhola cujos atores detestaveis deixaram desolado o estrangeiro. (Vd. Afonso d'E. Taunay, *Rev. do Inst. Hist.*, vol. 144, p. 373).

(8) A festa das Onze Mil Virgens é uma das mais velhas do país. A ella se reportou o P. Fernão Cardim: "Tronxe o padre uma cabeça das Onze

O PEREGRINO DA AMERICA

mil virgens, com outras reliquias engastadas em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas reliquias da Sé ao Colégio em procissão solene, com frautas, bôa musica de vozes e danças. A Sé, que era um estudante ricamente vestido, lhe fez uma fala do contentamento que tivera com sua vinda; a Cidade lhe entregou as chaves; as outras duas virgens, cujas cabeças já cá tinham, a receberam á porta da nossa igreja; alguns anjos as acompanharam, porque tudo foi a modo de dialogo. Toda a festa causou grande alegria ao povo, que concorreu quasi todo". (*Tratados da terra e gente do Brasil*, edição de Rodolfo Garcia, p. 287, Rio, 1925).

Cem anos depois se corriam touros, cavalhadas e outros jógos que lembrassem os torneios e jubilos nobres de outr'ora, tudo em honra das Onze mil virgens. Gregorio de Mattos fez a narrativa poética de varios desses espectaculos, *Obras*, IV, 1º vol., p. 316 e segs.

.....
Sua Excelencia assistia,
O Conde e toda a nobreza,
E os padres por natureza
Lhes faziam companhia...

(9) É a esse João de Araujo que o poeta ridiculariza, *Obras*, III, 261:

O Araujo, coitado,
Para que nada lhe sobre,
Andou sem freio, que ao pobre
Sempre lhe falta o bocado;
Mas por isso avantajado
Andou a outra parelha,
E luziu-lhe a sela velha
Mais que ao arnez brilhante,
Que Araujo é rocinante
Que val muito *pela orelha*.

.....

(10) A referência é á epidemia de bexigas que de Pernambuco passou á Bahia em 1666, no governo do conde de Obidos, por muitos atribuida á nefasta influencia de um cometa que então apparecera (Accioli, *Mem. Hist. e Pol.*, II, 28). Em 1732-33 de novo irrompeu a variola na Bahia, cf. cartas de Sabugosa, B. do Amaral, nota a Accioli, II, 378.

(11) Da "bicha", ou febre amarela, que em 1686 fez larga mortandade em Pernambuco e na Bahia, falamos no volume primeiro desta obra.

(12) Leia-se P Serafim Leite, *Hist. da Comp.*, I, 212.

(13) A importancia da festa de S. Gonçalo de Amarante pode deduzir-se do sermão que na de 1690 prégou Antonio Vieira.

A ermida ficava no Rio Vermelho (Vd. João da Silva Campos, *Tradições Bahianas*, p. 47, Bahia, 1930). Aliás se comemorava o santo em numerosas igrejas da capitania, *op. cit.*, p. 180.

O povo ainda recorda:

NUNO MARQUES PEREIRA

São Gonçalo de Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casais as moças?
Que mal vos fizeram elas?

Descreveu La Barbinnais: "Mez e meio após a festa do Natal celebra-va-se a de S. Gonçalo do Amarante com um triduo solêne num lugar a uma legoa da cidade... Imenso poviléo amontoara-se no adro da igreja do patrono das solteironas, a dansar ao som de guitarras e de vivas a S. Gonçalo. Apenas apareceu o vice-rei, carregaram-no ao ar e o levaram para dentro da igreja, obrigando-o a dansar e pular, "violento exercicio que lhe não ia nada bem com a idade e a posição..." (Afonso d'E. Taunay, *Na Bahia Colonial*, *Rev. do Inst. Hist.*, 144, p. 372).

(14) As festas de S. João com excesso de fôgos fazem outra tradição conservada na Bahia até os nossos dias. Essa pirotécnica provem do Oriente. Duzentos anos as "vesperas de S. João" foram aquecidas, nas ruas baianas, pelas fogueiras altas, rabeando ao acaso os foguetes, profusos e trovejantes como se fôra metralha... Daí, intermitentes, as advertencias da autoridade, a reprimir o abuso de "rojões", dos "busca-pés", de "bombas" que feriam ou incendiavam... Em versos humoristicos Antonio Joaquim Rodrigues Costa pintou essa deliciosa balburdia:

.....
Tudo nesta noite santa
Acorda e põe-se de pé:
Pelo lago da cangica,
A' porta do amor se abica,
Namora-se a busca-pé.

Toda chamas a cidade,
Como é formosa e feliz!
Estoura agora, e mais logo
Em cachoeiras de fogo
E qual igneo chafariz.

E tudo fulgôr, incendio,
Pavio, enxôfre, morrão;
Cada olho é um foguete,
Que em luz maga se derrete!
Braza cada coração!

.....

(A.A.A. Efemerides, *Rev. do Inst. da Bahia*, n. 47, p. 337).

CAPITULO X

Em que dá inteira noticia o Ancião, ao Peregrino, da destruição da cidade de Palermo, cabeça do Reino de Sicilia, causada pelo horrível terremoto, que padeceu na noite do primeiro de Setembro do anno de 1726.

ESTÁ situada na ilha de Sicilia (famosa sempre desde os seculos mais antigos) com figura quadřangular, a cidade de Palermo, cabeça daquelle Reino, em outro tempo côrte dos seus proprios monarchas, hoje residencia dos vice-reis, que o governam. Consta a sua povoação (segundo dizem) de 120 mil almas, repartidas por oito parochias, entrando neste numero grande multidão de titulos, e pessoas nobres. Os seus edificios, assim sagrados como civis, ainda que antigos, tinham magnificencia. Contam-se entre estes, 12 conventos de frades, 16 de freiras, 4 collegios, 7 hospitaes e 12 igrejas particulares. A matriz é Sé Archiepiscopal, com tres bispados sufraganeos, um dos quaes é a ilha de Malta. O seu territorio, que se inclue no valle de Mazara, é fertilissimo, regado de infinitas fontes, e dividido todo em hortas e jardins. Té tão antiga, que havendo de dar-se credito aos seus monumentos foi fundação dos Caldeus, ainda em vida do Patriarcha Isaac, e o seu fundador Sepho, filho de Elifaz, neto de Esaú, irmão do Santo Patriarcha Jacob.

Amanheceu em Palermo o dia primeiro do mez de Setembro deste presente anno de 1726. da era vulgar. ennevado o ar, e coberto de escuras nuvens o horizonte. Poz-se depois o ar immovel, nublado, quente, e tão suffocante, que impedia aos habitantes o alivio da respiração; mostrando tudo nestas apparencias de senti-

mento, que previa a natureza a calamidade futura. Sahiu o sol deste rebuço quasi ao sepultar-se no occaso, deixando tambem corrida a cortina ás estrellas, e o tempo ao parecer mui sereno, como o moribundo, a quem antes de expirar dá esperanza de melhora a visita da saúde. Porém, logo na primeira hora da noite, que segundo o estylo de Italia principia depois dos ultimos crepusculos, se começaram a ver ao longe alguns ameaços da tormenta proxima. Povoou-se novamente de nuvens toda a região etherea. Scintillava fogo o ar com relampagos tão frequentes, que parecia um incendio universal da natureza. Foi-se avizinhando pouco a pouco da cidade esta horrivel perspectiva, e influindo tristeza e medo aos seus moradores. Decompoz-se extraordinariamente o mar, encapellando de tal modo as suas ondas, que encheu de susto aos pescadores, que ainda neste tempo se achavam na bahia exercitando o seu officio; e levantando os rostos a deprecar a clemencia celeste, observaram que o ar se commovia, e immediatamente viram uma especie de nuvem ao parecer abrazada, que correndo do Norte para o Sul investiu a cidade, e se sumiu nella. Querem alguns, que penetrando os poros da terra, se reconcentrasse nella; porque logo pelas quatro horas se sentiu abalada por um impulso subterraneo, e immediatamente padeceu cinco abalos, que duraram o espaço de 8 minutos, com impeto tão violento, que na maior parte da povoação arruinaram os edificios, deixando-lhes as paredes abertas, e fendidas; e precipitaram logo outros, sepultando nas suas ruinas um grande numero de seus habitantes. O susto do terremoto, o estrondo da demolição, o horror da noite, o medo da morte, causaram em todo o povo uma consternação tão grande, um tamanho alarido, uma tal confusão, que ninguem sabia resolver-se no que faria, porque em todos era igual o desaccôrdo ao perigo; mas como este era tão evidente nas casas, sahiram dellas todos, e desprezando as fazendas, que nellas deixavam, só punham o cuidado em salvar as vidas. Perdiam-se na escuridão, como em um labyrintho as mães das filhas, as mulheres dos maridos, os filhos dos pais, e sem saberem uns dos outros, todos procuravam escapar da morte, e em nenhuma parte descobriam refugio. Encaminhavam-se aos Templos; mas vendo que as paredes destes por tantas boccas lhes prognosticavam uma subita derupção, sahiram

com a mesma ansia para a rua. Muitas se achavam já desconhecidas, outras totalmente embaraçadas. Ninguém encontrava o caminho, que pretendia. Os brados dos homens, os lastimosos clamores das mulheres, os lamentáveis choros dos meninos, não só lastimavam mais os corações, mas acrescentavam o horror. Buscaram muitos as praças, outros as portas da cidade para sahirem della; e alguns tendo nesta occasião o mar por mais seguro que a terra se metiam nas embarcações, sem lhes fazer temor o receio do naufragio.

Divide-se Palermo por meio de duas ruas principaes (que alli chamam mestras) em quatro grandes bairros: dois vizinhos ao mar, dois confinantes com o campo, e todos quatro receberam damnos irreparaveis. Dos dois primeiros, o da parte direita, viu totalmente desfeito no largo de S. Sebastião o palacio do Principe de Roca Palomba. O Arsenal que lhe ficava contiguo aberto por muitas partes. Todas as casas circumvizinhas transformadas em cemiterios; porque nellas ficaram enterrados os seus moradores. As ruas dos ourives, padaria, e espadeiros, padeceram uma grave ruina, precipitando-se logo alguns dos seus edificios, e ficando os mais em estado de cahir depois. Na dos curtidores, ainda que existem as paredes, se afundaram os sobrados, e os tectos.

No segundo bairro, que confina com este pela banda interior, e se avizinha tambem ao campo, cahiram todas as habitações, que circumdavam a praça de Santo Onofre, e todas as da rua, que vai para a praça do Monte da Piedade. O mesmo succedeu na rua que chamam de Iapi. Na dos candieiros se arruinou uma boa parte. Ficou demolida toda a que vai para a Igreja de S. Cosme, continuando-se a ruina até o largo do Piperito. Na Igreja Cathedral cahiu parte da abobada de uma nave junto ao côro. Ficou torcido o grossissimo ferro que sustenta o globo do seu altissimo campanario. Na do Collegio dos Padres da Companhia se abriram algumas fendas, que podem ter concerto; mas o dormitorio da banda do noroeste ameaça ruina por varias partes.

No terceiro bairro, começando pela parte do mar, ficou inteiramente prostrada na praça da marinha toda a ilha de casas, que fazia face á rua principal do Lassaro, começando do canto, que fica perto da Igreja do Porto Salvo té a de S. João dos Napolitanos;

em o largo della ficaram muitas incapazes de habitação. Sentiram o mesmo destroço as do Marquez de Savoccheta, e as de D. João de Valdes. Arruinou-se toda a casaria, que fica fronteira ao porto pequeno, chamado da Gaveita. Abriu-se por muitas partes a nova Capella dos Padres Missionarios Descalços, com grande damno do convento. Succedeu o mesmo na de S. Nicolau Tolentino dos Religiosos Agostinhos Delcalços, em cuja igreja se acham infinitos symptomas do abalo. A de S. Anna dos Frades Franciscanos da Terceira Ordem se arruinou toda pelos angulos, e a capella principal de uma das suas naves; porém, foi muito maior sem comparação o estrago, que houve na praça, e na rua dos Laterinos, onde se precipitaram todas as ostiarias, e camaras de aluguel, que alli havia, com morte de todos os hospedes, assim estrangeiros, como nacionaes, que nellas se alojavam; e de um grande numero de bestas, que continuamente havia nas suas cavalleriças. Cahi tambem uma parte do palacio do Duque de Montalvo com morte de alguns criados. Na rua da Ferraria e na do Jardinazzo se experimentaram effeitos deploraveis. Recebeu algum damno a antiga Agulha, que está defronte da Igreja do Mosteiro de Santa Maria da Martorana, e uma parte do Palacio Pretoriano se precipitou no largo da fonte, escapando quasi milagrosamente as casas, que lhe ficam contiguas.

No quarto, e ultimo bairro, se abriu uma parte das camaras interiores da casa do Barão de Buzaca. Rompeu-se, e precipitou-se o angulo principal, servindo de campá a um soldado da guarda allemã. Todas as casas deste Ponticello té a praça de Ballaro se arruinaram por muitas partes, de maneira que se atalhou a sua precipitação com pontões. O zimbório do Mosteiro de S. Salvador e frontespicio da sua igreja se acham no mesmo perigo. Junto á casa professa da Companhia cahiram algumas e ficaram arruinadas outras. Da perspectiva da casa do defunto Presidente Thugo, se despenhou no largo a estatua da justiça, e por milagre do respeito da sua memoria, não houve reflexão, que acudisse esta queda ao seu demerito, por se haver achado sempre nelle aquella virtude no seu maior vigor. O mesmo Palacio Real ficou com bastante damno na sala grande, (onde se quebrou uma cadeia de quasi doze quintaes de peso) no quarto alto, em que vivia a familia do

vice-Rei, nos corredores, nas escadas e nas suas abobadas. Tambem o teve a casa do jogo da péla, onde cahiu um lanço da parede. Só na capella imperial houve pouco, e reparavel.

Emfim, ficou inteiramente destruida uma terça parte da cidade, e nas duas não ha casa sem signal de ruina. Umhas abertas, outras em estado de cahir. Nem ainda nos campos se davam por seguros os que tinham escapado da cidade; porque até os mesmos montes viam padecer estragos. O Monte Gallo com a força do terremoto perdeu tambem uma parte da sua grandeza, precipitando-se, e cobrindo com as suas ruinas algumas fazendas, e estradas. A vista de tão formidavel espectaculo crescia sem exemplo a consternação; e receiosos de novos abalos buscavam sitios distantes das eminencias.

Mas, ao mesmo tempo que em accidentes de tanto susto se via tamanha perturbação nos moradores de Palermo, se não observou o menor desaccôrdo no Principe de Rescitano, Pretor, ou Presidente da cidade, que na ausencia do Marquez de Almenara, Vice-Rei de Sicilia, se achava na incumbencia do governo; porque depois de lhe despachar um expresso a Messina, onde se achava em serviço de S. Magestade Imperial, com a infausta noticia deste successo, procurou infundir animo, e valor, nos quasi desanimados habitantes. Dos senadores não houve tambem algum, a quem se vissem mover os pés para o retiro. Sahiu o Principe Pretor do Palacio Senatorio para a praça da Fonte, e fazendo alli juntar a maior parte dos officiaes do Senado, sem embargo da escuridão da noite, e da poeira das ruinas, fez chamar os pedreiros, carpinteiros, pescadores, e mais officiaes de trabalho, e os animou a salvar ainda das ruinas alguns dos moradores, que existiam vivos, como testemunhavam as lamentações, que se ouviam sahir de baixo das mesmas pedras, que os cobriam. Por este beneficio teve a fortuna de o tirarem vivo, com toda a sua familia D. Pedro Pizzolo, mestre da Capella do Senado. Miguel Moreto, dando vozes de um precipicio, foi soccorrido, e livre. Achou-se no Palacio do Principe de Roca Palomba a infeliz Princeza, sogra do Marquez de Santa Marinha, já morta e abraçada com dois netos tambem sem vida; e na mesma forma

grande parte da sua familia, tratando a todos sem desigualdade a desgraça.

Com este exemplo se animaram os habitantes, que ainda existiam na cidade, e concorrendo ás casas arruinadas dos parentes, e amigos, trabalhavam por salvar as vidas de alguns, e pôr em arrecadação os moveis de outros; entendendo o Senado, que não convinha invocar o braço militar para esta segunda diligencia, tendo-a por mais livre de suspeita nos parentes, que nos soldados.

Já parece que se iam desafogando todos da afflicção, que os opprimia, quando um novo accidente os poz em nova consternação, e em maior horror. Trabalhava-se em buscar os mortos, revolvendo as pedras, desentulhando as casas; e como a noite foi uma das mais tenebrosas, e se não podia fazer sem luzes esta operação, na rua de Santa Anna, do bairro dos Laterinos, onde tudo são tendas e palheiros, cahiu em um casualmente uma vela, e de improviso se levantou um incendio tão grande, que ameaçava com as suas altissimas lavaredas não só as casas vizinhas, mas ainda o Mosteiro, e a mesma igreja, de que se temia a total destruição. Os que não sabiam a' origem, e viam de longe as chammas, imaginaram que era um golfo de fogo subterraneo, que com a força do terremoto, recebendo alguma ventilação do ar, tinha cobrado maior actividade, e buscara por aquelle sitio desafogo ao seu impeto. Passou a voz desta imaginação por verdadeiro successo aos lugares mais distantes, e tornaram a desanimar-se os moradores, persuadindo-se que de todo acabava a cidade, pois achava conjurados em destrui-la todos os elementos. Porém, o Senador D. Vicencio Rao de Torres, que se achava mais proximo ao fogo, fazendo cara a todo o perigo, e convocando toda a gente, que pôde, e ainda os mesmos Religiosos, mostrou ser mais activo, que o mesmo incendio, pois chegou a extingui-lo, abatendo a soberba das suas chammas, que lavrando por tão combustivel materia, pareciam inextinguiveis.

Neste desassocego se passou a noite, que o trabalho e afflicção fez parecer dilatadissima. Chegou a manhã da segunda-feira, dois de setembro, concorreram dos campos vizinhos (já mais recobrados do terror) os afflictos palermitanos. Apareceu aos olhos de todos o formidavel esqueleto da cidade, e á vista de tanta ruina, e de

spectaculos tão deploraveis, começaram de novo a atroar os ares com gritos, e lamentos. Acharam os edificios transformados em montes de pedras, outros intimidando com os ameaços do precipicio. Alli appareciam a uns os cadaveres dos pais, acolá viam outros os irmãos, dos amigos, dos parentes; e assim em cada rua encontravam motivos para lagrimas. O Pretor, e os Senadores D. Viencio Rao de Torres, D. João Luiz de Setimo, D. Nicolau Vicencio de Napoles, D. Francisco Perolo e D. Francisco Califi, o Conde Muttoni, o Marquez de la Ginestra, sargento mór do Senado, D. Joseph Imbastiani, capitão do mesmo Senado, e o Mestre acional D. Domingos Garcia, depois de um pequeno espaço de descanso, repetiram o incansavel trabalho de fazer desenterrar das ruinas os mortos para se lhes dar sepultura mais decente. Para expedição do beneficio tão publico, pediu o Pretor soccorro de soldados aos commandantes allemães, que com alguma difficuldade lho concederam. Gastaram-se nesta diligencia os quatro dias seguintes apesar do soffrimento do olfato, que já repugnava a vizinhança dos cadaveres; e sepultados estes nas igrejas, e cemiterios, se mandaram enterrar em covas mui profundas longe da cidade infinitos corpos de irracionais, que morreram opprimidos do destroço, uns nas mesmas cavalhariças da rua de Santa Anna, outros por varias partes da cidade. Tres mil e quinhentas foram as pessoas, que se tiraram mortas das ruinas, muitas as que sahiram dellas aleijadas, e feridas. A importancia só dos edificios arruinados se avalia em dois milhões de escudos.

Continuou o Senado por si, e pelos seus subalternos, a prover ao commodo temporal dos moradores, fazendo desentulhar as ruas, mandando aos proprietarios das casas arruinadas, que dentro de 24 horas as fizessem sustentar com pontões. Para lhes facilitar esta despeza ordenou o Senado, que se abrissem todos os armazens e madeiras, e que cada um pudesse tomar fiadas as que lhe fossem necessarias, para o seu preciso reparo; deixando bilhetes aos contractadores para declaração da sua divida, que satisfariam em tempo mais opportuno. Impoz-se aos camponezes a obrigação de concorrer com todo o provimento do comestivel necessario para subsistencia da cidade, de que se tinha carecido nos primeiros dias.

Passados alguns, attendendo o Senado á prompta reparação da cidade, mandou publicar uma ordem, pela qual se dispoz, que todos os proprietarios das casas cahidas, ou arruinadas, as levantassem de novo, e puzessem habitaveis dentro de certo termo, sob pena de que, passado elle, se houvessem por devolutas para a Camara, e esta as mandaria reedificar á sua custa para lhe ficarem pertencendo. Porém, muitos destes, e outros dos seus moradores, que sendo ricos, como um Cresso, se viram dentro de uma hora pobres como um Job, se acham ainda vivendo nos campos, uns alojados em barracas, outros em cabanas armadas de madeiras, sem dinheiro, sem vestidos, sem rendas, e sem moveis, nem meios alguns para o seu restabelecimento.

Enquanto o Pretor attendia tão providamente á reedificação da cidade, e ao commodo temporal dos seus moradores, se não desceudou o illustrissimo Arcebispo D. Joseph Gaseh de se aproveitar desta occasião para os reformar tambem espiritualmente com seus diocesanos, persuadindo a reconhecer, que esta (nas apparencias) casualidade era um instrumento da justiça Divina, que com semelhante flagello quiz castigar as culpas, em que se tinham inveterado: amoestando-os a fazer penitencia dos seus erros, e a invocar com deprecações mui cordeas a Divina clemencia. E porque as obras são sempre mais insinuantes e persuasivas que as palavras, elle mesmo, para lhes dar exemplo, descalço, com uma corda ao pescoço, com uma corôa de espinhos na cabeça, e com a sagrada Imagem de Jesus crucificado nas mãos, precedido de todos os conegos, beneficiados, e mais clero da sua Sé, com habito lutuoso, sem cotas, sem rochetes, sem voltas, e sem insignias, todos com cordas ao pescoço, e as cabeças cingidas de espinhos, atravessaram a cidade, lembrando a Deus com estas demonstrações o sacrificio de seu Filho unigenito, para lhe fazerem mais attendiveis os clamores, com que deprecavam a sua misericordia. A esta imitação fizeram logo o mesmo todas communidades religiosas, assignalando-se mais na demonstração da dor a dos observantes reformados de S. Francisco, que levaram consigo em um andor a devotissima Imagem de Christo Senhor nosso, açoutado no Pretorio de Pilatos; Imagem que nunca havia sahido do Templo de Nossa Senhora de

Jesus, e que representa tanto ao vivo a rasgadura das suas sagradas carnes, que como o proprio original inspira nos corações mais duros sentimentos de compunção; e para de algum modo parecerem copias deste retrato, feriam com os açoutes despiadosamente as costas. A mesma expressão fizeram os Reverendos Inquisidores, levando em procissão pelas ruas a veneravel e sagrada Imagem do Santo Christo, conservada sempre no segredo do seu Tribunal, sem até este dia haver sido vista do povo; precedidos dos consultores, e qualificadores do Santo Officio, e acompanhados de um grande numero dos seus familiares: todos, uns e outros, descalços, penitentes, e disciplinantes.

Não se viam nestas primeiras semanas (assim de dia, como de noite) mais que procissões de penitencia, compostas de todas as classes de gente, e de ambos os sexos. Os meninos imitando as pessoas maiores (e ainda damas de qualidade) caminhavam a pé descalço, e coroados de espinhos: açoutando-se desde as suas igrejas parochiaes, aonde se ajuntavam, té á Cathedral, donde com chorosos clamores e penitentes soluços recebiam o Santissimo Sacramento da Eucharistia, que para dar evasão ao concurso, se lhes administrava ao mesmo tempo em varias capellas. Igualmente se mostraram pias, e penitentes, todas as irmandades, congregações e confrarias da cidade. Vendo-se representar dentro de tão poucos dias duas notaveis scenas, ambas lastimosas, ambas horriveis: uma pelo estrago, e pelo terror, outra pela compunção, e pela penitencia. O piissimo Pastor, para que existisse mais tempo no seu rebanho o incentivo das contrições, não cessava de o exhortar com repetidas pastoraes, e frequentes editos; prescrevendo jejuns, e obras pias; e mandando fazer, não só nas igrejas, mas ainda nas ruas, missões evangelicas por pregadores doutos, que deviam continuar até o fim de Outubro. Este bem redundou a Palermo de uma calamidade tão grande, para que conheçam os homens, que tratando-nos Deus como Pai, até dos males, com que nos castiga, recebemos beneficios.

Até aqui, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) é o successo, que succedeu na cidade de Palermo; porém, como vos considero tão pratico, e versado em todas as noticias, e com desejos de saberes

o que no mundo tem acontecido, nos seculos passados, e ainda nos tempos presentes, vos repetirei mais alguns casos, que tem succedido a respeito dos grandes castigos, que tem permittido Deus que succedam em algumas terras, por não conhecerem as creaturas as obrigações, que devem ao nosso bom Deus, como seu creador, o qual os pode castigar, quando for servido por seus justos juizos. Muita mercê me fareis nisso, senhor (disse eu ao Ancião) tanto pelos exemplos, que disse vou colhendo, como pela opportunidade do tempo, que de presente temos, e o grande desejo que tenho de ouvir contar semelhantes casos, que no mundo tem acontecido.

Pois ouvi, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) e será em estylo breve por vos não enfadar. No anno de 1456 tremeu o Reino de Napoles aos cinco do mez de Dezembro, tres horas de amanhecer, e a terra soverteu muitos lugares inteiros, e não pequena parte de outros, e pereceram sessenta mil homens em esta ruina tão notavel. Assim o escreveu Jacob Papiense; outros tantos, conta Niceforo, mortos em outro tremor na cidade de Antiochia, em a noite, que se celebravam as bodas do Imperador Mauricio. Em Asia houve outro tremor da terra, que soverteu doze cidades. Em tempo do Imperador Tiberio, assim o escreve Plinio: imperando Theodosio, houve um tremor da terra tão geral, e continuo, que durou sete mezes, e passou do oriente ao poente, fazendo lamentaveis estragos em muitos Reinos e Provincias. Tambem o escreve Niceforo. Em nossos tempos, varias têm sido as ruinas, que tem acontecido em os Reinos das Indias, especialmente em Chile. Em Roma, e outras muitas partes, tem havido muitos terremotos, e incendios de fogo. Vêde o que succedeu ha bem poucos tempos no Reino de Portugal, na villa de Campo Maior, em o mez de Setembro de 1732. Cahiu um raio no armazem da polvora, e fez tal estrago, que arrazou a villa com morte de maior parte de seus habitadores. Isto mesmo pode succeder a esta terra pelos seus enormes peccados, por causa do pouco temor de Deus, e de seus justos juizos: e assim digo, que temam, e tremam os peccadores disto, que ouvem contar, que no mundo tem acontecido, que nenhum é tão justificado, que não mereça estes e outros semelhantes castigos; porque

já ouvirieis dizer, que por um peccado castigou Deus a um povo, por ser o peccado tão escandaloso.

Admirado estou, senhor, (disse eu ao Ancião) de vos ter ouvido relatar tão estupendos casos, que tem no mundo acontecido, porque parece que ainda quando Deus nos dá semelhantes castigos, é para ver se nos emendamos, e reformamos as vidas, para lhe merecermos a sua misericordia. Assim parece, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) o que vos peço agora é que me façais favor continuar o que mais vos aconteceu nesse Palacio da Saúde, e Territorio de deleites, que na verdade vos posso affirmar, que nisso me dais grande gosto.

CAPITULO XI

Do que succedeu, e viu o Peregrino no seguinte dia, na praça do Territorio dos deleites, e Palacio da Saúde; e da conversação que teve com o Presidente da Saúde; e o mais que viu, e observou na Torre intellectual, e descobriu pelo oculo do alcance, e o que lhe succedeu na audiencia dos defuntos e ausentes, té sahir pela porta do Descengano.

A REPETIDOS ecos de sonoros clarins, trombetas e modulantes charamelas, se ouviam estrondosos tambores, por terem visto as vigilantes sentinellas os formosos preparos da luzente Aurora, promettendo um claro dia. A este tempo despertei do pesado somno pelo desvello, que havia tido de ter assistido á comedia naquella noite. Levantou-se o Bellomodo com mui alegre semblante, deu-me os alegres dias, correspondi-lhe primorosamente, tratou logo de se vestir, sahimos para a praça do territorio dos deleites, e tomamos pela parte da mão esquerda. E fomos vendo pelas janellas das casas, por serem tambem de sobrado, muitos mancebos, vestindo-se, e outros já passeando pela praça; e nas lojas das casas mestres de todas as artes liberaes, e officios mechanicos, de que se necessita para o uso dos homens. E no fim da rua estava uma casa de jogo de truque, xadrez, tabulas e cartas: disse-me o mancebo Bellomodo que tambem detrás daquella casa estavam outros jogos de laranjinhas, aros e bolas.

Dalli passamos ao palacio da saúde, e subimos por uma larga escada, e demos em uma grande sala, onde estavam alguns soldados de sentinellas; e depois entramos na segunda sala, e nella achamos uns officiaes de guerra, e criados do palacio, aos quaes salvamos

com mui reverente cortejo, e com a mesma politica, e urbanidade, nos corresponderam. Disse-me o Bellomodo, que alli me detivesse, enquanto ia dar parte ao presidente da saúde. Com effeito, foi, e tornou logo, e disse-me que o acompanhasse, porque me mandava o Presidente entrar. Pedi licença aos que deixava na sala.

Entrando na terceira sala, reparei que estava mui bem ornada, e aparamentada com um bofete de ebano guarnecido de prata, bellos tamboretos de encosto, famosos contadores, custosos gabinetes, luzentes espelhos, ricas cortinas, e junto ao bofete uma cadeira de espaldar coberta de damasco encarnado, e em cima um docel de veludo carmezim com franjões de ouro.

Sahiu o presidente da saúde de dentro de um quarto do palacio, custosamente vestido. Fui-me pondo a seus pés, mandou-me logo levantar, perguntou-me que motivo tivera para ter vindo áquelle territorio de deleites, e palacio da saúde? Excellentissimo senhor, lhe respondi assim: para ver e admirar suas portentosas grandezas, e maravilhas. E que vos parece o que tendes visto? me perguntou o Presidente. Senhor, lhe disse eu: para ver tudo o que podia desejar, basta ter visto a Vossa Excellencia. Pareceis-me lisonjeiro, me disse o Presidente. Se não tivera, Senhor, (lhe respondi assim) tão fieis abonadores, como são aquelles simulacros espelhos tão crystalinos, pudera temer a nota de ser increpado de menos verdadeiro. Quereis ficar neste Palacio? me disse o Presidente; mandar-vos-hei assistir com todo o necessario. Por venturoso acerto tivera, Senhor, (lhe respondi eu) ser um dos menores criados de Vossa Excellencia, mas como ando nesta minha peregrinação, tomara finalizá-la. Tenho-vos entendido, me disse o Presidente. E chamando por um criado, lhe disse que me trouxesse seis dobras de ouro de vinte e quatro mil réis cada moeda (1). E depois de as haver recebido, lhe disse: Supposto que se costuma dizer, Excellentissimo Senhor, que a primeira cousa de que se olvidam os homens no mundo, é a lembrança dos beneficios, que recebem: farei muito porque me não esqueça desta esmola, que tão liberalmente me fazeis, por não cahir na nota de ingrato. Agora vos peço, Excellentissimo Senhor, licença para poder seguir a minha peregrinação. Ide em paz, (me disse o Presidente). E com effeito, d'elle me despedi depois de lhe fazer aquel-

las cortezias, e continencias, que se costumam fazer a semelhantes personagens. Pediu o Bellomodo licença ao presidente para me mostrar a torre intellectual, e o presidente liberalmente lho permittiu.

E com effeito chegamos á torre, e depois de abrir a porta o Bellomodo, entramos na primeira quadra, onde me disse o mancebo: Nesta casa é onde tem o Presidente da Saúde as melhores sêdas de seu uso, de grande valor e estimação, dentro daquellas caixas e bahús.

Dalli subimos á segunda quadra, onde me disse o mancebo, que naquella sala tinha o Presidente a sua copa de ouro, prata e finissima louça da India dentro daquelles armarios.

E chegando á terceira sala, disse-me o Bellomodo que naquella outra quadra tinha o Presidente o seu thesouro em moedas de ouro e prata, e finissimos diamantes e preciosas esmeraldas, e outras muitas pedras de mui grande valor e estimação.

Finalmente chegamos ao quarto sobrado, onde estava um formoso bofete, e em cima delle um oculo de dez palmos, e pegando nelle o Bellomodo, me disse: Este é o oculo do alcance, e por elle podeis ver tudo quanto quizeres descobrir, e observar neste dilatado Estado do Brasil, por estas quatro janellas, que fazem correspondencia do Norte ao Sul e do Leste ao Oeste; e podeis começar a ver da janella do Sul para as mais partes e rumos.

E com effeito peguei no oculo, e o puz em cima de uma es-
pera, que junto da janella estava. E logo comecei a ver entre a terra, mar e céu pelo horizonte, aquelle grande Rio da Prata, a quem tambem chamam de Buenos Aires, que tem de abra sessenta leguas, e muitas mais de comprido; e correndo com o oculo para o rumo do Sudoeste, fui descobrindo montes, campos, ilhas, barras, enseadas, rios, villas e cidades.

Logo vi a nossa povoação da Nova Colonia (2), e mui dilatados campos cheios de gados vaceuns, e depois vi o Monte Vidéo, a ilha de Santa Catharina, a enseada das Garopas, o rio de S. Francisco do Sul, a barra da villa da Cananéa, Iguape, Itanhaem, a villa de Santos; dalli subi com o oculo áquelle alto monte de Paraná

Piacaba, até que cheguei a ver a cidade de São Paulo, e as villas de sua comarca, que são as seguintes.

A villa Jacarahy, Mogy, Sorocaba, Jundiahy, Ytú, Pindamonhangaba, Taubaté, Parahyba, Guaratinguetá; e tornando á costa do mar, fui descobrindo a villa de S. Sebastião, a villa de Ubaituba, a villa de Paraty, a Ilha Grande; até que cheguei á barra da cidade do Rio de Janeiro.

E tirando o oculo, o puz na janella da parte do Leste em cima de outra espera, que junto da mesma janella estava, e dalli fui descobrindo o Cabo Frio, Parahyba do Sul, toda a mais costa dos campos dos Goitacás, até que cheguei a ver a barra do Espirito Santo, onde vi aquelle milagre do céu, pasmo do mundo, assombro da terra, o sagrado templo de Nossa Senhora da Pena, ou Penha (3), como lhe chamam muitos, em cima de um alto monte, onde fizeram os Religiosos de S. Francisco um convento, que mais parece obra divina que humana, porque além de estar edificado em cima daquelle pinaculo, se está conservando ha muitos annos, sem padecer a minima ruina, e com tanta frequentaçãõ dos romeiros, que costumam ir fazer romagens a Nossa Senhora, pelos grandes milagres, que continuamente está fazendo a seus devotos, que é um pasmo ver este assombro de maravilhas.

E indo correndo a mesma costa, fui descobrindo a barra do rio Doce, o rio de S. Matheus, onde vi tambem a barra do rio das Caravellas, que fica quasi Leste ao Oeste com os Abrolhos; segue-se o rio dos Frades, e logo a barra de Porto Seguro, Santa Cruz, e por outro nome Santo André. Vi o rio Grande, a barra de Patipe, Pochim, e vi a barra dos Ilhéos, a praia de Mamunhã, que tem doze leguas de comprido até junto das serras. Vi a barra do rio das Contas com a sua tromba. E dalli fui descobrindo toda a costa dos Itaipuz, que tem de comprido dez leguas, até as barras do Camamú, que a uma lhe chamam a barra grande do Muta, e a outra a do Serenhé, que entre uma e outra está a ilha de Guiepe. Vi as duas barras de Boipeba, onde por um dilatado rio está a villa do Cayrú, que lhe serve de barra para as suas embarcações, a mesma da Fortaleza do Morro.

Dalli fui vendo a praia de Giquiriçá, que tem nove leguas de

comprido até a barra de Jaguaripe, de donde começa a grande ilha de Itaparica, que faz pontal, pela parte do Sul, com a famosa barra da cidade da Bahia.

E seguindo o rumo para a parte do Nordeste, fui descobrindo da ponta de Santo Antonio todo aquelle dilatado espaço de praia de Itapuã, que tem quatorze leguas de comprido, com muitos portos, fazendas, até a torre de Garcia de Avila. Dalli fui vendo a barra de Itapicurú, o rio Real, a barra de Sergipe de El-Rei, a enseada de Vasa Barris, a barra de Cotinguiba, o rio de São Francisco, a barra de Iaquiá, a barra de São Miguel, a barra das Alagoas, a villa do Porto Calvo, a barra das Pedras, a barra de Serinhem, o cabo de Santo Agostinho.

Até que cheguei a avistar a barra do Arrecife, passei a banda de Santo Antonio, vi a cidade de Olinda, e dalli fui descobrindo o Páu Amarello, a barra de Itamaracá, a villa de Guarassú, Porto dos Francezes, Parahyba do Norte, Ponta do Lucena, a bahia da Trahição, bahia formosa, a ponta da Pipa, o rio Grande; finalmente vi toda a costa do Siará, que é mui comprida e dilatada, com varios rios, barras e enseadas, até que cheguei á barra do Maranhão. Em todo este espaço de costa, e mar, fui descobrindo, e vendo muitas embarcações, que umas navegavam do Norte para o Sul e outras do Sul para Norte.

E passando o oculo o puz sobre a espera, que estava junto á janella do Norte, de donde comecei a ver do Maranhão para o rumo do Noroeste, e dalli fui descobrindo toda a costa, que tem mais de oitenta leguas de comprido com muitas enseadas, barras, rios, até que cheguei a ver a barra do Grão Pará, que tambem lhe chamam o rio das Amazonas, que tem de abra oitenta leguas com muitos canaes, ilhas, e pelas margens do rio varias villas, e povoações de moradores portuguezes, e muitas aldeias de gentio manso, e outros barbaros e agrestes.

E depois de ter visto toda esta costa do Rio da Prata até o Grão Pará, que dizem os mathematicos, e pilotos, que tem de distancia mil e cincoenta leguas, vim descobrindo com o mesmo oculo por terra, como quem vem para as partes da cidade da Bahia, as villas e lugares, que são os seguintes:

A villa da Parnahyba, a villa dos Lougazes, a villa da Moucha, o seu districto do Piguahy. Fui descobrindo mais aquella immensidade de sertões, onde assistem muitos criadores de gados vaccuns, cavallares, cabras e ovelhas.

Até que cheguei outra vez ás margens do rio de São Francisco, onde vi aquelle milagre do céu na terra, o sagrado templo da Lapa, feito e fabricado pela arte da natureza por permissão divina, que causa admiração a todos que o vêem, por verem uma igreja com toda a perfeição em um lugar tão solitario.

E depois de ter visto, e registado pelo oculo do alcance nas tres janellas, tudo quanto vos tenho dito, e relatado, e o mais que me não é possivel pelo ligeiro passo com que vou, como tambem por haverem muitos rios, praias e barras, que dellas não faço menção, por serem despovoadas, sem terem moradores, disse-me o mancebo Bellomodo, que levasse o oculo á quarta janella da parte do Este para ver o mais que me faltava registrar no Estado do Brasil, e partes das Minas do Ouro; e levando o oculo, o puz em cima da espera, que junto da janella estava da parte do Este, e logo comecei a ver as villas e mais fazendas das Minas Geraes, e o que mais passava entre seus habitadores; e depois de ter visto, e registado toda aquella machina, tirei o oculo outra vez de cima da janella, e disse ao mancebo Bellomodo:

Na verdade vos posso affirmar, Senhor, que me não sei determinar a crer, se o que tenho visto por este oculo é sonho, ou ficção magica, que em si tenha este instrumento, pela grande confusão, que tenho visto e observado neste breve tempo, que por elle tenho reparado naquellas partes das Minas do Ouro entre seus habitadores. Pois disse-me, Senhor Peregrino, o que tendes visto? me perguntou o Bellomodo.

Sabei, senhor, (lhe disse eu) que depois de ter visto todas as villas, fazendas e lugares das Minas Geraes, que são os seguintes: a villa do Rio das Mortes, a villa do Ribeirão do Carmo, a villa do Cayté, a villa do Ouro Preto, a villa do Serro do frio, a villa do Sabará, a villa de Paraopeba, e muitas fazendas e roças:

Vi pelas ruas destas villas, a uns homens pendenciando com outros, e vi a outros homens arrastando saccos e canastras pelas

ruas e estradas. Vi a outros correndo atraz de mulheres, e as mulheres correndo atraz de homens. Vi a outros, como loucos, saltando e mordendo a si proprios. Vi a outros assentados em mesas de muitos manjares, com as boccas e as mãos cheias, e outros com frascos e garrafas postos á bocca. Vi a outros arrepellando-se e puxando pelos cabellos e barbas. Vi a outros em varandas, e outros debaixo de sombras de arvores dormindo ao somno solto.

Finalmente, vi a uns homens descompostos em selouras e camisas, com corôas nas cabeças, tocando violas, e pandeiros, dançando com mulheres. Tomara agora, Senhor Bellomodo, que me explicasse isto, que tenho visto, porque o não posso entender!

Primeiramente haveis de saber, Senhor Peregrino, (me disse o Bellomodo) que nada disso que tendes visto por esse oculo do alcance, e nesta torre intellectual, é sonho, nem ficção magica, porém sim pura verdade; porque nesta torre intellectual em que estamos, se deve reputar e entender, que é o entendimento do homem. Esse oculo do alcance é o discurso, pelo qual se conhece tudo aquillo que se pode imaginar com livre entendimento, porque é sem duvida que estando o homem em qualquer parte do mundo pode ver com o discurso, e olhos do entendimento, tudo o que passa em Roma, na India, e mais partes do Universo. Tenho visto contar, ou lido, o que naquellas partes se costuma fazer, ou praticar.

Porque haveis de saber, que muitas vezes tem acontecido engarmos-nos com a vista, e acertamos pelo conceito da razão, que fazemos das cousas, que se nos representam pelo discurso da imaginação; isto não só em cousas humanas, senão tambem nas divinas, como nos ensina a fé. Esses homens e mulheres que tendes visto nessas partes das Minas do Ouro em tão diversas formas, ficai entendendo, que são os sete peccados mortais, em que se estão exercitando essas miseraveis creaturas tão cegas como faltas do temor de Deus, e descuidado das suas almas, e por isso dessa sorte estão vivendo.

E supposto, que estes sete peccados mortais, e todos os mais generos e especies de culpas se acham nas creaturas por todo o mundo, sabeis que nas Minas do Ouro estão como em seu centro, e se vêem mais claramente pela razão da ambição das muitas riquezas em que se occupam, e estão vivendo tão descuidados da lembrança das suas

salvações; e por isso disse Christo Bem nosso que mais facil era passar um calabre pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no reino do céo (S. Lucas, cap. 18, v. 25).

E assim ficai entendido que são as riquezas fontes seminarias de donde procedem os peccados, e todos os mais vicios; porque é certo, que todo aquelle que se occupa em procurar riquezas não pode tratar da sua salvação. E para prova do que vos digo, basta o que disse Christo Senhor Nosso, que um servo não podia servir a dous senhores: *nemo potest duobus dominis servire*. (Math., capitulo 6, vers. 24)

Porque é sem duvida que, ou havemos estimar as riquezas para nossa condemnação, ou deixá-las para gozarmos da Bemaventurança. E conhecendo o Diabo isto por cousa tão certa, se não descuida de persuadir as creaturas que por todos os meios as procurem; porque sabe, que o mesmo é ser um homem rico, que logo ser soberbo, avarento, luxurioso, iracundo, glutão, invejoso, e preguiçoso, fazendo-o cahir em todos os mais peccados, e ainda contra a mesma lei de Christo, que professamos, e outras muitas offensas contra Deus, que tal é a cegueira da ambição do interesse das creaturas, que a não conhecem, senão quando se acham padecendo nos infernos.

A este proposito vos contarei o que ouvi dizer succedera nas Minas do Ouro, não ha ainda muitos annos (e não sei se ainda se pratica), que parece cousa incrível, mas como foi notoria, não temo de o dizer.

Foi o caso que se começou a introduzir entre os moradores das Minas pelos corretores do Diabo, que toda a pessoa que trouxesse contas comsigo, e por ellas rezasse, e se encommendasse a Deus, e á Santissima Virgem Nossa Senhora, não haviam de achar ouro; por esta causa e dito diabolico não havia quem trouxesse contas comsigo, e viviam muitos como hereges pelo interesse de acharem ouro. Vêde, senhor, se pode chegar a maior atrevimento a astucia diabolica.

E por isso não falta quem diga que os interesses e bens do mundo têm sido a causa de se introduzirem tantas herezias na christandade, e ainda entre pessoas ecclesiasticas, como se tem visto acontecer em alguns sacerdotes pela grande ambição das riquezas, e dignidades do mundo.

Esses homens que vistes em trajos de seculares com coroas nas cabeças, tocando violas e pandeiros, dançando com mulheres, são frades que andam fora dos seus conventos, sem licença de seus Prelados, feitos apostatas, os quaes, depois de ganharem alguns cabedais, vão buscar a seus conventos (se antes disso os não recolhem) e com mimos e presentes e persuazões de oradores de respeito, enganam a seus Prelados para os deixarem tornar a essa vida tão estragada e escandalosa, onde vêm acabar miseravelmente.

E assim vos digo, e posso certificar, que tudo quanto tendes visto nessas quatro janellas no dilatado mappa do Estado do Brasil, nesta Torre intellectual, por esse oculo do alcance, é mui certo e verdadeiro pela larga experiencia com que se tem comprovado tudo quanto vos tenho dito. Mas para que, Senhor Peregrino, melhor venhais no cabal conhecimento desta verdade, reparai agora no que vos quero mostrar neste quadro.

E chegando o moço Bellomodo a um painel, que tinha dezeseis palmos de largo, e doze de alto, correu uma cortina, deixando o quadro, do meio para baixo, coberto.

E logo vi pintados uns leões, pendenciando com tigres, e de-traz delles homens com armas de fogo, e indios com arcos e flechas, como se os estivessem esperando para os matar. Vi a uns macacos, com as mãos mettidas dentro de buracos feitos em uns cabaços, os quaes os levavam arrastando pelos campos, e estradas, e negros atraz delles com bordões e laços de cordas para os enlaçarem, e matarem. Vi uns bodes atraz de umas cabras, e outras cabras atraz de uns chibarroos; e todos correndo para um grande despenhadeiro, para onde se iam precipitar. Vi umas cobras, que lhes chamam de duas cabeças, mordendo-se a si proprias, e uns moleques com páus para as matarem. Vi dentro de um chiqueiro uns cevados comendo e bebendo a fartarem-se, e junto delles uns negros com facas nas mãos para os matarem. Vi a um cão mui asanhado, com uma posta de carne junto de si, e perto delle quatro cachorros, como que lhe queriam comer a carne. Vi a umas caças, que lhes chamam preguiças, as quaes são tão vagarosas no andar, que para chegarem á distancia de vinte passos, gastam meio dia.

Finalmente vi uns peixes mui inchados, e junto delles uns corvos, a quem chamam os naturaes urubús, que estavam para os comerem.

Disse-me o Bellomodo: Aqui tendes, Senhor Peregrino, a semelhança dos sete peccados mortaes, naquelles animaes, que estais vendo pintados neste quadro, e para melhor ficares entendendo, ouvi a presente explicação.

Aquelles leões, que vêdes andar pendenciando com aquelles tigres, são os soberbos, e arrogantes do mundo. Os homens com armas de fogo e os indios com arcos e flechas, é no que vêm acabar e morrerem desastradamente os soberbos, para depois irem parar nos infernos. Aquelles macacos ou monos, que vão correndo com as mãos cheias de milho dentro dos buracos feitos naquelles cabagços (que assim os apanham em Cabo Verde) são a representação dos avarentos, e ambiciosos, que por não largarem a presa das riquezas dos bens do mundo, se deixam apanhar, e enlaçar por aquelles negros, que são os demonios, até que os levam para o inferno.

Aquelles bodes, que vão correndo atraz das cabras, e as cabras atraz dos chibarroos, são os luxuriosos, que uns e outros se vão precipitar daquelle monte abaixo. O monte é este mundo, o despenhadeiro é o inferno, onde vão parar para sempre.

Aquellas cobras de duas cabeças, que estão mordendo, é a representação dos iracundos, que se estão despedaçando com ira, e por isso se pintam naquella fórma, as quaes andam sempre por baixo da terra, e dizem os naturaes, que são cegas, e quando sahem fóra do chão, se nellas tocam, se mordem e despedaçam com raiva. Os moleques com os páus nas mãos são os demonios, que estão para os matar.

Aquelles cevados, que estão dentro daquelles chiqueiros, são os gulosos, que se estão fartando de bons comerem, e bebidas, com que se regalam neste mundo. Os negros, que estão com as facas nas mãos, são os demonios, que estão para os matar, e levá-los para o inferno.

Aquelle cão, que vêdes estar tão assanhado e raivoso, com a posta de carne defronte de si, e os mais cachorros, que lha querem comer, é a representação dos invejosos, que nem comem, nem deixam comer aos mais.

Aquellas caças que se chamam preguiças do Brasil, são o symbolo dos preguiçosos, por andarem tão devagar, que gastam meio dia para chegarem a vinte passos; porém, se as querem apanhar, armam-se de tal sorte, com as unhas, que onde as ferram, difficilmente largam a presa.

Finalmente aquelles peixes, que vêdes estarem tão inchados, é a representação dos frades, que andam fóra de seus conventos sem licença de seus Prelados, porque já ouvirieis dizer, que o frade fóra de sua religião, é como o peixe fóra da agua, que logo se damna, e apodrece. Os corvos, ou urubús, junto delles são os demonios, que estão para os despedaçarem, e levá-los para o inferno.

E para veres com mais evidencia, e realidade, o fim em que vêm a parar todas estas creaturas racionais, figuradas nestes animaes irracionais, depois que morrem em semelhantes culpas, e peccados, vêde-o agora nesta segunda parte deste quadro.

E rasgando a cortina o mancebo, que havia deixado coberto a metade do painel, vi um lugar tão medonho, horrivel, e espantoso, que vos confesso ingenuamente, que fiquei atemorizado, porque ainda pintado o inferno me causou terror e medo.

Porque nelle vi a uns homens mettidos em lavaredas de fogo com as pernas para cima, e as cabeças para baixo. Vi a outros corpos mettidos dentro daquellas ehammas até as cinturas com os olhos vendados, e algemados. Vi a outros corpos de homens, e mulheres, ardendo em accendidas ehammas, cercados de serpentes e escorpiões, que os estavam mordendo por varias partes de seus corpos. Vi a outros homens, que além de estarem tambem ardendo dentro daquellas ehammas, se estavam mordendo com raiva e furor. Vi a outros corpos com as bocças abertas, e os demonios deitando-lhes pelas bocças resinas ardentes por vasos de fogo. Vi a outros rasgando-se, e toreendo a seus proprios membros, e os demonios atanazando-os com varios instrumentos de fogo. Vi a outros homens nadando em cima das lavaredas de fogo, cercados de sapos, e ratos atormentando-os.

Seguia-se logo em lugar mais baixo, como uma estante de livros, uns homens assentados em cadeiras de ardentes ehammas com bastões de fogo nas mãos. Vi uns tribunaes, e em cima de umas

altas cadeiras assentados uns homens com varas de ferro ardentes nas mãos, e abaixo umas mesas em ardentes fraguas, e por uma, e outra parte da mesa assentados em escabellos acesos em fogo, uns homens com pennas, escrevendo em pastas de ferro ardentes, e por detraz delles outros homens com livros abertos, e feitos judiciaes, dos quaes lhes sahiam chammas de fogo, que os estavam abrazando, e encostados ás grades dos tribunaes uns homens em pé com papeis nas mãos tambem ardendo em abrasadas chammas.

Seguiam-se mais uns homens com covados nas mãos medindo chamalotes e lavarintos de fogo, que os abrasavam. Vi outros homens com medidas de taverneiros nas mãos, das quaes lhes sahiam ardentes chammas, que os estavam queimando.

Vi umas grades de ferro feitas em brasas ardentes, e da banda de dentro umas mulheres pegando nellas, e da parte de fóra uns homens puxando pelas mesmas grades, como se uns e outros as quizessem arrancar, sahindo de dentro lavaredas de fogo, e de fóra para dentro do mesmo modo se viam accendidas chammas, em que se estavam abrasando.

Vi a uns homens assentados em bancos de ardentes chammas, e das boccas de uns sahiam uma letra, que dizia: Erramos a verdadeira lei, que é a de Christo. E da bocca de outros sahia escripto: Por seguirmos as leis reprovadas pela Igreja Catholica, aqui penaremos para sempre.

Estavam no fim do quadro assentadas umas mulheres velhas com as mãos atadas, presas em correntes com cadeados de fogo nas boccas, e diabos com foles de fogo mettendo-lhes pelos ouvidos: e abaixo destes condemnados estavam infinidades de milhares de almas naquelle lago infernal, que se não podiam numerar.

E logo me foi o mancebo Bellomodo explicando na fórma seguinte: Sabei, Senhor Peregrino, que aquelles homens, que vêdes com as cabeças para baixo, e as pernas para cima, são os soberbos, que lá no mundo andavam tão valentes, e presumidos. Aquelles que vêdes mettidos naquellas chammas até as cinturas, com as mãos algemadas, e os olhos vendados, são os avarentos, que lhes pareciam, que tudo era pouco para guardarem, e possuirem. Os outros que vêdes cercados de cobras e escorpiões, são os luxuriosos, que

no mundo tudo eram deleites sensuaes, e toques deshonestos. E aquelles que se estão mordendo, são os iracundos e raivosos, que por qualquer cousa se iravam, sem terem paciencia. Aquelles homens, que estão com as boccas abertas, e os demonios lançando-lhes pelas boccas aquellas resinas ardentes, são os gulosos, que no mundo viviam com regalos, e demasias de comerem e beberem. Aquelles que se estão arrePELLando, e despedaçando, são os invejosos de ver aos mais com alguns bens da fortuna. Finalmente aquelles homens que vêdes andar como nadando por cima das ardentes chammas, são os preguiçosos, que no mundo se davam á ociosidade.

E explicando-me os que estavam na segunda estante, me disse: Aquelles homens que vêdes assentados naquellas cadeiras com bastões nas mãos de ardente fogo, são os generaes, e governadores de cidades, e villas, e exercitos, que se davam a todos os respeitos e regalos, atropellando ao povo, e dando máu exemplo a todos.

Aquelles tribunaes, onde estão assentados aquelles homens, com aquellas varas de fogo ardendo em chammas, são os ministros, que julgavam contra a razão, justiça, e lei divina e humana, e davam sentenças por dinheiro, e respeitos. E os que estão assentados naquelles escabellos escrevendo com pennas de fogo em laminas ardentes, são os escrivães, que não obravam segundo seus regimentos, e atropellavam as justiças por interesses. E os que estão assentados naquelles arquibancos com livros, e feitos judiciaes, são os letrados, que negavam o sentido das leis, só afim de fazerem a bem das suas partes, ainda que não tivessem justiça. E os que estão em pé encostados ás grades são os requerentes, e solicitadores, que lá no mundo faziam por ambas as partes, e requeriam contra a razão, e justiça, só por ganharem dinheiro.

Aquelles homens, que estão medindo com aquelles covados sedas de accendidas lavaredas, são os mercadores, que vendiam por preços excessivos, enganando a quem lhes ia comprar ás suas lojas. Aquelles homens, que estão com aquellas medidas nas mãos, e dellas lhes estão sahindo lavaredas de fogo, em que se estão abraçando, são taverneiros, que enganavam ao povo com bebidas falsificadas, dando menos daquillo por que estava almotaçado, só por ganharem dinheiro.

Aquellas mulheres, e homens, que estão puxando por aquellas grades ardentes de flammantes lavaredas, como se as quizessem tirar, são as freiras, e seus amantes, a quem no mundo chamavam devotos, que desejavam arrancar as grades para darem á execução os seus lascivos e torpes desejos.

Aquelles homens que estão assentados naquelles bancos ardendo em tão abrasadas chammas com aquelles lettreiros, que dizem: “Erramos a verdadeira lei, que é a de Christo, por seguirmos as leis reprovadas pela Igreja Catholica; aqui penaremos para sempre”, são os Judeus, e mais hereges, que só depois que vão ao inferno, é que conhecem os erros, em que viviam, e reparam no grande bem, que perderam, e no miseravel estado, em que se acham; e por isso clama Santo Agostinho dizendo: *quam horrendum est videre Deum, et perdere*. (L. 2.º, Conf.).

Aquellas mulheres velhas, que estão assentadas em lavaredas de fogo, com cadeados de ferro nas boccas, ardendo cercadas de diabos com foles de fogo nas orelhas, são as velhas, que no mundo eram bruxas, feiticeiras, e alcoviteiras, e por isso são atormentadas no inferno daquella sorte.

E toda a mais immensidade de condemnados, que vêdes, são aquelles que por não guardarem a lei de Deus, e darem-se a gostos, e prazeres, sem fazerem penitencias de suas culpas, e peccados, foram condemnados para sempre por justos juizos de Deus a padecerem as penas do inferno.

Senhor, (disse eu ao Bellomodo) na verdade vos digo, que famosamente vos tendes explicado em tudo quanto me tendes dito, que estou bem entendido, e satisfeito; porém, só em uma cousa reparo, e vem a ser, que entre tantas diversidades de condemnados, que me tendes mostrado neste horrivel e espantoso quadro do inferno, só não tenho visto, nem me tendes mostrado nenhum cle-rigo, ou Religioso!

Respondo, senhor Peregrino, (me disse o Bellomodo) e será com um exemplo, que tambem ouvi contar, e foi o caso, que ouvi dizer, que succedendo ir um servo de Deus ao inferno por espirito, ou revelação, disse ao diabo Brazabú, que lhe mostrasse as penas que padeciam os condemnados naquelle abysmo infernal. E logo

lhe foi mostrando o demonio ao servo de Deus, as penas que padeciam os condemnados no inferno de todos os estados, e como lhe não mostrasse nenhum clerigo, nem frade, lhe perguntou o servo de Deus, que lhe dissesse onde estavam os sacerdotes clerigos, e Religiosos? Disse-lhe o diabo, que ao inferno não iam Clerigos, nem Religiosos. Como assim pode ser isso? lhe replicou o servo de Deus. Pois sabemos que muitos clerigos, e frades, morreram em actos peccaminosos, e outros acabaram com vidas mui estragadas, e signaes de precito? Respondeu-lhe o demonio: Essas creaturas nem eram Clerigos, nem Religiosos. Pois quem eram? lhe perguntou o servo de Deus. Disse-lhe o demonio: Eram homens, que lá no mundo diziam missa, porque o clerigo, e religioso, que observam bem os seus estados, se logo quando morrem, não vão gozar da Bemaventurança, vão para o purgatorio, satisfazerem os reatos das culpas, para depois irem para o céu.

Na verdade vos digo, senhor Bellomodo, (lhe disse eu) que cousa melhor me não podieis dizer acerca desse particular que vos perguntei, tanto ao proposito do nosso intento, porque verdadeiramente assentemos por cousa certa, que todas as vezes que um Clerigo, ou Religioso, não vive como é obrigado á razão de seu estado, guardando os votos, que tem professado, são peiores que os seculares pelo máu exemplo que dão a todos; sendo que devem ser os sacerdotes espelhos dos seculares.

Tocastes agora, senhor Peregrino, em um ponto (me disse o Bellomodo) que tomara que me dissereis, como entendeis que são os sacerdotes espelhos dos seculares? Respondo, senhor: (lhe disse eu) o que entendo é que devem os sacerdotes darem bom exemplo aos seculares no viverem bem, e virtuosamente, para que os seculares componham seus defeitos, á vista de verem os sacerdotes com bons costumes, de santa vida, guardando mui inteiramente a lei de Deus.

Famosamente vos tendes explicado, senhor Peregrino, porque assim o entendo eu tambem, pelo ter ouvido dizer, e lido nos melhores autores espirituaes, ditados pelo Divino Espirito Santo: e esse é o sentido literal, e verdadeiro, que ninguem o pode negar, nem contradizer; porém, fallando moralmente no sentido accommo-

dativo, tambem se pode entender (supposto como novidade) que os sacerdotes são espelhos dos seculares, quando estes os buscam, para com elles se confessarem. E se não, vêde: chega qualquer pessoa a ver-se a um espelho, e se esse o vê baço, turvo, com falta de aço, ou quebrado, começa logo o que nelle se vê, a dizer: este espelho tem este ou aquelle defeito, sem temer que o notem, nem castiguem. E que faz o espelho? Ainda que veja muitos defeitos na pessoa, que nelle se vai ver, cala-se e nada destas faltas descobre, nem diz a ninguem, e só mostra, e diz á pessoa, que a elle se tem ido ver, as suas faltas, trocando-lhe a parte esquerda, para a direita, isto é, emendando-lhe seus erros.

Estes são os efeitos dos bons espelhos: isto tambem é o que se acha no estado sacerdotal: ainda que vejam muitas faltas nos penitentes, que a elles se vão confessar, pela razão de guardarem o segredo do sigillo, a que estão obrigados por direito divino e humano, nada descobrem, mas antes os fazem mudar do esquerdo do seu máu viver para o direito do serviço de Deus, e bem de suas salvações, reprehendendo-os, e aconselhando-os a emendarem suas culpas, e comporem seus defeitos, porém, tanto em segredo, que nem os ouve.

Estou tão satisfeito, senhor Bellomodo, (lhe disse eu) que não tenho visto comparação mais propria e genuina nesse sentido moral, e accommodativo, que com tanto acerto e semelhança tendes fallado, acerca de como tambem se pode entender, que são os sacerdotes espelhos dos seculares pela representação do espelho natural no calarem, e encobrirem as faltas, guardando inteiro segredo do sigillo da confissão.

E logo sahimos da torre intellectual, e palacio da saúde, e nos puzemos outra vez na praça do territorio dos deleites. E chegando defronte da casa da audiencia dos defuntos, e ausentes, como estivesse a porta aberta, e na casa fazendo-se audiencia, pedi ao mancebo Bellomodo me concedesse licença para ir ver aquelle acto. Disse-me o mancebo que podia ir, porém, que fosse breve, e que me houvesse com cautela. Bem reparei eu no dito do mancebo, porém, como não tinha pleito na audiencia, nem requerimento que fazer, não temi entrar no auditorio.

Com effeito cheguei dentro da sala, e puz-me junto ás grades. Vi a um homem assentado em cima de uma alta cadeira, que logo considerei ser o ministro, e abaixo estava uma mesa, e junto a ella assentados quatro escrivães, e em uns arquibancos dez letrados, e perto das grades doze solicitadores em pé.

Quando vi logo romper nestas palavras a um dos advogados, dizendo: Senhor Doutor Promotor deste juizo, assentemos que não ha officio na Republica (principalmente no Estado do Brasil) como é o de thesoureiro dos defuntos, e ausentes, porque todas as vezes que lhe dão a provisão para servir o dito officio, o fazem herdeiro de todos aquelles, que fallecem abintestados, porque não só se fazem senhores dos seis por cento, que lhes dá o seu regimento, mas tambem herdeiros dos mais bens dos defuntos, e ausentes, pela mora, com que os detêm em seu poder, utilizando-se de seus productos.

E se não, vêde o que nos mostra a larga experiencia. Deve qualquer homem a outro uma divida, e ainda que o seu acredor esteja presente, e faça muita diligencia por se pagar, se o devedor o quer empatar, o dilata dois e tres annos com varios meios, com que costumam os advogados de má consciencia obrar. A este respeito, que se pode presumir de um homem, que tem por acredores defuntos, e ausentes? Que ainda que os procuradores destes taes defuntos e ausentes façam toda a diligencia, lá se lhe pede uma vista, e vêm com taes embargos, e os senhores escrivães lhes põem uma pedra em cima dos feitos, sem temerem aquella, que desceu do monte, e destruiu a estatua de Nabucodonozor, que o mesmo lhes pode succeder a elles, como tem succedido já a muitos.

E supposto que os senhores ministros queiram fazer boa justiça ás partes, e dar cumprimento á lei, o não podem fazer porque o impedem com appellações, e aggravos, que fazem suspender as execuções por mezes e annos.

E assim vai passando o tempo, e muitas vezes os miseraveis pleiteantes por se verem fóra de suas casas, fazendo excessivos gastos com tantas dilações, largam as demandas, e a pretensão das cobranças. e fica o dinheiro no cofre, ou para melhor dizer na bolsa do thesoureiro.

A este tempo senti que se me tirava o chapéu, que tinha posto debaixo do braço, e indo a pegar nelle, me arrebataram tambem o cajado, que o havia encostado á grade; e vendo-me feito um espargo no monte, estando entre tanta gente, me tornei para a porta, por onde havia entrado. E assim como me viu o Bellomodo de tudo despojado, entrou logo na sala da audiencia, e fazendo presente ao ministro a desatenção que me haviam feito, mandou promptamente aos meirinhos e escrivães das varas, que tomassem as portas e janellas da casa da audiencia, e na mão onde fosse achado o chapéu, e cajado, o levasse preso até sua ordem; porém, assim como os meirinhos e escrivães foram a dar cumprimento á ordem do ministro, toparam logo com o chapéu e cajado no meio da sala, e me fizeram entregue de uma e outra cousa, e o Bellomodo se mostrou muito agradecido ao ministro, e delle nos despedimos.

E sahindo outra vez á praça, chegamos á porta do Desengano, a qual abriu o Bellomodo. Eu lhe disse: Senhor, com palavras me não posso explicar o quanto de vossa grande cortezania e primor vou obrigado; porém, pague-vos Deus o agasalho, que tendes feito a este caminhante, sem merecimento. Pouco me parece, senhor Peregrino, (me disse o Bellomodo) havermos feito, quando vossos merecimentos são tão relevantes, que tudo estais merecendo.

Isto supposto, senhor, (lhe disse eu) tenho um favor, que vos pedir, e vem a ser: que estas prendas, que dellas me fizeram offerta as Mestras das Artes e Sciencias, e as seis moedas de ouro, que me mandou dar o Presidente da Saúde, me haveis de fazer favor acceitar. E supposto, que bem reconheço que dellas não necessitais pela grandeza, e abundancia, com que viveis, comtudo, senhor, nesta occasião me fareis grande favor ficares com ellas, por razão que, como vou por estas estradas e partes tão solitarias, posso encontrar com alguns ladrões tão desalmados, que não só dellas me despojem, porém tambem me tirem a vida, na consideração que as levo furtadas.

Senhor Peregrino, (me disse o Bellomodo) supposto que me pareça a vossa razão mui racionavel. nunca acabarei commigo que em tal convenha; porque além de teres bem merecido essas pren-

das e moedas, e eu dellas não necessitar, graças a Deus, bem poderá ser que essa vossa supposição não seja tão certa, que logo topeis com esses ladrões tão deshumanos, que vos roubem, e tirem a vida. E poderá succeder, que essas prendas, e moedas, vos sejam necessarias para outra melhor occasião dispores dellas.

Ora, Senhor, (disse eu ao mancebo) assentemos que, visto não me queres fazer o que vos peço, eu me resolvo a deixar as prendas e as moedas ao pé deste muro: porque estou bem resoluto de as não levar commigo, pelas razões que vos tenho feito presente. Já que com tanta instancia me obrigais, senhor Peregrino, (me disse o Bellomodo) partamos a contenda: ficarei eu com as prendas, comtanto que leveis as moedas. Estou satisfeito, senhor, (disse eu ao mancebo). E logo lhe entreguei as prendas, e delle me despedi, com demonstrações de muito agradecido, do bom agasalho que me havia feito. E fechando a porta o Bellomodo, reparei que da parte de fóra estava escripta esta lettra:

SONETO

DESENGANADO vou, e arrependido,
 Dos tempos, que gastei tão mal logrados,
 Neste Palacio cheio de peccados,
 E neste territorio tão perdido.

Oh, se esta minha dor, pranto, e gemido,
 Pudera despertar aos descuidados,
 Alliviara parte dos cuidados,
 E do muito que tenho padecido.

Alerta, pois, mortais, desse lethargo.
 Vêde que esta lembrança vos convida
 E vos aviso assim por meu descargo.

Pois é cousa mui certa e bem sabida,
 Que prazeres gozar por tempo largo,
 É penar para sempre na outra vida.

Logo suppuz que aquelle soneto, o fixaria na porta algum es-carmentado do tempo, que havia assistido no Palacio da Saúde, e territorio dos deleites.

NOTAS AO CAPITULO XI

(1) As dobras de ouro de 24\$ (ou dobrões) foram cunhadas na Casa da Moeda de Minas Gerais, segundo o alvará de 20 de Março de 1720, Severino Sombra, *História Monetária do Brasil Colonial*, p. 146, Rio, 1938. As primeiras são de 1725, *op. cit.*, p. 190: tinham 15 oitavas de ouro de 22 quilates. Destinavam-se á circulação na metropole. Não ha mais belas peças nos medalheiros do seculo XVIII: assinalam o apogeu do reinado de D. João V.

(2) Nuno Marques Pereira faz aí uma breve geografia... por um oculo. É o mapa do seu tempo que descreve sumariamente, a começar do rio da Prata e da *Nova Colonia*, ou do Sacramento, fundada em 1679, tomada um ano depois, restituída em 1681, reedificada em 1683, abandonada em 1705, devolvida a Portugal pelo tratado de Utrecht (6 de Fevereiro de 1715), e então (1733) no gozo d'uma tranquillidade próspera... Seria sitiada sem resultado em 1735-37, conquistada em 1762, devolvida no ano immediato e afinal incorporada aos dominios castelhanos em 1777. O tratado de Santo Ildefonso, de 1 do Outubro desse ano, confirmou a alienação da Colonia, pondo um remate diplomatico á sua história trágica. Hoje é uma bela cidade uruguaia que conserva com respeito piedoso as reliquias portuguezas de sua fase mercantil e socegada entre o assédio de 1737 e as lutas de Ceballos.

(3) O soberbo convento da Penha já na frase de fr. Vicente do Salvador se podia "contar por uma das maravilhas do mundo, considerando-se o sitio, porque está sobre um monte alto um penedo que é outro monte, a cujo cume se sobe por cincoenta e cinco degrãos lavrados no mesmo penedo, e em cima tem um plano em que está a igreja e capella...", *Hist. do Brasil*, p. 97 (3ª ed.).

CAPITULO XII

Do encontro, que teve o Peregrino com um mancebo, que achou á sombra de uma arvore, e da relação que lhe deu da sua vida, e do mais que lhe succedeu no mesmo lugar com uma moça, o que consta do capítulo seguinte.

E PONDO-ME a caminho fui andando por uma larga estrada pelo meio de uma espaçosa campina, e reparei que por uma, e outra parte, estavam muitas cruzes, e depois de ter andado perto de uma legua, descobri uma grande arvore mui copada junto da estrada, e chegando mais perto conheci ser um formoso cajueiro, o qual estava carregado de mui maduros pomos, por ser no mez de Janeiro, tempo em que costumam estas arvores dar seus fructos. E assim como cheguei perto d'elle, se levantou um mancebo, que á sombra da arvore estava sentado, sem mais armas que um curto bordão sobre o qual se affirmou para se pôr em pé por estar mui magro, e macilento, e no que representava, bem parecia padecer algum achaque.

E depois de nos cumprimentarmos, me pediu o mancebo que me sentasse por descansar da jornada, e abrigar-me á sombra da arvore. E assim como estive de assento, lhe pedi que me fizesse favor dizer o que significavam aquellas cruzes, que tinha visto naquella fórma por uma e outra parte da estrada? Respondeu-me elle: Sabei, Senhor, que aquellas cruzes que vistes, se costumam pôr em cima das sepulturas das pessoas, que fallecem no palacio da saúde, e territorio dos deleites; e dos mais caminantes, que morrem nos caminhos das Minas do ouro (1), por não haverem igrejas

naquellas partes, e assim os enterram sem mais pompas, nem suffragios.

A este tempo que havia posto fim o mancebo ao que lhe havia eu perguntado, vimos vir pela mesma estrada uma mulher com apressados passos, como que vinha buscar a protecção da arvore para gozar da sua sombra, onde já estavamos sentados, e chegando a mulher á nossa presença fiz reparo, que era inda moça de menos idade de vinte annos no que representava; e supposto que em humildes trajes, bem mostrava as perfeições de que a havia dotado a natureza, por ser em extremo formosa; e com mui primoroso termo nos saudou, e logo lhe pedimos que se sentasse, e depois de estar sentada pegou em uma das fructas das muitas que tinham cahido da arvore sobre a relva e disse esta lettra:

Se Eva lá, e o seu home,
 comeu do fructo vedado,
 eu tambem por meu peccado
 comerei este com fome.

Não deixei de reparar na promptidão do repente, com que a moça proferiu o quartetto. Porém, nem lho applaudi, nem reprovei, e só disse a um e ao outro, que me fizessem favor acceitar da matalotagem que trazia do que me havia provido o mancebo Bel-lomodo; e abrindo o alforge, reparti com os dois caminhantes igualmente, que primorosamente se mostraram muito agradecidos, e depois de termos jantado, disse eu ao mancebo: Já que temos, senhor, tão opportuna occasião de tempo, tomara que me fizeras o favor dizeres o motivo que tivestes para neste lugar vos achar?

Para satisfazer, senhor, a pergunta que me fazeis, (me disse o mancebo) me é necessario tomar o principio da fonte, de donde tiveram origem meus infortunios, e repetidos trabalhos; que á vista do que tenho experimentado não sei como inda sou vivo; e assim digo: que sou nacional de uma aldeia que dista da cidade do Porto do Reino de Portugal tres leguas, nasci de paes lavradores, e abastados de cabedaes. Tiveram-me a mim, e a uma filha mais velha, a qual está casada na mesma cidade com um mercador. E chegando

eu á idade de oito para nove annos, me mandaram meus paes aprender com o seu Padre Cura a ler, escrever, contar e o latim. Teria já neste tempo dezeseis annos, quando succedeu vir de morada para a mesma aldeia um tecelão, o qual trouxe em sua companhia uma filha, quasi da minha mesma idade, que parece se havia desvelado a natureza em fazer formosa; e como seja a formosura, credito da Divindade, comecei a render-lhe adorações, e solicitar-lhe agrados; dava-se ella por paga do meu desvelo, e na mesma fórma me correspondia; eu, por não motivar algumas suspeitas ao pai, costumava dizer-lhe que folgava de o ver tecer, e como o tecelão era astuto e sagaz, a tudo dava passagem, porque sabia que aquellas minhas assistencias tão repetidas nasciam por ter urdido com a filha a teia dos nossos amores; porém dissimulava, sem dúbida, para melhor occasião.

Eram já passados dois mezes, que me occupava naquelle entretenimento amoroso: quando em uma noite me disse meu pai, que estivesse prompto para no dia seguinte, pelas quatro horas da manhã, partirmos para a cidade do Porto, a visitarmos a minha irmã, e cunhado. Bem desejara eu escusar-me da viagem, ou ao menos, despedir-me de quem me não tomara apartar; mas, por não desobedecer aos preceitos de meu pai, me accommodei com a minha saudosa pena.

Começaram os gallos a cantar, por serem os relogios das aldeias, dando senhas que se avizinhava o dia, e para mim annuncios de uma triste madrugada; tratamos logo de nos pormos a cavallo, e antes das oito horas do dia, estavamos já na cidade; e chegando á casa de meu cunhado, e irmã, fomos delles mui bem recebidos, como pedia a razão do parentesco. Mandou-me logo meu pai fazer vestido, com o qual sahi a ver a cidade, que por certo é uma das mais opulentas depois de Lisboa, que tem o Reino de Portugal.

Seriam já passados oito dias de nossa assistencia na cidade, quando me disse meu pai que fossemos a bordo de uma náu, que estava para fazer viagem para o Brasil, dirigida á Capitania de Pernambuco; chegamos ao caes, e por uma prancha nos puzemos a bordo de um navio que estava de vergas dalto para partir. E as-

sim como entramos salvamos aos mandadores, e depois de passados aquelles cumprimentos, me disse meu pai:

Filho, estás embarcado para o Brasil, em companhia destes senhores, a quem tenho recomendado te façam boa passagem; aqui tens duas cartas, uma para teu tio, que é assistente na cidade do Recife, e outra para um mercador morador na cidade da Bahia, quando succeda por algum incidente lá aportares; em ambas te recomendo, que te provejam de tudo, que necessario te for; só te peço, que faças por ter bom procedimento. E logo me deitou a benção, e dos mais mandadores se despediu; tratou-se logo de se desamarrar o navio, e deu principio a viagem.

Vêde agora, senhor, qual eu ficaria com tão inopinada resolução de meu pai: confesso-vos que de tal sorte fiquei, que se me impediram os órgãos da falla, que não pude articular palavra, e só me começaram a correr as lagrimas tão impetuosamente, que as não podia reprimir, e bem se pudera por mim dizer aquella lettra:

Lagrimas, que podieran
tanta dureza ablandar,
hecharlas hé a la mar,
pues que de la mar salieron.

Assentei-me junto ao embornal do navio, onde fui continuando o sentimento das minhas saudades, por ver que deixava meus paes, parentes e amigos, e a mesma Patria, e sobre tudo a filha do telcelão, com quem tinha urdido a teia das premicias dos meus amores; até que chegamos a sahir pela barra fóra. Não vos repito, senhor, o mais que passei na viagem, por não dilatar o fio da historia, e narração dos meus tragicos successos.

Chegamos alfim a Pernambuco; puz-me em terra, fui buscar a casa de meu tio, entreguei-lhe a carta de meu pai, que com grande gosto a recebeu, e de mim fez toda a estimação, por ser filho de um irmão, a quem elle com extremo muito amava. Mandou-me logo fazer um custoso vestido, comecei a passear a cidade do Recife, e no segundo dia fui a ver a cidade de Olinda, que muito bem lhe assenta o epitheto, porque na verdade não pode haver cousa mais

linda, por estar edificada em um vistoso monte, dominando muita parte do mar, e por isso mais aprazível, e agradável.

No terceiro dia passei o rio Beberibe pela ponte (2), á outra banda de Santo Antonio, entrei no territorio, ou povoação, que me agradou muito, por ver o grande concerto e alinhio das igrejas e conventos, e muitas casas nobres, e o notavel concurso de seus moradores; e como já se ia fazendo tarde tratei de me ir recolhendo para o Recife, e tomando por uma rua menos frequentada de gente, quando vi em uma janella apparecer um simulacro de Venus, ou um exemplar da formosura, adornada de tantas perfeições, que fiquei absorto pelos reflexos de tantas luzes, com que vi brilhar uma formosa moça. Pedi-lhe que me mandasse dar um pucaro de agua, sem dúvida, para applanar o incendio, em que me via arder; disse-me ella que entrasse porque não costumava mandar dar agua na rua aos homens brancos; com effeito entrei, e depois de me mandar sentar, veio logo agua com doce. Satisfiz a liberalidade da moça, e depois de saciar a sêde, lhe perguntei: Como, senhora, em tão pequena concha, recolheis tão grande perola? Respondeu-me ella: porque esperava, que houvesse um diamante, que a fizesse engrandecer.

A este tempo entrou pela porta dentro um bem trajado mancebo, levantei-me cortezmente, e sem mais termo politico, me disse elle que logo me puzesse na rua, antes que por força me obrigasse a fazê-lo. A estas tão descommedidas razões lhe disse eu: Senhor cavalheiro, não me lembra que tomasse postila, em que me ensinasse ser tão bem mandado. E chegando-se a mim me pegou no braço esquerdo, com impulsos de me pôr na rua. Metti mão ao espadim, e com elle o atravessei pelos peitos, e sem alentos cahiu morto (3).

E como o vi prostrado por terra, o considerei escarmento da soberba, horror da morte, desengano da vida. E sahindo da casa me fui recolher a um convento (4), de donde despachei a um escravo ladino, que em minha companhia trazia, para que com toda a brevidade fosse fazer presente a meu tio o successo que me havia acontecido, e que me mandasse pôr daquelle lugar mais distante, antes que a justiça me tomasse o passo.

Seriam sete horas da noite, quando chegou um escravo ladino

da casa de meu tio com a minha roupa dentro de um bahú, e cinquenta mil réis. Promptamente me puz a caminho com o escravo; andamos mais de duas leguas, até que chegamos á casa de um lavrador muito amigo de meu tio, a quem fiz presente o caso que me havia acontecido; deu-me o lavrador um bom cavallo, e matalotagem; e pondo-me outra vez de marcha, toda aquella noite andamos; e assim como amanheceu nos recolhemos ao interior de uma mata onde passei até o meio dia, por descansar do desvelo da noite, e do meio dia para a tarde me tornei a pôr a caminho, retirando-me sempre da estrada por não ser visto de pessoa que de mim, e do escravo, desse noticia.

Em menos de quinze dias chegamos ao rio de São Francisco, nome improprio que ao rio se tem dado (5): porque sendo o Santo tão humilde, o deviam appellar áquella féra dos montes por Basalisco dos Rios, por ser um dos mais soberbos que ha no Brasil, pelo rapido curso, com que furiosamente corre a buscar a barra da Villa do Penedo (6).

Deixei anoitecer por não ser visto dos moradores da villa, fui buscar o convento de S. Francisco (7), e como nelle estava por guarda um religioso amigo de meu tio, lhe fiz presente o caso que me havia acontecido: deu-me recolhimento, onde me tratou com grande primor, e caridade; dalli me embarquei com muita cautela em uma sumaquá, que fazia viagem para a cidade da Bahia, onde chegamos a salvamento.

Saltei em terra; fui buscar ao mercador, para quem me havia dado meu pai a carta, quando me embarcou para o Brasil, e depois de a ter lido, me disse o mercador: Nesta carta, me pede o senhor seu pai lhe entregue a Vossa Mercê dois mil cruzados, e quando lhe sejam necessarios estou prompto para o fazer, ou em dinheiro, ou em fazenda. Mostrei-me agradecido de tão pontual satisfação.

E como o mercador tivesse uma embarcação, que navegava para a Costa da Mina, lhe pedi praça nella, que mui liberalmente me deu, onde me embarquei com uma bôa carregação, e dentro de cinco mezes voltei ao porto da cidade da Bahia, com dezeseis escravos, com os quaes, e alguma mais fazenda, fiz um comboio, e parti para as Minas do ouro (8). Remetti quatrocentos mil réis para

a Bahia ao mercador no discurso de um anno, por fazer no producto dos escravos e fazenda meia arroba de ouro, e dos quatrocentos mil réis que remetti tenho já carta do dito mercador que param em seu poder.

E com o mais cabedal me puz a caminho até que cheguei ao Palacio da Saúde, e territorio dos deleites: donde me dei a todos os deleites e prazeres, gostos e regalos: jogava com largueza, galeava a todo o custo, comia com abundancia, gastava prodigamente; de tal sorte me entreguei a todos os vicios, e passatempos, que no discurso de dois annos gastei todo o meu cabedal: e achando-me pobre, e miseravel, e cheio de achaques, me resolvi hoje tomar por resolução sahir do territorio dos deleites, e seguir esta jornada para o Templo da Enfermidade, para ver se posso achar remedio a meus achaques, que padeço; esta é a causa, senhor, porque neste lugar me achastes.

Muito agradecido, e satisfeito estou, senhor, (disse eu ao mancebo) da relação que me tendes dado, dos progressos de vossa vida com tanto acerto, e discreta narração, e ficará para depois, o que mais tenho que vos dizer acerca do que vos tem acontecido, e ouvido contar.

NOTAS AO CAPITULO XII

(1) É costume, no interior do país, assinalar-se pelos caminhos morto de homem com uma cruz rústica. Vem, como nô-lo diz o A., do tempo em que, á falta de cemiterios, os peregrinos eram sepultados á margem da estrada. O hábito da pequena cruz a informar sobre o crime ou o accidente, num convite aos que passam, para rezar pela vitima — persiste, generalizado, nos sertões.

Quando o poeta, na fazenda sertanêja onde procura melhoras para o pulmão enfermo, julga que poderá morrer longe dos seus, supplica, e deseja:

Abre-me o seio, ó Madre Natureza!

 E se eu devo expirar... se a fibra morta
 Reviver já não pode a tanto alento...
 Companheiro! Uma cruz na selva corta
 E planta-a no meu toseco monumento!...

(Castro Alves, *Obras Completas*, ed. de Afrânio Peixoto, I, 185, Rio, 1921)

(2) A ponte sobre o Beberibe foi inicialmente construída em madeira por Maurício de Nassau. O custo da obra, se a acabasse em pedra como projectára, ficaria em 240 mil florins, Hermann Watjen, *O Dominio Colonial Holandês no Brasil*, p. 210, trad. de P. C. Uchôa Cavalcanti, S. Paulo, 1938. Foi a primeira grande ponte que houve no país. Uma segunda mandou Nassau fazer entre a ilha de Antonio Vaz e a Boa Vista, em sete semanas, como se lê em Barlaeus (Rodolfo Garcia, *nota a Porto Seguro*, II, 372). Fr. Manuel Callado conta, a propósito da grande ponte, que a inaugurou o príncipe com uma festa extravagante. “E para o primeiro dia que a gente havia de passar por a ponte grande para o Arrecife ordenou o Príncipe uma festa, e convidou aos do Conselho Supremo a comer; e a festa foi que mandou esfolar um boi inteiro, e encheu-lhe a péle de herva sêca, e o poz encoberto no alto de uma galeria que tinha edificada no seu jardim; e logo pediu a Belchior Alvares emprestado um boi muito manso que tinha, o qual como se fôra um cachorro audava entrando por as casas, e o fez subir ao alto da galeria, onde depois de visto do grande concurso de gente que ali se ajuntou, o mandou meter dentro de um aposento, e dali tiraram o outro couro de boi cheio de palha, o fizeram vir voando por umas cordas com um engenho, e a gente ficou admirada, e muito mais a prudente, vendo que com aquela traça ajuntara ali o Conde de Nassau tanta gente para a fazer passar por a ponte, e tirar aquela tarde grande ganancia, e tanta gente passou de uma para outra parte, que naquella tarde rendeu a ponte mil e oitocentos florins, não pagando cada pessoa mais de duas placas á ida, e duas á vinda”. A ponte — completa Garcia — tinha dous arcos, um na ilha de Antonio Vaz, outro no Recife; no primeiro havia esta inscrição, que subsistiu até principios do seculo passado:

“Fundabat me Illustrissimus heros Joannes Mauricius, Comes Nasaviae & Dum in Brasilia terra supremum Principatum, Imperiumque teneret. Anno Dñi MDCXXX” (Garcia, *nota a Porto Seguro*, cit.).

(3) A criminalidade durante o periodo colonial daria matéria para um livro nutrido, documentado principalmente pelos viajantes estrangeiros, impressionados pelo fácil manêjo da adaga e da espada no Brasil, onde a “paixão portugueza” se exacerbára com o costume de terem os grão-senhores a seu serviço muitos escravos armados. Aos negros, aliás, o Dr. White attribuiu a quasi totalidade dos crimes no Rio de Janeiro em 1787 (Afonso Taunay, *Revista do Inst. Hist. Bras.*, vol. 144, p. 477). Em Minas Gerais (Robert Southey, *Hist. do Bras.*, VI, 480) havia cerca de oitenta execuções anuais de africanos homicidas. Na Bahia predominavam os crimes passionais. Mrs. Kindersley surpreendeu-se, em 1764, do numero de mortes tragicas aí ocorridas (Taunay, *Rev. cit.*, p. 390), com a impunidade que já scandalizára o padre Martin de Nantes. Confirnararia Martius, em 1818: “em nenhuma cidade do Brasil se registam tantos assassinios como aqui” (*Através da Bahia*, trad. de Pirajá da Silva, p. 84). “Disse o viajante Froger — que lá esteve ao findar o seculo XVII —: “São os bahianos extraordinariamente ciumentos, e é ponto d’honra apunhalar o marido á mulher desde que se convença da sua infidelidade” (Taunay, *op. cit.*, p. 291). “Nisto estão mais ou menos em pé de igualdade brancos, pretos e mulatos”, acrescentaria Burmeister. “Ferózes os maridos da Bahia!”, exclamou Frézier, em 1713, ao saber de trinta uxoricídios cometidos na cidade durante o ano. Notára o francês lucidamente, que a escassez de mulheres brancas tornára mais complicada a sua guarda — e dramático o seu assédio. “Se um estrangeiro tem qualquer aventura com uma mulher e esta vier a descobrir-se, não ha recursos de que os portuguezes não lancem mão para punir, pela morte, o temerario amante”, contou La Flotte.

(Taunay, *Viajantes do Brasil Colonial*, p. 102). Com o retraimento da mulher e a truculencia masculina teceram os viajantes a leuda iufame, que alarmou James Cook, relativamente á concupiscencia das euclausuradas fluminenses, da sua predileção pelos forasteiros e de seus divertimentos noturnos, pitorescos e tragi-comicos (M. Albert Montémont, *Voyages*, II, 6, Paris, 1857). Vingaram-se, com essas histórias malignas, da "urupêma" que defeudia a dama colonial e da primitiva e cega brutalidade do homem, seu senhor (Pedro Calmon, *Hist. Social do Brasil*, I, 138-140). A justiça não perseguia quem matasse em desagravo da dignidade conjugal. Era lei; e tradição luso-arabe. A barbárie americana fez o resto...

Típico é o caso que narra fr. João de S. José (Camillo, *Memórias inéditas do bispo do Pará*, p. 155, Porto, 1868), de Pascoal de Pontes, avô de Tomé Joaquim de Pontes, que matou em Angola a mulher. "Casando outra vez, deu como prenda do seu amôr o que fôra instrumento do seu odio — o punhal — á esposa; a qual, bizarramente honrada, o prendeu em um laço e poz ao peito"

(4) O homizio em recinto sagrado era privilegio cominado no livro 5^o das *Ordenações* em seguimento a usanças imemoriais. No Brasil-colônia foi continuamente invocado e, em regra, respeitado, não se atrevendo a violá-lo as autoridades mais afoitas sem graves consequências e alterações. O criminoso metendo-se numa igreja ou num convento ganhava uma impunidade provisória em honra do asilo, a cuja proteção se confiava.

Narra frei Vicente do Salvador o caso famoso de Sebastião da Ponte ocorrido no governo de Luiz de Brito de Almeida, *Hist. do Bras.*, 3^a ed., p. 222. Feriára no hombro a um homem branco que foi queixar-se em Lisboa, donde a ordem para a prisão do potentado. "Teve ele noticia disto e acolheu-se a uma ermida de Nossa Senhora da Escada, que está junto a Pirajá, onde o réo então morava. Demais disto chamou-se ás ordens, dizendo que tinha as razões deprecou o bispo ao governador não o prendesse. Mas não lhe valeu. Começou logo a proceder a censuras e finalmente chegou o negocio a tanto que houveram de vir ás armas, correndo com elas o povo nescio e inconstante já ao bispo com o temor das censuras, já ao governador com o temor da pena capital, que ao som da caixa se publicava e, o que mais era, que ainda de todos acostados ao governador seus proprios filhos, que estudavam para se ordenarem, com pedras nas mãos contra seus pais se acostavam ao bispo e seus clerigos e familiares. Porém enfim "jussio regis urgebat", e se mandou preso ao reino, como el-rei o mandava, onde foi metido na prisão do Limoeiro, e nela acabou como suas culpas mereciam".

Um seculo depois, assassinado o alcaide-mór Francisco Telles de Menezes por uma conspiração de fidalgos, estes fugiram á vingança do governador geral recolhendo-se ao Colégio, que foi cercado e vigiado pelos soldados, sem que ousassem investí-lo. A tropa só se retirou ante a intimação que neste sentido o arcebispo mandou ao governador, Pedro Calmon, *O Crime de Antonio Vieira*, p. 38.

(5) Chama-se de S. Francisco o rio por ter sido a sua foz descoberta no dia do orago, 4 de Outubro, pela frota exploradôra em que vinha Américo Vespucci, em 1501, Capistrano de Abreu, *O Descobrimto do Brasil*, p. 259, Rio, 1929. Assim os cabos de S. Roque e Santo Agostinho, Todos os Santos... e, a 1^o do ano, o Rio de Janeiro. O calendário católico dispensou a imaginação aos navegantes no trabalho inicial de batizar a costa brasileira.

(6) A vila de "Penedo do rio de S. Francisco" foi fundada por Matias de Albuquerque (juntamente com Bom Sucesso, ou Porto Calvo, e Santa Maria Madalena da Alagôa do Sul) em 1635. (Craveiro Costa, *História das Alagôas*, p. 24, S. Paulo). Adquiriu importancia com o forte "Mauricio", que a Nassau fez construir, como a limitar o "Brasil holandês", Porto Seguro, *Hist. Ger. do Bras.*, III, 352. Foi tomado após prolongado cerco em 19 de Setembro de 1645, e arrasado, mandando-se os canhões para a Varzea, onde os pernambucanos tinham os seus arraiais. — O nome "procede decerto da escarpa rochosa onde a povoação primeiro começou com um pequeno forte...", Teodoro Sampaio, *O Rio de S. Francisco*, p. 33, Bahia, 1938, Editora Cruzeiro. Domina-a o convento dos franciscanos.

(7) O convento de Penedo foi, a pedido dos moradores, fundado pelos franciscanos de Pernambuco em 1661. A primeira pedra do "convento novo" foi lançada em 4 de Outubro de 1682; em 2 de Fevereiro de 1689 se disse na sua capela mór a primeira missa; e os frades se passaram para as células em Março de 1694. A invocação era de Santa Maria dos Anjos ou Nossa Senhora da Porciuncula. Jaboaão, *Novo Orbe Seráfico Brasileiro*, 2ª parte, II, 603-5, Rio 1861.

(8) Antonil, *Cultura e Opulencia do Brasil*, ed. Taunay, p. 218-9, justifica o texto. Os preços nas Minas Gerais por volta de 1703 eram espantosos: "um negro bem feito, valente e ladino", 300 oitavas de ouro; "um moleção", 250 oitavas, "um moleque", 120, "um creoulo bom oficial" 500 oitavas, "um mulato de partes ou oficial", 500, "uma mulata de parte", seiscentas ou mais oitavas... Dezeseis escravos podiam render ao "comboeiro" sete e meio quilos de ouro, como nô-lo diz, fortuna modesta ao lado das cincoenta arrôbas que lá fizeram Francisco do Amaral, Nunes Vianna, Borba Gato ou José de Góes e Moraes, Antonil, *op. cit.*, p. 222.

Proibira-se qualquer comunicação pelos sertões com as minas. É um exemplo das rigorosas medidas adotadas a ordem seguinte, do governador geral para o Dr. Miguel Manso Preto "tirar devassa das pessoas que vão para as minas de S. Paulo com comboios. — Por varias pessoas desta cidade e seu Reconcavo principalmente dos distritos da vila de Cachoeira tem ido por terra para as minas de ouro de S. Paulo com grandes comboios, o que é contra as ordens de S. M. que Deus guarde, de 20 de Janeiro de 1701, 7 de Fevereiro do dito ano e de 28 de Setembro de 1702..." (Carta de 12 de Abril de 1704, *Anais do Museu Paulista*, III, 312).

CAPITULO XIII

Da relação que a moça dá da sua vida desde que sahio das casas de seus paes, até o tempo que se encontrou com o Peregrino.

RESTA-ME agora, senhora, (disse eu á moça) que tambem me façais favor relatar a causa que tivestes de chegares a este lugar, em tempo que o sol com seu reverberante calor tanto adusta as plantas, e molesta os caminhantes.

Com muita razão se diz, senhor: (me respondeu a moça) que parece cousa inhumana offender ao hospede, nem ainda com importuná-lo, porque sendo a hospitalidade prova, em que a humildade se mostra mais obediente, tudo fica sendo deshumano, tudo quanto contra elle se dirige.

E logo começou a moça a derramar copiosas lagrimas, como quem se mostrava resentida de satisfazer ao que lhe havia eu perguntado; e depois, continuando, disse: Trouxe, senhores, este exemplo, ou paridade, pelos grandes inconvenientes, que se me offerecem, satisfazer ao que me mandais vos diga dos tragicos successos de minha triste vida, porque, além de não esperar ter delles allivio, por tres razões o não tomara fazer.

A primeira é, pelo grande risco em que ponho a minha vida, se soubessem meus paes, e parentes, que ainda existo no mundo; a segunda é, que de minha Patria não tomara que se soubesse, por não deslustrar em parte a seus habitadores, pelo mal que tenho obrado; finalmente, a terceira razão é, porque muito me envergonho manifestar tão execrandas culpas, que tenho commettido contra Deus, e bem de minha salvação.

Supposto, senhora, (disse eu á moça) considero a muita razão,

que tendes de vos escusares satisfazer ao que vos peço, comtudo eu vos prometto, como favor de Deus, remediar todos esses vossos inconvenientes. Primeiramente ao que respeita ao temor que tendes de vossos paes, e parentes, fio tanto do primor, e satisfação deste senhor, que presente está, que vos guardará esse segredo. Sim, por certo, respondeu o mancebo. A segunda razão de não queres que de vossa Patria se saiba, podeis remediar com dizeres, que sois nacional de uma villa, ou cidade, deste Estado; e por este meio fica cessando esse inconveniente. Em quanto á terceira razão da vergonha, e pejo, que tendes de manifestar vossas culpas, haveis de saber, que por mais enormes que sejam, muitas maiores tem acontecido no mundo, pelo que tenho visto, lido e ouvido contar, e por isso vos não poderei estranhar por mais notaveis que sejam.

Mas antes como favor divino, se em mim houver algum prestimo, estimara empregá-lo em vosso allivio, porque não pode haver maior desafogo para um triste, como ver que ha quem d'elle se compadeça, buscando-lhe meios de seu desafogo, na pena que padece; e por isso se diz que mal se pode curar a ferida, sem se manifestar: e se nas do corpo, é sentença tão verdadeira, com maior razão se deve praticar nas chagas da alma, como me parece ser essas que occultais.

De mais, senhora, que bem sabeis que houveram muitas peccadoras no mundo, que depois, pelas suas penitencias, e auxilios de Deus, vieram a ser grandes santas, como succedeu a Santa Maria Magdalena, o mesmo succedeu a Santa Maria Egypciaca e a Santa Thais, Santa Margarida de Cortona, e outras muitas de quem fez Deus escolha destas perfectas almas, que sendo escandalo do mundo, envoltas no mar das culpas, as reduziu ao estado da maior perfeição, e vieram a ser santas, como cousa tão sabida, e de suas lendas consta.

Aqui tornou a moça a derramar copiosas lagrimas, querendo mostrar serem abonadoras de seu sentimento; e fazendo prologo de um suspiro, rompeu nestas palavras: Sabei, senhores, que sou natural de uma cidade deste Estado do Brasil, nasci filha unica de pais nobres com bastantes cabedaes da fortuna. Assim que tive uso da razão (se é que uso de razão tive em algum tempo) me

puzeram meus pais a aprender com peritos mestres, os quaes me ensinaram a ler, escrever, contar, solfa e o latim; fui procurada de alguns mancebos nobres para commigo se desposarem, a todos satisfazia meu pai com lhes dizer, que me criava para Religiosa; seria eu já neste tempo de quinze até dezeseis annos de idade.

Quando succedeu avizinhar-se com as casas de meus pais um feroz leão; mal o invoquei, porque dizem os escriptores que é um animal que reconhece os beneficios, que se lhe faz, e se mostra compassivo, onde vê humildade. Um cocodrillo, tambem me parece lhe dou nome improprio, porque dizem os naturaes que estas feras, depois de terem feito presa, e devorado alguma creatura, sobre seus ossos se mostram sentidos e compadecidos. Finalmente, um mineiro: que só uma creatura, que tanto procura buscar o centro da terra, ou avizinhar-se com o inferno, parece vai aprender lições infernaes com os mesmos demonios, para atormentar as creaturas racionaes: pelo que experimentei com este Basalisco, ou fêra infernal, como brevemente vos direi.

Tratava-se o mineiro com grande pompa, e estimação, por ser moço bizarro e rico; era de todos bem visto, e cortejado pela liberalidade, com que se mostrava. Tinha-me elle visto algumas vezes, quando succedia ir em companhia de minha mãe ás igrejas, e se comnosco se encontrava, ou se na sua janella estava, com grande cortezania nos tratava: succedeu em uma tarde, ou por me divertir da occupação da costura, ou por me exercitar no que havia aprendido, larguei a almofada, e peguei em uma viola (que melhor pegara em um livro espiritual) e ao som della me puz a cantar um tonao humano; e depois de me ter divertido, puz de parte o instrumento, e me tornei assentar no estrado, quando vi entrar na sala de tropel dois moleques, um atraz do outro, e a vozes pedindo o que vinha adiante que o accudissem pelo querer matar com uma faca o que vinha atraz: foi-se valendo de mim o queixoso, até que se me poz no regaço; levantaram-se as escravas que no estrado estavam cosendo, e fazendo rendas, e pegando no moleque, que trazia a faca, o deitaram pela porta fóra; o outro, que junto a mim estava, o mandei pôr com toda a segurança na porta de seu senhor, por me dizer que era escravo do vizinho mineiro.

Quando reparando sobre o regaço da saia vi um lenço, e pegando nelle reparei que tinha peso; e por não motivar alguma suspeita ás escravas, o metti dentro da manga do quimão (1), e com toda a cautela, me fui para o quarto que me servia de recolhimento, e fechando a porta, abri o lenço, e dentro achei uma carta, e depois de a ler, me pareceu a nota de pessoa versada nos estudos, pelo grande acerto de palavras, e elegante estylo da Rhetorica, não lhe faltando as regras da orthographia, e a certeza da pontuação. Vinha mais um papel, e dentro um cordão de ouro, enfiado em um annel de diamantes.

Neste caso fiquei indifferente, sem me saber determinar: porque, se tornava a mandar as prendas ao mineiro, punha-me a risco de se vir a saber, e por esta causa resultar alguma grande ruina em casa de meu pai, por lhe conhecer os altivos brios de seu pundo-nor, e se me deixava ficar com ellas, tacitamente dava consentimento no que me persuadia o mineiro na sua carta; nesta indeterminação me achava, até que me resolvi tornar outra vez para a sala para dar desafio ao que tanto me penalizava.

E chegando á janella vi na porta do mineiro um famoso ginete mui bem ajaezado de mui custosos arreios; brevemente sahio elle bizarramente vestido, e pondo-se a cavallo, começou a fazer varios brincos no ginete defronte da janella onde eu estava, porém tão acautelado, e honestamente, que nunca deu occasião de nota. Até que, pondo-se a caminho, mostrou ser mui bom cavalleiro: que por elle se podia dizer, o que lá disse Manoel Thomaz, na sua *Insulana* (2), quando de Maquim fallou, no fim de uma oitava, dizendo:

Que era o mancebo mui famoso,
a pé bizarro, e a cavallo airoso.

Não se deteve muito no passeio, porque brevemente tornou a voltar, ou para de mim ser outra vez visto; ou tambem por me livrar de alguma suspeita zelosa; porque é certo, que quem deseja agradar, busca todos os meios de não offender.

Chegou a noite, quando vi em casa do mineiro, tocarem-se instrumentos musicos, e a cantar mui afinadas vozes perfeitos tons

ao humano. Acabou-se a musica, poz-se uma esplendida ceia: e depois com forçosas instancias, fez o mineiro que acceitassem os musicos paga pela musica, que lhe haviam dado.

No segundo dia, pelas quatro horas da tarde, tempo em que o mineiro estava em casa, me puz na minha janella, com uma citara, e comecei a cantar um tono, quando vi sahir da casa do mineiro o moleque que me havia trazido o lenço com as prendas, fazendo muitas visagens, e com toda a cautela se chegou á janella onde eu estava, e por um furo da rota, me introduziu um bilhete, no qual me pedia o mineiro, que lhe fizesse o favor achar-me naquelle mesmo lugar, das onze horas para a meia noite, porque lhe importava muito fallar-me. Não faltei, nem elle, ao tempo consignado. Porque já me tinha obrigado, pelas prendas, que d'elle havia recebido, e pelo considerar digno de ser amado pelas suas famosas partes.

E assim como chegou o mineiro, rompeu nestas palavras: Perdoai-me, senhora, se parecer arrojado, excessivo neste meu atrevimento, porque nasce do grande amor, com que vos venero. Porém, como seja dirigido a bom fim, espero de vossa discreta e honrada pessoa, seja relevado. Tive occasião de vos ver, e fiquei tão preso, e subornado de vossa inexplicavel formosura, que logo formei conceito solicitar-vos por esposa.

Bem sei que está vosso pai com resolução de vos embarcar esta frota para Portugal, a tomar estado de religiosa; porém, senhora, tambem sei, que não pode entrar na jurisdicção de vossa vontade, por esta vos pôr Deus no vosso livre alvedrio; quando sejais servida condescenderes no que vos peço, escolhei de dois meios, um que melhor vos parecer: ou dares-me licença para que por ordem de justiça vos tire de casa de vossos pais, para comvosco me casar, ou tomares por resolução acompanhares-me. Porque tenho cabedal, com que vos possa assistir, e pouco farei em o despender só por conseguir a satisfação do meu gosto, que é gozar-vos por esposa. E supposto vossos pais sejam pessoas de tão conhecida nobreza, os meus não são de menos solar, pelos serviços que têm feito a Sua Magestade. Até que acabou a vida meu pai, sendo governador de uma praça no Alemtejo, no Reino de Portugal. E por

esta razão, em nada me considero desmerecer-vos na calidade de vossa pessoa. E ainda que me vejais em tão humilde occupação, por estas partes do Brasil, sabei que são travessuras de moços briosos. Mas não tenho procedido tão mal, que no decurso de oito annos que ando por estas partes, não tenha grangeado vinte mil cruzados, com um conto de réis, que trouxe de casa de meus pais. E por ter cartas de minha mãe, nas quaes me avisa que vá tomar posse do morgado, que me coube por fallecimento de meu pai, ando na diligencia de cobrar de quem me deve para me embarcar para Portugal. Com que acabo dizendo, que amanhã fazia tenção partir desta cidade, quando me deis para isso licença: porque nada obrarei sem mo permittir a vossa vontade, como senhora que sois de meu alvedrio. E quandoq tenha a dita de me queres acompanhar, entendi que não só vos tratarei como amante esposo, mas tambem como pai no amor, e leal irmão no recato.

E depois de ter ouvido as grandes demonstrações do affecto com que o mineiro me tinha representado o seu amor, e viver já d'elle obrigada, foi facil persuadir-me, que tudo quanto me havia dito, era pura verdade. E como o amor sempre pecca de saudoso nas despedidas, me resolvi a dizer-lhe:

Supposto, senhor, que se me representem algumas difficuldades, para poder seguir essa viagem, romperei por todos esses inconvenientes, só por vos dar gosto, pelo que me tendes obrigada com o vosso primoroso, terno, e cordeal affecto, que me tendes representado. E assim que podeis estar na certeza, que estou resoluta acompanhar-vos.

Em extremo se mostrou o mineiro agradecido da minha resolução; e assentou commigo, que passada a primeira noite, na segunda depois da sua despedida, por elle esperasse ás mesmas horas naquelle lugar, onde me viria buscar com todo o apresto, e cautela. Podeis ir seguro, senhor, (lhe disse eu) que sem falta me achareis prompta.

Despediu-se de mim o mineiro, e no seguinte dia partiu com seu comboio; não me apertaram muito as saudades, pelas esperanças de brevemente o tornar a ver (que oxalá não succedera). Chegou-se o tempo consignado, quando estando eu na janella, chegou

o mineiro com quatro escravos mui bem armados; puz-me na rua (que já me pudera então considerar a rua da Amargura) e com toda a pressa e cautela, chegamos ao porto da cidade, e nos embarcamos em um saveiro com quatro remos, que parecia qual outro delphim cortando as serenas aguas, que por estarem socegadas, parecia o mar um simulacro do céu, e espelho das estrellas.

Deitou-se o mineiro no meu regaço, e deixando-se levar do somno, ou por cansado do desvello da noite ou pela certeza de levar segura já a presa, porque, além da minha pessoa, levava eu tres mil cruzados em ricas prendas de ouro, e diamantes. Quando olhando eu para a cidade, vi as casas onde nasci, e me havia criado, por estarem á vista do mar; e considerando que de um golpe deixava meus pais, parentes e amigos, e mais escravos, que me haviam assistido; finalmente, a Patria, para nunca mais a tornar a ver, começaram a correr de meus olhos desatadas lagrimas, que supponho, sem dúvida, que, se por aquelle meio se não desafogara o meu coração, acabara a vida de um golpe.

E despertando o mineiro, me perguntou se chovia. Respondi-lhe eu: Lagrimas de meus olhos, de um chuveiro de saudades, e sentimentos, que me accommetteram a este triste coração. Se eu soubera, (me disse o mineiro) que havia de haver pessoa, que vindo em minha companhia, tão sentidamente se havia de mostrar: bem pudera ser que não obrasse os extremos, que tenho feito. Sem dúvida, senhor, lhe respondi assim: que me deveis considerar de natureza de marmore, ou dureza de bronze, pois não quereis que me mostre sentida, e saudosa, á vista das justas causas, que tenho para o fazer, além dos riscos a que me vou expôr, só por vos fazer o gosto; e supposto que ainda não estou arrependida, se houver bom agradecimento como de vós espero. Não me tornou o mineiro palavra, e arredando-se de mim, fez almofada de um capote, e tornou a continuar no somno, e eu no meu triste e sentido desvello.

E assim fomos fazendo viagem, até que appareceram os parpados da Aurora, derramando humido orvalho como de sentidas lagrimas, e depois sahiu o sol embuçado em um escuro capuz, dando mostras de sentido, por ver a minha inconsiderada resolução tão

arrojada. Chegamos alfim ao porto para onde ia dirigida a embarcação; accordou o mineiro; saltamos em terra; fez desembarcar por um escravo uma canastra, e levando-me desviada do porto, e estrada, me fez entrar em uma gruta de matto, e tirando por uma tesoura, com ella me cortou duas tranças de cabellos, que em uma fita de prata eu levava entrançados; e fazendo tiro com ellas, em cima de uma arvore, onde ficaram pendentes.

Alli me considerei qual outro Absalão (supposto que em differente sexo) quando preso na arvore pelos cabellos, acabou a vida de tres lançadas, que lhe deu Joab. Porém eu ainda com differentes effeitos; porque, se Absalão de tres lançadas acabou a vida, eu ainda vivendo, estou padecendo repetidas mortes de agudas punhaladas todas as horas.

Mandou-me o mineiro tirar uma saia de custosa seda e anaguas de fina olanda, e calçar umas selouras de panno de linho, e calções de estamenha, e uns borzeguins com sapatos de vaqueta. E logo me fez despir a camisa de cambraia, e vestir uma de panno de linho, e um gibão de baeta, e pôr um talabarte na cintura, e nelle meter uma meia catana. E pondo-se a cavallo, me mandou pôr nas ancas, e seguindo a viagem, em distancia de duas leguas, chegamos á fazenda de um morador, o qual tinha um filho, que representava ter vinte annos de idade. Que um e outro nos receberam, com grande primor, e cortezia.

Fizeram-se horas de jantar, mandou o morador pôr a mesa com grande abundancia de manjares, e depois de termos jantado, pedi ao lavrador licença para ir passar a sesta em uma casa, que junto da do morador estava, que lhe servia de fabricar tabacos (3). Com effeito me fui deitar, e pegando no somno, dalli a breve espaço despertei, mui assustada, por ter sonhado que vinha meu pai com grande poder de gente, a tomar vingança do agravo, que lhe tinhamos feito. E que logo, sem resistencia, dava a morte ao mineiro. E a mim me levava presa, ameaçando-me, que antes de chegar á cidade, com uma pedra ao pescoço me houvera deitar ao mar.

Assustada accordei, como pedia a razão do temor, pelo que havia obrado; comecei a derramar sentidas lagrimas. A este tempo, chegou o mancebo, filho do lavrador, com uma viola, o qual me

disse: Bem sei, senhor, a muita razão que tereis para vos mostrares tão sentido nesta vossa viagem. E por isso vos peço, sejais servido aliviar vossas penas, e sentidas saudades, tocando e cantando nesta viola: porque já ouvirieis dizer que quem canta, seus males espanta (†). Respondi eu ao mancebo: Não vos devo pouco, senhor, em me solicitares os meios de meu alívio; porém, é tão grande o meu pezar, que não poderá haver instrumento, que possa divertir o que padeço.

Quando vi no peitoril da varanda das casas do morador uma moça tão formosa, na qual me pareceu que havia a natureza depositado todo o emprego da maior belleza pelos reflexos das luzes, com que brilhava seu florido rosto, que suppuz ser irmã do mancebo. Não obstante as persuasões, que me fazia o irmão, e também ella de donde estava, com demonstrações honestas, me dava a entender que de mim se compadecia, e que me desejava ver com algum allívio das penas que mostrava padecer; por cuja razão, ou fosse pelos influxos dos astros, ou força das suas perfeições, peguei na viola, e comecei a cantar esta lettra:

Al desterro me condena
el rigor de mis desdichas,
entre penas, e pezares,
voy acabar la triste vida.

Acabar quizera luego
por dar fim a mis desdichas,
pero soy tam desdichada
que se alejan já mis dias.

A este tempo chegou o mineiro, e com impulso temerario, e menos attenção cortez, me arrebatou a viola das mãos, e a entregou ao mancebo, dizendo-me: que quem vinha a tratar de sua vida, e fazer seu negocio, se não havia occupar em semelhantes divertimentos. Respondeu-lhe o mancebo: Meu cavalheiro, com termos mais cortezes, se podia vossa mercê haver, porque este senhor parece que em nada o tem offendido, em me fazer favor tocar e can-

tar nesta viola, por lho haver assim pedido. Disse-lhe o mineiro: Eu tenho obrado na fórma que entendo; vossa mercê tome a satisfação como lhe parecer. Accodiu logo o morador por ver a ruina que se ia travando entre o filho e o mineiro; como homem prudente, começou com boas palavras a ver se podia compôr a dissensão. Pelas quaes não quiz estar o mineiro, porque logo fez que se aprestasse o comboio, e sem mais demora, nos despedimos do morador, e nos puzemos de marcha.

Não vos repito, senhores, o que mais passei nesta triste jornada, tanto por vos não molestar, como por não fazer ao caso que vos pretendo relatar. Até que chegamos ás minas, á casa, ou barraca do mineiro, por ser de palha, que mais parecia palhoça do que habitação de gente que se havia criado em casas de telhas.

Assim como souberam os vizinhos do mineiro de sua chegada, o vieram visitar e depois de o saudarem, logo lhe perguntavam que novas tivera de sua casa, da mulher, e filhos? O que elle pelo melhor modo que podia os satisfazia, só afim de que eu não viesse no conhecimento da sua traição, que me havia feito; sendo que me não descuidava de registrar suas acções, para saber de sua vida e costumes.

Até que para melhor me certificar lhe tomei as chaves, e como o vi fora de casa lhe abri a caixa, e dentro lhe achei cartas da mulher. Nas quais vi o que lhe relatava, das grandes miserias e necessidades que padecia, e dos filhos, pedindo-lhe por esmola a soccorresse, porque seu sogro, pai do mineiro, já não podia trabalhar pelo officio de sapateiro, por cego e velho. Onde lhe representava outras muitas necessidades; que bem vos posso certificar, senhores, que além das minhas desgraças, me compadeci da miseravel mulher.

Vêde agora o como poderia eu ficar, á vista de uma tão grande traição, que commigo havia obrado o traidor do mineiro, trazendo-me enganada de casa de meus pais com a promessa de se desposar commigo, sendo casado em Portugal; fazendo-se pessoa nobre, sendo filho de um humilde official; não possuindo mais bens, que tres escravos, que inda esses os estava devendo a um seu patricio, por lhos haver comprado fiados, como o soube depois de

estar em sua companhia, e dos tres escravos uma era femea, que até essa levava para a lavoura, depois que me trouxe para a casa, tratando-me como serva no serviço de seu uso e ministerio. A quem tinha sido servida, como eu, com tanta grandeza, em casa de meus pais!

Bem vos posso affirmar, senhores, que a não perder o entendimento, me fez Deus muito favor, por me considerar em tal desamparo, em parte onde não tinha conhecimento de pessoa alguma, por serem todos vizinhos, e amigos do mineiro; além de não saber caminho, nem vereda, para me poder ausentar, e assim me sujeitava a padecer os descontos de enganada.

Até que depois de serem passados dois mezes, em que estava experimentando estes apertos e penalidades, succedeu chegar á casa do mineiro um galhardo mancebo, e perguntando pelo dono da casa, lhe falei eu, dizendo que estava na sua lavoura, porém se lhe quizesse deixar algum recado, como viesse lhe faria presente. Respondeu-me o mancebo, que a razão que ali o trazia, era despedir-se delle, por estar de partida das minas dali a tres dias. E vendo eu occasião tão opportuna, a não quis perder

Porque logo fiz presente ao mancebo tudo quanto me havia succedido com o traidor do mineiro, de que se mostrou o mancebo mui compadecido de meus tragicos infortunios. E disse-me que, se para alguma coisa me prestasse, que prompto estava para me servir. Visto, senhor, lhe disse eu, a vontade que tendes de me soccorrer em tão completo desamparo em que me vejo, vos peço pelo que tendes de christão, e de bom procedimento, me tireis do poder deste máo homem, que eu prometo-vos saber agradecer com as prendas que possuo.

Perguntou-me o mancebo, que lhe dissesse a que horas costumava sahir para sua lavoura o mineiro? Respondi-lhe, que das seis para as sete da manhã. Pois, senhora, (me disse o mancebo) podeis estar prompta, e aparelhada, que das oito para as nove horas, vos prometto mandar aqui buscar por um escravo, com um cavallo, para vos ir levar a casa de um meu amigo, que dista daqui oito legoas, onde podereis estar segura, sem temor de que sejais offendida desse vosso contrario, pelo que me tendes manifestado. E dahi

vos conduzirei levando-vos em minha companhia. Mostrei-me agradecida, como pedia a razão, do favor de me livrar do aperto em que me achava.

Não faltou o mancebo, no seguinte dia, em me mandar buscar, como me havia promettido, e com a maior pressa e cautella que pude, me puz em casa do morador; e como este homem era casado, e mui abastado de bens, elle e a mulher me fizeram bom agazalho, e de mim se mostraram compadecidos, pelo que lhes contei, dos tragicos successos de minha vida.

Dahi a tres dias chegou o mancebo, que com mui bom tratamento me trouxe em sua companhia até que chegamos ao Palacio da saude, e territorio dos deleites. Ali entreguei todas as minhas prendas de ouro e diamantes ao mancebo, para que, junto com o seu cabedal, as puzesse em mão e poder do Banqueiro, ou Thesoureiro dos defuntos e ausentes, como era estilo e costume.

Seriam já passados quinze mezes, pouco mais ou menos, quando, em uma noite, sahindo de casa o mancebo, lhe fizeram tiro com uma arma de fogo, que logo o deixaram morto, sem ter lugar de fazer testamento, e assim falleceu ab-intestado, e por esta causa lhe tomaram todos os seus bens e os meus pelo Juizo dos defuntos, e ausentes, com o fundamento de não haver declaração no assento, ou termo, que fez o mancebo quando entregou o seu cabedal ao Banqueiro, ou Thesoureiro, que aquellas prendas, além de seus bens, me eram pertencentes. E por esta razão m'as não quizeram entregar.

Comecei a contender com o Juizo dos defuntos e ausentes, e depois de um grande processo, tive sentença contra mim. Da qual appellei para o tribunal dos consultores, e vindo com artigos de nova razão, e sem embargo de me serem recebidos, afinal se julgou por não provados, por falta de prova; confirmando-se a sentença do juizo inferior. E vendo-me com duas sentenças contra mim depois de ter gasto tudo o que mais tinha com custas que se costumam fazer nos auditorios, fiquei bem entendida da minha triste sorte.

E vendo-me pobre, e miseravel, cheia de achaques, me resolvi hoje sahir do Territorio dos Deleites, e vir buscar o Templo da En-

fermidade, e casa da doutrina, para tratar da minha saude temporal e espiritual. Por me certificarem que é uma santa casa onde se costuma fazerem-se grandes obras de caridade aos pobres desamparados. Esta tem sido a razão, senhores, de chegar a este lugar, onde tive a dita de ter tão bom encontro de vossas presenças; perdoai-me se tenho sido extensa na relação que vos tenho feito de minha vida.

E com sentidas lagrimas, deu a moça fim á sua narração, como quem vivia do mundo escandalizada.

Confesso-vos, senhora, (disse eu á moça) que com palavras me não atrevo a significar o sentimento que me causastes de vos ter ouvido repetir os infelizes successos de vossa vida. Mas podeis estar na certeza, que nos maiores desamparos, costuma Deus acudir, e remediar a quem o chama com verdadeira fé, como Pai tão misericordioso. Pois já ouvirieis contar, e lido, que a grandes peccadores tem perdoado, pelos ver contritos e humilhados, como fez a David, por confessar a sua culpa e lhe pedir perdão. O mesmo fez a São Pedro depois de haver peccado: pela sua grande dor e contrição lhe perdoou; Santa Maria Magdalena teve a mesma fortuna pelo seu arrependimento, com que chorou seus peccados. E outros muitos milhares de peccadores, a quem este Divino Pai piedoso tem usado de sua divina piedade e misericordia. Porém isto supposto, disse eu ao mancebo, e á moça: estou lembrado, senhores, que vos prometti remediar vossas queixas; e por isso vos peço agora, seiais servidos dares-me attenção.

NOTAS AO CAPITULO XIII

(1) Ao quimão chamamos quimono, palavra japonêsa das que primeiro entraram na lingua portugûesa (como catana, biombo, bonzo, chávana, leque). Ensina Gonçalves Vianna: "Ao conhecido "kimono", ou roupão talar, chamavam os nossos escritôres "quimão" ou "queimão", a portuguesando o nome desta vestimenta", *Palestras Filológicas*, p. 174, Lisboa, 1931. Nos "Lusiadas" aparece a "cabaia"

(2) Manoel Tomás (1585-1665) deixou-nos dous poemas, "*Insulana*" (Anvers, 1635), versando o descobrimento da Madeira, e "*O Fenix da Lusitania*", (Ruan, 1649), laudatório da aclamação de D. João IV Acóde Mendes dos Remedios: "obedecem ao estilo campanudo e hiperbólico do gongorismo,

O PELEGIRINO DA AMERICA

mas a "Insulana" tem trechos aproveitaveis", *Hist. da Liter. Port.*, p. 345. Que era lida no Brasil, testemunha Nuno Marques. Lida e imitada...

(3) Sinonimia de rapé. "A um amigo, pedindo-lhe a sua caixa de tabaco", Gregorio de Mattos, *Graciosa, Obras*, III, 186. "Vale uma libra de tabaco pisado em Lisboa, de vinte até 24 tostões, conforme é mais ou menos fino: e o que El-rei tira deste contrato cada ano, são dous milhões e duzentos mil cruzados", Antonil, *Cultura e Opulencia do Brasil*, ed. Taunay, p. 201. Em 1716 essa receita foi arrematada por 1.400.000; no trienio de 1728-30, por 1.700.000; em 1750 — por 2.020.000... (J. Lucio d'Azevedo, *Epocas de Portugal Economico*, p. 296, Lisboa, 1929). A prosperidade da lavoura de tabaco levou El-rei a proibir o plantio "nos distritos de Maragogipe, Capanema, Campinhos, Saubara e mais circumvizinhas, que nela destinou para a de mandioca", carta de 1721, *Documentos Históricos*, XLIV, 33.

(4) Veja-se F.R.I.L.E. L., *Adagios, proverbios, rifões e anexins da lingua portugêsa*, nova edição, p. 29, Lisboa, 1841.

CAPITULO XIV

Em que o Peregrino dá saudáveis conselhos e documentos ao mancebo, e á moça, e os deixou mui satisfeitos, pelos grandes e varios exemplos que a um e outro deu: ensinando-lhes o meio de se poderem haver, e aproveitar dalli por diante, com acerto no temporal, e espirital.

HAVEIS de saber, senhores, (disse eu ao mancebo e á moça) falando agora geral e genericamente, que todo este mundo é um Palacio da Saúde, e Territorio dos Deleites, principalmente onde se ajuntam concursos de muitas pessoas, como são villas, cidades e outras muitas povoações. E nellas se acham presidindo por governadores, generaes e cabos de guerra, homens dados a deleites, e passatempos, gostos mundanos, esquecidos do temor de Deus, e do bem das suas almas. Por se considerarem moços, com saúde, e cabedades, como o que de presente está residindo no palacio da saúde, e territorio dos deleites, sendo occasião de muitos, e enormes peccados, e graves culpas, como tereis visto.

Devendo ser estes taes cabos, e presidentes, pessoas de perfeita idade, onde possa assentar a prudencia, e conselho, e escolhidos por benemeritos, e de conhecida nobreza, e na arte militar por bons soldados. E quando todos não possam ter todas estas partes, ao menos sejam homens, que por seus heroicos feitos, e bons procedimentos, se façam dignos de occuparem semelhantes lugares, para poderem satisfazer o que lhes recommendam seus monarchas; porque devemos suppor, por verdade infallivel, que a vontade dos principes catholicos é que nos seus Reinos e conquistas entre seus povos se observe a maior honra, e gloria de Deus, e bons costumes nas Republicas.

E se necessario for a estes cabos, e governadores, darem ajuda, e favor aos prelados ecclesiasticos, o devem fazer para se evitarem muitos vicios e abusos que se acham introduzidos contra a lei divina quando virem que só as armas da Igreja os não podem destruir e dissipar, como tenho visto observar a alguns governadores christãos. E assim fiquem entendidos os generaes, e governadores, que não só estão obrigados a governar no temporal, politico e militar, mas tambem no espiritual, quando por zelo de Deus, e bem da republica o devam fazer por se evitarem muitos damnos, que disso succede resultar; finalmente, devem ser estes presidentes, governadores e generaes irreprehensiveis de vicios publicos, e mui exemplares de bons costumes.

Vêde agora como se poderá viver com acerto, e bons costumes, em um palacio, cidade, villa, ou territorio, donde quem o governa, tudo é inculcar vicios, e peccados, dando lugar a que todos se dêem a gostos, e passatempos mundanos; e que vivam em consciencia, e liberdade. E á vista disto, senhores, que esperaveis que vos succedesse, entregues a todos esses vicios, e deleites, onde tudo se dissimula, e nada se reprehende.

Esta foi a razão, porque disse S. Agostinho que era temeridade querer passar por onde todos costumam precipitadamente cair. E assim que podeis dar muitas graças a Deus, por vos dar arrependimentos, e desenganos, a tempo que ainda vos possais aproveitar.

Porém, isto supposto, como maximas tão certas e infalliveis, e o mais que deixo de publicar, e exprimir, pelo ligeiro passo com que vou, as quaes deixo á prudencia e juizo do bom christão, para melhor as ponderar. Vamos agora por partes discorrendo, senhor mancebo, acerca do que vos tem acontecido, depois falarei com esta senhora, a quem tambem tenho promettido aconselhar, e remediar suas queixas.

Primeiramente haveis de saber, que o esquecimento dos trabalhos, e infelicidades, é o mais efficaz meio, com que se remediam as penosas tristezas. Porque se sempre se lembrassem, pouco duravel seria a vida, combatida de tão repetidos sentimentos. Bem vejo a grande razão, que tendes, para sentires a vossa inconstante

fortuna: porém, o que considero é, que tendes dado muita occasião a que assim vos acontecesse, pelo inconsideravel arrojô, com que vos deliberastes a amar essa moça, filha do tecelão, para logo tão cegamente vos deixares levar desse amor, sem primeiro examinares as snas partes, e qualidades dessa moça; por não vires depois, a experimentar descontos de enganado.

Bem sei que me direis, que de tal sorte vos prendeu o amor, e como moço, e falto de experiencias, não tivestes lugar de fazeres esses exames, para vos livrares desses perigos. E por isso entendei, que o que faltou em vós de prevenções, superabundaram em vosso pai de cautelas, desviando-vos dessa occasião, por esse meio de vos embarcar para o Brasil. Porque, sem dúvida, como homem prudente, e ensinado do tempo, conheceu em vós esse desvello amoroso; e que seria occasião de vos armar o tecelão tal teia, que vos obrigasse a casar com a filha, não sendo talvez pessoa, que lhe estivesse a bem ver-vos apparentado com elle. E por esta razão podeis estar mui agradecido, e satisfeito no que obrou vosso pai. Pois ainda embarcando-vos tão acceleradamente, vos deu cartas de favor, de que vos pudereis bem aproveitar.

Em quanto ao segundo caso, que vos succedeu, depois de chegares a Pernambuco, não destes menos occasião, que vos acontecesse esse crime. Porque supposto me tenhais dito, que de tal sorte vos prendeu a formosura dessa moça, que logo vos rendeu as attentões, contudo, para isso haveis de saber, que nos deixou Deus a vontade livre, para della usarmos independentes, porque se lhe não rendereis a vontade, por ser esta filha do amor proprio, nunca vos succedera esse successo. E tanto é isto verdade, que affirma São Bernardo, que se não houvera vontade propria, não houvera inferno, e que nenhuma outra cousa se queima no inferno, como é a propria vontade.

Tambem ficai entendido, que assim como entrastes em casa dessa moça, sendo meretriz, sem seres obrigado mais que por vossa livre vontade, já vos pudereis considerar perdido, espirital e temporalmente. Porque já ouvirieis dizer, que quem ama o perigo, periga nelle; como vos veio acontecer com esse moço, a quem destes a morte. Supposto que tambem sei, que ha mãos no jogo, que já

da baralha vêm perdidas; porém lá tem a prudencia inventado taes meios, que bem pode um homem sahir de semelhantes empenhos, mui airosamente por se livrar desses perigos.

Esses, tomara eu agora senhor, (me disse o mancebo) que mos dissesseis, por alguns exemplos, para que se me succeder (o que Deus não permitta) outro semelhante, saber-me livrar delle.

Dir-vos-hei, senhor, (disse eu ao mancebo).

Conta-se que indo entrando um portuguez pela porta de uma igreja, onde havia muito aperto de gente, sahia um castelhano, e acaso deu uma encontrada no portuguez. Perguntou-lhe elle ao castelhano: Vai bebado? Respondeu-lhe o castelhano: Llamame, ou pergunta-me? Disse-lhe o portuguez: Pergunto-lho. Respondeu-lhe o castelhano: No voi. E desta sorte se evitou haver entre elles uma pendencia.

Sucedeu na cidade de Lisboa, em uma noite de bom luar, ir um fidalgo moço passeando por uma rua, e vendo estar outro fidalgo em uma janella, com quem parece andava de rixa, teve com elle umas razões, e depois lhe disse, que descesse para baixo, porque com elle queria pendenciar; respondeu-lhe o fidalgo, que estava na janella, (por modo de burla, ou mofa): Vá-se embora, musico, que eu na rua ando de dia, onde nos podemos encontrar, que pendenciar de noite, é bom para marotos (1). E desta sorte ficaram livres de alguma desgraça.

Tambem ouvi contar, que succedera em uma villa, ou cidade de Castella, mandar um cavalheiro desafiar a outro por um escripto, no qual lhe dizia que pelas quatro horas da manhã se achasse em tal lugar, afastado do povoado, para com elle pendenciar. Responde-lhe o desafiado: que para outras cousas de melhor gosto, não costuma levantar-se a taes horas da sua cama. Tem sido esta resposta mui applaudida, e louvada dos politicos christãos.

Ao doutor Gregorio de Mattos succedeu na cidade da Bahia, andando passeando no adro da igreja do Collegio dos Padres da Companhia, vir um homem desafiá-lo, por lhe ter feito uma satyra picante; e depois de varias razões, com que o desafiou, lhe disse que descesse para o terreiro (2), para com elle pendenciar, chamando-lhe cobarde. Responde-lhe o doutor: E quando lhe mandei dizer

a vossa mercê que era valente? Riram-se os circumstantes, que presentes estavam, e o homem se foi corrido, e desconfiado.

Porém, isto supposto, e o mais que vos pudera repetir, estou lembrado, que me tendes dito, que em poder desse mercador da Bahia tendes quatrocentos mil réis. E que antes de vos embarcades para o Brasil, tinheis estudado na vossa Patria, que supponho vos terieis aproveitado nos vossos estudos. Sabei, senhor, (me disse o mancebo) que já tinha tres annos de construcção, e sabia reger grammatica. E supposto que esteja em algumas cousas remoto, por razão da falta do uso, porém, brevemente me atrevo a pôr corrente no que tenho estudado. Em quanto ao dinheiro, é certo que seguro o tenho, em mão do mercador.

Visto, senhor, (disse eu ao mancebo) estares com esses tão bons principios nos vossos estudos, e meios de vos poderes aproveitar, como por teres esse dinheiro prompto, dando-vos Deus saúde, vos peço, que vades á cidade da Bahia, e com esses quatrocentos mil réis vos podeis embarcar para casa de vossos pais; e fazei por seres outro filho prodigo, pedindo-lhe vos dê ajuda, e favor para chegares ao estado de sacerdote, ou religioso; onde podeis acabar a vida com segurança de vossa salvação, e credito de vossos pais, e parentes.

Por ser o estado de sacerdote o mais perfeito, seguro e honroso, que ha no mundo; finalmente todos os Santos Padres engrandecem suas excellencias, e louvam sua dignidade, por ser o estado mais proprio para se poder livrar um homem desses tragicos successos, que vos tem acontecido. Fazendo por teres um tão bom procedimento, que sirva de exemplo a todos, e agrade a Deus.

Na verdade, senhor, (me disse o mancebo) que por venturoso acerto tenho o encontro, que temos tido, tanto pelo muito que prezei ouvir o agradavel de vossa discreta conversação, como pelos bons conselhos, e exemplos, que me tendes dado. O que prometto, com o favor de Deus, fazer pelos observar.

Resta-me agora, senhora, (disse eu á moça) satisfazer ao que vos tenho promettido. E permitta Deus que o faça com acerto como desejo. E supposto que tambem considero a grande razão que tivestes para logo nos não relatares os progressos de vossa vida;

mas haveis de saber, que muitas vezes importa licenciar a vontade, para manifestar uma pessoa suas queixas, para desafogo do que padece, porque é cousa bem sabida, que o mal communicado, em muita parte allivia.

Porém, isto supposto, para dar principio ao que vos tenho promettido dizer, de algum modo me é necessario increpar-vos de pouco acautelada, e menos recatada no que tendes obrado. Porque haveis de saber, que quem professa recolhimento, e honestidade, até de um Anjo hade fugir, quando este vem com apparencias humanas.

E se não, reparaí o que succedeu á Maria Santissima Senhora nossa, puro exemplar de virtude, recolhimento, e honestidade. Vendo o Anjo São Gabriel, estando ella em oração, o temeu e se perturbou pelo considerar ser homem humano. Até que accudiu o Anjo, revelando-lhe o mysterio da Embaixada. Porque a donzella quanto mais recatada, é mais bella.

E por isso vos digo, que não deixastes de ser mui arrojada em vos deliberares amar a um homem a quem não conheciéis. Porque diz Santo Agostinho, que se não pôde amar a sujeitos que se não conhecem. (D. Aug. Lib. 3, de Trinit.) E sentença foi do veneravel Padre João de Avila, que dar entrada a qualquer pensamento deshonesto, era accomodar alojamento aos soldados. Que esperaveis que vos succedesse com um homem, que não conheciéis, mais que pelas apparencias.

Demais que já ouviríeis dizer, que em materias graves, obrá-las sem conselho, é querer cahir em desacertos. Este conselho podíeis tomar com o vosso padre confessor, sendo pessoa douta, prudente, e de conhecida virtude, por vos livrares de cahir nesse precipicio. Porque ainda que seja uma pessoa de mui claro entendimento, mais vale errar por parecer alheio, que acertar pelo proprio: como já tereis ouvido dizer. Mais ainda nessa idade de tão poucos annos, e sexo tão inconstante, que quando chega a tomar resolução, é para mal; fugindo do melhor acerto, por seguirem o amor proprio. Porque cuidam muitas donzellas, que por serem mal vistas, serão menos procuradas; e assim vêm a cahir em varios absurdos.

Diz um autor moderno, que é bem reprovado na donzella,

pôr olhos particularmente em um homem, com tal tenção que sõe a mysterio; porque já se deve considerar perdida. Pois de um abrir e fechar de olhos, costuma roubar uma liberdade. Que será olhar de proposito, como tendes dito da tenção com que vreis o mineiro montar a cavallo, e ouvir essas musicas que lhe foram dar, que talvez o faria por vosso respeito. Finalmente, toda essa vossa vaqueação era evidente indicio de já estares desse mineiro affeiçoada, e rendida.

E se me disserem algumas donzellas que ver, e ouvir não é máu? Respondo: que ver objectos perigosos, sempre foi reprovado em pessoas, que professam honestidade. Varios são os exemplos, que tem resultado de uma vista incauta; vêde o que succedeu a Eva, por ver a maçã; David por ver a Bethsabé; a mulher de Lot por ver as cidades de Sodoma arderem. Porque Dina, filha de Jacob, sahiu a ver as mulheres de Sichem, por isso e namorado della o Principe a roubou, e desflorando-a torpemente: succedendo que, por leviana, e curiosa em ver o que não devia, perdeu a miseravel donzella a sua virgindade, e a sua honra. (Gen. 34) E nos tempos presentes vêde o que tem acontecido no mundo por não haver prevenção e cautella na vista entre homens e mulheres; que estão os livros cheios de casos e successos lastimosos. Que esperaveis que vos acontecesse com cantos, e encantos amatorios tão repetidos, á vista desse mineiro. Por isso diz Oséas, cap. 8: quem semeia vento, que muito que colha redemoinhos, que vale o mesmo que tempestades?

Jeremias, cap. 9, num. 20, começa um sermão dizendo: mulheres, ensinai as vossas filhas, a prantos e lamentações. E Cornelio a Lapide (ibi): não vos alegreis com musicas profanas, e cantigas deshonestas. E a razão com que persuade a sua proposta é, que a morte entra pelas janellas a destruir a mocidade, que parece falla em proprios termos do que vos tem acontecido, com essas tão repetidas musicas e assistencias, com que vos puzestes nessa janella para seres vista e ouvida desse mineiro.

Demais, senhora, o que mais vos condemno e reprovoo, foi na pouca cautella que tivestes, em admittires a esse mineiro vir fallar comvosco. Porque já então vos pudereis considerar perdida. Por-

que diz S. Vicente Ferrer, que quando os sitiados em uma praça, sahem a fallar com o inimigo, é signal, ou que a praça está rendida, ou está para se render. Porque conversar só e a taes horas um homem com uma mulher, ou está rendida, ou está capitulando para se render.

Vós não devieis de saber o privilegio, que gozaveis em vos ter posto Deus no estado de donzella? Pois sabei, e saibam todas as donzellas, que é um dom tão perfeito e singular, que quer Deus a quem lho dá, que o zele em superior gráu de estimação; que essa é a etimologia do nome *dom* (id est) *zela*, pelas livrar da corrupção do peccado deshonesto.

E sendo como é, um dos grandes beneficios, que concede Deus ás creaturas, costumam algumas donzellas, prezá-lo tão pouco, que por um vil interesse, ou affeição profana, estão perdendo esta joia de tão inestimavel valor, pois perdida uma vez, se não pode recuperar mais. Porque haveis de saber, que não só pecca a donzella, quando tem acesso com um homem, porém tambem pecca quando o deseja ter: e assim perde a virtude de sua honra, por dar lugar a um pensamento consentido, perdendo a amizade de Deus e de seus Anjos. E por isso diz São Vicente Ferrer, que por um desejo deshonesto, deixa uma donzella de ser casta, e é publica mulher aos olhos de Deus. (Sermão 22. Dom. de Pentec.).

Bem sei que me direis, que de um trahidor ninguem se pode livrar, mais ainda de um sujeito, com apparencias tão fidalgas, e dadivas de tanto custo. Por isso tenho dito os meios que pode haver para se poder livrar uma mulher honesta de semelhantes sujeitos. E assim fiquem entendidas as donzellas, e as mulheres, que professam honestidade, que por quantos haveres podem haver no mundo, nem gentilezas humanas, devem largar o precioso privilegio de suas honras. Porque mais vale pedir pelo amor de Deus, aquella que for pobre, e necessitada, que cahir em tal desgraça diante de Deus, e descredito de seus parentes.

Porém, isto supposto, não vos desconsoléis, que muitas vezes permite Deus que caia a creatura em uma grande falta, para que depois, tendo dor, e arrependimento, dalli por diante se emende,

e lhe faça grandes serviços. Varios são os exemplos, que no mundo tem acontecido; sois ainda moça, e mui entendida: na vossa mão com a ajuda de Deus está a emenda.

E como já trajastes o vestido de homem, não será muito difficuloso torná-lo a vestir, e nesses trajos podeis embarcar-vos para a côrte de Lisbôa por creado de algum cavalheiro honrado, e de maior idade, e de bom procedimento, e depois que lá chegares buscar a casa de algum fidalgo de bom solar, e prestativo, que seja casado, ao qual lhe fazei presente todos esses vossos infortunios. E buscai occasião que seja em presença da fidalga sua mulher, porque se compadeçam de vossas desgraças, e vos acceitem por criada, por ser condição da nobreza, e fidalguia, prestarem aos que delles se amparam, para os protegerem. Elles, pedi, escrevam a vossos pais, dando-lhes parte que ficaes em sua casa, para vos dalem o estado de religiosa, e que vos mandem assistir com o necessario para o poderes conseguir

E no caso que o recusem vossos pais fazê-lo (o que não supponho) temos um Rei tão pio, como zeloso do serviço de Deus e bem de seus vassallos, que fazendo-se-lhe presente esse vosso intento, mandará por seu real decreto, que vossos pais vos assistam com dote, e mais necessario, para poderes conseguir o fim que desejais. Visto serem vossos pais pessoas ricas, com bastantes cabedaes.

Com palavras, senhor, (me disse a moça) me não sei explicar o quanto vos estou obrigada pelos saudaveis conselhos, e documentos, que me tendes dado. Porém offerece-me uma grande difficuldade, para o poder fazer como desejo. E vem a ser que me acho tão pobre, como necessitada, e por esta causa impedida para poder conseguir o que me tendes aconselhado.

Para isso, senhora, (lhe disse eu) parece que permittiu Deus, que me achasse com este dinheiro, para nesta occasião vos poder remediar. E logo lhe entreguei as seis moedas, que havia trazido do Palacio da Saúde, que tinham de valor cada uma 24 mil réis que todas importavam 144 mil réis. Com as lagrimas nos olhos de gosto, e agradecimento, se poz a moça a meus pés, que eu promptamente com toda a diligencia a fiz levantar.

O PEREGRINO DA AMERICA

NOTAS AO CAPITULO XIV

(1) A palavra ficou, para designar, pejorativa, o reinól, alcunhado de "marinheiro" em Pernambuco. Em Portugal tem o sentido de maráo, brejeiro, etc. Camillo dá-nos o adverbio: "marotamente". E Candido de Figueiredo: "os nossos *marotos* vieram de França, juntamente com os *maraus*: *marau* e *maroto* vieram provavelmente do francês *maraud*...". *O que se não deve dizer*, III, 50, Lisbôa, 1927.

(2) *Terreiro* de Jesus, defronte da igreja do Colégio, hoje Catedral. Ha nesta vasta praça quatro igrejas majestosas: a dos jesuitas em cuja fachada distinguimos o mesmo gosto arquitetônico de S. Vicente de Fóra, em Lisbôa, e do templo da Companhia de Santarém; de S. Pedro dos clérigos, de S. Domingos e de S. Francisco tendo em frente um cruzeiro de marmore, que data de 1807.

"Hoje faz oito dias degolaram no nosso *terreiro* o fidalgo que de lá veiu preso...", Vieira, carta de 9 de Setembro de 1687, *Cartas*, II, 291.

CAPITULO XV

Como chegou o Peregrino, e o mancebo, e a moça ao Templo da Enfermidade, e casa da Santa Doutrina, e o que nelle viu e observou.

ERAM já tres para as quatro horas da tarde, quando nos puzemos a caminho para o Templo da Enfermidade, e casa da santa doutrina; e depois de termos andado meia legua, avistamos uma estacada de páu a pique, e no meio della uma porta, onde estava escripta esta letra:

Quem neste Templo entrar
e nelle quizer viver,
a Deus hade venerar,
e o peccado aborrecer.

Peguei logo em uma argola de ferro, que pendente estava em uma corrente do mesmo metal, e puxando por ella, ouvi tanger um sino, e brevemente se nos abriu a porta, por um religioso leigo de mui agradavel presença, e depois de nos saudarmos, nos disse elle, que podiamos entrar, e logo demos em um espaçoso terreiro onde estava um formoso templo com seu alpendre. E da parte direita um sobrado com vinte e cinco janellas, que suppuz serem sellas de religiosos, por ter uma portaria junto á igreja. E da outra parte da mão esquerda, estava outra casa de sobrado na mesma correspondencia, porém sem ter janellas para o terreiro. E só tinha duas portas com seus telheiros; e defronte da igreja estava uma comprida carreira de casas, que entendi serem de romeiros.

E assim como chegamos ao Templo, entramos por estar aberto, tomamos agua benta, e fizemos oração a uma devota imagem de Christo crucificado que no altar mór estava, e da parte direita uma imagem da Virgem Santissima da Piedade, e da outra parte São João, e ao pé da cruz Santa Maria Magdalena. E depois de termos feito oração com toda a reverencia, nos tornamos para o alpendre, onde havíamos deixado o religioso, o qual nos perguntou se vinhamos de passagem, ou por dias de assistencia. Respondeu-lhe o mancebo: Sabei, senhor reverendo Padre, que me traz a este santo templo da enfermidade, e santa doutrina, buscar o remedio da alma em primeiro lugar, e depois a saúde do corpo por me achar com certos achaques que padeço; tomara me fizereis a caridade e esmola de ser admittido neste hospital. E depois de ter feito o mancebo a sua petição disse a moça:

Aqui tendes, senhor reverendo Padre, em vossa presença, a mais infeliz creatura que me parece haver nascido no mundo: e por isso a mais necessitada de vosso amparo, e protecção. E assim vos peço que de mim tenhais comiserção para que possa ser admittida nesta casa do hospital deste santo templo da enfermidade, para ver se posso alcançar saúde da alma, e do corpo, por me considerar tão enferma, como necessitada.

E assim puzeram fim o mancebo e a moça ás suas petições de miserias que padeciam.

E logo se levantou o religioso, e disse ao mancebo e á moça, que o acompanhassem. E depois de ambos fazerem uma grande genuflexão ao altar mór, onde estavam as santas imagens, se vieram para onde eu estava, e com saudosas lagrimas de mim se despediram.

E com effeito se foram em companhia do religioso, o qual chegando á primeira porta do hospital onde se curavam as mulheres, fez signal, e abrindo-se-lhe a porta, alli deixou a moça recommendada. E indo á segunda porta da enfermaria dos homens, fez a mesma diligencia, onde recolheu o mancebo, e tornando para o alpendre, donde me havia deixado, rompeu nestas palavras:

Tomara, senhor, que tambem me dissereis o designio, que a este lugar vos traz? E se vindes de romaria, ou por alguns dias

de assistencia, para vos dar nestas casas dos romeiros lugar acomodado, onde possais assistir, e prover do necessario; se é que não trazeis provimento, para vos poderes remediar no tempo que aqui assistires. E juntamente quizera que dissereis o como vos chamais?

Sabei, senhor reverendo Padre, lhe respondi assim: que venho mui de proposito assistir por alguns dias neste Santo Templo da enfermidade, para gozar de sua devota doutrina, e bem espiritual, pelo que tenho ouvido publicar do grande fructo que faz nas almas christãs, que procuram della aproveitarem-se. Os bens que possuo é este cajado, alforgem e esta cabaça de agua. Appellido-me por Peregrino da America, porque tenho tomado por empreza andar nesta peregrinação para ver, e observar, e escrever o que tem succedido, e succede neste Estado do Brasil, para dar a saber aos mais, que de presente existem, e ficar por lembrança para os que de futuro vierem. E logo lhe fiz presente tudo quanto me havia acontecido, por estylo mais breve que pude.

Não vos pareça, senhor Peregrino, (me disse o religioso) que vos estou pouco obrigado pela noticia que me tendes dado de vossa vida, e peregrinação. E por isso com mais duplicada vontade de vos fazer bom agasalho. E agora vos digo, que parece vos quiz Deus dar esse gosto, e merecimento, por permittir que chegasseis a este templo em occasião que se está para dar principio a uma missão, que se hade começar segunda-feira, e acabar no sabbado, a qual se costuma fazer todos os mezes. Porque poderieis chegar a tempo que della não participarieis tão promptamente.

E para que estejais com mais largas noticias do como deveis de assistir aos officios divinos neste sagrado templo, sabei que logo que amanhece o dia, e se dão as cinco horas, se diz a primeira missa nesta igreja, e das nove para as dez da manhã, temos missa conventual. Nos domingos, e dias santos, se diz cantada com toda a solemnidade. E nas segundas-feiras pela manhã se celebra a missa cantada pelas almas do purgatorio, e nos mais dias ha missa da prima rezada, e só no sabbado pela manhã temos cantada á Santissima Virgem Nossa Senhora, e de tarde se canta a sua ladainha.

Segunda-feira, como já vos tenho dito, se começa a missão das

duas horas da tarde por diante; e para que mais commodamente della possais participar vos darei lugar, onde possais estar das grades para cima. A este tempo se tocaram as Trindades, por ser já tarde, e depois de as termos rezado, me levou o religioso para uma casa dos romeiros, onde me deixou mui accomodadamente, e alli passei todos aquelles dias, que nelle assisti, com todo o provimento do sustento, e mais necessario.

CAPITULO XVI

Da conversação que teve o Peregrino com o Religioso no alpendre da igreja, donde lhe fez presente o motivo que teve para mudar o primeiro nome de Fernando, no de Disiderium videndi Deum, por causa de ter ouvido uma pratica a um Religioso missionario, naquella mesma igreja. É materia util, e mui necessaria, para os que della se quizerem aproveitar

Ao agradavel som de um sino do Templo da Enfermidade, e santa doutrina, despertei, e abrindo a janella da casa onde assistia, descobri o frontespicio da igreja, que por ter a porta principal para o nascente, assim como sahiu o sol, o fez mui plauzível, pelos reflexos de seus luzidos raios, que lhe communicou no alvo da parede, reverberando seus candores no dilatado terreiro, o qual por estar alastrado de raza relva, e de orvalho muito cheio, o fazia mui vistoso.

E supposto se tocasse a primeira missa, como estava cansado da jornada, e tinha a certeza que havia de haver a conventual cantada, como me havia dito o religioso, me deixei ficar em casa, commendando-me a Deus. Até que se tornou a tocar a entrada da missa do dia. E sahindo para a igreja, ao tempo que acabavam os religiosos de rezar o officio divino. E logo se deu principio á missa cantada, a qual se disse com toda a solemnidade; que bem vos posso affirmar, senhor, que muito folguei de ter assistido a tão devoto acto, tanto pelo agradavel estylo do harmonico das vozes, como pelo sonoro e afinado dos instrumentos musicos. E assim como se acabou a missa, me tornei para o meu aposento, e depois de ter passado a sesta, das tres horas por diante, me fui para a

igreja, onde fiz oração, e tornando para fóra me sentei no alpendre. Eis que neste tempo chegou o religioso, que no dia dantes me havia dado agasalho: e depois de nos saudarmos, se sentou junto de mim. E logo me perguntou, como havia passado? Muito bem, graças a Deus, lhe respondi eu: o que tudo devo á Divina Providencia e á proteção de Vossa Reverendissima. E passado este termo de cumprimento lhe disse assim:

Hontem, senhor reverendo Padre, por ser tarde, e me faltar a confiança, não perguntei á Vossa Reverencia o como se chamava, e a razão que tenho agora para o fazer é para saber o como o hei de invocar, quando lhe quizer fallar?

Para, senhor Peregrino, (me disse o religioso) vos dizer o como me chamo, necessariamente me é preciso dizer o motivo que tive para tomar este segundo appellido, que de presente tenho. E assim sabeí que sou natural do Reino de Portugal, nacional de uma cidade chamada Portalegre (1), nasci de pais pobres, porém limpos de geração, graças a Deus. Puzeram-me por nome Fernando, quando me foram baptizar, e depois de ter uso de razão me mandaram aprender a ler, e escrever, como tive forças me puzeram a officio de carapina, de que me não pesa de ter apreudido, pelas conveniencias, que disso me tem resultado.

Neste tempo chegou á minha patria a noticia dos grandes haveres, que se havia descoberto neste Estado do Brasil nas minas do ouro (2), por cuja razão me deliberei embarcar em uma frota, que fazia viagem para o Rio de Janeiro, sem mais cabedaes, que a ferramenta do meu officio. Até que cheguei a salvamento áquella cidade. E depois, tendo occasião de comboio, me passei para as minas, e nellas fui tão bem succedido, que em menos de oito annos ganhei sete mil cruzados pelo meu officio, delles remetti a meus pais um conto de réis, de que já tenho cartas suas, que estão delles entregues.

E com o mais resto deste dinheiro me resolvi a passar para Portugal, por me livrar daquella torre de Babel, e Labyrintho de Creta; pelo grande risco, em que me considerava da minha salvação. E pondo-me a caminho, nelle tive noticia deste santo templo da enfermidade, e casa da santa doutrina, e de quanto nelle se costuma inculcar os meios de viver bem, e virtuosamente.

Com effeito cheguei a elle, a tempo que se começava uma missão, das que se costumam fazer todos os mezes neste sagrado templo, como já vos tenho dito. E ouvindo a um religioso deste convento fazer uma pratica, fiquei tão satisfeito e edificado que logo me deliberei ficar nelle, e tomar o habito de religioso. O que com effeito consegui, porque além de trazer correntes os papeis das minhas inquirições, haviam religiosos, que tinham conhecimento de meus pais. Onde mudei o primeiro nome de Fernando, no de Diziderium videndi Deum, por ver o assumpto da pratica ser toda fundada no quanto devemos desejar amar e ver a Deus.

Essa pratica, ou sermão, senhor reverendo Padre, (lhe disse eu) é que tomara agora que me fizesseis favor repetir, para também della me aproveitar com ajuda de Deus, visto termos tempo tão opportuno. Pouco me parece vos farei nisso, senhor Peregrino, (me disse o religioso). Supposto que não será com aquellas palavras, e energia, com que as proferiu o mesmo prégador, por me faltar a sciencia; porém farei muito por vos dizer a materia, e o assumpto delle, ainda que seja em estylo humilde e chão.

Pois sabeí, senhor reverendo Padre: (lhe disse eu) que muito vos agradeço o modo com que me prometteis repetir esse sermão, ou pratica, que ouvistes a esse religioso, por esse estylo humilde e claro; porque sempre me pareceu mal, ver alguns prégadores no pulpito, feitos representantes de comedias, e tão presumidos de rhetoricos, que não ha quem os entenda.

Porque, subindo ao pulpito um destes prégadores, começa logo a dourar auras, derramar perolas, desperdiçar aljofres, fazendo varios elogios ao sol, lua e estrellas. E se fallam de um jardim, começam a desfolhar rosas, partir cravos, espalhar flores. E quando de uma fonte fallam, o menos que fazem é converter-lhe as aguas em crystaes, querendo persuadir ao auditorio, que também os crystaes se bebem. E se de Cupido, Narciso, Venus e Rosaura fallam, são tão repetidos os encomios, e epithetos em seus louvores, que cuidam alguns que falla o prégador de santos martyres e de santas virgens.

Finalmente são mais as humanidades, flores e folhagens, do que o fructo, que resulta de semelhantes sermões para o bem das

almas. E se ha quem lhes reprove este estylo de prégar (3), costumam responder: que se assim o não fizerem não contentarão aos ouvintes, e do seu trabalho não terão boa paga; sem temerem o castigo de Deus, como succedeu áquelle homem do Evangelho.

De quem diz São Lucas, que foi um homem a sua fazenda para ver se achava algum fructo, em uma arvore, que nella tinha: foram, porém, seus passos baldados, porque o não achou: *non invenit*. (Luc. 13, n. 6). Chamou ao quinteiro, e disse-lhe: Tres annos ha, que venho a esta fazenda, e nunca achei fructo nesta arvore; de que me serve aqui? Cortai-a logo, porque a arvore que não dá fructos, não é bem que occupe a terra (*ibid.*, n. 7) Estes são os prégadores que não dão mais que folhas sem produzirem fructo para Deus. Devendo estes taes prégadores occuparem-se em dar o fructo da santa doutrina, para alcançarem a paga de Deus; o qual costuma dar cento por um, como o promette nos santos Evangelhos. (São Mat. 19. São Marc. 10. Luc. 18).

Como o experimentaram os sagrados Apostolos, e Santos Doutores da Igreja de Deus, e os zelosos missionarios, e os operarios da vinha do Senhor, que todos têm sido, e hão de ser bem satisfeitos com a paga dos bens da gloria.

Além destas verdades tão certas, como verdadeiras, haveis de saber, que o verdadeiro prégador, e escriptor, para agradarem a Deus, e fazer bem suas obrigações, necessitam das presentes partidas. Primeiramente, levar por base e fundamento a humildade, e por luz a fé, por discurso o amor e temor de Deus, e o zelo do proximo, governando-se pela palavra do Divino verbo; procurando tomar por instrumento a penna do amor do Espirito Santo, fugindo de toda a vangloria de louvores do mundo. Que por isso disse um contemplativo espiritual que o mais seguro meio de se salvar qualquer creatura, era trabalhar para ajudar a salvar aos outros.

Porém, isto supposto, senhor reverendo Padre, tomara me fizesseis o favor continuar no que vos tenho pedido? Sabei, senhor Peregrino, (me disse o religioso) que com estas palavras. ou thema, começou o prégador missionario a sua pratica:

Diliges Dominum Deum tuum,
ex toto corde, et in tota anima tua.
et in tota mente tua. (Mat. 22. 37)

Amareis ao Senhor Deus vosso de todo o vosso coração, em toda a vossa alma, e em todo o vosso entendimento. E por faltar em nos dar cumprimento a este mandamento, por ser cousa tão justa, suave, e necessaria, e conforme a mesma natureza racional, é a causa da nossa ruina, e perdição: por ser o summo bem de que depende todo o nosso sêr, onde descança a nossa alma, como pedra no seu centro, agulha no seu norte.

Por isso, os Santos, que verdadeiramente amaram, e amam a Deus, desejaram com grandes ansias amá-lo, e vê-lo, porque a mesma grandeza de sua infinita formosura que os obrigou a amá-lo, dessa mesma lhe insta, e inflamma o desejo de gozá-lo e vê-lo, não só debaixo da cortina de sua santissima humanidade, mas tambem descoberto, e elaramente no céu.

Estes desejos de ver, e amar a Deus, são tão devidos, que entre o direito de justiça que tem o Creator com as creaturas, quando nos manda no primeiro mandamento que honremos a um só Deus, havemos entender que tambem inclusivamente somos obrigados a amá-lo, pelos grandes beneficios, que delle estamos recebendo, por ser o fim que devemos desejar. E por isso nos ensina Christo Bem Nosso, que os dez mandamentos se encerram em dois, convem a saber: amar a Deus sobre todas as cousas, e ao proximo como a nós mesmos.

Poz Santa Brigida a obrigação de amar a Deus, e desejar de o ver, comparando com a esposa Santa: depois de haver feito uma recapitulação de toda a formosura de seu esposo, conclue dizendo: que é todo para o desejar. E em outro lugar a mesma esposa: O meu amado é branco pela pureza de sua Santidade, encarnado pelo incendio de sua caridade, escolhido entre mil: Branco pela pureza de sua Santidade, encarnado pelo incendio de sua caridade, escolhido pela singularidade de seu infinito sêr, em que sobrepouza ás perfeições de todas as cousas creadas, e por crear.

Finalmente assim vai descrevendo a esposa o seu Divino Es-

poso para nos persuadir o como o devemos amar, pelas suas grandes e infinitas perfeições. Porque pela sua Santidade, merece ser amado, por sua caridade, merece ser desejado, por sua sabedoria, merece ser estimado, pela sua Providencia, merece ser obedecido, pela sua boa vontade, merece ser querido, por sua justiça, merece ser temido, por sua misericordia, merece ser louvado, por sua verdade, merece ser crido, por sua omnipotencia, merece ser respeitado, por sua bondade, merece ser appetecido, por sua immensidade, merece ser admirado, por sua immutabilidade, merece ser buscado, por sua alteza, merece ser adorado, por sua affabilidade, merece ser tratado.

Por todas estas perfeições, e outras infinitas, por cada uma dellas merece ser desejado, por ser todo para ser amado; por isso os antigos padres, antes da vinda de Christo, se estavam desfazendo em desejos porque viesse o Filho de Deus a fazer-se homem, só por ser este o meio, para chegarem a ver a sua Divindade: por isso se chama ao Divino verbo o Desejado das gentes, por ser naquelle tempo o esperado. Vêde agora quão digno será de vê-lo e a toda a Santissima Trindade na gloria de sua Divindade.

Os santos que fizeram conceito da formosura de Deus, se desfaziam em ansias e desejos pelo ver. E assim cantava o Psalmista: Desejastes, minha alma, ver a Deus meu, como um servo cançado e abrazado de calor deseja as fontes da agua. (Psalmo 41). São Paulo, abrazando-se com o mesmo desejo, confessa de si, que desejava desfazer-se por estar com Christo. (Philip. 1). Santo Agostinho, pelo desejo de ver a Deus, bem o declara nos seus livros dos *Soliloquios*. A força deste desejo de ver a Deus se pode bem ver pelo que succedeu com a Virgem Dona Sancha Carrillo, quando lhe revelou Nosso Senhor que dentro de um anno morreria. Porque parecendo-lhe tempo mui dilatado, começou logo a chorar com grandes suspiros, e gemidos, exclamando: Oh desdichada de mim, que paciencia me bastará para sofrer um anno de tardança? Como poderei passar tão largo tempo, sem ver a meu Deus, que é minha vida.

Por cuja razão digo que mui devido é, que todos nossos cuidados devem ser dirigidos a desejar de ver a formosura de Deus;

porque parece desprezo, não estimar muito ver aquillo que é infinitamente precioso por ser Deus omnipotente, summamente sabio, infinitamente bom, sobre toda a maneira justo, verdadeiro, fiel, em cuja comparação não se pode imaginar cousa maior, mais formosa, e engraçada. E em si proprio muitas vezes Santo, glorioso, e sufficiente para dar a sua graça ás infinitas creaturas nesta vida, e na outra a Eterna bemaventurança.

E assim digo que sendo Deus por tantos titulos digno de ser amado, não ha de ser só o nosso desejo de ir para o céu por temermos as penas do inferno. Porém sim deve ser o nosso desejo e desvello de ir ao céu, por vermos e gozarmos da vista de Deus, como centro e gloria de nossa alma, e vida espiritual. Porque muitos enidam que não ha mais que pedir a Deus a salvação, sem terem aquelle intrinseco amor de ver ao mesmo Deus. Pois saibam que muitos estiveram, e estarão padecendo no purgatorio mais do que deviam de estar penando por esta causa.

Por certo que será mui justo dizer eu agora o que affirmam alguns Doutores: que se padece no purgatorio por esta causa de negligencia de não haver tido nesta vida desejos de ver a Deus. Dizem que algumas almas que não têm que pagar por peccados graves, estão detidas de entrar no céu, padecendo esta grave pena, que é de damno, e tambem de sentido, pela dôr que lhes resulta por não verem a seu Deus. Porque é pena tão grande, que fallando della um Doutor exclama: Oh damno inexplicavel! O mesmo affirma Santo Agostinho (Livro 10, *De Civitate Dei*, cap. 16). E do Livro de Santa Thereza (Livro 6. 1, cap. 17, n. 10) se colhe o mesmo.

Bem publico foi o caso que succedeu em Luxemburgo de um espirito que, estando já livre das penas do fogo do purgatorio, a treze de Novembro, esteve detido até dez de Dezembro antes de ver a Deus, padecendo este tormento de desejos, porque os não tinha tido em vida. Traz este caso o Padre Euzebio no seu livro *De la hermosura de Dios*, cap. 10, § 4.º, a fls. 161 verso.

Quero vos pôr um exemplo para melhor vos persuadir, e vem a ser: se succedera teres a vossos pais, a quem desejareis ir ver, distantes de donde moraveis, dez, ou doze leguas, ou mais longe, em

alguma cidade, villa ou lugar, pergunto: qual seria a razão de o fazeres? ver a vossos pais que ieis visitar, ou o lugar aonde elles habitavam? É sem dúvida que me parece que me estais dizendo, que a vossos pais, e não ao lugar onde assistiam.

Vêde agora com quanta maior razão temos de ir ver a nosso verdadeiro pai celestial! Não só por irmos ao lugar onde mora, que é o céu, e livrarmo-nos do inferno, porém sim por vermos, e gozarmos a presença de um Deus tão amoroso, que nos hade livrar das penas do inferno, e dar-nos a posse da bemaventurança, que é o céu para sempre.

E se não, dizei-me: que se diria de um homem christão, o qual entrando em uma igreja onde houvesse uma grande festividade, e nella estivesse o Santissimo Sacramento exposto: e este homem só se occupasse em ver o primor, com que estava a igreja armada, e o sonoro da musica, recreando-se na fragrancia dos aromas, e não tratasse de fazer oração ao Santissimo Sacramento? É sem dúvida, que o juizo que delle se podia fazer, era que, supposto tinha o nome de christão, o não parecia pelo que obrava.

O mesmo conceito se pode fazer da creatura que só deseja ir ao céu, por se livrar das penas do inferno, que vale o mesmo que atricção, a qual só por si não basta para a salvação, como o definem os autores: sem o sacramento da penitencia, que é a confissão havendo dôr de ter offendido a Deus, e amá-lo sobre todas as cousas, e proposito firme de o não tornar a offender mais.

Fazendo um firme acto de contrição com dôr de todos os seus peccados por serem commettidos contra Deus com firme proposito de nunca mais peccar, com tenção de se confessar, e satisfazer por elles a penitencia que lhe for imposta, porque esta contrição se funda em puro amor de Deus, e desejo de o ver no céu. Aborrecendo os peccados sobre todas as cousas aborreciveis, pezando-lhe de os ter commettido, por serem offensas contra Deus infinitamente bom, o qual deve ser amado, e servido sobre todas as cousas; e por isso logo sem mais dilação perdôa Deus a culpa, e restitue ao peccador a graça, como se viu em David, que, em dizendo: Pequei contra o Senhor; respondeu o Propheta Natham: Tambem o Senhor te perdoou o teu peccado. Porque estava David verdadeiramente

contrito, e arrependido de suas culpas, e resoluta a não commetter outros, e com fervoroso desejo de ver a Deus.

E por isso tomara agora inculcar a todos este desejo de ver a Deus no céu, e praticado nos pulpitos, e ensinado nos confissionarios, e tratado nas conversações espirituais; por ser mui necessario, para o bem de nossas almas, e desejo, e saudade de ver a Deus; e por ultimo inculco agora a meus ouvintes a oração, ou acto de contrição seguinte, para que todos os dias e noites, repetidas vezes, o digam a Deus Nosso Senhor:

Oração, ou acto de contrição, que devemos fazer repetidas vezes a Deus Nosso Senhor:

Meu Deus, eu vos amo, e temo com viva fé, e reverencia amorosa, pelos grandes beneficios, que de vossa Divina providencia tenho recebido. Peza-me muito ter-vos offendido, por sercs vós quem sois, e porque vos amo sobre todas as cousas. Espero de vossa misericordia me deis perseverança na continuação de vos amar, e servir até o fim de minha vida, e hora da morte, para que depois vos veja, e goze na eterna bemaventurança. Amen.

Com esta oração, ou acto de contrição, Senhor Peregrino, (me disse o Frei Deziderio) acabou o Religioso a sua pratica, de que fiquei muito pago, e satisfeito, e com firme resolução de ser religioso até que consegui, com a ajuda de Deus, como vos tenho já dito: e assim vos digo pelo que em mim tenho experimentado, que é tão extremoso e fino no seu amor este nosso bem de Deus, que a todos perdôa, e se deixa amar, tanto do christão, inda que tivesse sido peccador, como do herege, gentio, mouro ou judeu: todas as vezes que o buscam temendo, e amando como a seu verdadeiro Deus, Creador e Redemptor, detestando, e arrependendo-se das suas culpas, e falsas leis, em que viviam enganados.

Tocastes agora, senhor reverendo Padre, (lhe disse eu) em um ponto, que supposto que conheço, e não duvido, que a Deus nada lhe é impossivel, porém tambem sei, que assim como é de infinita misericordia, tambem é de rectissima justiça, e assim como não

deixa de premiar a todas as boas obras, tambem não deixa culpa sem castigo. Este é o motivo, que tenho em reparar no que tendes dito.

E vem a ser, que vos ouvi dizer, que perdôa Deus, e se deixa amar do christão inda que tivesse sido peccador, e do herege, gentio e mouro, tendo estes detestado de seus erros e peccados. Tudo concedo por ter lido e ouvido varios exemplos, que no mundo tem acontecido, porém, que perdôe, e se deixe amar do judeu, é todo o meu reparo, fundado no que direi.

Por serem os judeus uma geração de gente tão aborrecida, e excluida do mais congresso de todas as creaturas racionaes, depois que foram comprehendidos na morte de Christo verdadeiro Deus, e bem nosso; e pelo que ainda estão obrando, e mostra a larga experiencia, e pelo que tenho lido em varios livros, e se publica em todos os autos da fé, e de seus justificados erros; por cuja razão digo que não haverão linguas, nem mais aparadas pennas escritas por doutos entendimentos, que cheguem a dizer, nem escrever, o que esta vil nação tem obrado, e estão obrando contra nossa fé catholica, e por essa causa tão aborrecidos de Deus, e de todos os fieis christãos: e se não, reparai se tenho razão; e provo com presentes exemplos o que tenho dito.

Em França, por matar um homem ao seu rei, foi de tal sorte castigado, que não só foi morto com varios tormentos, e ignominias, mas toda a sua geração, até o quarto gráu (4). Em Castella, em certa villa, por matarem a um principe irmão do rei, em uma pendencia, esteve todo aquelle povo arriscado a ser castigado a ferro e fogo, se não accudiram os conselheiros do Estado, a rebaterem a indignação do rei, porém, não deixaram de ser punidos os aggressores da pendencia com mortes, e varios castigos. Na Moirama, no Reino de Fez, por matarem a um filho de um nosso rei de Portugal (o qual morreu martyr) ficou o rei tão sentido, e todos os seus vassallos, que nunca se esqueceram desta offensa (5).

Vêde agora, senhor reverendo Padre, com quanta maior razão se deve aborrecer, e ser castigada uma nação de gente, que não só mataram a um rei de França, mas a um Rei do céu Jesus Christo. Não a um irmão de el-rei de Castella, porém, a um nosso proprio

irmão em quanto á humanidade de Jesus Christo bem nosso. Não a um filho de el-rei de Portugal, porém ao mesmo filho de Deus Padre Eterno.

E sendo isto, como é tão certo, vêde se ha razão para serem estes homens castigados, e de todos aborrecidos, á vista de tão execrandas, e enormes culpas, que fez tremer a terra, rasgar-se o véu do Templo, escurecer o sol, eclypsar-se a lua, e assombrar todo o mundo.

E além destas razões tão certas, como justificadas, notai o que disse o mesmo Christo, sendo a mesma verdade, fallando desta geração de gentes, quando lhe chamou geração má, e adultera: *Generatio mala, et adultera signum quoret d'*, e em outra occasião indo com a cruz ás costas pela rua da amargura, para ser crucificado, vendo que algumas mulheres choravam por verem a Nossa Senhora e as mais santas mulheres chorarem compadecidas de o verem naquelles tormentos, lhes disse: Filhas de Jerusalém, não queirais chorar o vosso pranto sobre mim, mas chorai sobre vós, e sobre vossos filhos: *Filiæ Jerusalem, nolite flere super me: sed super vos ipsas flete, et super filios vestros.*

E o mais que se deve notar, e reparar é, que os mesmos judeus a si mesmos se amaldiçoaram, e a seus filhos, quando, dizendo-lhes Pilatos que não achava culpa em Christo, porque merecesse morte de cruz, responderam elles: O seu sangue clame sobre nós, e os nossos filhos, se nós o accusamos sem culpa, ou se está justo. *Sanguis ejus super nos, et super filios nostros.*

Porém, isto supposto, e o mais que me não é possível explicar no breve deste discurso, vêde, senhor reverendo Padre, se não tenho razão para duvidar, que possam ser admittidos estes homens a perdão diante de Deus, a quem tão deshumanamente têm offendido, e estão ainda offendendo, e persistindo nas mesmas offensas e culpas.

Pouco parece que tendes dito (me disse o Religioso) á vista do que reconheço que este povo ingrato merece ser castigado por suas culpas; porém, haveis de saber que todas as cousas têm sua distincção: porque supposto que esse vosso reparo seja fundado em tanta razão, deve-se entender que quando Christo chamou a esse povo,

geração má e adúltera, foi por conhecer a sua pouca fé e estabilidade. Porque, ao mesmo tempo que o haviam aclamado com festas e alegrias, chamando-lhe filho de David, depois exclamaram, dizendo que fosse crucificado. E sabia sua Divina sabedoria, que para o tempo futuro, muitos houveram ser rebeldes, e inconstantes na fé que tinham promettido guardar depois de serem baptisados, e admittidos a nossa santa fé, e religião catholica.

E o que respeita a essas mulheres, quando lhes disse Christo bem nosso que não chorassem sobre elle, mas que chorassem sobre si e seus filhos, foi por reconhecer este Divino Deus o pouco que mereciam as suas lagrimas, por não serem nascidas de dôr de o verem padecer a sua sagrada paixão, porém sim só por verem chorar as santas mulheres.

Os judeus, quando pediram sobre si e seus filhos castigos e maldições, além do odio com que procediam contra Christo, ignoravam, como ainda hoje ignoram, por seus peccados, a pura verdade de ser Christo o mesmo Messias, por quem esperavam, filho do Eterno Padre. E por isso foram, e hão de ser castigados, emquanto se não desenganarem de seus erros.

Vamos agora á distincção e limitação que vos prometti dizer acerca desse particular. Esses homens e mulheres, a quem os reprovou Christo bem nosso, eram e haviam ser filhos dos judeus, que vale o mesmo que filhos do demonio, que persistiam, e houveram perseverar em seus erros. Mas não faltou Christo contra os dessa nação, que eram, e haviam de ser filhos de Deus. Porque os mesmos Apostolos, naquelle tempo em que padeceu Christo por nossa redempção, e existiam, e viviam no mundo, sendo desta mesma nação, e depois delles houveram muitos santos martyres, que acabaram com grande zelo, e constancia da nossa santa fé, como succedeu ao valoroso santo protomartyr Santo Estevam. E o santo Bispo Polycarpo, Santo Semião, e outros muitos santos desta nação, como foram alguns Summos Pontifices, e grandes Prelados, que todos padeceram martyrios pela fé de Christo. Assim o referem graves autores: o Padre Euzebio, o Padre Frei Hyeronimo da Cruz. escriptor gravissimo da sagrada religião de São Hyeronimo. O mesmo affirma o Padre Antonio Possevino, da Companhia de Jesus. A São

Pedro chamou Christo filho do Espírito Santo, pelo ver tão cheio de graça, e illuminado de saber. S. Longuinhos, sendo dessa nação, morreu martyr pela fé de Christo.

São Paulo, sendo acerrimo inimigo da fé de Christo, depois que conheceu a verdade, foi seu zeloso defensor, até que chegou a ter o nome de Apostolo das gentes. Veja-se o que obrou a Magdalena, e outras muitas santas mulheres, que acompanharam a Virgem Santissima na sua penosa dôr, e soledade, até verem resuscitado a Christo nosso bem.

Nos tempos mais modernos, houve sempre insignes varões consummados em mui conhecidas virtudes, e defensores de Jesus Christo. Como foi Heliam, Arcebispo de Toledo, escriptor nobilissimo hespanhol; Michael Adam, allemão; Paulo de Hereder; Pedro Affonso, inimigo declarado dos erros de sua nação, e zelador da fé de Christo; Paulo Burgense, de Cartagena.

Vejam-se as portentosas maravilhas que succedeu ao irmão Frei Antonio de São Pedro, mercenario descalço portuguez; depois de ter sido penitenciado pelo Santo Officio, e confessar ter vivido muito annos na lei de Moysés, foi alumniado por Deus, e fez feitos tão heroicos de virtudes na lei de Christo, que a todos deixou admirados de sua santa vida. Traz este caso o Padre Bernardes, da Congregação do Oratorio de Lisbôa, no seu livro *Estimulo pratico para seguir o bem, e fugir do mal* (6), a fls. 313. Cuja vida a escreveu o Padre Frei André de Santo Agostinho, chronista geral da dita Ordem, no seu livro 1.º, cap. 4.º, n. 17.

Paulo de Santa Maria, Rabbino que foi dos judeus, e depois Bispo de Burgos, o qual compoz um livro intulado *Scrutinio scripturario*, em que mostrou a pureza de nossa santa fé. Este famoso prelado traduziu a carta, que um Rabbino chamado Samuel escreveu a outro Rabbino chamado Isaac, consultando sobre o ter alcançado pelas prophcias do Testamento Velho, que o Messias tinha vindo, e a lei judaica era acabada, e os judeus estavam em odio, e desamparados de Deus. Destruisse por esta carta totalmente a lei judaica, e confirmasse a fé catholica.

Esta carta não só a traz este prelado, porém anda escripta em varios livros: e em nosso idioma, a traz Francisco Fernandes

Prata, Presbytero secular, no seu livro *Tratado dos Sacramentos* (7), na qual não pode haver mais clara verdade para os judeus se desenganarem, se não estiverem cegos.

E assim digo que é mui justo que os mais judeus sejam punidos, e castigados rigorosamente. Mas os que são filhos de Deus, sejam louvados por reconhecerem a nossa santa fé por bôa. Porque tenho conhecido e visto dessa nação muitas familias, e homens de mui conhecidas virtudes, e bons procedimentos (8); e por essa razão, occupando honrosos cargos da republica, e milicia, e ainda sendo muitos sacerdotes com dispensação, pelos supporem serem verdadeiros filhos de Deus.

Porque haveis de saber, que Deus é mui justo em premiar nesta, e na outra vida, os que por suas bôas obras o merecem, não reparando em gerações, nem qualidades de pessoas, porque só olha para os merecimentos de cada um. E assim venho a dizer que tambem, se os desta nação fizerem merecimentos por servirem e agradarem a Deus, logo serão seus filhos, e não dos judeus: porque, já ouvirieis contar, em Roma está uma rua que lhe chamam dos Hebreus (9), á qual vão prégar e ensinar muitos hebreus daquella mesma nação, por se terem convertido á nossa santa fé, pelos fazerem sacerdotes, por reconhecerem nelles o zelo, que têm de reduzir os mais á nossa santa fé. E assim succede que muitos se convertem, e pedem o santo baptismo, e se fazem christãos, porque muitos ignoram a verdadeira lei de Christo, por não haver quem os desengane de seus erros. Como succedeu em Pernambuco, no Estado do Brasil, na occasião que estava sujeito á Hollanda (10)

Foi o caso, que, como naquelle tempo havia consciencia, e liberdade, cada qual vivia na sua lei, como inda hoje se observa em Hollanda, refugio desta maligna nação, succedeu em certa occasião, por ser um judeu a conversar com um christão (que supponho não devia de ser o christão pouco lido) disse-lhe o judeu que não havia lei como a sua, tanto por mais antiga, como por ter muitos santos, e logo os foi nomeando por uma ladainha, dizendo: Abrahão, Isaac, Moysés, David, etc. e as santas mulheres Esther, Sara, Judith, Rebecca, etc. Perguntou-lhe o christão: Dize-me, judeu, onde estão esses santos? Respondeu-lhe o judeu promptamente, que estavam no

céu: Pois se estão no céu, lhe disse o christão, certo é, que já veio o Messias ao mundo que foi Christo Nosso Redemptor, porque os tirou do seio de Abrahão, onde estavam os santos padres, esperando a sua santa vinda. A esta tão certa, como verdadeira razão, se calou o judeu. E dizem que logo fôra buscar um douto religioso, com o qual se aconselhou, e se reduziu á nossa santa fé, e de filho de judeu, se fez filho de Deus.

Finalmente o que desta nossa conversação desejo que resulte, e aproveite é, que tanto os judeus, como os christãos, e mais gerações do mundo, todos perseveremos em amar, e servir a Deus para sermos do numero dos predestinados filhos de Deus; e os judeus que até agora ignoravam este tão grande bem, e verdade, daqui por diante, se resolvam a amá-lo e servi-lo, para de filhos de judeus passarem a ser filhos de Deus. E pela bôa nova que lhes dou, e bem que lhes inculco, lhes peço me encommendem a sua Divina Magestade, para que todos nos vejamos na Bemaventurança, em presença da Santissima Trindade, Padre, Filho, Espirito Santo. Amen. E quem se achar indifferente, busque a Cruz, e deixe a serpente. E se não, penará no inferno para sempre.

NOTAS AO CAPITULO XVI

(1) Sobre Portalegre, remota e nobre cidade alemtejana, é lêr o que escreve e descreve o P. Antonio Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa*, II, 370, Braga, 1868, 2ª ed.

(2) A grande emigração em consequencia dos descobertos de Minas Gerais compreende-se entre 1700 e 1720, quando foram tolhidas as passagens para o Brasil, J. Lucio d'Azevedo, *Epocas de Portugal Economico*, p. 321.

(3) Neste passo segue a Antonio Vieira, que no "*Sermão sobre a palavra de Deus*" especificára as condições do "bom discurso", satirizando os habituais defeitos dos máos. Prefaciando os *Sermões*, prevenira: "Se gostas da afetação e pompa de palavras e do estilo que chamam culto, não leias" E no da "Sexagesima" de 1655: "A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjejar precipicios, a brilhar auroras, derreter cristais, a desmaiar jasmims, a tocar primaveras, e outras mil indignidades destas. Não é isto farça a mais digna de riso, se não fôra tanto para chorar?"

(4) Em 14 de Maio de 1610 Francisco Ravailac, fanatico e obscuro sujeito alucinado pelos panfletos que corriam contra o rei Henrique IV, na rua de la Ferronnerie o apunhalou, com um golpe no coração. O processo a

O PEREGRINO DA AMERICA

que respondeu o regicida, um dos mais celebres da História, foi instruído por uma comissão presidida por Harlay.

(5) Refere-se ao infante Santo, D. Fernando, filho de D. João I e Felipa de Lancastre (nascido em Santarem, 29 de Setembro de 1402, morto em Marrocos, 5 de Junho de 1443), um dos da "inélita geração". Acompanhara o irmão D. Henrique (o Navegador) á segunda expedição de Tanger. Forçados os portuguezes a capitular, ficou D. Fernando como refem do rei de Fez, enquanto não se lhe restituia Ceuta. As côrtes de Leiria, contudo, votaram contra a entrega da praça, e o proprio Infante isto mesmo aconselhou, preferindo acabar, num martírio silencioso, ás mãos do inimigo. Sofreu todas as misérias do cárcere e as humilhações que lhe infligiram os mouros com o espirito alto e o coração contente: faleceu em consequencia desses padecimentos. Heróe e santo. Vitima do amôr da Pátria. Homem entre os maiores de sua raça pela bravura no perigo e pelo estoicismo no iufortunio. Digno do altar. São D. Fernando de Portugal.

(6) O livro do Padre Bernardes, *Estimulo pratico para seguir o bem e fugir do mal*, é de Lisboa, officina de Antonio Pedroso, 1730.

(7) Francisco Fernandes Prata, natural de Castelo Mendo em Vizeu, é autor do "Tratado dos Sacramentos em comum, e em particular", etc., Lisboa, officina de Manoel da Silva, 1651.

(8) No Brasil, cheio de cristãos-nóvos, mercadôres opulentos e gradualmente esquecidos da "lei velha", a linguageni tolerante de Nuno Marques tinha de lembrar — e efetivamente recorda — a clemencia e a politica do Padre Antonio Vieira. Daí a resalva: "homens de mui conhecidas virtudes..."

(9) O "ghetto" romano, embora sem características externas, que chamem a atenção ao viajante, podia ser visto ainda recentemente na beira do Tibre junto ao Portico de Octavia e Sant'Angelo in Pescheria, onde, desde 1584 até Pio IX, todos os sabados os judeus deviam ouvir um sermão católico. A Sinagoga, em estilo assirio-babilônio, edificada em 1904, assinala na vizinhança desse local a presença da coletividade israelita. Fica a alguns passos da mais antiga ponte de Roma, a ponte Fabricius, que comunica com a Isola Tiberina, onde uma igreja de S. Bartolomeu substitue o templo de Esculapio...

(10) Durante a occupação holandêsa de Pernambuco os judeus dominaram praticamente a economia e a religião, com os seus negociantes e os seus rabinos. O conde de Nassau teve a sabedoria de libertar os cultos, impondo a seus governados o respeito civil, aos templos e aos sacerdotes. Não se queixaram menos, os vencidos, da opressão de sua Igreja, dada a falta de padres, antes perseguidos ou expulsos, a ruina dos santuários, a iusegurança dos fieis e a expansão dos outros crêdos, abraçados pelos invasôres.

CAPITULO XVII

Do que mais succedeu ao Peregrino no dia seguinte da segunda-feira, que se começou a dar principio á missão no Templo da Enfermidade; e se trata das excellencias da doutrina christã; e de como deve ser venerado o Santo Signal da Cruz, com varios exemplos, á maneira de dialogo.

COM luzido resplendor começou o sol a espalhar seus brilhantes raios, por toda a esphera celeste, vendo-se os mesmos effeitos em toda a redondeza da terra. As plantas e flores se mostravam mais apraziveis, por verem a manhã tão clara; os animaes terrestres e volateis uns saltavam, e outros cantavam, com mui plauzível recreio. Finalmente até os proprios metaes davam mostras de alegria, porque logo começaram a dar signaes, que á vista de tantas luzes, a noite se escondia.

A este tempo se abriu a porta da igreja para onde encaminei meus passos, e fiz oração, começaram logo os religiosos a cantar a missa das almas, e depois de a ter ouvido, me tornei a recolher para a casa dos romeiros, onde passei o dia até que deu o relógio duas horas, e o sino o signal para a entrada da pratica da missão.

Sahi de casa, cheguei á igreja onde achei o Padre Frei Dezi-derio, o qual me deu assento das grades para cima, por ficar mais perto de poder melhor ouvir a doutrina.

Advertencia que faz o Autor aos leitores acerca do estylo, com que se hade tratar nesta doutrina. O D. significa o Discipulo e o M. o Mestre. Por se escusar tantas vezes repetir o nome de mestre e discipulo, e para ficar mais perceptivel esta doutrina.

Chegaram logo dous Religiosos, e ambos de missa, um mais velho, que era o Mestre, e o de menos idade, o Discipulo. Subiu um e outro a seu pulpito, por ter dous a igreja, e rompeu o Discipulo nestas palavras :

D. Traz-me a este Santo Templo da enfermidade, e casa da doutrina, senhor Reverendo Padre mestre, a geral fama, que corre por todos estes contornos, do grande fructo que costumam fazer Vossas Reverencias com a sua santa doutrina, a todos os que a vêm buscar, e ouvir. E por isso eu, como tão necessitado de aprender, a venho agora procurar, e pedir a vossa reverencia ma ensine.

M. Não vos pareça que prezo pouco, senhor, o ter-vos ouvido dizer, que vos traz a esse santo templo o desejo de ouvir a palavra de Deus, que é a santa doutrina. Porque haveis de saber, que o primeiro que no mundo a ensinou, foi Deus, a nossos primeiros pais; e depois Adão a ensinou a seus filhos, e seus filhos a todos seus descendentes, até que veio Christo Bem Nosso ao mundo, verdadeiro mestre da doutrina christã, que a ensinou a seus sagrados discipulos, os quaes, á imitação de seu Divino Mestre, a foram ensinando por todo o mundo, e delles aprenderam os mais operarios do Santo Evangelho, e vinha do Senhor.

Tira-se esta razão das palavras do Senhor quando disse falando com seu Eterno Padre: *Et est autem vita eterna, ut cognoscant solum verum, et quem missisti, Jesus Christum*, (João. 17 3) isto é, o Eterno Padre é a vida eterna (incoada): conheçam-vos a vós, e a Jesus Christo, que mandastes ao mundo por um só Deus verdadeiro: donde disse Santo Agostinho: (Trat. 45) não tem esperança de viver para sempre, senão aquelle que conhece a vida, que é Christo, e por este conhecimento, como porta, entra no rebanho do mesmo Christo.

Diz São Bazilio (*Exhort. ad bapt.*): assim como o corpo sem respiração não pode viver, assim a alma sem conhecimento do seu

creador não pode subsistir, por quanto a ignorancia de não conhecer a Deus é a morte da mesma alma. Este conhecimento de Deus se alcança, aprendendo os mysterios da nossa santa fé pela santa doutrina.

E é certo, que nenhuma cousa, o demonio mais procura, do que impedir que esta santa luz da doutrina chegue ao entendimento das creaturas, fazendo por introduzir nellas a ignorancia, porque desta se aproveita. Por isso David (Psalmo 10) diz: que no escuro atiram os peccadores setas aos bons. E São Hyeronimo declarando este lugar de David diz: que são os demonios e os hereses: porque nunca pelejam ás claras, mas ás escuras, aborrecem a luz da sciencia, e não as trevas da ignorancia. Estas setas que atiram são os dogmas mortiferos da ignorancia, com que ensinam para que vendo na Igreja algum descuido, com laços dolosos e occultos, os engane, e façam a sua, por não haver cautella no ensino da santa doutrina. Por isso diz nos Proverbios 19. 2: o homem que errar o caminho da doutrina, irá parar no ajuntamento dos gigantes: isto é, no estado dos condemnados, como explica o Padre Alapide, aonde estão aquelles gigantes, que cahiram do céu. E por isso, conhecendo Deus este nosso inimigo infernal, a contradição que tem contra todos os que ensinam, e procuram aprender a santa doutrina, o faz Deus publicar ao mesmo demonio por sua bocca.

Conta Cam (Temp. L. 1.º, cap. 20, ap. signe Raj. 14, n. 5) que em um synodo Provincial, que faziam em França varios Prelados e curas, encommendaram a um religioso a pratica com que se havia de dar principio ao synodo. Andava o prégador afflicto, e cuidadoso, porque se não resolvia na materia sobre o que havia discorrer. Neste desassocego se achava o religioso, quando lhe appareceu o demonio na figura de um homem. E lhe perguntou: De que te affliges? em que cuidas? Disse-lhe o sacerdote o seu cuidado, e desvello em que andava. Eu te darei o assumpto que has de tomar, ou para melhor dizer-te, a pratica que has de fazer. Põe-te no pulpito, e dize-lhes fielmente estas palavras: Os Rectores, Principes das trevas infernaes, saudam aos prelados, e parochos das igrejas, lhes dão muitas graças da negligencia que têm em ensinar aos povos, porque da ignorancia nascem os peccados, e dos pec-

cados as condemnações. Isto é que has de dizer, e não tens mais que discorrer, e sabe que sou eu o demonio, e que assim mo manda, e me obriga Deus a que o diga.

E pois como me hão de erer? lhe perguntou o sacerdote. Porque me dirão que eu o fingi, ou que o sonhei. Eu te darei um signal (disse o demonio) para que to cream. E passando-lhe a sua negra e maldita mão pela cara do sacerdote, a deixou tão negra, como um carvão, e lhe disse: Por mais que te laves, não poderás tirar essa côr, mas logo que deres a minha embaixada, lava-te na agua benta da igreja, e ficarás como dantes eras. E assim succedeu, que assombrou a todos, e encheu de espanto a toda a França este successo.

Porém, o que arreceio é, que neste Estado do Brasil não dê nenhum abalo este caso, pelo que tenho visto e experimentado, tanto nas cidades, como nas villas e freguezias. Por abusarem os vigarios e curas das pastoraes dos seus prelados, além das bullas dos Summos Pontifices, e o que lhes encommenda o Concilio Tridentino, da obrigação que têm de ensinarem a doutrina, todos os domingos, e dias santos, a seus freguezes; porém, lá irão para parte donde Deus lhes tomará estreita conta e residencia desta omissão, e negligencia, por serem obrigados a fazê-lo, que até por bem da sua salvação a deviam obrar.

Porém, isto supposto, o que agora me resta perguntar, senhor, é que me digais se vos sabeis persignar, e benzer?

D. Na verdade, senhor Reverendo Padre mestre, que grande motivo me tendes dado, para desconfiar da pergunta que me tendes feito; e a razão é, porque supponho me deveis considerar filho de pais infieis, ou nascido em tal parte, onde não houvessem mestres que eusinassem a doutrina christã aos meninos nas escolas. Pois sabeí que além de ser filho de pais catholicos, logo que tive uso de razão, me foram ensinando a doutrina christã, e depois me mandaram aprender, com mestres que me ensinaram tudo aquillo que costumam ensinar os mestres christãos aos meninos para bem da salvação, e bons costumes. Tambem aprendi pela cartilha do Padre Mestre Ignacio da Companhia de Jesus. Tenho varios livros de doutrina por onde leio, como são: *Cathecismo Romano*, declara-

ção copiosa da doutrina christã, composto pelo Cardeal Belarmino; *Escola da doutrina christã*, composta pelo Padre Mestre João da Fonseca, da Companhia (1); *Baculo pastoral* (2), além de outros muitos livros que tenho lido de graves autores, pelos quaes li, e tenho estudado.

M. Não vos pareça, senhor, que deixo de estar mui satisfeito de vos ter ouvido dizer que tivestes pais, e mestres, que tanto cuidaram de vos darem tão bôa doutrina, e da curiosidade de procurardes livros de tão perfeita lição. Agora vos peço que se em alguma cousa vos tenho offendido, na pergunta, que vos fiz, me perdoeis; porque o meu intento, de nenhuma sorte é offender a meu proximo, nem menos mostrar-me sciente. Porém, haveis de saber, que tudo é necessario ver e examiuar antes de se dar principio a qualquer obra. Mais ainda nesta, por ser de tanto porte e supposição como é, da santa doutrina, sendo a base e fundamento em que se funda o bem de nossa salvação, e assim vos peço que deis principio a persignar-vos, e benzer-vos para podermos continuar a nossa doutrina. E logo começou o discipulo dizendo:

D. Pelo signal da Santa Cruz, livre-nos Deus Nosso Senhor, de nossos inimigos. Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Amen.

M. Tende mão, senhor, que já vejo vos não sabeis persignar, nem benzer

D. Como assim, senhor Reverendo Padre Mestre, me dizeis que me não sei persignar, nem benzer?

M. Não, por razão das palavras, porém sim, porque vos vejo com a mão tão aberta, que me parece que estaes para medir alguma cousa a palmos, ou dar alguma palmada; devendo pôres o dedo pollegar, sobre o dedo indes, e levantando os tres dedos, a que chamam o do meio, annullar, e o meminho. E assim posta, e preparada a mão direita, se deve começar o christão a persignar, dizendo: Pelo signal da Santa Cruz (na testa). Livre-nos Deus Nosso Senhor (na bocca) de nossos inimigos (nos peitos). E depois, pondo os tres dedos, o meminho e pollegar afastados, juntos o indes, o do meio, e o annullar, em representação e memoria das tres Pessoas da Santissima Trindade, dirá, pondo os tres dedos na testa: Em

nome do Padre, e do Filho (nos peitos); e indo com os tres dedos ao hombro esquerdo, dizendo: e do Espirito; e depois, passando ao direito: Santo. Amen. Servindo-nos estes Santos Signaes de rodella (3), ou escudo, para que nos livre Deus de nossos inimigos visiveis e invisiveis, considerando com toda a devoção e reverencia as palavras que for proferindo, porque só assim se persignará, e benzerá bem o christão, como quer e manda Deus que ensinem os mestres a santa doutrina christã a seus discipulos; por se escusarem as grandes irreverencias que costumam fazer muitas pessoas quando se persignam, e benzem, que mais parecem garatujas que fazem com a mão no rosto, peitos e hombros, do que christãos que se persignam, e benzem.

D. Supposto, senhor Reverendo Padre Mestre, que me parece ser a vossa doutrina mui acertada, em tudo que tendes dito, e ensinado; porém, não deixo de reparar em tanta miudeza, com que me tendes explicado.

M. Não vos pareça, senhor, que são escusadas todas essas advertencias, por serem mui importantes, e necessarias, pois nellas tem a nossa religião escondido soberanos mysterios; além de ser um acto de devoção publico, que se deve obrar com toda a tenção, e reverencia, para bom exemplo dos mais que nos virem persignar, e benzer.

E para que o vejais com mais certeza o que vos digo: sabei que ha mais de mil e quinhentos annos, que o escreveu São Justiniano, Martyr, como consta do seu livro (Quest. 11 et a dorth.). E outros muitos santos padres antigos que tambem o escreveram, e o ensinaram, e o mesmo affirma Santo Agostinho, em Plm. 13. 6, e nos tempos mais modernos o tratou, com toda a individuação, o Padre João Martins della Parra no seu livro *Luz de verdades catholicas*, 1. P Pratica 9, a fl. 112, além de outros muitos parochos, prégadores missionarios, por conhecerem ser cousa mui necessaria pelo fructo que disso resulta ao serviço de Deus, e ao bem das almas; porque haveis de saber, que o bom piloto, se vê panear a gavia, ou outra qualquer vela, ou afrouxar algum cabo, logo avisa aos marinheiros, que amurem e bracejem a vela, e além, o cabo, porque faça bôa derrota a embarcação. Esta mesma obri-

gação tem os mestres da doutrina christã, vigarios, e curas, e pais de familias, vendo algum descuido, por minimo que seja, porque não passe a mais aquelles erros.

Porém, isto supposto, e o mais que vos pudera dizer acerca deste particular, que supponho estareis mui bem instruido, e ensinado em toda a fôrma, e lição da doutrina christã; mas para vos mostrar com mais singularidade as excellencias da Santa Cruz, e dizer-vos os grandes effeitos que em nós obra, sabei que assim como damos principio a fazer este santo signal da Santa Cruz, como vos tenho mostrado, vale o mesmo que se meteramos a mão á espada, para nos livrarmos e defendermo-nos dos nossos tres inimigos da alma: mundo, diabo e carne; e que logo immediatamente junto de nós se acha Jesus Christo, Deus Homem verdadeiro, e toda a Santissima Trindade por essencia Divina, Padre, Filho, Espirito Santo. Por quem chamamos quando nos persignamos, e benzeamos. E se Deus é por nós, quem contra nós?

E por isso logo estes nossos tres inimigos, como cães, ou gôzos, de nós se apartam, e se põem em fugida, e delles nos livramos por misericordia de Deus. E depois desta tão certa como verdadeira consideração, haveis de saber que, assim como de tres modos peccamos offendendo a Deus: convém a saber, por pensamentos, palavras e obras, tambem manda a Igreja, alumida pelo Espirito Santo, que façamos tres cruzes em todas aquellas partes, ou lugares, donde nascem, ou se forjam aquelles principios de peccados. Estas tres cruzes se fazem, a primeira na testa, ou cabeça, por ser o lugar onde reside a alma, com as suas tres potencias: memoria, entendimento e vontade. Para que nos livre Deus de máus pensamentos, e nos dê luz, e graça da sua santa doutrina, e o sabermos amar e servir. Por ser este meio de que se aproveitaram os mais prudentes e sabios, para serem santos. Lugar tambem donde se formam os melhores conceitos e idéas, como estamos vendo em muitos prégadores apostolicos, missionarios, e varios livros espirituaes, que por doutos autores se tem escripto: supposto que tambem serve este mesmo lugar de centro, e officina de horriveis dogmas malinos de que têm servido de tantos erros, contra a nossa santa fé,

e doutrina dos santos padres, e por isso se lhe põe este signal da Santa Cruz, para que nos livre Deus de semelhantes erros.

A segunda cruz se faz na bocca, porque assim o manda Deus por ser o lugar onde está a lingua guardada dos beiços, e dentes, servindo-lhe uma cousa e outra de guarda. A razão é, porque diz Salomão, que a vida e a morte está na mão da lingua. (Prov. 11. 21) Ella é o instrumento de que Deus se aproveita para seus louvores nos justos, e para conversão dos máus, e de que se aproveitam os Prégadores, e homens espirituais. Mas tambem é arma de que o demonio joga com mais destreza para perdição das almas. São Tiago chama a lingua universidade de maldades, (Jacob. 36) e em outro lugar, diz o mesmo santo: que podendo domar-se os leões, os tigres, os touros, e mais feras, só o homem não pode domar a lingua. David pedia a Deus o livrasse de má lingua, e ruim bocca (Psalmo 119, n. 2) E por isso manda Deus que façamos o segundo signal da cruz na bocca para nos livrarmos das más palavras.

A terceira cruz fazemos nos peitos, sobre o coração, por ser este membro, como fonte de nossa vida, segundo as regras de medicina. Dos alentos do coração se communica a todo o corpo as suas forças vitaes, e d'elle nasce a ruina de nossa morte tanto temporal, como espiritual. E por esta razão David pediu a Deus que lhe desse um coração contrito e humilhado: *Cor contritum et humiliatum &c.* O esposo pedia a sua esposa que puzesse sobre o seu coração um sello: *pone me, ut signaculum, super cor tuum*: isto é, um cunho, com signal da cruz. E por isso nos manda Deus que façamos a terceira cruz nos peitos em cima do coração, porque verdadeiramente de um bom coração depende muito o bem de nossa salvação: inda nas cousas temporaes se está experimentando, porque não ha cousa mais leal, nem correio mais certo para o homem, que o seu mesmo coração. E esta é a razão, porque nelle nos manda Deus fazer o terceiro signal da cruz, para obrarmos em tudo com acerto, por ser o santo signal da cruz, todo o nosso bem, posto e assegurado em todas estas tres partes do nosso corpo, donde se geram estes peccados de pensamentos, palavras e obras.

E por isso em todos os coros, onde se costuma rezar e cantar o officio Divino, se vê e ouve continuamente exercitar esta dou-

trina, e ainda os mais sacerdotes de ordens sacras, sob pena de peccado mortal, obrando-se na fórma seguinte:

Antes de se dar principio ás Completas começam os cantores dizendo: *converte nos Deus salutaris noster*, que quer dizer: que só em Deus ponhamos nossos pensamentos. E quando se dá principio ás Matinas, começam dizendo: *Domine, labia mea aperies*, que quer dizer: Senhor, vós me abri a bocca para vos louvar. E quando se principia a reza das Vesporas, começam dizendo: *Deus in adiutorium meum intende*, que quer dizer: Senhor, estai attento e prompto á minha ajuda.

Tudo isto vemos exercitado pontualmente, em todas as religiões, e coros de sacerdotes, donde se costuma cantar e rezar o officio Divino. Pela qual razão todos os sacerdotes estão rogando, e intercedendo a Deus por si, e por todo o povo christão, que somos nós; para que nos livre de máus pensamentos, palavras e obras. Esta é tambem a razão, porque todo o fiel christão está obrigado a fazer estas tres cruces, na testa, na bocca e coração, dizendo: Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, amen.

Finalmente é a cruz um instrumento tão Divino, que não ha lingua humana, que possa explicar seus encomios e predicados, e basta pô-la Christo em seus sagrados hombros, e permittir que nella se consumasse a nossa redempção. E por conhecer este Divino Mestre o quanto nos é importante este santo lenho da cruz, disse: Tomai a vossa cruz, e segui-me. Dando-nos a entender que todos devemos ter nossa cruz de trabalhos neste mundo, e fazermos a cruz para nos livrarmos de nossos inimigos visiveis e invisiveis, e venerarmos a cruz, para o seguirmos, e nos podermos salvar. Santos houveram, que tanto estimavam e veneravam este santo signal da Santa Cruz, que á sua vista se banhavam de infinito gosto. São Pedro de Alcantara se arrebatava em extase á vista da Santa Cruz. E assim fiquem todos entendidos, que sem este santo instrumento da cruz, não podemos ter forças nem valor para nos podermos livrar de nossos inimigos visiveis e invisiveis.

D. Isso é, senhor Reverendo Padre Mestre, que tambem tomara que agora me explicaras. Porque do mais que me tendes dito e ensinado estou muito certo que serve este santo signal da cruz

para nos livrar dos nossos tres inimigos da alma, mas o como tambem serve a cruz para vencermos os inimigos corporaes, é que tomara que mo dissereis.

M. Pois dai-me attenção: determinado aquelle maligno e trahidor povo judaico a prender a Christo bem nosso, convocaram cabos, e soldados de infantaria, levando por guia a Judas (que nunca faltou um destes para semelhantes occasiões); quando se viu accommettido e cercado Christo e seus tres discipulos, Pedro, João e Diogo, daquelle estrepito de gente armada, lhes perguntou o Senhor a quem buscavam? e elles lhe responderam: a Jesus Nazareno. A este tempo metteu São Pedro a mão a sua espada, e cortou a orelha a Malco, e cahiram os judeus em terra de costas por tres vezes. E supposto que logo podia Christo destruir a todos os judeus, como Senhor que é dos exercitos e legiões de anjos, o não permittiu para o bem da nossa redempção.

Mas, tornando ao nosso intento: assim como os judeus onviram a voz do Senhor, lhes appareceu um trovão, e a espada, ou cruz, na mão de São Pedro, um raio ardente, que do trovão tinha sahido. E como viram a Malco sem orelha, temeram os judeus ficarem sem narizes, e por isso cahiram para trás como espantados, e nenhum se atreveu a chegar a prender a Christo, até que disse o Senhor a São Pedro, que mettesse a espada na bainha: *Mitte gladium tuum in vaginam*. (São João, cap. 18). Só então é que chegaram a prender a Christo, innocente cordeiro: sem dúvida por verem diante de si a cruz, representada na espada de São Pedro, porque não ha cousa que mais horror faça ao diabo, e a seus sequazes, que são os judeus, como é verem a cruz, pelo que estamos vendo succeder no mundo.

Vamos ao nosso intento: larga São Pedro a espada, ou cruz; entra em casa de Anaz, diz-lhe uma criada do Pontifice, que tinha cuidado da porta, que elle era discipulo de Christo, negou conhecê-lo. Pouco depois, querendo sahir, accusado pelo mesmo, por outra moça, tornou a negá-lo com juramento, e cantando a este tempo o galo, dahi a uma hora, dizendo-lhe o proprio um parente de Malco, a quem havia cortado a orelha, negou com juramento conhecer a Christo. E depois lembrando-se do que lhe havia dito

seu divino Mestre, e pelo ter visto, se saiu d'ali, e se foi chorar amargamente: nascendo-lhe tudo de ter largado São Pedro a cruz, figurada na espada, com a qual se havia mostrado com valor tão constante; e depois, por se ver sem ella, cahiu na culpa de negar a Christo. Esta foi a razão que tive para vos dizer, que sem a cruz, nos não podemos livrar de nossos inimigos visiveis e invisiveis.

Confirma-se mais o que tenho dito, com o que succedeu a David, porque nunca fôra tão bem succedido, nem tivera o triumpho que teve contra o gigante Goliath, se primeiro não usara da arma da Santa Cruz.

D. Isto é, senhor Reverendo Padre Mestre, que tomara que me dissereis, porque supposto que tenho ouvido contar algumas vezes esse passo da escriptura, que succedeu a David, com o gigante, nunca com tanta individuação que o pudesse entender.

M. Pois ouvi: foi o caso que, estando juntos os Philisteus, para darem batalha aos Israelitas, entre os montes de Judá e Sochet, e postos os arraiaes e exercitos dos Israelitas em um monte defronte, Goliath, philisteu gigante de notavel estatura, pondo-se no meio de entre ambos exercitos, em o vale de Teberintho, assegurado em suas forças e armas, com grande arrogancia, e soberba, desafiou aos israelitas para aquella batalha, e como em quarenta dias continuasse, de manhã e tarde, a fazer essa affronta a Israel, offereceu Saul, a qualquer que houvesse que matasse a Goliath, dar-lhe a sua filha por mulher, e outras muitas riquezas, e fazê-lo livre de todo o tributo.

E não atrevendo-se nenhum, se offereceu para isso David, e confiado em Deus, sem mais armas, só com o seu baculo, e funda, e cinco pedras tiradas de um ribeiro, foi buscar ao gigante, o qual vendo a David o desprezou, e lhe disse muitas injurias, e affrontas. Pegou David na sua funda, e metendo-lhe uma pedra das cinco que trazia, e havia tirado do ribeiro, lhe fez tiro com ella, e cravando no meio da testa do gigante, o fez cahir em terra, e com a sua mesma espada lhe cortou a cabeça; e vendo isto os Philisteus attonitos e espantados se puzeram em fugida.

Trouxe David ao arraial a cabeça de Goliath, que Saul prezou muito ver, conseguida a victoria contra os Philisteus, e destroçado

o gigante Goliath. E Jonathas, filho de Saul, travou uma reciproca amizade, dalli por diante, com David, e levando a cabeça do gigante a Jerusalém, sahiram as mulheres a receberem a David com danças e musicas, dizendo: Saul matou mil e David dez mil. Motivo e razão para dalli por diante perseguir Saul a David, querendo-lhe tirar a vida, faltando ao que lhe havia promettido: como tudo consta da Sagrada Escriptura, que por vos não enfadar, e alongar mais esta pratica, o não repito.

D. Na verdade, senhor Reverendo Padre Mestre, que mui pago e satisfeito estou de vos ter ouvido relatar tão notavel e portentoso caso, que succedeu a David com o gigante, porém, o desejo de saber me faz ser importuno, porque vos ouvi dizer antes de fazeres esta digressão, que David, por tanto prezar a Santa Cruz, fôra tão bem succedido. Tomara que me dissereis (se vos não molestar) como teve David conhecimento da Santa Cruz, para tanto a prezar e venerar antes de padecer nella Christo Senhor Nosso, a sua sagrada morte, è paixão, para nos redimir?

M. Sabei, senhor, que nenhum detrimento me dais, mas antes mui satisfeito estou, e prezo muito ver-vos com essa vontade de perguntares para saberes, porque muitos ha, que conhecem as cousas tão materialmente, que as não podem entender, nem fallar nellas com acerto, por não perguntarem a quem dellas melhor lhes possam dar inteira relação.

Em quanto á razão da pergunta, que me fazeis como David venceu o gigante por ser tão devoto, e venerador da Santa Cruz: sabei que David lhe havia Deus concedido o dom de propheta, e como estava certo e inteirado que havia de vir Christo, verdadeiro Messias, ao mundo, Filho do Eterno Padre, por isso é que obrou e fez tudo tão confiadamente com tão grandes mysterios, e circumstancias, como vos direi.

Porque supposto que houveram outros muitos Prophetas, que bem fallaram, e escreveram, e lamentaram a vinda, morte e paixão de Christo, nenhum com mais clareza e individuação o contou desde seu Divino nascimento, Vida, Paixão, Morte, Resurreição, Ascensão, e admiravel mysterio do Santissimo Sacramento da Eucha-

ristia, como foi David, e por isso teve o epitheto de lhe chamarem o Propheta Rei, e dignar-se Christo que lhe chamassem filho de David: *Hosanna fili David* (Math., cap. 21, v. 9, e 15), além dos mais lugares donde por tal o nomeam na Escriptura Sagrada, e de David descendente. *Liber generationes Jesu Christi filii David. Virum Mariæ, de qua natus est Jesus qui vocatur Christus* (São Math., cap. 1). E pelo primor, e acerto com que escreveu estes Divinos mysterios nos seus Psalmos, teve todas estas prerogativas, e tão bom successo na justa que teve com o gigante.

Com effeito tomou o seu baculo, figura da cruz, rejeitando todas as mais armas que lhe offerecia Saul, poz-se a caminho, e chegando a um ribeiro, representação da corrente deste mundo, delle tirou cinco pedras, em honra e memoria das cinco chagas de Christo, nas quaes escreveu o nome de Deus, que prophetica e futuramente as via, e reconhecia David no sagrado corpo de Christo, como inda hoje existem no seu sacratissimo corpo no céu, para admiração dos Anjos, e gloria dos Bemaventurados. As quaes pedras lavou, e alimpou, e as metteu no surrão, figura e representação dos nossos corpos humanos.

E chegando á vista do gigante, que estava feito um feroz leão, afincou o baculo, a cruz junto de si, e tirou de dentro do surrão uma funda, geroglifico e representação das tres virtudes theologaes, Fé, Esperança e Caridade, e atando a primeira ponta da funda, que representava a Fé, nos tres dedos da mão direita, no indes, do meio e annular, á honra das Tres Pessôas da Santissima Trindade, tirou logo uma pedra do surrão, que cada uma valia por todas, e todas juntas valiam por uma (eu me explico): porque, como estavam engastados estes cinco robins no sacratissimo corpo de Christo Bem Nosso, supposto que no numero fossem cinco, na união, por estarem juntas e esculpidas no sacratissimo corpo de Christo, por isso digo que uma valia por todas, e todas valiam por uma. E não pareça novidade chamar pedra ao sacratissimo corpo de Christo, porque assim lhe chamou metaphoricamente São Paulo: *Petra autem erat Christus* (Ad Corint., c. 10.4), além dos mais lugares da Sagrada Escriptura, donde tambem se compara a Christo com a pedra. Sobre a qual se sustentam estes nossos edificios da

alma espiritual, e se funda toda a Igreja Catholica, e nossa esperança da salvação.

Posta finalmente a pedra no meio da funda, lugar da Esperança, prendeu David a outra ponta, que representava a Caridade, entre o dedo pollegar e o indes, onde se fórma a cruz, e dando tres voltas com a funda, disse logo: Pelo signal da Santa Cruz, livre-nos Deus Nosso Senhor, de nossos inimigos: e despedindo a pedra com todas as tres partes da funda ou virtudes theologaes, fez um circulo, dizendo: em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, amen; e desta sorte se persignou, e benzeu, David.

A este tempo se pregou a pedra na testa do Gigante, e deu com elle em terra, figura do demonio, e peccado, que venceu Christo quando nos remiu pela sua sagrada morte, e paixão, e recolheu David outra vez a funda, ou tres virtudes theologaes, dentro do surrão, representação dos nossos corpos, onde devemos sempre ter estas tres virtudes.

E se foi David para onde estava prostrado em terra o gigante, e com a sua propria espada em fórma de cruz, pela não prezar o gigante como arma defensiva, porém sim por arma offensiva. Cortou-lhe a cabeça, e logo com todo o cuidado e reverencias lhe tirou a preciosa pedra que na testa tinha fincada, e a recolheu ao surrão, e assim ferida e ensanguentada figura de quando sahiu Christo das mãos de seus inimigos depois de os ter vencido.

E não pareça novidade, nem contra razão, dizer eu que David fizera tanta estimação daquella pedra, pela representação que della fez da imagem de Christo, porque tambem nós agora o fazemos, quando vemos a imagem de um santo crucifício feito e esculpido em metal, pedra, marfim, ou madeira &, ou em algum quadro retratado, ao qual lhe damos todo o culto, reverencia, e veneração pela representação da Pessoa de Nosso Divino Redemptor.

Sendo que raras vezes se acha hoje nas salas e escriptorios de alguns cavalheiros christãos uma imagem de Christo Senhor Nosso em vulto ou em quadro pintado, pelo assim os dissuadir o demonio com certas razões de estado, e que mais facilmente se verá o retrato de pai, filho, mulher, ou amigo, por fazerem estas per-

sonagens disso maior apreço, e estimação, que da mesma imagem, ou retrato do Nosso Redemptor.

E assim digo, que muito que David tanta estimação fizesse de uma pedra, que por espirito prophetico se lhe representava naquella Divino Simulaero, ou figura de Christo Bem Nosso, como depois com realidade veio a succeder, e o estamos vendo na Sagrada Pessoa de Christo, e tudo se viu, e executou na sua morte, e paixão, a quem veneramos por nosso verdadeiro Deus, e Salvador.

E supposto que não tenhamos autor, que nos autorize o pensamento, do como David tanta estimação fizesse desta pedra, pela representação que della fez da pessoa de Christo Bem Nosso; a mesma razão nos persuade a crê-lo, porque pedra tão preciosa, que assim obrou, não era razão que perdida ficasse; por isso a recolheu David dentro do surrão outra vez, representação de quando o sagrado corpo de Christo foi recolhido no santo sepulcro, isto é, tambem quando nos nossos corpos, e almas, sempre o devemos de-sejar ter, e recolher, este Divino Deus, não só em figura como se lhe representou a David, mas realmente no Divinissimo Sacramento, como disse este mesmo Senhor, fallando de seu Divino corpo sacramentado; quando disse: *Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo* (S. João, cap. 6, v. 57) que quer dizer: quem come a minha carne, e bebe o meu sangue, fica em mim, e eu fico nelle.

E assim ficai entendido, senhor, que quanto nesta occasião fez, e obrou David, foi mostrar por figura, naquella tempo, o que hoje de presente estamos vendo, e venerando na Divina Pessoa de Christo Bem Nosso figurado, mui cumprida e realmente com toda a certeza o que havia succeder na sua sagrada morte, e paixão; verdadeiro filho do Eterno Padre, como o havia promettido aos patriarchas, prophetas, e consta da Sagrada Escriptura. Esta foi a razão por que vos disse que nada obrou David, naquella occasião, sem que fosse com grande mysterio, por estar muito na certeza do que havia succeder em toda a vida, paixão, morte, e resurreição, e ascensão de Christo Senhor Nosso.

Por ser David aquelle homem tão mimoso de Deus, de quem disse o mesmo Senhor, que tinha achado um homem á medida do

seu coração (Act. 13. 22). Vêde agora, á vista de tão grande mercê, que havia feito Deus a David, se não obraria tudo mui confiadamente na certeza de que havia ser bem succedido, levando por instrumento a arma da Santa Cruz, triumpho de nossa redempção, com que nos livramos de nossos inimigos visiveis e invisiveis.

D. Admiravelmente, senhor Reverendo Padre Mestre, tendes explicado esse portentoso caso, que succedeu a David, com o gigante; e mostrado a razão que teve para tanto se fiar na Santa Cruz em tão evidente perigo, de que estou mui satisfeito de vos ter ouvido, porque bem vos posso affirmar, que tendo lido alguns livros, e ouvido a muitos prégadores, nem li, nem ouvi praticar nos pulpitos, com essa individuação. Porém só me resta perguntar-vos, como vendo os philisteus ao seu capitão morto, e destroncada a cabeça do corpo por David, delle não tomaram logo vingança?

M. Respondo: não vêdes que David estava com a cruz nas mãos que era a espada do gigante, e os philisteus representavam as figuras dos demonios; e os diabos, e seus sequazes, vendo a Santa Cruz, fogem logo, como já tenho dito, e não podem resistir. Por isso, nenhum dos Philisteus tiveram valor de tomarem vingança de David, mas antes fugiram todos.

D. Bem vos posso affirmar, senhor Revcrendo Padre Mestre, que melhor me não puderas satisfazer a pergunta que vos fiz, como foi com a resposta e solução que me tendes dado pelas formaes razões e doutrina que tendes feito, com os famosos exemplos que tendes trazido, como se deve tanto confiar na Santa Cruz para nossa defesa, que permitta Deus que nos sirvam para bem de nossas salvações.

M. Assim permitta Deus que succeda, e a todos fieis christãos que forem devotos, e amarem a Santa Cruz, como escudo forte para nos livrar Deus de nossos inimigos visiveis e invisiveis.

E agora acabarei esta pratica, dizendo: que todo aquelle que amar, e venerar a Santa Cruz, será neste mundo, livre de todos os perigos visiveis e invisiveis, e de todas as tentações; se com viva fé a venerarmos; por ser este santo signal da Cruz escudo com que a alma e o corpo se defendem dos tres inimigos da alma: mundo, diabo e carne; espada com que se degolam os demonios, e delles

NUNO MARQUES PEREIRA

triumphamos; antidoto da alma, remedio para domar a carne, guarda da virgindade. Finalmente, chave do Paraiso, com que se abre a porta da Bemaventurança. Amen.

A assim acabaram os dois Religiosos a sua pratica da doutrina, e eu me fui para o meu jazigo, ou casa dos romeiros.

NOTAS AO CAPITULO XVII

(1) O Padre João da Fonseca (1632-1701), virtuoso e sábio jesuita, escreveu "*Escola da doutrina cristã em que se ensina o que é obrigado a saber todo o cristão*", Evora 1688.

(2) O "Baculo Pastoral" para administração dos Sacramentos e mais obrigações paroquiais, é do Padre Antonio de Saldanha (1598-1663), cf. Barbosa Machado, *Bibl. Lus.*, s/v e Carlos Sommervogel, *Bibl. de la Com.*, VII, 459.

(3) Rodéla é o escudo que se conhece no Brasil, e dá nome aos indios do S. Francisco, "rodelas" ou "rodeleiros", cariris submetidos á influência da Casa da Torre e catequizados pelos capuchinhos francêses. Estendeu-se o designativo ao sertão entre o Salitre e o rio Grande transitado pelos pioneiros daquela Casa nas suas expedições preparatórias da conquista do Piauí. "...Pavêzes ou rodélas", diz Frei Vicente do Salvador, *Hist. do Bras.*, p. 65. Melhor vernáculo: "...e levando espadas e rodélas..", Jacinto Freire de Andrada, *Vida de D. João de Castro*, p. 192, Lisboa, 1651.

CAPITULO XVIII

Do que mais viu o Peregrino, no seguinte dia, tratar os dois Religiosos, na sua pratica, acerca de como devemos ser apressados, e diligentes em buscarmos a Santa Doutrina, que é a palavra de Deus. E como nos é muito necessario padecer enfermidades, e miserias, e trabalhos; com varios exemplos mui conducentes para o bem da salvação.

CUIDADOSO e desvelado passei aquella noite, pelo intrinseco desejo de tornar a ver, e ouvir os dous religiosos fazerem a sua doutrina, quando deu o relógio cinco horas. Levantei-me da cama, e abrindo a porta, a tempo que o sol com seus luzidos raios, iluminava a essa esphera celeste, e redondeza da terra. Fui para a igreja por estar já a porta aberta, e depois de ouvir a primeira missa, me tornei a recolher para a casa dos romeiros, onde passei o dia, até que deu o relógio duas horas, e o sino signal para a entrada da missão. Encaminhei logo meus passos para a igreja, e depois de ter feito oração, me tornei sentar no mesmo lugar, donde havia estado no dia antecedente. A este tempo chegaram os dois religiosos, que haviam feito a doutrina no dia dantes, e logo um e outro subiram aos dois pulpitos: e rompeu o discipulo nestas palavras:

D. Fui hontem, senhor Reverendo Padre Mestre, tão satisfeito de vos ter ouvido fazer a vossa doutrina, que por isso com tanta pressa e desvello a venho hoje mais cedo buscar.

M. Não vos pareça, senhor, que prezo pouco ver-vos com esse cuidado e pressa de procurares ouvir a palavra de Deus, que é a santa doutrina. Porque é certo que muito se paga este Divino Se-

nhor de nos ver fervorosos, e apressados no seu santo serviço; e se não, reparai:

Mandou Deus a Abrahão, que lhe sacrificasse a seu filho Isaac. Obedeceu o patriarcha, e sem mais se dilatar, metteu-se logo a caminho, com grande pressa, e cuidado de obedecer ao mandado de Deus. Chega finalmente ao lugar do sacrificio, quando estava para descarregar com a espada sobre o innocente menino, manda Deus a um Anjo que lhe reparasse o golpe. (Genes. 22. n. 11). E por fazer Abrahão esta acção, tão generosa e apressadamente, teve de Deus a promessa de multiplicar a sua descendencia, como estrellas. (Ibid. n. 12).

Com Deus estava Moysés, no alto do Monte Sinai, tratando negocios do seu povo, quando lhe mandou Deus que desse depressa ao valle, porque havia peccado o povo, adorando a um bezerro. E porque lhe parecia aquella gente de pouca fé, o faria principe, e capitão de outro melhor povo. (Ex. 31. Deut. 9)

Parte Moysés apressadamente, desce do monte ao valle, e quebra as duas taboas da lei, e reprehende a Arão. Mata aquelle dia vinte e tres mil idolatras. E que vos parece que mereceu Moysés de ser tão apressado e pontual em obedecer ao mandado de Deus? Morrer na sua divina presença, e ser enterrado pelos Anjos em o valle da terra de Moab. E ter na terra o nome de vice Deus, pelo que obrou no serviço de Deus. (Deut. 34).

Foi David mui favorecido de Deus neste mundo, livrando-o de grandes perigos pela promptidão de o servir em varias occasiões, em que o mandou de seu agrado, e por isso teve a prerogativa, e merecimento de lhe dizer Deus, que tinha achado a um homem a medida do seu coração. (Act. 13. 12).

Na lei da Graça não foram menos premiados os santos, por serem prompts e apressados em obedecerem a sua santa vontade. Junto do mar da Galiléa andava Christo, verdadeiro Deus, filho do Eterno Padre, quando viu Pedro e André, irmãos, que estavam pescando; disse-lhes o Senhor que o seguissem; ambos, sem mais dilação, largaram barcos e rêdes, promptamente o acompanharam. Depois chama o mesmo Senhor a João e a Diogo, ambos tambem irmãos, e pescadores, e lhes mandou que o seguissem, e um e outro.

sem demora, e mui apressadamente seguiram a Christo, a ouvir, e aprender a sua santa doutrina: e que vos parece que succedeu a estes santos Apostolos? Terem o merecimento de entrarem no Santo Apostolado, e gozarem da Eterna gloria. (Mat., cap. 4.º. Mar., cap. 1.º).

O mesmo succedeu a Magdalena por logo buscar a seu Divino Mestre, e abraçar a sua santa doutrina. E as santas mulheres, por irem tão cedo, e apressadamente na manhã da ressurreição buscar a Christo, por isso tiveram a dita de o acharem resuscitado, primeiro que os Apostolos. E a este respeito todos os santos, que foram promptos e sem demora buscar a santa doutrina da lei da Graça, foram de Deus premiados.

E pelo contrario todos aquelles que logo não seguiram a Christo, e sua doutrina, foram reprovados. E se não, vêde o que succedeu áquelle principe, ou mancebo rico, quando disse a Christo: que faria para alcançar a vida eterna? Disse-lhe o Senhor: Guarda os dez mandamentos. Respondeu-lhe o principe, que desde moço o tinha feito. A este dizer lhe disse Christo que fosse, e que vendesse tudo, e o repartisse pelos pobres, e que feito isto que viesse, e o seguisse. Com esta resposta se foi o moço, e não tornou mais. (Mat. 10. Marc. 19. Luc. 18).

Mandou o Pai de familias convidar a algumas pessoas para um banquete, e por se escusarem com varias desculpas, ficaram estes excluidos da graça de Deus, e mandando chamar a outros, que promptamente chegaram, foram admittidos; porém, porque chegou um tarde sem vestia nupcial, que eram as boas obras, e vontade de servir a Deus, o mandou amarrar de pés e mãos, e lançá-lo no fogo. (Mat., cap. 22). As virgens loucas, por se descuidarem, e não virem apressadamente, como vieram as cinco prudentes, proverem as lampadas, quando chegaram e bateram á porta, lhes foi respondido que as não conheciam: e por isso se lhes fechara a porta, dizendo-lhes: *Nescio vos, clausa est janua.* (São Mat. 25). Por esta parabola do Evangelho se entende todos aquelles, que tarde vão buscar as igrejas a ouvir a palavra de Deus. E por isso experimentam varios castigos; e serem deixados de Deus nesta vida, e depois castigados no inferno.

Finalmente por isso parece que permittiu Deus se pintassem os Anjos com azas, para nos mostrar, que se os ministros o servem voando, os santos, patriarchas, martyres, confessores, e todos os mais que desejarem servir a Deus por correrem apressados em seu santo serviço, e vocação, como já vos disse, tiveram o agrado de Deus nesta vida, e depois o premio da gloria.

Até das historias profanas consta que houveram autores que aborreceram os vagares. Nunca Alexandre Magno fora tão bem succedido, se não fôra tão apressado nas suas batalhas, pelo que consta da sua vida; porque nunca deixou para outro dia, o que naquelle podia fazer.

Trouxe-vos estes exemplos, para vos dizer o quanto me tendes satisfeito de vos ter ouvido manifestar que viestes hoje mais cedo e apressadamente para ouvires a palavra de Deus, que é a santa doutrina. Porém isto supposto, e o mais que vos pudera dizer acerca deste particular, sabei que temos hoje um assumpto mui difficultoso de o persuadir abraçá-lo, principalmente de todos aquelles que só amam os bens temporais, e delles fazem tanto apreço e estimação, fugindo de padecer molestias, enfermidades, trabalhos e miserias neste mundo. Mas como seja de tanta importancia para bem da nossa salvação, me arrojo a tratar delle, pedindo em primeiro lugar a graça divina para lhe dar principio.

E vem a ser: que é muito necessario padecer, para merecer, isto é, pobreza, desprezos, trabalhos e enfermidades. Porque tudo isto repugna a natureza: por essa causa digo que será pouco aceito o nosso assumpto. Mas por ser materia tão importante, e precisa, necessariamente della devemos de tratar; e justamente por ser um preparatorio mui necessario para a hora da morte.

Porque haveis de saber, que assim como não pode haver noite sem tarde, nem dia sem noite, assim tambem não pode haver morte sem a tarde dos achaques, nem dia sem passar pela noite dos trabalhos desta vida. Isto é, que para gozarmos do dia para sempre, que é a Bemaventurança, nos é necessario padecer todas penalidades desta vida.

Por isso Job, como tão experimentado, e com tão largas experiencias no que havia padecido, com espirito profetico, e por ser

tão mimoso de Deus, rompeu naquella lição, tantas vezes cantada nos coros, como decantada nos pulpitos, dizendo: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletus multis miseris* (Job, 14. v. 1) e assim nos está ensinando, que devemos padecer trabalhos, misérias, para termos merecimento com Deus, havendo de nossa parte conformidade, e paciencia nos trabalhos.

E São Paulo dizia de si, quando enfermava do corpo, se achava mais valente da alma: *Cum infirmar, tunc fortior sum*. (Ad Corint. 11) e na outra parte accrescenta o mesmo Apostolo: que a virtude da alma se aperfeiçoa com a enfermidade do corpo: *virtus in infirmitate perficitur* (Ad Corint., 12).

E assim digo, que é tão necessario padecer trabalhos e enfermidades nos corpos, que sem isso parece ser mui dificultoso a nossa salvação. E se não, reparai uma das razões porque o permite Deus e nos obriga a Igreja sob pena de peccado mortal, que jejuemos, e façamos penitencias, e mais abstinencias. É sem duvida, que assim o manda Deus, para rebater o vicio de nossos corpos, e para que não tenha a carne dominio no espirito.

Isto não é outra cousa, senão fazer que os corpos se debilitem do vigoroso de suas forças e que não estejam tão cheios de forças que se dêem a vicios e se esqueçam da morte por falta de enfermidades. Por isso Adão e Eva, emquanto o espirito dominou a carne, estiveram em graça; e depois que a carne e o appetite da gula dominou o espirito, logo perderam a graça, e cahiram na culpa. Isto que vemos nos nossos corpos, se experimenta nas creaturas irracionais, por conveniencia da saude temporal quando se fazem enfermos; os passaros ha tempo, em que largam as pennas, para depois se refazerem de novos pennachos; as cobras largam a pelle, o marisco as cascas, para de novo se refazerem de forças; alfim, até as arvores largam as folhas, e se fazem murchas para depois reverdecerem, e darem fructo. As parreiras na Europa é necessario podá-las, para darem uvas; as roseiras feri-las para darem rosas. Na America, quando a lavoura da mandioca vem mui viçosa e deitam muitos galhos os decotam para darem raizes de que se faz a farinha; porque já ouvirieis dizer: esta arvore, por vicejar muito, não dá fructo.

Isto que succede nas aves, animais terrestres, mariscos e plantas, tambem é conveniente que experimentem as creaturas racionais para darem fructo a Deus das boas obras. Porque vereis que todo o homem, ou mulher viciosos, não se occupam em outra cousa que em peccarem, offendendo ao seu creador, como mostra a larga experiencia.

E pelo contrario os homens e mulheres penitentes que usam de se mortificarem, ou padecerem enfermidades, os vereis mui devotos, e retirados de offenderem a Deus e aos seus proximos. El-Rei Antigono de Macedonia, convalecendo de uma grave enfermidade, dizia que fora beneficio dos deuses, pois conhecia que era mortal: isto dizia um rei gentio, e com quanta mais razão podemos nós dizer, pelos avisos, que nos faz Deus, quando nos dá trabalhos e doencas para nos emendarmos de nossos vicios e peccados. Porisso a madre Elena de bons senhores, padecendo uma grave enfermidade de dores, e febre, quando algumas das suas religiosas lhe perguntava como se achava?, respondia: Bellissimamente, porque estou como Deus quer. Isto sim, é viver uma creatura resignada na vontade de Deus.

De São Philippe Neri se conta, que quando alguem lhe dizia que não podia soffrer as miserias, e enfermidades, dizia o santo: Antes deveis dizer que não sois digno de tanto bem; porque não ha signal mais certo, nem mais claro do amor de Deus, do que haver enfermidades e trabalhos. Assim o escreve na sua vida Beltrão, (L. II, cap. 15); por isso os Santos e varões illustrados votaram ser de grande utilidade padecerem os corpos molestias e achaques, para terem merecimentos para com Deus.

O Conde de Adriano, Santo Elzeario, aquelle pasmo de virtude e penitencia, na hora da morte por ver uma horrivel visão diabolica, exclamou dizendo: Miseravel aquelle que a ti chega sem penitencia ou enfermidade, pela qual tenha merecido satisfação de seus peccados.

Visitando uns monges a outro que vivia trinta annos em uma cisterna, ficaram admirados da constancia com que tolerava a aspereza de um lugar tão horrendo. Respondeu-lhes elle: Toda a mor-

tificação que aqui padeço, se não pode comparar com o tormento do inferno, por ser eterno.

Faz Deus conosco, como Pai com o filho travesso, que enquanto se não emenda, continua os açoites, e só se escapa delles, quando se conforma com a vontade de seu Pai. Assim tambem Deus, pai nosso amantissimo; a filhos desobedientes, nos castiga para ver se nos emendamos com trabalhos, pobreza, miserias e doengas.

D. Supposto, senhor Reverendo Padre Mestre, que estou mui satisfeito de vos ter ouvido tratar com tão solidos fundamentos, na doutrina que tendes feito, porém tenho uma objeção ou instancia mui forçosa a ella. E vem a ser: porque vejo que nos quereis persuadir, que é mui necessario e preciso, padecer pobreza, trabalhos e doengas para nos podermos salvar; sem acceitares nenhuma outra razão, quando sei que não ha vivente, que não deseje passar nesta vida com algum remedio para se poder sustentar. E sobre tudo ter saude; por ser esta uma disposição, que por si se constitue para fazer bem todas suas acções: disse todas, porque o bom em a medicina, é como moralmente aquillo que nos é util e necessario para termos uma perfeita saude, e disposição, para usar della. E o mesmo ensina Aristoteles, dizendo: que a saude era comparativamente cousa boa. Galeno lhe chamou symetria, que é o mesmo que proporção e relação do bom. Isto é falar temporal e fisicamente a respeito do quanto nos é util e necessario termos saude para della usarmos em todas nossas acções.

Porém, fallando agora acerca deste mesmo intento: que me direis, senhor Reverendo Padre, do que vemos succeder, e praticar-se, todas as horas do mundo? e vem a ser: topa-se um homem com outro, ou o vai buscar á sua casa, a primeira cousa que faz nos termos de se cumprimentarem, é perguntar o que vem de fóra, ao que topou na rua, ou achou em casa, o como passa de saúde? E se lhe respondem que bem, diz-lhe o que fez a pergunta, que estima muito. E se lhe dizem que mal, diz-lhe o amigo, ou hospede: que lhe peza de o ver padecer queixas, e que Deus lhe dê a saúde que deseja.

Tambem vejo praticar, que nas cartas missivas, que costumam

escrever os homens, uns aos outros, logo nas primeiras regras, rompem dizendo: muito estimarei que esta carta ache a vossa mercê gozando mui perfeita saúde, para eu nesse particular não ter mais que desejar &. Finalmente o que reparo é, que não ha creatura racional, que não appetença a saúde. E se por algum incidente succede adoecer, são tantos os rogos, e deprecações a Deus, e a seus santos, que não ha instante, que lhes não estejam pedindo a saúde.

De mais, senhor Reverendo Padre, que pelo que tenho lido, e consta da Sagrada Escriptura, é que Christo Bem Nosso, emquanto andou e esteve no mundo entre os homens, um dos maiores empregos de sua Divina Misericordia foi dar saúde aos enfermos, ressuscitar mortos, dar vista a cegos, curar surdos e aleijados, sarando ao paralytico. E por isso muitas pessoas traziam meninos a sua presença, para que os tocasse com suas sagradas mãos, e os abençoassem, para terem saúde; os sagrados Apostolos, parecendo-lhes causaria isto molestia a Christo, não davam lugar a que chegassem: reparando nisto, o Senhor mandou que os não prohibissem, e tomando-os em suas Divinas mãos, os benzia, e sarava, affirmando que o Reino do céu não havia de ser para outros, senão para os que fossem puros, e innocentes, como aquelles meninos. (Mat. 19. Mar. 10. Luc. 18)

Tambem vejo que se diz no Credo, que veio Christo ao mundo por nossa saúde: *propter nostram salutem*. E na ladainha de Nossa Senhora, a invocamos por *Salus infirmorum*. E sendo assim, parece que de nenhum modo offendemos a Deus em lhe pedirmos nos dê saúde temporal. Porque sei eu, que muitos com ella fazem muitos serviços a Deus.

M. Assim parece, senhor, quando pedimos a Deus que nos dê saúde para o servirmos, e amá-lo, como somos obrigados fazê-lo. Porque bem sei que tambem com saúde se pode servir a Deus, porque nos ensina a Igreja, e a santa doutrina nos diz, que foi o homem creado para reconhecer, amar e servir a Deus Nosso Senhor, e por este meio salvar a sua alma: occupando-se com todas as forças corporaes e espirituaes, em amá-lo e servi-lo, por ser este o fim que devemos procurar, e solicitar. Empregando todas as nossas forças em bem dizer, e louvar a nosso Creador: ou estejamos

enfermos, ou com saúde. Em quanto ao mais, haveis de saber que, supposto se diga no Credo, que veio Deus ao mundo por nossa saúde, isto é fallando da saúde espiritual das nossas almas. E se invocamos a Senhora por tantos titulos nossa advogada, e saúde dos enfermos, é para que della alcancemos a saúde espiritual e temporal para empregarmos em serviço do seu Divino Filho. Porque procurar a saúde do corpo para com ella offender a Deus, melhor é padecer enfermidades, para o louvarmos, que de outra sorte era pedirmos a Deus meios de nossa perdição, como a muitos tem succedido.

De mais que todos aquelles que Christo curou emquanto esteve no mundo, lho souberam agradecer, e louvar pelos beneficios que delle receberam, reformando suas vidas, em santo serviço de Deus, como succedeu a Lazaro, a quem resuscitou Christo, o qual acabou a vida com mui conhecida virtude, e sua irmã Martha o acclamou, e confessou a Christo por verdadeiro Filho de Deus vivo. (São João, cap. 11, v. 43).

Os cegos, surdos, mudos e aleijados, todos acclamaram a Christo por verdadeiro filho de Deus, e por santissimo. (Marc. 1. Luc. 3).

O paralytico, que havia trinta e oito annos, que estava na piscina, lhe deu Christo saúde, o qual se mostrou mui agradecido. (São João, 5). O centurião, que era gentio, por lhe dar Christo saúde a um criado que estava doente, o louvou e engrandeceu, por ver que havia Christo feito aquelle milagre sem ser necessario ir a sua casa. (Mat. 12).

Finalmente o que resultava deste zelo, e caridade, com que se havia Christo com os enfermos, era para que todos se convertessem á verdadeira saúde da alma. E assim digo que fôra falta de conhecimento de fé, presumirmos que nos dá Deus saúde para offendê-lo. Porque haveis de saber, que as doencas e enfermidades antes da morte são occasiões e preparos para nos pormos bem com Deus, e delle alcançarmos a sua graça, por meio do sacramento da penitencia, que é a confissão, e recebermos o Divino Sacramento por viatico, que vale o mesmo que matalotage para o caminho do céu.

Porque o mesmo Filho de Deus Jesus Christo, verdadeiro exemplar de nossas almas, e vidas, nos deixou esse exemplo. Porque antes de padecer a sua sacratissima paixão e morte, para nos remir do peccado, tambem quiz padecer trabalhos e enfermidades, porque além das chagas que padeceu no seu santissimo corpo, dos muitos e infinitos tormentos, que lhe fabricaram seus crueis infernaes inimigos: *vere languores nostros* (Isaias, cap. 53, v. 4); porque tambem do mesmo Christo Senhor Nosso disse o mesmo Isaias que da planta dos pés até o alto da cabeça, lhe não ficou membro são: *A planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo sanitas* (capitulo 1). Em outro lugar, o mesmo Propheta: *vir dolorum, est sciens infirmitatem* (cap. 53). Além disto já tinha este Divino Amante enfermado de amor: *amore languero* (Cant. c. 5. v. 8), pois os signaes bem mostravam nos effeitos, porque assim como se viu perto da morte: *ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* (S. João, 13), tratou logo de se sacramentar, para nos dar exemplo, tomando no cenaculo o Divino Sacramento por modo de viatico. Assim o diz Santo Thomaz (3. P. quest. 81, artic. 10; Tertul. datus q. 2) referidos por Silveira (n. 5, cap. 8, q. 3 e 4, pag. 114), que affirmam que o Senhor se commungara a si proprio em ambas as especies de pão e vinho. Para nos mostrar que para irmos bem aparelhados no fim da vida, devemos ir lavados de nossas culpas, e livres de peccado, com o sacramento da penitencia, que é a confissão, levando para matalotagem do caminho, por modo de viatico, o Santissimo Sacramento.

E supposto que este Divino Deus era impeccavel, e não necessitava destes sacramentos, por nos dar exemplo e aos Santos Apostolos, o quiz exercitar, e na pessoa de seus discipulos, administrando-lhes este Divino Sacramento da penitencia quando, levantando-se da mesa, lavou os pés a São Pedro, e aos mais discipulos, com grande mysterio da pureza, e limpeza, que devemos ter antes de recebermos o Divino Sacramento. (São João, 13).

E tornando-se depois a sentar á mesa, tomando o pão e vinho, em suas mãos os consagrou, e converteu em seu Divino corpo e sangue, e commungou, e os deu a seus discipulos para que tambem os recebessem, mandando-lhes que fizessem o mesmo em memoria sua:

(Mat. 26. Marc. 14) para exemplo e proveito nosso, que tanto como isto nos amou este Divino Deus, que nos quiz ensinar o como nos haviamos de haver na enfermidade, e perigo da morte. E por isso diz São Paulo: *per multas tribulationes nos oportet intrare in regnum Dei*. (Act. Apost., cap. 14, v. 21) quer dizer: que por muitas tribulações, é força que entremos no Reino do céu.

D. Estou mui satisfeito, senhor Reverendo Padre Mestre, da grande doutrina, que me tendes dado com o exemplo de Christo Bem Nosso, e mais autoridades, porém, pergunto, senhor Reverendo Padre Mestre: como commungaram os discipulos sem preceder o sacramento da penitencia, que é a confissão, e contrição, e dôr de haver peccado?

M. Respondo: porque haveis de saber que aquelle acto de lavar Christo os pés a seus discipulos, como já vos disse, se entende que foi a confissão, que lhes fez Christo na representação de como nos devemos de lavar antes de receber o Divino Sacramento com a confissão, e proposito firme de não offender mais a Deus. Houve lagrimas de arrependimento, porque todos os Apostolos derramaram muitas lagrimas, por verem o seu Divino Mestre exercitar um acto de tanta humildade, e por conhecerem daquelle Divino Deus, que tudo obrava para nosso proveito, e salvação. Houve tambem absolvição da parte daquelle summo sacerdote altissimo, depois que a todos lavou os pés. E supposto que tambem Judas assistiu a tão Divino acto, nada lhe aproveitou, por ter o diabo no coração, como succede a alguns peccadores, que se confessam, sem dôr e proposito firme de emenda de suas culpas.

E assim ficai entendido, que todo o meu intento é mostrar-vos o quanto nos é necessario padecermos achaques, e enfermidades, como avisos que nos manda Deus, para que antes da hora da morte, nos saibamos aproveitar deste divino remedio do sacramento da penitencia, como taboa, em que nos devemos salvar do naufragio deste mundo, em que andamos tão arriscados. E será grande misericordia de Deus, darmos tempo com estes avisos das enfermidades, para nos podermos confessar, e sacramentar, para por esse meio nos pormos em sua graça. Porque diz São João Chrysostomo, que Deus glorifica os santos em os céus: porém, os que padecem

em a terra, glorifica Deus, dando-lhes graças por suas penas. E tambem é grande merecimento dos que padecem doenças e miserias com paciencia, porque acompanham a humanidade de Christo, com a semelhança da sua paixão, e a Divindade pela conformidade da paciencia.

D. Na verdade, senhor Reverendo Padre Mestre, vos digo, que mui pago e satisfeito estou do que vos tenho ouvido praticar, com tão verdadeiros exemplos. E agora conheço que é mui proveitoso e necessario padecer doenças, trabalhos, e necessidades, para alcançarmos a graça de Deus: sem as quaes cousas, me parece impossivel alcançar a salvação, pelo que tendes dito, e a larga experiencia o tem mostrado.

M. Visto como, senhor, vos considero tão pago e satisfeito do que me tendes ouvido, tambem será já tempo de acabarmos este discurso, e será com esta petição, ou supplica a Christo Bem Nosso:

Aqui chego, Senhor, mais pobre e necessitado que o Prodigio, quando chegou a casa de seu Pai, a pedir-vos uma esmola pela vossa Divina morte e paixão, batendo e adorando a essas divinas portas de vosso sacratissimo corpo, que são as cinco chagas, com os olhos arrazados em lagrimas. Por ter sido aquella creatura a mais ingrata que teve o mundo, pois me não soube aproveitar dos grandes haveres de vossa misericordia, e dos repetidos auxilios de vossa graça, que podendo ser um santo com a vossa graça tenho sido o maior peccador que sustenta a terra, e cobre o céu. E por isso aqui chego, Divino Senhor, arrependido, como pobre necessitado, enfermo de muitas culpas, a pedir-vos uma esmola para esta pobre, e tão necessitada alma; peço-vos que me não deixeis ir com as mãos vasiaes, fiado em que tendes dito, que vos peçamos, e iremos de vossas liberaes mãos remediados. (S. Mat., cap. 7).

Vêde, Senhor: que o mandastes dizer por S. Lucas que viestes ao mundo chamar aos peccadores a penitencia (cap. 5. 32). E as mais promessas que tendes feito, e constam da Sagrada Escrip-tura. Aqui tendes a esta vossa ovelha perdida do rebanho das mais. entre os ferozes lobos infernaes. Levai-me em vossa companhia, peço-vos pela piedade de vossa Divina Mãi, e sempre Virgem Maria Senhora Nossa. E por todos os Anjos e Santos da côrte do Céu,

que continuamente vos estão louvando, e louvarão eternamente. Que de mim vos compadeças com uma esmola de um auxilio effi-
caz da vossa graça, para que de hoje por diante vos ame, e sirva até o fim da minha vida, e hora da morte; para que tenha a dita de ouvir dessa Divina e sagrada bocca dizeres-me, e aos mais que o merecerem: Vinde, Bemditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está aparelhado, desde a constituição do mundo: *Venite, benedicti, &*. (Mat. 25).

CAPITULO XIX

Em que se dá principio aos quatro Novissimos do homem, e se começa a discorrer pelo primeiro, que é a Morte; com varios exemplos para desapegarmos a vontade deste mundo, e vivermos sempre no conhecimento, que havemos morrer, fazendo desde logo o que desejamos ter feito de bem na hora da morte.

JÁ se retiravam as negras sombras da noite, por verem a bella aurora luzir com seus resplendores. A este tempo deu o relógio cinco horas por ser já clara manhã. Levantei-me; e assim como deu o sino signal para a entrada da missa, promptamente a fui ouvir, e depois me tornei para casa dos romeiros, onde estive esperando que se tornasse a dar principio á missão, até que depois das duas horas se deu signal para a entrada da doutrina. E com effeito tornei para a igreja e fui buscar o lugar onde me havia consignado o religioso Frei Deziderio, eis que logo chegaram os dois religiosos, que um e outro subiram aos seus pulpitos, e rompeu o discipulo nestas palavras:

D. Sabei, senhor Reverendo Padre Mestre, que se o não tivera dito S. Agostinho, eu o dissera, que é a palavra de Deus pão e sustento da alma, quando disse o Santo: *panis est verbum Dei: quando legis, quando accedis, manducas* — quer dizer: quando lêes, quando ouves a palavra de Deus, comes. (Tom. 8, in Psal. 36. Concil. 3 vs. *junior fui &*).

E na verdade que assim é, pelos effeitos que em mim tenho experimentado; porque bem vos posso certificar, que depois que vos tenho ouvido praticar a santa palavra de Deus, na doutrina

que tendes feito estes dias, me sinto com duplicadas forças, tanto no corpo, como no espirito; porque antes disso me sentia tibio, e com grande frouxidão na vontade de ir ás igrejas, ouvir os officios divinos, que me parecia andava eu acompanhado de algum diabo arromadiço, conforme o affirmam alguns mestres de espirito. O Padre Bernardes o diz no seu livro *Luz e Calor* (1), n. 19, a fl. 16, que ha esta casta de espiritos malignos, que nos impelem o corpo e alma, para não podermos dar a lição espiritual. Porém, já agora, graças a Deus, me sinto com forças mais robustas, para ouvir a palavra de Deus.

M. Agora estou mais satisfeito, pelo que vos acabo de ouvir, senhor: porque vos considero pessoa lida, e versada na lição dos livros espirituaes. Porque na verdade assim é, como tendes dito, e autorizado com S. Agostinho: e em proprios termos São João Chrysostomo quando disse: *ut enim aluntur corpora, sic aluntur est anima; sed cor pane, anima sermone*: que quer dizer: assim como os corpos se sustentam, assim tambem se refazem e se alimentam as almas: os corpos com o comer vivem, e se sustentam as almas com a palavra de Deus. (Tom. 1.º e verb. Iza. hom. 4, in princ.).

Porém, isto supposto, vamos ao nosso assumpto, que será fundado e ordenado nos quatro Novissimos do homem, para vivermos uma vida reformada, e termos uma morte preciosa, fazendo desde logo o que desejamos então ter feito naquella ultima hora, não dando tantas rédeas aos nossos appetites: que por isso nos aconselha o Espirito Santo, dizendo por bocca do Sabio: *memorare novissima tua, et in aeternum non peccabis* (Eccl. 7, n. 40) Pelas quaes palavras nos reccommenda que cuidemos que havemos de morrer, e depois sermos julgados no Tribunal divino, dos bens e males, que neste mundo tivermos feito: se mal, condemnados ao inferno por uma eternidade; e se bem, cobrado teremos o premio da bemaventurança para sempre.

Por ser a lembrança da morte um poderoso meio para sarar todos nossos males espirituaes, e para pôr a alma em perfeita saúde. Servirá de abonador desta verdade o Propheta Rei David, quando disse: Meu Soberano Senhor, eu tinha grande trabalho em perdoar as injurias, e aggravos, que meus inimigos me faziam: a castidade

me parecia difficultosa de guardar: o desprezo me parecia intoleravel; em uma palavra só: eu achava todos os vossos mandamentos quasi impossiveis. Mas quando eu maduramente considerei que tudo aqui abaixo se acaba, este caminho estreito se alargou por si mesmo, a castidade me pareceu facil, e todos os vossos mandamentos mui dignos de se poderem guardar. (Psalm. 118. 96).

Isaias confirmara esta verdade tambem: porque diz elle que os peccados de Babylonia, e os castigos que Deus lhe havia enviado; que a causa de seus males foi não se lembrarem da morte (Tren. 1. 9) e buscando a origem dos vicios, que reinavam em Jerusalém, assegura não ser outra que a pouca lembrança, que ella tinha do seu fim.

D. Nunca vos poderei negar, senhor Reverendo Padre Mestre, essa vossa doutrina, e maximas tão certas, comprovadas com perfeitas autoridades; porém tambem sei que diz o Ecclesiastico, cap. 41, n. 1: *O mors, quam amara est memoria tua homine!* que a lembrança da morte amarga ao homem. E sendo assim, como poderá o vivente appetecer um trago tão amargoso, que lhe não sirva de molestia, e de detrimento á vida?

M. Ora notai que por isso mesmo é conveniente o amargor da morte; porque inda para a saúde corporal serve. Já ouvirieis dizer aos mestres da medicina, que tudo aquillo que nos adoça a bocca nos faz amargar o estomago, e por isso se costuma applicar aos enfermos purgas e pirolas amargosas para a saúde temporal. Assim vos digo que isto que nos succede nos nossos corpos, com maior razão nos deve servir para a alma, e vida espirital, por ser cousa bem sabida, que todos aquelles, que neste mundo gozam gostos, prazeres, e regalos, com saúde, no fim da vida o vão amargar com crueis penas no inferno. Porque é cousa certa, e indubitavel, que não podem haver duas glorias, tê-las nesta vida, e depois gozá-las na outra. É incompativel, e não pode ser, como o ensinam os santos padres, e mestres de espirito. Christo Senhor Nosso assim o confirmou, quando disse que tomassemos a nossa cruz para o seguirmos. Isto é, dôres, trabalhos, desprezos e enfermidades, e todas as mais penalidades deste mundo, como já o tenho dito, e

mostrado nesta mesma doutrina; e por isso me escuso de autorizar o lugar.

Porém, haveis de saber, que a morte é horrivel e amargosa, para os mundanos, que appetecem gozar dos gostos e deleites deste mundo, o qual, como inimigo das nossas almas, tanto com esses prazeres, e gostos, nos convida: e por isso a estes lhes parece a morte tão amargosa.

E se não, reparai nos termos destas certas verdades. Visto como não acabastes o verso, acabarei eu agora. Diz o Ecclesiastico: *o mors, quam amara est memoria tua homine, in substantii juvat!* que quer dizer: oh morte, quão amargosa, e intoleravel é a tua memoria ao homem, que só trata de viver nos deleites deste mundo. E por contraposição, diz outro verso — *o mors, quam dulcis est memoria tua homine pacem habenti!* — que se entende assim: oh morte, quam suave é a tua memoria ao homem que tem paz com Deus!

Agora vereis o quanto é diversa uma sentença da outra: de sorte que aos que amam e servem a Deus não pode haver cousa mais suave, como adiante vos mostrarei. Mas para os que só tratam de gozar os gostos e deleites deste mundo, não pode haver mais amargoso trago, como é a lembrança da morte. E senão, notai um caso que aconteceu não ha inda muitos annos.

Havia um mercador de grosso cabedal na cidade da Bahia, mui dado a gostos, e regalos, e interesses do mundo; o qual succedeu enfermar de um achaque de perigo, mandou chamar logo um medico, e depois de lhe relatar o que padecia, e o medico tomar as iudicações do achaque, lhe disse: Meu senhor, sou de parecer que antes de tudo trate vm. de se confessar, e sacramentar, e fazer seu testamento, e depois trataremos da saúde. Respondeu-lhe o enfermo: Senhor doutor, eu não mandei chamar a vm. por prégador missionario, porque eu sou christão, e bem sei quando hei de tratar da minha alma: o que a vossa mercê peço, é que me aplique algum remedio para a saúde, porque me não acho em tempo de morrer. Tenho navios na costa da Mina, carregações para Portugal, Angola, e para outras varias partes: deve-se-me, e eu devo. por cujas causas o que pretendo é vida e saúde.

Disse-lhe o medico: Meu senhor, a vida e saúde, só Deus a pode

dar a quem for servido; nós obramos, segundo a arte e sciencia que aprendemos, e como o achaque de vossa mercê me parece ser de perigo, por isso o aviso, e não quero que vossa mercê em nenhum tempo se queixe de mim. Não tornou resposta o enfermo ao medico, mas antes se virou para a outra parte; e assim como se foi o medico, dahi a menos de duas horas, acabou a vida o doente.

Vêde agora, senhor, á vista deste successo, que vos acabo de repetir tão certo, como verdadeiro, como lhe poderia saber bem a esta creatura a morte, sem se resignar na vontade de Deus. E assim ficai entendido, que um dos melhores signaes, que pode ter uma creatura na hora da morte, é a conformidade com a santa vontade de Deus; porque não havendo este signal, bem se pode presumir que morre impenitente no somno da culpa, com que tantos se acham depois que acordam no inferno.

E por isso Satanaz tendo larga experiencia do como vivemos tão descuidados da lembrança da morte, nos arma varias ciladas para nos tirar a vida dormindo neste descuido, para que não tenhamos tempo de nos arrepender de nossos peccados acordados: isto é, na lembrança da morte, e temor de Deus.

E para vos mostrar isto com mais clareza vos trarei agora uma digressão moral e doutrinal, em uma comparação de certas aves.

E vem a ser o caso: que ha uns passaros no Brasil, a quem chamam andorinhas dos mangues, por andarem em bandos, porém, são muito maiores e gostosas, que as outras, que andam pelas casas, e igrejas; costumam estes passaros pernoitar nas arvores altas dos mangues junto dos rios. Os caçadores, que disto sabem, as andam vigiando embarcados em canôas; quando as vêem tomar pouso em cima de algum mangue, deixam anoitecer, e sobem pela arvore com um facho acceso na mão esquerda, e no mesmo braço levam um sacco, ou samburá, dependurado; e chegando onde estão dormindo as aves, lhes põem o dedo indes debaixo do bico, ou bocca, e com o o pollegar lhe apertam a cabeça, de sorte que logo as deixam mortas, e as vão recolhendo no sacco, ou samburá; e se succede bater alguma com as asas, com a dôr da morte, cuidam as mais que se estão espreguiçando, ou retocando-se com o somno. A luz do facho lhes parece claridade da lua, ou luz da manhã; porém, se succede

gritar ou piar alguma, todas se levantam voando e deixam só ao caçador trepado no manguê.

Vamos agora á moralidade. Os passaros são as creaturas racionaes; o caçador é o demonio; a luz do facho são os gostos e deleites deste mundo, que os cegam com suas vanglorias; o samburá, ou sacco, é a sepultura de donde os demonios os levam para o inferno. Aquelle passaro que grita, e faz fugir os mais da cilada do caçador, são os prégadores apostolicos, e missionarios, que a todos dos pulpitos nos avisam, e os confessores zelosos, e livros espirituaes, que nos advertem, a que despertemos do somno do peccado, em que estamos das nossas culpas, tão descuidados dos nossos inimigos d'alma.

E por isso grande acerto será, que tomemos os conselhos dos prégadores missionarios, e zelosos da honra de Deus, e proveito das nossas almas, e dos confessores que com tanto desvello e cuidado nos ensinam o que devemos obrar para nossa salvação.

D. Posso-vos affirmar, senhor Reverendo Padre Mestre, que muito folguei de vos ter ouvido a comparação, e moralidade da semelhança, que têm essas aves com os peccadores dormindo no somno de seus peccados; porém, isto supposto, tomara, senhor Reverendo Padre Mestre, que me fizereis favor dar algum remedio para que não tema tanto a morte, porque vejo, e tenho lido, que ainda os homens de virtude a temeram, e se atemorizam homens de grande valor vendo-se naquelle transe.

M. O remedio, e conselho, mais proprio que vos posso dar, senhor, é que para não temeres a morte, e não estranhares, com esse terror e espanto que succede a muitos, é morrer antes de morrer.

D. E como poderá ser isso, senhor Reverendo Padre Mestre?

M. Dir-vos-hei, e será com o parecer de muitos autores espirituaes.

Diz Santo Ambrosio: emquanto o homem não sahe do corpo ignora-se, e só quando sahe d'elle se conhece. Os santos doutores dizem que para que o homem se conheça hade entrar em si mesmo; este sahir de si, é entrar em si, porque é sahir do exterior do homem, que é o corpo, e entrar e penetrar o interior d'elle, que é a alma.

Isto fizeram todos aquelles que se quizeram salvar, morrerem antes de morrerem, sahiram do corpo com a consideração de que eram mortaes. e que haviam de acabar; e se não tivessem boas obras feito, seriam lançados ao inferno a padecer para sempre: tornaram a entrar em si, e começaram a perder o intrinseco temor da morte, fazendo obras de virtude para gozarem da Bemaventurança depois de morrerem neste mundo.

Aquelles dois Atlantes de saber e santidade, Job e David, por conhecerem o quanto era importante morrerem antes de morrerem, pediram tempo a Deus, para contarem tempo entre a morte e a vida. Quem morre antes de morrer, não ha mistér de mais documentos, nem doutrina para bem morrer. Prova-se este pensamento pelo que succedeu a Lazaro, porque depois de Christo o resuscitar nem um documento lhe deu mais. E por que? por ser homem que já tinha morrido uma vez, e assim viveu, e acabou com tão conhecida virtude, que lhe não foi necessario mais doutrina, nem documento para se salvar.

E por isso muitas e grandes personagens morreram antes de morrerem, como já tereis ouvido contar, e lido em varios livros estes exemplos. Carlos V, aquelle grande Imperador tão valente, como entendido, antes de morrer largou o Imperio a seu irmão, e o Reino a seu filho, e se recolheu no convento de Yuste, para morrer antes de morrer, por conhecer o quanto importava ao bem da salvação, e haver esta resolução em vida. São Francisco de Borja, Duque de Gandia, e grande em Hespanha, largou o seu Ducado, e se metteu religioso na Sagrada Religião da Companhia, onde acabou a vida livre do susto da morte, feito um santo por ter morrido antes de morrer, e isto fizeram todos os que quizeram segurar a salvação.

Finalmente, todos os homens que se resolveram a deixar o mundo, e ir buscar as religiões para morrerem antes de morrerem, fazem uma renunciação de todos os gostos, e haveres, e deleites dos bens temporaes, promettendo guardar os tres votos, que são: castidade, pobreza e obediencia; e tudo o mais, que o mundo, diabo e carne costumam offerecer para nos desviar do serviço de Deus. E não só o fazem por palavra, porém, sim por obra. Isto se vê na-

quelle acto da profissão, quando se deitam em terra amortalhados nos seus mesmos habitos, e todos os mais Religiosos os encommendam já como mortos ao mundo, e só vivos para servirem a Deus.

E se succede algum destes mortos, tornarem a resuscitar para os vicios, são semelhantes ao rio, que estando reprezado começa a correr; ao cavallo que sahe da estrebaria sem freio, ou cabresto; bogio solto da prisão, ou passaro que foge da gaiola, que custa muito apanhá-los, e recolhê-los outra vez á prisão; como tem mostrado a larga experiencia, e se não fôra por alongar este discurso vos trouxera varios exemplos do que tenho visto, e ouvido contar acerca deste particular.

Vamos agora a mostrar neste segundo discurso o como a memoria da morte é doce, e saudavel para os justos e amigos de Deus, e do como nos havemos de haver naquelle ultimo fim, e hora da morte. Diz o Espirito Santo que a morte e a vida depende totalmente de Deus: *mors et vita a Domini* (Eccl. 11); e digamos com Job: Se tenho recebido das mãos de Deus a vida, apparelhado estou para receber a morte, ou uma e outra, passando por aquellas mãos, será para mim um thesouro; por isso lhe chama S. João: Bemaventurado o que morre em graça ou casa de Deus (Apoc., cap. 24. 13); e S. Paulo diz: No fim dos meus trabalhos, hei de receber o premio, ou corôa de justiça, a qual me hade dar o Senhor, como juiz recto, e não só a mim, senão a todos, que morrem na sua amizade (Epist. 2.^a, ad. Thim., cap. 4) porque é certo que todo aquelle que morre em graça de Deus, não morre, porém vive: *non moritur, sed vivit in gratia Dei*.

E por isso digo, que nem sempre devemos temer a morte, como castigo, porque muitas vezes succede para nossa salvação. Além de ser lei inviolavel, que necessaria e precisamente havemos de passar por ella: *statutum est hominibus semel mori* (diz S. Paulo aos Hebreus, 9.27); isto é: cousa infallivel, e importa a todos os homens morrerem uma vez.

A nenhuma qualidade de creaturas guarda a morte respeito: não conta os annos, porque quando chega por mandado de Deus, ninguem lhe pode fazer resistencia: é veloz e apressada na sua execução. Alguns a pintaram montada a cavallo com asas; e não

como a fabulizaram os antigos poetas, chamando-lhes Parcas áquellas tres irmãs: a uma Cloto, e outra Lachesis, e Átropos outra; dizendo que uma fiava, e outra tecia, e outra cortava a teia, que era a vida do homem.

Porém, deixando as fabulas dos Gentios, e supposição de alguns, que reputam a morte sempre por castigo: havemos de entender que esta, depois que se viu executada em Christo Bem Nosso, ficou doce e suave para todos aquelles que a recebem em bõa conformidade, resignados na vontade de Deus, como foram os santos martyres, e os mais santos, e justos de que ha varios exemplos.

E por isso exclama S. Paulo: *ubi est victoria tua? ubi est, mors, stimulum tuum?* a morte se trocou em um suavissimo somno (Ad Corinth. 15). Com esta mesma consideração se alegrava Job na sua enfermidade mortal, cheia de dôres e angustias: *rursum circumdabor pelli mea: reposita est hec spes mea in sinu meo* (Job. 19). E chegando finalmente ao fim da vida, se padeceremos dôres e afflicções, lembremo-nos que Christo morreu entre dores extremas, a quem chamou Isaias *vir dolorum*; não teve outra cama que um durissimo lenho, nem membro que não padecesse o seu tormento: por isso, poderás offerecer tuas dores juntas com as de Christo, a tua futura agonia com a agonia de Christo: tendo tu merecido o inferno, não te pareça estranho trocar a immensidade das penas de teus peccados por todos os seculos, por outras sem comparação menores, que por poucos dias pode trazer a morte. Isto é a conformidade que devemos ter na enfermidade.

Com estas considerações se irá facilitando o enfermo a se conformar com a vontade divina, acceitando a enfermidade por favor, e offerecendo-a a Deus, por satisfação de seus peccados, diga muitas vezes aquellas palavras do Padre Nosso: *fiat voluntas tua*. E se aproveite tambem do que dizia Job: *sit nomen Domini benedictum*, pedindo a Deus o purifique nesta vida pelo não castigar na outra, e que o castigue aqui com penas temporaes, perdoando-lhe as eternas. Conta Cezario em o livro XII, cap. L. I, que houve um Religioso, que depois de morto appareceu ao seu abbade, e lhe disse: Padre, eu me vou direito ao céu. Perguntou-lhe: Como? sem passar pelo purgatorio? Padre, sim: porque as grandes dôres e afflicções

que padeci em o artigo da morte, as offereci em satisfação de meus peccados, e me serviram de purgatorio; porque me resignei na vontade de Deus.

Muitos com esta paciencia e resignação receberam a morte com grande conformidade. De Gerardo, monge, refere S. Bernardo, que avizinhandose-lhe a ultima hora da morte, com excessivo gosto começou a cantar o Psalmo: *Laudate Dominum omnes gentes* — morrendo com esta canção na bocca para continuar perpetuamente no céu. Outro tomou novas forças, e vigor para dizer: *Te Deum laudamus*; não se esquecendo nunca neste apertado acto de se lembrar da protecção e amparo da Virgem Santissima Senhora Nossa, e de seu Anjo da Guarda, e de todos os Santos do céu, e com especialidade daquelles, com quem neste mundo teve devoção para que roguem, e intercedam por elle a Deus, para que depois desta nossa peregrinação nos leve á nossa Patria que é o céu, fazendo um acto de contrição, na fórmula seguinte: tendo uma imagem de Christo na mão, ou á vista, dizendo: *Misericordioso Jesus, meu esforço, em quem confio, e creio de que espero o bem de minha alma, e salvação, a quem sempre amei, e amo, e amarei eternamente, dai-me nesta hora valor para ter fé, esperanza e caridade: o que tudo de vossa mão poderosa espero, para passar seguramente da vida á morte. Eu confesso diante de todo o mundo, que minha vida foi cheia de grandes maldades, das quaes me não fica mais que um grande arrependimento; mas confiado em vossa divina bondade espero me haveis de perdoar. Não permittais, Senhor, que a minha alma seja condemnada ao inferno, vêde que por ella destes a vossa sobre a arvore da Cruz ao eterno Padre; não me rejeiteis. meu amavel Jesus, pois vos dignastes tomar minha humanidade, para me dares a vossa Divindade, livrai-me nesta derradeira hora das garras dos leões infernaes. Eu beijo este lado, de donde sahio minha bôa sorte, abri-me, e lavei minhas immundicias com a agua e sangue que delle sahiram. Eu adoro estas mãos, que foram encravadas por mim, nellas recommendo meu espirito: eu venero essas chagas dentro das quaes eu me quero esconder, até que a indignação de meu juiz seja passada.*

Pai celestial, usai commigo de misericordia, lembrando-vos que

meus peccados foram já castigados com todo o rigor na pessoa de vosso filho mui amado; meu Senhor Jesus Christo, não permittais que o preço infinito de seu precioso sangue seja inutil á minha alma. Mas, antes, por elle vos peço, que me perdoeis meus peccados. Espirito Santo, fortificai-me com vossa graça, afim que não desfaleça neste conflicto, e derradeira hora. Aqui beijará muitas vezes os pés e chagas daquelle Divino Deus crucificado, e quando lhe faltem as forças o faça com o desejo e vontade de o levar em sua alma para que lhe sirva e a nós de verdadeiro defensor nesta vida, e hora da morte. Amen.

E assim acabaram os Religiosos as suas praticas, e eu me tornei a recolher para o meu jazigo a esperar pelo dia seguinte para continuar em ir assistir á missão.

NOTA AO CAPITULO XIX

(1) *Luz e Calôr*, obra espiritual para os que tratam do exercicio das virtudes e caminho de perfeição, editou-se em Lisbôa em 1696. Alcançou quatro edições.

CAPITULO XX

Do que mais viu o Peregrino tratar os dois Religiosos na sua missão acerca do segundo Novissimo do Homem, que é o Juizo, o qual é muito para se temer por ser rectissimo o Juiz, e independente julgador, no qual Tribunal não ha appelação, nem agravo, dando a cada um o premio e castigo, segundo seu merecimento, que é o inferno por uma eternidade. ou o Paraizo para sempre.

TRISTE, e funesto, amanheceu o dia, como annunciando algum infausto successo. A este tempo deu o relógio com a mão no sino cinco pancadas, que se contaram por horas; sahiu o sol, foram-se espalhando as densas nuvens, e todo o orbe se viu com mais claridade; até que se tocou a entrada da missa da prima. Sahi de casa, e fui para a igreja, e depois de fazer oração, e ter ouvido a missa, me tornei a recolher para casa dos romeiros, donde estive esperando que se desse signal depois do meio dia, para entrada da missão da santa doutrina. Com effeito se fez signal, fui para a igreja, fiz oração, sentei-me no lugar, onde me havia consignado o religioso Frei Deziderio. A este tempo chegaram os dois missionarios, que um e outro subiram para os seus pulpitos, e rompeu o discipulo nestas palavras:

D. Estamos, senhor Reverendo Padre Mestre, no quarto dia da missão, e no segundo Novissimo do Homem, que é o juizo; tomara agora que me fizesseis o favor de continuar com vossa doutrina.

M. Bem vos posso affirmar, senhor, que muito me tendes obrigado pelo grande zelo, e desvello, com que vos tenho visto assistir estes dias na occupação de vires ouvir a palavra de Deus, e

por isso de nenhuma sorte me poderei escusar de obedecer ao que mandais vos diga.

Primeiramente haveis de saber que a materia, que temos para tratar esta tarde é o Juizo particular e universal, do qual nem uma creatura racional pode escapar de ser julgada naquelle Divinissimo Tribunal, diante do Rectissimo juiz dos bens e males, que neste mundo tiver feito, até o ultimo instante da hora da sua morte.

E por isso Job, sendo justo, e innocentissimo, com tudo isso, era o temor tão grande com que vivia deste juizo, que disse de si: Da maneira que teme o navegante no meio da tormenta, quando vê vir sobre si as ondas furiosas, assim eu sempre temia diante da Majestade de Deus, e era tão grande este meu temor, que não podia sofrer o peso desta consideração.

E em outro lugar o mesmo Job (21.6.), como tão cuidadoso na certeza deste juizo, e na exacta conta, que devia dar, disse: Cada vez que nella considero sou assaltado de um grande temor de meus peccados, que delles me faz fugir, mais que de alguma desventura.

Todos os santos, e justos, temeram e tremeram de serem julgados naquelle Divino Tribunal. David, aquelle exemplo de penitencia, dizia: Não entreis, senhor, em juizo com o vosso servo, que não será justificado diante de vós nenhum dos viventes.

Aquella trombeta, que se hade ouvir no fim do mundo, tocada por um Anjo, na qual dirá: Levantai-vos, mortos, vinde a juizo: tantas vezes trazida nos pulpitos, e lida nos livros (mas tão pouco lembrada dos viventes, como se não fôra um artigo de fé) esta lembrança fez dizer a S. Jeronymo, que em qualquer lugar, em que estivesse, sempre lhe parecia que estava ouvindo a voz formidavel daquella trombeta. Levantai-vos mortos, vide a juizo.

Só os santos usaram bem desta consideração, que foram aquelles varões sabios, tanto homens como mulheres, quando deixaram o mundo, e se foram para os desertos, e outros para varias religiões, onde acabaram com grande socego de espirito, e estão os livros cheios destes exemplos; e ad oculum o estamos ainda vendo. S. Agostinho affirma, que nada o tirava do pego de seus vicios do que o medo da morte, e do juizo. S. Bernardo exclamou, di-

zendo: Estremeço da ira de todo o Poderoso Deus, e da presença de seu furor, e da trombeta do Archanjo, e da palavra da ultima sentença.

Os peccadores não cuidam neste juizo por falta de entendimento, porque se o tiveram, não houveram de estar tão apegados a seus vicios e peccados.

Por isso diz o Espirito Santo: (Prov. 18, v. 5) *veri mali non cogitat iudicium*; e assim digo que só é sabio e entendido, todo aquelle que nesta vida cuida e alcança com a consideração o fim que hade ter na hora da morte, e na conta, que ha de dar a Deus no tribunal do Juizo Divino, para nelle se lhe tirar a sorte, e dar a final sentença da sua bôa, e má vida.

Por ser um acto horrendo, e espantoso, que não ha lingua nem penna, que a possa explicar. El vêde se será para temer um Deus irado, e apaixonado, quando ainda cá na terra sem mais do que vemos um Rei, o juiz indignado, faz perder os sentidos, muitas vezes a propria vida. Por ser o temor ferrolho, com que se fecham as portas da alegria, e chave, com que se abrem as da tristeza, e sentimento; servindo-lhe de flagelo ao corpo, e de verdugo á alma. O que vos mostrarei com varios exemplos, que no mundo tem acontecido.

D'El-Rei Balthazar, consta da Sagrada Esscriptura (Dan. 5 a num. 5), que sendo aquelle monarcha tão valente, como poderoso, e cheio de tantas riquezas, e dado a tantos regalos e prazeres, estando no seu palacio acompanhado de criados e vassallos, banqueteadando-se com grandes gostos e contentamentos, por ver na parede da sua sala tres dedos de uma mão escrever a sentença de sua morte, foi tal o terror, e assombro, que de repente o assaltou, que logo lhe fez mudar a côr do rosto, e tremerem-lhe todos os membros do corpo, fluctuando em varias imaginações: só por ver a funesta sentença de sua morte, e juizo, entrou em todos aquelles cuidados, e desassocegos da vida. Vêde agora o que será executado na triste alma por aquelle Juiz apaixonado, quando lhe tomar contas dos erros de sua vida.

D'El-Rei Philipe, o prudente, se conta, que estando ouvindo missa, dois criados seus muito validos, que estavam atrás d'elle, se

puzeram a falar, o rei acabada a missa lhes disse, olhando para elles: Nem vós, nem vós. me faleis mais. Um delles, indo para sua casa, em breves dias morreu de pena, e o outro se ausentou de sua Patria, e não appareceu mais diante do rei.

Do mesmo rei se conta, que mandando fazer uma carta pelo seu secretario para um principe, por pressa ou descuido do dito secretario, devendo pegar na poeira, pegou no tinteiro, e o despejou em cima da carta; chegou-se o rei ao bofete e disse: Esto es el tintero, y esta es la salvadera. E bastou esta reprehensão, para logo do assento, em que estava o secretario, cahir com um accidente, do qual acabou a vida.

Consta da *Hist. Belg.* lib. 2, aludida pelo Padre Perier, no seu livro *Desengano de peccadores*, a fl. 341, o caso que succedeu a Henrique, Conde de Belgh, estando governando a praça de Boldue, em Flandres: foi este general accommettido por seus contrarios, e com effeito lhe rendeu a praça, e indo depois o tal conde á Côte de Bruxellas, para dar satisfação á Archiduqueza de Austria, Dona Isabel; porém, apenas appareceu o conde, quando logo a Archiduqueza, descendo parte do véu que tinha na cabeça, cobriu o rosto, e disse: Nem vós, conde, sereis nosso soldado, nem nós a vossa Princeza. E assim dito, lhe foi virando as costas. Perturbou-se deste successo de tal sorte o conde, que nem viu a porta da ante-camara, nem atinou a sahir por onde tantas vezes havia entrado. E levado á sua casa dalli a tres dias morreu.

A mim me contou um homem de verdade, e bom procedimento, que estando na India, em Goa, no palacio do vice-Rei (1), chegara um capitão mór de um presidio, a chamado do vice-Rei, por certas queixas que delle haviam feito; de tal sorte reprehendeu o fidalgo ao capitão mór, que lhe fez cahir o chapéu e o bastão das mãos. e indo-se arrimando á parede, cahiu com um accidente, que dalli o levaram em um palanquim (2) para sua casa, sem poder dizer palavra em sua desculpa.

Vêde agora, senhor, o que será apparecer uma triste alma, não diante de um rei, duqueza, vice-rei, ou juiz do mundo, mas diante do mesmo Deus, a quem os Seraphins cobrem os rostos pelo respeito, e acatamento, que têm a tão alta e summa Magestade; sendo

espíritos tão puros, e santíssimos. E que fará a triste alma diante de tão summa Magestade, e juiz apaixonado?

Não é crível o temor, e terror, que terá esta miseravel agonizante alma diante daquelle Divino Juiz, assim armado e posto em cima de um majestoso throno, vendo ler o processo de suas culpas, por se não haver lembrado deste ultimo fim; o que não poderá deixar de succeder a todos. E que sentirá então o peccador obstinado, e tão endurecido nos seus peccados quando Deus entrar com elle em juizo e exame, isto é, intellectualmente, e lhe diga assim:

Vem cá, homem malvado, que vistes em mim? Porque assim me deprezaste, e te passaste ao bando de meu inimigo? Eu te levantei do nada que eras, e te criei á minha imagem e semelhança, e te dei todos os meios, com que pudesses alcançar minha gloria; mas tu, abusando destes auxilios, e beneficios, não quizeste guardar os meus mandamentos, que te dei; quizeste antes seguir o teu gosto, e as mentiras do mundo, diabo e carne, do que os conselhos saudaveis do teu Creador; e para livrar-te desta cahida, nasci em muita pobreza, vivi com muitos trabalhos; por ti caminhei, velei, trabalhei e suei gottas de sangue; por ti soffri perseguições, açoutes, blasphemias, escarneos, bofetadas, deshonnras e tormentos, até chegar por ti a dar a vida cravado na cruz.

Vêde agora que responderá aqui a triste alma, que se achar comprehendida em culpas diante de tão recto juiz, e de tão justificadas verdades? tendo Deus por ella obrado tantas finezas, que chegou a dar a sua propria vida para a livrar do cativeiro do demonio, e do inferno; dando-lhe tantos meios para a sua salvação. Vendo que tudo desprezou, tratando só de se dar a gostos, e deleites, e riquezas deste mundo. Como se não tivera uma alma para della dar conta a Deus de todos os talentos que lhe deu para se salvar.

O que me parece que lhe ouço dizer agora é: Oh quem tivera um dia de todos aquelles que tão desaventuradamente perdi. ou uma hora do tempo, que tão mal empreguei, ao menos se me fôra concedido um quarto, para dizer com toda a compunção, e devoção, um *tibi soli peccavi*; oh como o diria de todo o coração, oh como

me poria devotamente de joelhos, com as lagrimas nos olhos a pedir a Deus me perdoasse meus peccados.

E considerai que vos aviso agora, pois tendes tempo para o fazer; obrai muito para applacaes a indignação deste Deus offendido, porque depois vos não falte tempo de o poderes fazer naquella tão apertada hora, entre o instante da vida, e a morte; porque já então não haverá lugar para serem admittidos vossos rogos, nem terem mais despachos as vossas supplicas, nem para vossas lagrimas perdão, nem para o vosso arrependimento misericordia.

E nem pense nem um que se poderá livrar dizendo, que esses ameaços se não dizem por elle, senão pelos homens peccadores, e perversos no seu viver. Porque haveis de saber, que S. Hieronimo, sendo um santo de tão grandes penitencias, dizia cada vez que se lembrava do dia do juizo, lhe tremia o coração e o corpo: justo era David e muito amante de Deus, comtudo, tenia muito o dia de juizo, e se não dava por seguro das penitencias que havia feito, porque sabia que são mui differentes os juizos de Deus dos juizos dos homens. E assim é, porque os homens não vêm mais que o de fóra: mas Deus vê o coração, e os effeitos da alma.

A este proposito vos contarei um notavel exemplo, o qual se acha na vida dos S.S. P.P. O Abbade Agaptam, estando vizinho á morte, ficou tres dias immovel, tendo os olhos abertos. Seus frades o apertavam e lhe diziam: Padre Abbade, onde estais? Elle lhes respondia: Eu estou diante do throno de meu Deus, e meu Juiz, pelo menos com o pensamento, e apprehensão. Como pois (lhe diziam elles) temeis ainda? Ai! disse elle, é verdade que trabalhei quanto me foi possivel de guardar exactamente os mandamentos de meu Deus: mas por fim de tudo eu sou homem, e não sei se minhas obras foram agradaveis a Deus. E como (repetiram os Religiosos) não estaveis vós bem seguro, que vossas acções foram feitas, segundo Deus as tem determinado? Ainda que isso seja (respondeu o bom velho) não me atrevo assegurar, até não receber a sentença de Deus a meu favor.

Agora vos quero fazer uma breve pergunta, e a todos os mais que me ouvem, e vem a ser: se succedera teres uma revelação, que hoje serieis mortos, e julgados na presença daquelle Divino Juiz,

usarieis a apparecer no estado em que vos achais, para defenderes as vossas causas? quando vos considero tão recatados e vergonhosos se vos apanham em alguma pequena falta? Vós, que tremeis á vista do menor perigo, que se vos representa, ousareis apparecer diante de um Deus apaixonado, a quem tendes tantas vezes offendido? Pois vêde que isto que agora aqui vos pergunto, necessariamente vos hade vir a succeder, e talvez, quando menos o cuidares.

Pergunto-vos mais: succedeu-vos alguma vez comprares ou venderes alguma cousa, ou fazer tal negocio, que depois de o haveres feito viesses a ter arrependimento por vos achares enganado?

D. Algumas vezes me tem acontecido, senhor Reverendo Padre Mestre.

M. Vêde agora, que pena, dôr e arrependimento concebereis depois de teres vendida a vossa alma ao demonio, e comprado o inferno por um tão breve gosto, e deleite transitorio, para depois ires a penar eternamente. E por isso vos peço agora, que desde logo cuideis muito nisto que vos tenho dito; e bem poderá ser o ultimo aviso que vos manda Deus fazer por esta inutil e humilde creatura. E vêde o que diz o Espirito Santo por bocca de um Propheta: que se perde o mundo por falta de consideração.

E depois de tudo isto considerado, vejamos agora a horrivel sentença que contra estes taes desaventurados, determinará este rectissimo Juiz, quando lhe ouvirem dizer com notavel indignação: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno.

Isto é que convém chorar, a quem crê que tem uma alma. Cahir em mão de um Deus vivo. Oh dia formidavel! Oh juizo cheio de pavor! Donde seremos julgados para uma eternidade; oh eternidade, quem bem em ti sempre cuidara!

Ora pois, meus fieis catholicos, sendo como é certo o que vos digo, hajamo-nos com prevenção a tempo, tomemos o conselho que nos dá Christo Bem Nosso, que primeiro quiz ser nosso Advogado, que Juiz: *si quis peccaverit, advocatum habemus apud Patrum Jesus Christum justum* (João 2. 1). Mandando-nos ensinar por S. Lucas, onde diz: vêde não se carreguem e occupem vossos corações com demasiado comer, e beber, cuidados, e negocios desta

vida, e vos venha de repente aquelle tremendo dia: porque assim como o laço hade vir sobre todos os que moram sobre a terra, portanto, velai e orai em todo o tempo, para que sejais livres de todos estes males. Façamos agora este acto de contrição:

Meu Misericordioso Jesus, meu divino Advogado, aqui diante de vós prostrado, e arrependido de todo o meu coração, me peza de vos ter offendido, por serdes vós quem sois, e vos peço muito hajais de mim misericordia, e me perdoeis os meus peccados; eu vos amo sobre todas as cousas: nunca mais vos offenderei, mediante vossa Divina Graça: e fugirei sempre as occasiões de peccar. Peza-me, Senhor, de todos os peccados, que me lembram, e me esquecem, ou não conheço, nem alcanço, por serdes vós quem sois, summamente bom, e digno de ser amado; e porque vos amo, estimo sobre todas as cousas, e me peza de todos os meus peccados, proponho firmemente de vos não offender mais. Em satisfação de minhas culpas vos offereço a minha vida, e tudo o que de mim depende, e vos peço, e rogo, e me valho de vossa divina morte, e paixão, não permittais, Senhor, que vos torne mais a offender. Fazei com que todas as minhas obras, pensamentos e palavras se dirijam á vossa maior gloria, e honra, para satisfação de minha alma, para serdes sempre de mim louvado, e obedecido, neste mundo, e depois vos vá gozar eternamente no Reino do céu. Amem.

E assim acabaram os Religiosos a sua pratica com este acto de contrição, e a todo o auditorio deixou mui compungido, e com demonstrações de grande arrependimento de suas culpas. E eu me retirei para a casa dos romeiros, onde fazia a minha assistencia, esperando que chegasse o seguinte dia para tornar a ir ouvir a doutrina e missão dos Religiosos pelo grande gosto, e edificação, com que os tinha ouvido naquelles dias, que faziam a sua doutrina, pelo fructo, que disso esperava para bem de minha salvação.

NOTAS AO CAPITULO XX

(1) O palacio vice-real de Gôa a velha fôra fortaleza de Hidal-kan, conquistada por D. Antonio de Noronha em 1510. Em 1759 o vice-rei conde da Ega fixou a sua residencia no palacio de Pangim onde continuaram a

O PEREGRINO DA AMERICA

morar os seus sucessôres, A. Lopes Mendes, *A Índia Portuguesa*, I, 97, Lisboa, 1886.

(2) É o "portátil leito em rica cama", dos *Lusiadas*, c. VII, LXIV Informa Lopes Mendes: "A machila é uma especie de palanquim, que se usa em Gôa para transporte de pessoas, *A Índia Portuguesa*, I, 59. A palavra (do néo-árico "palaki", cf. Mons. Sebastião Rodolfo Dalgado, *Glossário Luso-Asiático*, II, 142, Coimbra 1921) vem em Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, cap. 50: "Logo atraz dele em tres palanquins..." Assim Castanheda, Garcia da Orta, Diogo do Couto.

CAPITULO XXI

Do que mais viu o Peregrino tratar os dois Religiosos na sua doutrina, acerca do terceiro Novissimo do homem, que é o Inferno e de seu espantoso e horrendo sitio.

FUNEBRE, e tenebrosa, se mostrou aquella tarde, e assim como se occultou o sol no horizonte, se foram condensando as nuvens; e com o lobrego da noite começou a relampaguear, e fazer tão estrondosos trovões, com vento, e chuva, que parecia se sovertia aquelle lugar. Tratei logo de rezar algumas orações, e permittiu Deus que fosse applanando a tempestade, porém, ficou sempre a noite escura, e ventando.

Até que amanheceu o dia, e logo se deu signal para a entrada da missa das cinco horas, e reza do côro; fui para a igreja, e depois de ter feito oração, e ouvido missa, me tornei para a casa dos romeiros, onde estive esperando que se dessem as duas horas depois do meio dia, e sinal para a entrada da missão.

E assim como tocou o sino, e deu sinal a entrada da doutrina, fui logo para a igreja, fiz oração, e me fui sentar no meu accustomedo lugar. Chegaram logo os dois Religiosos, e subiram para os seus pulpitos, e o discipulo começou dizendo:

D. Na verdade vos digo, senhor Reverendo Padre Mestre, que com grande temor e desvello passei a noite antecedente pela horrenda tempestade que houve neste sitio, que quasi me ia parecendo com a que houve no dia e noite de São Joseph.

M. Sabei, senhor, que ouvi já contar dessa tormentosa tempestade, porém, nunca com tal individuação, que pudesse ficar bem inteirado desse successo.

D. Pois sabei, senhor Reverendo Padre Mestre, que como me achei nessa occasião presente, vos poderei relatar o successo com toda a certeza. Foi o caso, que estando eu na cidade da Bahia, na era de 1721, em 19 de Março (1), dia de São Joseph, das cinco para as seis horas da tarde, se começou a ver para o rumo do Noroeste uma grande parede de nuvens tão fechadas, e denegridas, que pareciam um grande muro mui preto, e por cima desta parede ou muro, se via como uma grande labareda de fogo; foi-se levantando o nevoeiro, e fazendo um escuro pavilhão, com que se cobriu todo o céu, não apparecendo uma só estrella, quiçá por não ver o estrago da notavel tempestade. Começaram logo a fazer relampagos, e trovões tão repetidos, que entre um e outro se não dava pausa, com tal estrepito de vento, e chuva, coriscos, e raios; e para maior confusão e terror se ouviam tocar sinos em todas as igrejas daquella cidade, que parecia que se arrazavam todas as casas, e edificios. E os mesmos effeitos experimentaram muitos navios da frota, por se achar naquella occasião surta no porto da tal cidade, desarvorando alguns seis, ou sete, de vergas e mastros.

E o que mais foi para notar, e dar graças a Deus, e ao Glorioso Santo, foi que em duas horas e meia pouco mais ou menos que durou a tempestade com todo este furor, não offendeu nem perigou creatura alguma vivente nem em terra, nem no mar. Sem dúvida por milagre e protecção do glorioso São Joseph, que tanto parece se empenhou com Deus, para que a todos nos livrasse daquella tão grande perigo.

Resultou deste tão grande milagre, tomarem por devoção os moradores daquella cidade, fazerem todos os annos uma famosa procissão, com muitas charolas de varias invocações de Nossa Senhora, cantando-se pelas ruas terços e ladainhas, as quaes procissões todas vão dirigidas á Sé Cathedral (2), onde está collocado o Santo na sua capella; ao qual, em acção de graças, lhe vão render os devidos agradecimentos, pelo grande beneficio que por sua intercessão alcançaram de Deus, em os livrar daquella horrivel tempestade.

M. Na verdade vos digo, senhor, que muito folguei de vos ter ouvido relatar este prodigioso milagre, e muito mais satisfeito

estou de ver o grande zelo, com que esses moradores se mostram tão agradecidos ao beneficio que lhes fez o glorioso São Joseph, em memoria e lembrança de os ter livrado de tão grande perigo.

D. Porém, isto supposto, senhor Reverendo Padre Mestre, tomara agora que me fizesseis o favor de continuar com a vossa santa doutrina acerca do terceiro Novissimo do homem, que é o Inferno, ainda que não pode haver cousa mais horrivel e espantosa para uma creatura vivente e racional, como seja o tratar de um lugar, onde residem os mesmos demonios, e padecem todos os condemnados execrandas penas por uma eternidade, e por isso temo muito ver falar de tal lugar.

M. Pois sabeí, senhor, que supposto seja a consideração do inferno tanto para se temer e recear, tambem é proveitosa para muitas cousas. A primeira é, para soffrermos os trabalhos desta vida, como soffreram e supportaram os Santos, que estão hoje gozando da Bemaventurança por cuidarem dos horriveis tormentos que ha no inferno.

S. Hyeronimo dizia de si mesmo, pelo grande medo que tinha concebido das penas do inferno, se havia exposto e condemnado a fazer tão aspera penitencia, como elle fazia morando no deserto. Aproveita tambem para vencer a tentação do inimigo, quando nos accomette para nos fazer cahir em culpa; e assim por estas e outras semelhantes considerações da lembrança do inferno, e das penas que nelle se padecem, nos faz apartar dos peccados contra Deus, porque ainda cá neste mundo estamos vendo e experimentando muitas vezes livrar-nos de cahirmos em alguma culpa, só por temor de um perigo.

E se não, dizei-me pelo que me acabastes de contar dessa horrivel tempestade, que vistes estando na cidade da Bahia, se vos achaveis capaz, nessa occasião, de commetteres, não digo eu, um peccado mortal, senão ainda uma leve culpa venial?

D. Bem vos posso certificar, senhor Reverendo Padre Mestre, que de tal sorte me vi que não só estava incapaz de commetter culpas, mas quasi morto me considerava: porque não havia membro no meu corpo, que não estivesse tremendo, que mal podia pro-

ferir as palavras das orações que estava rezando, porque cada instante me considerava morto, e abrazado de algum raio, ou corisco.

M. Pois notai, e reparaí agora, senhor, e vêde se tenho razão para vos dizer, que convém muito a lembrança do inferno, para nos livrarmos de cahir em peccado, quando só bastou o temor de uma tormenta, que estaveis na esperança, que brevemente poderia passar, como assim succedeu, pelo que me tendes dito, para vos pôr nesse estado de tão grande temor! Com quanta maior razão temos para nos lembrarmos do inferno, por ser uma tão tormentosa e horrenda tempestade, supposto que futura, tão certa, como verdadeira.

Porque, dizem os Santos Padres, que naquelle horrivel lugar, continuamente se está vendo e ouvindo relampagos, trovões, raios, e coriscos, além de outros muitos tormentos, que alli se acham juntos e congregados por ser o sitio mais triste e medonho, que se pode imaginar. O lugar é o mais infame, e mais baixo, que pode haver, pois é o mesmo centro da terra, e por isso alli se vão ajuntar todas as imundicias, geradas daquella putrefacção, como serpentes, escorpiões, viboras, lagartos, sapos, e toda a mais casta de bichos venenosos. Além das mais horrendas e espantosas vistas de tantos demonios, e condemnados: vêde agora se não basta só esta consideração para temermos, recearmos de ser alli habitadores em tal lugar, não só por um dia, semana, mez e anno, senão para uma eternidade, em um lugar tão apertado, que dizem os autores, e mais peritos mathematicos, que não tem de largura e circuito que de duas, ou tres leguas; vêde agora como alli puderam estar tantos milhões de almas, que têm ido a elle, desde o principio do mundo, e os mais que forem cahindo até o fim delle.

Além das mais penas que no inferno se padecem, conforme o dizem muitos autores, e santos padres: São Cyrillo, Arcebispo de Alexandria, explicando estas formidaveis penas que no inferno padessem os condemnados, diz elle não ha lingua com que se possam dizer, nem explicar, nem encarecimentos, com que se possam medir, nem rhetorica, com que se possam exaggerar as dôres, os tormentos, e as penas das almas presas e encarceradas naquelle abysmo; e qual será um lugar, onde só há continuas lagrimas, gri-

tos, e espantosos prantos, tão medonhos, e em um lugar tão escuro, e tormentoso, que até o mesmo demónio se espanta, e lhes faz medo, e mette pavor (São Cyrillo, Thom. 2. Oral. de exitur anima ad med.). Esta é a razão porque diz São João Chrysostomo que nem uma cousa é tão util e proveitosa ás almas, como a prégção, e ainda a conversação do inferno. (Chrysost., tom. 4. 2, ad. Thesal. homil. 2, post med. verbo incendio).

E Christo Senhor Nosso tantas vezes propunha a seus discipulos, e ouvintes, a quem prégava, os infernaes tormentos: e tudo obrava este Divino Deus, e Senhor, para que a lembrança do inferno fosse despertadora para nos livrar das culpas, que são as que nos precipitam naquelle abysmo infernal.

Fallando Santo Agostinho da gravidade do inferno, diz: ainda que todos os homens do mundo, e ainda que todas as folhas das arvores, as ervas dos campos, e as pennas das aves, se converteram em linguas, e se transformaram em vozes, não puderam explicar a força, actividade, e rigor do fogo, e penas do inferno, que atormentam os condemnados. (August., tom. 10. Sermão 181, de temp. capitulo 8, in princ.). E para prova do que vos digo, ouvi o presente caso.

Conta-se nas vidas dos Santos Padres, de um Religioso, que, sendo condemnado ao inferno, appareceu ao seu companheiro, do qual sendo perguntado se as penas do inferno eram tão cruéis como se pregavam? Sabei (respondeu elle) que são taes, que todas as linguas dos homens não saberiam explicar seu rigor. Podereis vós dar-me alguma prova? di-se o companheiro. Replicou o condemnado: Querei-las ver, ouvir, gostar, ou apalpar? Ai! (tornou o Religioso a dizer ao condemnado) eu não poderei vê-las, nem ouvi-las, porque sou mui medroso, e menos tocá-las, sendo muito delicado, nem gostá-las por ter o estomago fraco; mas eu me contentarei com cheirá-las. Dito isto: abre o condemnado uma capa, com que estava coberto, donde sahio um tão horrivel fedor, que os Religiosos foram obrigados a deixar aquelle convento sem que nelle mais se pudesse habitar. Vêde: se só uma alma condemnada fez tão grande estrago com aquelle horrendo, e máu cheiro, que fará o de tantos que habitam naquelle abysmo?

Tratando o Real Propheta das penas do inferno, e o que nelle padecem os condemnados, diz assim: Poreis, Senhor, a vossos inimigos, os peccadores impenientes, no tempo de vossa indignação, como em um forno de fogo, e mais tormentos; o Senhor os confundirá, na sua ira, e o fogo os abraçará (Ps. 20. 10)

Persuado-me que nunca devieis contemplar nem meditar nas penas do inferno, porisso logo no principio deste discurso me disestes que muito temeis ouvir fallar nas penas delle. Pois sabeis que grande acerto será, senhor, que vamos muitas vezes em vida ao inferno, por não irmos a elle depois de mortos. Tomando o conselho de São Bernardo, quando disse: descei muitas vezes ao inferno em vida por santas meditações, afim que depois de vossa morte não sejais ahi fechados por toda a eternidade.

A razão disto é evidente: porque, como temos visto e considerado, as suas horrendas penas nos servirão de motivo para dellas fugirmos, e nos afastarmos de peccar. E se não, notai: as mães quando querem desmamar os filhos, sobre os peitos donde chupam o seu leite lhes põem cousas amargosas; assim, pela amargura que provam, vêm a aborrecer a doçura, que antes amavam; assim desta sorte é tambem a lembrança dos tormentos do inferno para deixarmos os gostos, e deleites deste mundo.

Todos os santos que estão hoje gozando da Bemaventurança se serviram deste meio para mais se darem á penitencia, e amarem a Deus. Como succedeu á veneravel virgem de Santo Agostinho, como consta da sua vida escripta pelo Padre Frei Affonso de São Hyeronimo, carmelita descalço, onde com toda a explicação conta deste caso, o qual affirma que esta religiosa nunca jámais tivera gosto nem alegria nesta vida depois que foi ao inferno em espirito, até que foi gozar da Bemaventurança, como piamente se pode presumir.

E se quereis saber com mais certeza que cousa é o inferno? perguntai a Job (10. 22). Elle vos dirá que é uma região cheia de trevas hediondas, onde não ha ordem alguma; mas um horror intolleravel, e uma confusão eterna. Salomão (Proverb. 9. 18) vos certificará que é um abysmo tão profundo, que delle não saberá sahir quem uma vez nelle cahir. Isaias (24. 22) vos explicará que é uma

risão cheia de um fogo abrazador. Os theologos vos provarão que um lugar abundante de todos os males.

Conta Santo Agostinho de um homem que, resuscitando pelooque do cilicio de São Hyeronimo, disse que os tormentos do inferno eram tão grandes, que se alguém tivesse experimentado o menor delles, antes escolhera estar até o fim do mundo dentro de ma fornalha, onde todo o fogo do orbe estivesse encerrado, que offerer um dia de penas no inferno.

D. Famosamente vos tendes explicado, senhor Reverendo Padre Mestre, acerca dos horriveis tormentos, que padecem as almas no inferno. Porém offerece-me uma dúvida, que ha muito a desejo perguntar a pessoa, que me desse definição, a qual vem a ser: como sendo o lugar do inferno tão pequeno, como tendes dito pela opinião de alguns autores, que dizem não ter mais de duas leguas de tão ou tres de circuito, possa alojar tantos milhares de demonios, e almas de condemnados, que nelle têm cahido, e hão de cahir até o fim do mundo?

M. Eu vos explicarei isso com um exemplo muito *ad oculos*. Ponde-vos no principio de uma praia, que tenha de comprimento pouco mais ou menos de duas leguas, em occasião que esteja a maré vazia, a qual costuma despraiar vinte ou trinta palmos da vasa da maré até o combro da terra; e medi um palmo desta praia, seguindo o comprimento della, e na largura deste palmo desde a vasa da maré, até junto do combro da praia, cavai cem palmos para o centro, e depois de teres tirado toda aquella porção, começai a contar todos aquelles grãos de areia, que tiveres tirado desde o centro até a superficie da praia, vêde se pode haver algarismo, ou arithmetica, que os possa contar, e numerar: e a este respeito o mais comprimento da praia, até as duas leguas, que grãos de areia poderão caber naquelle espaço, isto tão sómente no lugar de cem palmos de centro, e um de comprimento das leguas da praia.

Notai agora a respeito deste exemplo, vêde que lugar haverá ainda para encher, e acabar naquelle abysmo? e se vos parece que os grãos de areia por pequenos não fazem volume, e por isso se arrumam tão juntos, haveis de saber, que as almas dos condemna-

dos são espiritos, e estes, segundo a opinião dos Doutores, não occupam lugar.

Demais que, cousa sabida é que Deus tem assim o mundo como o inferno, e tudo o mais que tem creado, fechado no punho da mão; sendo assim, como de fé o cremos, em um lugar mais limitado pode atormentar a seus inimigos, por toda uma eternidade.

D. Já que, senhor Reverendo Padre, tocastes agora na eternidade depois de teres fallado do inferno com tanto acerto, e propriedade, tomara tambem que me disseras como entendeis esta eternidade? e que tempo ha de durar?

M. Costumam alguns autores que escreveram da eternidade comparar a sua duração com o numero das estrellas, muitas mil vezes multiplicadas: ou com os grãos de areia de todas as praias do mundo, e muitos com as gottas de agua do oceano tiradas de cem em cem annos uma pinga até se esgotar.

Mas eu me não saberei melhor explicar com outro exemplo, como seja o da esphera de uma roda, na qual nunca nella se pode achar fim, e quando parece que acaba então começa, e a sua duração será para emquanto Deus fôr Deus; com que vos digo só, que bastava esta consideração da eternidade, ou seja a do inferno, onde se ha de nella padecer para sempre, ou a da gloria, onde se hade gozar da Bemaventurança na presença de Deus, para uma feliz eternidade, para se salvar todo o mundo.

Porém são os peccadores por precitos, obstinados e duros de se converterem á palavra de Deus, semelhantes ás peças da artilharia.

D. Essa comparação, ou semelhança, tomara agora, senhor Reverendo Padre Mestre, que na explicáreis, porque nunca a ouvi praticar.

M. Pois ouvi, senhor, que tem grande semelhança o peccador obstinado em suas culpas com a peça da artilharia; e se não, reparai na presente comparação.

Sai uma peça de artilharia feita e fundida das mãos do artifice fundidor, que ali se considera a idade da consistencia daquelle instrumento; ou seja de ferro, ou bronze mais duro, ou menos forte o metal. Põe-se logo dentro de um navio, fortaleza, castello, ou

muralha, em cima de uma carreta com sua portinhola, que é a porta da casa daquelle instrumento, ou creatura insensivel. Carrega-se de polvora, e balas. Chega um artilheiro ao ouvido da peça com um murrão acceso, e assim como põe fogo em cima da escorva, dispara a peça e dá um grande estouro, e faz estrago para onde tinha feito a pontaria, e depois recua tres ou quatro palmos para trás, e quem vê este effeito suppõe que de arrependida do damno que fez este crocodilo de metal; porém é muito pelo contrario, porque vem buscar mais carga para executar segundo tiro, e fazer maior estrago.

Moralizemos agora esta comparação da peça com a semelhança da creatura humana. Nasce o homem, ou seja composto desta ou daquelle qualidade de geração; chega á idade de vinte e cinco annos, que é a consistencia do homem; procura a carreta, ou casa, onde hade fazer a sua assistencia, e habitação; carrega-se de vicios, e peccados, que são a polvora, e balas; chega o artilheiro mexeriqueiro, ou alcoviteiro, ao ouvido desta humana ou deshumana peça, com o murrão acceso do alvitre, e diz ao soberbo, ambicioso, luxurioso, glutão, iracundo, invejoso, e ao preguiçoso, o alvitre, ou mexerico, que lhes basta para os fazer disparar na culpa de que está carregado, e posto o fogo na escorva daquelle miseravel creatura, ou peça humana, dispara no peccado, que nelle domina e está carregado, e faz um grande estrago contra Deus, e seu proximo, e elle mesmo. E depois de ter feito aquelles damnos, e peccados, dá uns passos para trás, isto é, quando se vai confessar pela obrigação da quaresma, ou parece que se mostra arrependido, e quem vê isto suppõe que o faz pesaroso da culpa e do damno que tem feito. Porém, é muito pelo contrario, porque vai buscar este miseravel peccador mais carga de peccados para fazer novos estragos.

Tambem têm muita comparação as peças da artilharia com as almas dos condemnados, que vão ao inferno, pelo que vemos naquelles instrumentos cá no mundo, e se considera padecerem os condemnados no inferno nos seus tormentos. E a razão é, que a peça da artilharia, se está posta ao rigor do sol; com calor se abraza, e com o frio, ou geadas da noite, se esfria, de sorte que não ha quem

lhe possa pôr as mãos em cima. Assim tambem as almas dos condemnados com o fogo do inferno se estão abrazando, e com o frio se estão atormentando. Tambem têm muita semelhança e conexão com os peccadores nas suas durezas, e obstinações, que não ha quem os possa abrandar, nem convencer, e assim vêm a acabar estes metaes humanos, e racionaes, semelhantes aos metaes insensiveis, ou comidos de ferrugem dos muitos annos, e cheios de peccados, como o ferro, ou de um estouro, arrebentam como o bronze, e acabam a vida.

D. Na verdade, senhor Reverendo Padre Mestre, que por melhores termos vos não puderas explicar acerca das grandes semelhanças, que têm as peças da artilharia com as creaturas humanas. Porém, tomara que me contaras algum exemplo a esse respeito das creaturas endurecidas, e obstinadas nas suas culpas, semelhantes á dureza do ferro, ou bronze.

M. Pois ouvi, que vos contarei um caso que não ha inda quarenta annos que succedeu.

Houve um clerigo, morador na ilha de Itaparica (3), muito rico, onde tinha uma grande fazenda com muitos escravos. Este sacerdote, por se considerar culpado pelo seu máu viver, sabendo que tinha chegado um arcebispo á cidade da Bahia, e temendo-se de ser castigado pelo prelado, se resolveu ir pedir a roupeta de Santo Ignacio, no Collegio dos Padres da Companhia, e offereceu aos Padres a fazenda que possuia. Com effeito, o acceitaram os Religiosos, na consideração que era vocação de Deus, tomaram logo posse da fazenda, e trataram de evitar os erros, que acharam nos escravos, por estarem alguns amancebados, e outros em varias culpas, e vicios, por falta de doutrina; desterrando a uns e vendendo a outros por evitarem semelhantes erros e peccados, em que os acharam comprehendidos.

A este tempo soube o clerigo, que estava no Noviciado (4) por um artilheiro, ou mexeriqueiro, da disposição que tinham obrado os Religiosos na emenda e reforma da fazenda; tratou logo de pedir aos padres que o deitassem fóra, porque se queria ir para a sua fazenda: quizeram os Religiosos despersuadi-lo daquella tentação com

nui saudaveis conselhos, e documentos espirituaes, levados do zelo de se não perder aquella alma. Nunca lhes foi possivel tirá-lo daquella tentação diabolica, até que com effeito o lançaram fóra da religião, e se tornou a ir o clérigo para a sua fazenda.

E depois de estar nella, dalli a breves dias enfermou de uma doença mortal, da qual sabendo um clérigo seu vizinho, e muito seu amigo, chamado o Padre Manoel de Leão, o foi visitar; e pelo ver em tão miseravel estado, lhe pediu que se confessasse. Respondeu-lhe o enfermo: Meu amigo, isto já é tarde (e com razão porque tarde lhe buscavam o remedio da alma) amanhã me confessarei, e tomarei o Senhor por viatico. Porém, Deus, que lhe conhecia a sua má vontade, o não permittiu, porque das duas horas depois da meia noite, começou a entrar em ansias de morte, e dar taes urros, e bramidos, que me certificou este clérigo Manoel de Leão (que foi o que me contou este caso), que, tendo assistido a muitos enfermos moribundos, de nenhum teve maior medo e terror, como foi do que viu obrar aquella miseravel creatura. E levando-lhe o clérigo uma imagem de Christo Senhor Nosso, com ella lhe fez uma exhortação; porém, o miseravel enfermo, em vez de abraçar a aquelle Divino Deus, se virou para a parede até que acabou a vida, como um precito, deitando a lingua fóra da bocca, e os olhos tão encarniçados, que mettia pavor e medo a todos que viam o cadaver.

Vêde se pode haver maior exemplo para aquelles que vivem semelhantes ao ferro ou bronze de uma peça da artilharia, pois nem bastaram para este miseravel os saudaveis conselhos da religião, donde havia sahido, nem assistencia do sacerdote que o tinha ido buscar para o fazer confessar, e tomar os mais sacramentos em tempo tão apertado, e necessario, desprezando a presença de Christo, nosso verdadeiro Deus, e Redemptor, que tão dura, e obstinada estava aquella miseravel alma, semelhante á dureza de um ferro, ou bronze, que parece que tanta posse tinha tomado o inimigo daquella creatura, que o não deixou ouvir a palavra de Deus, e para que assim nos não succeda, visto termos tempo, bom será agora que á vista de tão horrivel exemplo, façamos um acto de

contrição diante deste Divino Senhor. E pegando o Missionario em uma imagem do Santo Christo, começou dizendo assim :

Meu Senhor Jesus Christo, meu Pai amoroso, meu Divino Redemptor e Salvador, peza-me de todo o meu coração de vos haver offendido, e por seres vós quem sois, tão digno de ser amado, e venerado, e por reconhecer, que por me livrardes da condemnação eterna, quizestes sahir do seio do Eterno Padre, vindo ao mundo a tomar a nossa natureza humana no virginal ventre de Maria Santissima Vossa Mãe, e Senhora Nossa, onde estivestes nove mezes encerrado, até nasceres em um humilde presepio ; e depois fostes desterrado de tão tenra idade para o Egypto de donde tornastes outra vez em companhia de vossa Sacratissima Mãe e do Bemaventurado São Joseph até chegares á idade de trinta e tres annos, padecendo muitos trabalhos no discurso de todo este tempo só para nos dar exemplo. Até que finalmente permittistes que vossos inimigos vos chegassem a pôr nessa cruz, nú, ferido, e açoutado, e tudo afim de nos salvar. E eu inutil, e miseravel peccador vestido, e appetecendo riquezas, estimações, deleites, gostos, e regalos deste mundo. Vêde agora que coração de ferro, ou bronze, se é christão, e reconhecendo estas verdades por tão certas como verdadeiras, se não desfará em copiosas lagrimas, pedindo a este Divino Deus misericordia de tão enormes culpas, que contra elle tem commettido.

Dizendo de todo o coração: Se até agora, Senhor, temos sido infieis, e transgressores da vossa Santa Lei, de hoje por diante, á vista de tantas finezas, que por nós tendes obrado, não só promettemos observá-la, e guardá-la, mas darmos as proprias vidas, se necessario for em defesa della por ser esta a razão sem dúvida porque tem havido tantos martyres, e santos, que fizeram tão asperas penitencias, para em parte satisfazerem o muito que vos deviam: e porque nós tambem conhecemos vossas entranhas de piedade, que ainda depois de tanto vos termos offendido, nos estejais insinuando, e mandando no vosso Santo Evangelho, que vos peçamos, para recebermos (Matheus, cap. 7). Por isso agora, Senhor, fiado na vossa Divina palavra e promessa, como tão necessitados, vos pedimos mi-

sericordia, misericordia, misericordia, meu Deus do meu coração, e da minha alma. Amen.

E assim acabou o Religioso a sua pratica com este auto de contrição com muitas lagrimas, e de todo o auditorio. E eu me tornei para o meu jazigo da casa dos Romeiros até o dia seguinte, para tornar ir a ver e ouvir a pratica do quarto Novissimo do homem, por ser a do Paraizo.

NOTAS AO CAPITULO XXI

(1) Das 10 para as 11 horas da noite, diz A.A.A. Efemerides, *Revista do Inst. Hist. da Bahia*, n. 47, p. 209. A tempestade impressionou de tal sorte o povo que se instituiu uma procissão annual em honra de S. José, para memória e penitencia. Deserve Accioli, cujo texto deve ser cotejado com o do "Peregrino": "As 10 para 11 horas da noite de 19 de Março de 1721 começou a espalhar-se o terror entre os habitantes da capital: uma chuva miuda, acompanhada de grandes furacões e inumeros raios que de todos os lados caíam sobre a mesma cidade, ameaçava uma total aniquilação, crescendo mais o receio com o estampido dos fortissimos trovões, que incessantemente atreavam os ares. No dia seguinte caíram algumas casas na ladeira da Preguiça e outras na da Conceição, que havia muitos anos se conservava com uma brecha, causada pelo peso da plataforma do castelo, com o qual não podia a eminencia em que foi colocada, e os habitantes, aterrados de tais effeitos, instituiram desde então a procissão do voto de graças, que ainda subsiste annualmente, feita no dia 19 de Março, sendo notavel que, entre tantos raios, não resultasse outro prejuizo ás pessoas e aos edificios mais do que a quebra de uma pedra da varanda da Ordem Terceira do Carmo e o pequeno sinal de fogo no mastro de um dos navios ancorados no porto", *Mem. Hist. e Pol. da Prov. da Bahia*, II, 158-9.

(2) A Sé Cathedral, reconstruida no seu pomposo estilo definitivo a partir de 1645, sofreu a mutilação de sua fachada antes de 1787, em virtude do excessivo peso que a tornára insegura, e afinal — apesar do seu incalculavel valor histórico-artístico — foi demolida, em 1933. Deserveu-a, bradando contra a destruição desse monumento, Manuel Mesquita dos Santos, *A Sé Primacial do Brasil*, Bahia, 1933.

(3) Veja-se sobre a região, Ubaldo Osorio, *A Ilha de Itaparica*, p. 12 e segs., Bahia, 1928. Aí missionava Anchieta quando foi surpreendido com a nomeação para Provincial do Brasil; em 1563 adoeceu ahi o P. Gregorio Serrão, P. Serafim Leite, *Hist. da Com.*, I, 63. Ao tempo de Rocha Pitta já era lugar de repouso para muitas pessoas da cidade, que iam veranear na ilha, junto dos muros do forte de S. Lourenço (1711), na "povoação da Ponta", de que nos dá noticia frei Vicente do Salvador.

(4) O Noviciado, hoje Colégio dos Orfãos de S. Joaquim, foi construido a expensas de Domingos Afonso Sertão, pioneiro, com a Casa da Torre, do

O PEREGRINO DA AMERICA

descobrimto do Piauí, que legou aos jesuitas, além desse vasto edificio, as suas fazendas de gado (hoje as fazendas nacionais do Piauí). E de 1706-10 a obra, que se concluiu em 1724, Francisco Vicente Vianna, *Memória* cit., p. 332. Aí estiveram presos os padres quando Pombal os mandou tirar da capitania. Joaquim Francisco do Livramento, o apóstolo catarinense, logrou instalar no casarão abandonado e em ruínas um colégio de meninos desvalidos, autorizado afinal por Carta regia de 28 de Julho de 1817. Os commerciantes habilitaram-no com um fundo de 40 contos para a restauração do imovel. Os estatutos do Colégio de S. Joaquim (que assim ainda hoje se chama em honra do instituidor) foram redigidos em 1821 pelo juiz de orfãos Francisco Carneiro de Campos, a cuja pena se deveria pouco depois — segundo alguns — o texto da Constituição do Império (25 de Março de 1824).

CAPITULO XXII

Do quarto e ultimo Novissimo do homem, que é o Paraizo, e do mais que viu tratar o Peregrino aos dois Religiosos acerca da Bemaventurança. Doutrina mui necessaria para todos que desejam gozar da sua patria que é o céu, e da presença de Deus.

FESTIVO e alegre, amanheceu o dia de sabbado, e assim como sahio o sol, começou a communicar suas brilhantes luzes a todos os viventes, por ser a luz, entre as graças que permittiu Deus conceder ás creaturas, a mais bella e necessaria, comparando-a em parte com a do céu, onde não ha trevas, nem noite, por ser sempre um continuado dia, e alegre primavera.

Com mui aprazivel som, ouvi tanger o sinc para a entrada da missa das cinco horas, e rezada a prima, e sem mais demora, fui para a igreja, ouvi a primeira missa, e me tornei para a casa dos romeiros, onde passei a mais porção do dia, e depois da sesta, se deu o sinal para a entrada da doutrina, e fui para a igreja, onde fiz oração, e sentei-me no meu costumado lugar; brevemente chegaram os dois Religiosos, e um e outro subiram aos pulpitos, e rompeu o dicipulo, dizendo assim:

D. Estamos, senhor Reverendo Padre Mestre, no derradeiro dia da missão, e na ultima pratica dos quatro Novissimos do homem que é o Paraizo, e como sempre ouvi dizer que no fim se canta a Gloria, por isso me parece que na Gloria estou já posto. E assim vos peço agora me façais o favor continuar com a vossa doutrina, para que cabalmente, e com grande gosto, fiquemos todos de vos ter ouvido.

M. Com grande razão se diz, que se hade fallar a quem de-

seja ouvir, e principalmente a palavra de Deus, porque diz São Lucas (cap. 11. 28): *Beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud*, quer dizer: os que ouvem a palavra de Deus, e a guardam, são Bemaventurados.

Manda o mesmo Senhor a seus discipulos a prégar, e fazer missão pelo mundo, e lhes deu esta ordem: Ide fazer missão por todo o universo prégando a minha palavra a toda a sorte de gente, a grandes e a pequenos: e todo aquelle que vos der credito, e for baptizado, salvar-se-ha; e todo aquelle que vos não crer, será condemnado. (Marc. 16. 16).

E assim ficai entendido, que esta mesma ordem que deu Christo a seus sagrados Apostolos no principio da Lei da Graça, quando os mandava prégar aos infieis, a dá ainda hoje tambem aos pré-gadores da divina palavra, que manda prégar aos fieis; e se então era necessario a um infiel ouvir a palavra de Deus, dar-lhe credito, e baptizar-se para se salvar, para se perder basta agora a um christão desprezá-la, e não a querer ouvir com aquelle zelo e cuidado, que somos obrigados ouvi-la, e guardá-la, isto é, observando e obrando o que nos manda Deus, que façamos para bem de nossa salvação.

Por ser a palavra de Deus, a que fez a David de peccador Santo: *tu es ille* (vers. 2, reg. 12.7) A que fez a um publicano apostolo: *sequere me* (Math. 99). A que converteu em Jerusalém na vinda do Espirito Santo perto de tres mil almas juntas, e seria nunca acabar, se quizera referir as obras maravilhosas da palavra de Deus, o que tudo tem obrado, e obra. Eis aqui, porque vos digo o quanto estou alegre de vos ter ouvido dizer, que mui satisfeito estaes de teres ouvido estes dias fallar da palavra de Deus, que essa permitta sua Divina Misericordia, que a todos nos sirva para bem de nossa salvação.

Isto supposto, continuemos agora o nosso discurso, para o que digo assim: haveis de saber, que é o Paraizo um poderoso meio para nos apartar do vicio, e nos encaminhar á virtude; porque S. Pedro, Principe dos Apostolos, delle se serve para exercitar os prelados a cumprir decididamente com as obrigações de seu cargo: Crêde firmemente, lhes diz elle (I. Petr. 5. 4): que em recompensa

de vossa fidelidade, e dos trabalhos que tendes soffrido no governo das almas, recebereis uma corôa de Gloria, que brilhará sobre vossas cabeças por toda uma eternidade.

S. Paulo não usa de outra razão para persuadir aos Colossenses a deixarem seus erros, e abraçarem as virtudes, se não com lhes dizer: a herança celestial será o levantado preço, e vantajosa recompensa de vossos trabalhos (Ad Coloss. 3).

O mesmo Jesu Christo, depois de ter mostrado a seus discipulos os diversos caminhos, que levavam ao céu, não achou cousa melhor para os animar a prosegui-los que dizer-lhes: Meus amigos, entre as difficuldades, que encontrares nestes caminhos desviados do publico, tomai animo na segurança, que vos dou, que elles vos levarão a recompensas infinitas da Bemaventurança. (Math. 5, numero 3).

Os maiores Santos se serviram desta consideração para exercitar as mais altas virtudes. Ouvi a David, que falará por todos (Ps. 118, 112). Diz elle: Meu Soberano Senhor, eu confesso que tinha um coração estranhamente altivo, e difficultoso a se dobrar a vossos favores, e inspirações; mas com a consideração de vossas infinitas recompensas, eu dobrei, e me accommodei a fazer em tudo vossa vontade.

D. Mui pago, e satisfeito estou, senhor Reverendo Padre Mestre, do que vos tenho ouvido dizer dessas grandes promessas, que faz Deus aos que fizerem boas obras para alcançarem o premio do céu. Porém, tomara tambem me fizereis favor dizer algumas das suas excellencias com mais individuação para com maior desejo as solicitar, e alcançar.

M. Supposto, senhor, que das grandezas do Paraizo celeste não pode haver lingua humana que as possa cabalmente manifestar, valer-me-ei de alguns ditos e autoridades dos Santos Padres, para de algum modo vos dar a entender de algumas excellencias do céu.

S. João, no Apocalypse, assegura ser uma grande cidade, cujas muralhas são todas de pedras preciosas, levantadas sobre fundamentos de puro ouro, aberta em doze grandes portas, que não servem mais que de ostentação, porque jámais se fecham: tão bôa

claridade, que ahí produz um continuo formoso dia, não deixa introduzir-se alguma noite. (Apoc. 21. 2).

S. Matheus diz que é um grande Reino. S. Lucas certifica que é eterno. S. Pedro o nomeia divino. Na verdade que assim é, pois que Deus é Rei, e a Virgem Maria a Rainha, e os Anjos são os cortezãos, e os Santos os moradores. Reino, onde se não falla mais que de alegria, e contentamento, estando dalli desterrada a tristeza, e molestia, onde se não vê plebeu, sendo todos de uma antiga nobreza; onde toda a sorte de bens se acha em abundancia.

Os theologos ensinam que é um Estado composto de todos os bens imaginaveis, e ainda maiores do que saberia imaginar, isento de toda a sorte de males. São Paulo diz (2 ad Corinth. 12, n. 4): Porque eu que lá estive, vos não saberei explicar as cousas, que alli vi. Diz S. Agostinho: quando todas as linguas dos homens e dos Anjos se empregassem a explicá-lo, não acabariam nunca de o dizer. David, cheio de gozo e alegria, disse (Psal. 82): quão amavel é o lugar de vossa morada! Minha alma não saberia cuidar em cousa mais agradável, posto que cuidando nelle pasme.

Esta consideração é que fazia dizer a Santo Ignacio, olhando para o céu, e desfazendo-se em lagrimas: oh como me parece a terra feia quando olho para o céu! aquella é a morada dos mortaes, habitação dos viventes e Patria dos Anjos; e esta a prisão dos peccadores. O céu é nobre paço dos justos, e filhos de Deus. Ditosos cem mil vezes aquelles que habitam nesta Santa Casa.

São Bernardo diz que esta Gloria é tão grande, que se não poderá medir; tão longa, que não tem fim; tão numerosa que se não pode contar; tão preciosa, que se não saberá estimar. Santo Agostinho, encarecendo a Gloria, assegura que ella excede a toda a crença, passa os limites da esperanza, e que não pode ser comprehendida pela caridade.

Os Santos com estas considerações ficavam em extases. São Francisco de Assis, quando via o céu, e ouvia fallar na Gloria celestial, lambia os beiços, como faria uma pessoa guloza ao cheiro de qualquer bom manjar. S. Bernardino, só ao som do nome do Paraizo, quando os meninos o repetiam, e passavam pelas ruas, entrava em profundos raptos.

E assim podemos dizer, que se não pode considerar, nem de-
 jejar outro bem nem perfeição maior, que gozarmos da Bemaven-
 turança, por nella se completar todo o desejo de uma creatura ra-
 cional por se achar na presença de Deus, tudo quanto se pode
 appetecer e desejar em summo gráu por fruição superior.

Tres dotes tem na Gloria as almas Bemaventuradas, segundo
 o que dizem os Santos Doutores, que são: perfectissima sabedoria,
 perfectissimo amor, e perfectissimo gosto, ou fruição, em que se en-
 terra todo o gosto cabal, e alegria. Assim, vendo a Divina essencia,
 elevadas pelo lume da Gloria, tudo, e todas as sciencias perfei-
 tamente alcançam quanto aos merecimentos de cada um pertence.

Alli vêem os Thesouros do Amor Divino, em cujo infinito
 oceano, engolfada a vontade humana, com todas as potencias da
 alma, a Deus seu amante sobre tudo ama. Alli, desposada a alma
 venturosa com seu divino Esposo, inefavelmente o goza, tendo neste
 logro juntos todos os bens, as delicias, as alegrias, e recreios, em que
 o desejo pára, e o coração só cabalmente descança.

Tudo neste venturoso Estado é permanente e sereno dia, eter-
 na primavera, flores que se não murcham, verduras que não se
 secam, fontes de eterna vida, rio perenne de delicias, que alegra
 com sua vista, e luzida corrente, a cidade da Gloria: tudo musicas
 suavissimas em alternados coros de Espiritos Angelicos em louvo-
 res a Deus.

Alli cada um dos Bemaventurados estão mui contentes da
 repartição da Gloria, que Deus lhes tem dado, dando-se por mui sa-
 tisfeitos com grandes jubilos de Gloria, e sendo sem numero os seus
 contentamentos. E com serem os Bemaventurados tão differentes
 nos estados, nos merecimento, e nos premios, como diz Santo Agos-
 tinho, não pode dar-se inveja senão amor grande: sim, porque
 a visão beatifica, que é a Gloria essencial, participam todos, cada
 um conforme a sua capacidade, ou merecimento, e por isso não é
 possível haver inveja de outros terem maior Gloria, nem pode ha-
 ver emulação, porque a caridade, e grandeza do amor, com que
 em Deus os Bemaventurados estão unidos, não só exclue todo o
 dissabor de inveja, e ambição, mas, como verdadeiros irmãos, e fi-

lhos do mesmo Eterno Pai, se alegram todos dos bens, que os outros possuem, e da Gloria que eternamente logram.

D. Mui consolado, e satisfeito estou, senhor Padre Mestre, do que me tendes dito, e confirmado com tão certas autoridades dos santos padres, e ditos dos Doutores; mas tomara só que me disseras, se em tão continuado gosto desses Bemaventurados pudera caber o desejo de tornarem ao mundo, inda que seja por breve tempo, porque tenho ouvido contar, que houveram muitos santos que appareceram a seus devotos neste mundo a consolá-los, e remediar-lhes suas afflicções?

M. De nenhuma sorte se pode dizer, nem considerar, que, chegando a estar a alma de um Bemaventurado no céu, deseje tornar (ainda que por breve tempo) a este mundo. E a razão é, porque, além de que da presença de Deus não possa haver desejo de se afastar nenhum Bemaventurado por ser o Summo Bem, que se pode desejar, é tambem pela razão de ser o céu nossa Patria, e segundo o que mostra a experiencia, e o certificam a Igreja e todos os santos padres. S. Agostinho diz que toda a privação da Patria é penosa, e violenta, e sendo nossa Patria o céu, onde juntos se cifram todos os bens, quem haverá que deseje buscar outra vez o mundo, onde tudo são penas, dôres, afflicções, trabalhos e desterro?

Porque o que deixa a Patria, ou é violento, ou o faz fugir de algum perigo, ou por ambições de riquezas, e honras, ou ver novas terras, e conhecer novos climas; no céu nem pode dar-se violencia, nem temor, nem necessidade, nem ambição, nem desejo de mais ver; porque tudo é perfectissima paz, concordia, e amor: tudo se possui e logra quanto o desejo desvelar-se podia. Tudo em Deus se vê, como em Espelho de infinita luz: como logo sendo o céu nossa Patria, tão abundante de todos os bens, hade caber desejo de se apartar d'elle, inda por breve tempo?

Esses santos, que ouvistes dizer que vieram assistir e consolar os seus devotos, supponde que seria por reproducção e permissão divina, porque como a virtude da caridade, ainda no céu se exercita, conforme o dizem muitos autores, permittiu Deus que aquelles Santos se reproduzissem vindo do céu á terra, a amparar, e remediar a seus devotos, como tem acontecido em muitos Santos em corpo e alma,

esta vida, fazerem semelhantes milagres por permissão de Deus, como succedeu a S. Antonio, que estando em Padua, veio a Lisboa livrar a seu pai do perigo, em que estava. O mesmo succedeu a São Pedro de Alcantara, que estando em distantes terras, onde se achava, vinha por permissão divina acudir a seus devotos, como doado da sua vida consta. E de outros muitos Santos se conta o mesmo, de que estão cheios os livros destes milagres.

D. Na verdade vos digo, senhor Reverendo P'adre Mestre, que me não enfado de vos ouvir praticar desses prodigios da Bem-venturança, que me parece que me estais contando novas da minha Patria, parentes, e amigos, pois me vejo tão cheio de gostos, alegria, que me não lembra nenhuma cousa deste mundo, e aqui tivera muitos dias, semanas, mezes, annos, sem nunca me enfadar e vos ouvir.

M. Não vos pareça, senhor, que tenho isso por lisonja, nem encarecimento, porque o sinal mais certo de ser uma pessoa predestinada, é aquelle que é amigo de ouvir fallar, ou cantar (que vale o mesmo) de Deus e do Reino do céu; e senão, ouvi dos prentes exemplos, que vos contarei.

Indo certa Religiosa tão afflicta, como necessitada, encommendar-se á Madre Veneravel Anna de Jesus ao seu sepulcro, lhe appareceu a serva de Deus, mui gloriosa toda rodeada de luzes, e resplandores, e lhe disse: Vê, filha, como se pagam os trabalhos no céu todos que amam e desejam ver a Deus.

A Santo Thomaz de Aquino lhe pediu uma irmã, que lhe explicasse que cousa era o céu? Elle lhe respondeu: é impossivel dá-lo conhecer, a quem o não tem merecido. E na verdade que bem disse o Santo, porque mal se pode explicar uma sciencia, a quem nunca a aprendeu.

Dizia o veneravel irmão Frei Roque do Sacramento, andando sempre com os olhos no Céu: Se assim é o Céu por fóra, que será por dentro! E assim é, que por melhores termos se não pudera este servo de Deus explicar, ou argumentar, para se conhecer sua grandeza e formosura. Vamos agora mostrar por algumas comparações o agradável de seu gozo, e alegria da consonancia que no céu se experimenta, pelo que no mundo se tem visto, e ouvido.

Do seraphico São Francisco de Assis se conta que, estando uma noite mui apertado de excessivas dôres, veio um Anjo a tocar-lhe um instrumento musico, a cujos breves toques foi tal a suavidade que sentiu, que não só as dôres se sararam logo, mas confessara o Santo, que se a harmonica melodia mais durara, a alma, elevada nos suaves rasgos de tão subida gloria, sem dúvida desamparara o corpo, por não se achar capaz nesta mortal vida de lograr e gozar os logros de tal bem.

A Madre Angela da Paz, religiosa de S. Domingos, estando entrevada por espaço de dois annos em que foi atormentada de crueis dôres, lhe appareceram musicos celestes em fôrma de passarinhos, e parando sobre a janella, a divertiam com esta letra:

Doce é o padecer, agradavel o morrer, que se faz na terra; depois da guerra, se acha a paz; quem no mundo trabalha, no céu descança.

Ficou tão satisfeita a Religiosa, que teve por favor de Deus a enfermidade que padecia.

De um Religioso de santa vida se conta no livro *Espelho de Exemplos* se admirara de ouvir cantar no côro aquelle verso do Psal. 83, onde diz: mil annos, Senhor, á vossa vista, são como o dia de hontem já passado. Como podia ser não sentir, nem computar o tempo em annos a milhares? Quiz Deus mostrar-lhe um emblema deste mysterio, e servir para nós de exemplo, pelo que destes prodigios têm escrito varios autores. Estando na horta do seu convento o dito Religioso, lhe appareceu um passaro de formosissimas côres, e pennachos, tão aprazivel que se foi atrás delle seguindo-o até chegar a um bosque, que vizinho estava. E começou a cantar o passaro com tal suavidade, que, enlevado o devoto Religioso no suave da melodia, se esqueceu de tudo o que no mundo havia. Deu fim o musico passaro a seu canto, e voltando o Religioso para o seu convento, batendo á portaria, que já estava mudada, e não sendo dos Religiosos conhecido, nem elle conhecendo aos que via, se veio a achar pelos annos do Prelado, que elle nomeava, que então era, buscando os livros do convento, que havia tresentos e sessenta annos, que o santo Religioso do mosteiro sahira, que a elle parecia bre-

ves horas. Vêde agora o que será gozar da eterna Gloria para sempre em presença de Deus!

De S. Raymundo se conta que perguntando á Santa Catharina de Sena, que vira quando Deus lhe mostrara o céu em revelação? Respondeu a Santa, que tanto temia dizer o que vira, como de blasphemar, porque tanta differença havia do que vira, do que podia dizer, porque sem dúvida seria muito diminuto explicar as grandezas do céu. E assim digo que todo o encarecimento fica sendo limitado por não haver lingua, que o possa explicar, nem entendimento comprehender, e só depois de o gozarmos, e da presença de Deus, ficaremos completamente satisfeitos.

Daqui podereis inferir, senhor, o que será o Reino da Bemaventurança, quando por semelhantes exemplos nos quiz Deus mostrar para melhor o desejarmos, e procurarmos ir vê-lo na Bemaventurança. Finalmente, para vos dizer em uma só palavra as grandezas do céu, basta que vos diga que é a morada de Deus. Porque se cá no mundo se costuma dizer, que onde está o rei, está a côrte; vêde agora o que se pode dizer, de donde está o Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores; e o que direi neste passo, é que melhor é ponderá-lo, que pretendê-lo explicar; pedindo a Deus Nosso Senhor nos communique de sua divina Graça nesta vida, para o amarmos, e servi-lo, e depois o vamos gozar na Eterna Gloria. Amen.

Já que, senhor Peregrino, (me disse o Ancião) vos deixo em tão alta contemplação, como é a do Reino do Céu: dai-me agora licença para de vós me apartar por alguns dias, por me ser preciso assistir a outras partes, que vos prometto, se Deus vos der vida e saúde, brevemente tornar-vos a buscar para darmos principio e fim á terceira parte deste compendio quando tenhamos a dita de sermos tão bem succedidos, como temos sido na primeira parte deste livro, que em menos de tres annos se deu duas vezes ao prelo.

E logo da minha presença se ausentou, deixando-me na futura esperança de o tornar a ver; por conhecer, que para o Tempo não pode haver prerogativa que o detenha, nem persuadição que o dilate. E por agora dobrarei aqui a folha desta escripta, até que

succeda tornar outra vez o Tempo bem empregado, para continuarmos na terceira parte deste livro, quando assim o permitta Deus (1).

Sujeitando-me em tudo quanto tenho escripto neste livro, com rendida humildade, á correcção da Santa Madre Igreja de Roma; e hei por não dito tudo aquillo, que não for conforme aos divinos preceitos da Santa Fé Catholica, por não ser outro meu fim, e desejo, que só agradar, e servir a Deus.

SÓ A DEUS SE DEVE A GLORIA

NOTA AO CAPITULO XXII

(1) Não se sabe de *terceira* parte desta obra. Condiçionou-a o A. ao exito da segunda, que só agora vem a lume. Provavelmente não sobreviveu muito tempo á sua desilusão — quanto á nova estampa do “*Peregrino*” A idade, as doenças, a indiferença do meio colonial, haviam de pesar-lhe na mão dextra e infeliz. Não fôra proféta em sua terra. Outros são os da Academia Brasilica, que Vasco Fernandes Cesar alojára em Palacio. O seu nome talvez se afamasse na Bahia de torna-viajem, trazido pelas náos da India com as noticias do livro que lhe ficavam lendo em Lisbôa. Os “Mecenas”, Manuel Nunes Vianna, para o 1º tomo, Miguel de Passos Dias, para o segundo, homens ricos, portuguezes do Minho, sem fidalguia, e generosos, testemunham ausencia de estímulos superiores, pobreza e desvalia do escritor arredo das recâmaras do Estado, humilde e místico. Depois de 1733 se lhe perde o rasto. Não saiu mais do Brasil, crêmos. Sumiu-se na obscura paisagem enaltecida pela sua literatura religiosa, terna e evocativa. Deixou, para documentar uma vida aventureira de “emboaba”, um esbôço apenas: linhas desconexas, traços ligeiros, desenho irregular. Mas um esbôço que achou o seu lugar na galeria dos retratos primitivos da terra e gente do Brasil.

FIM DA 2.ª PARTE

A

M

O

De

Ac

De

So

So

De

3

u

I

e

Í N D I C E

	<i>Págs.</i>
Nota Preliminar	V
Movimento literário (F. A. de Varnhagen)	VII
O “Peregrino da América”, de Nuno Marques Pereira, como fonte de investigação etnográfica (J. Leite de Vasconcelos)	XIX
Dedicatória — a Nossa Senhora Virgem da Victoria	1
Ao leitor	3
Dedicatória ao Senhor Miguel de Passos Dias	7
Soneto — em louvor ao Autor deste livro pelo Licenciado Joseph de Oliveira Serpa	11
Soneto — ao livro “Peregrino da America”, por um amigo do Autor	12
Decima — em louvor do Autor do livro “Peregrino da America”, por um seu amigo, nacional do Brasil	13
Decima — do Bacharel formado João Vieira de Macedo, em louvor do Autor	14
Decima — por um Anonymo, amigo do Autor	15
Decima — pelo Licenciado Luiz Franco da Silva, em louvor do Autor do livro Compendio narrativo do “Peregrino da America”	16
CAPITULO I — Como tornou o Ancião a buscar ao Peregrino, ao qual achou ainda assistindo na Casa dos Romeiros da Freguezia da Vir- gem Santissima da Victoria, e lhe relatou o mais que passou de- pois que delle se havia apartado	17
CAPITULO II — Relata o Peregrino o mais que lhe succedeu depois que o Ancião delle se apartou, e da ultima conversação que teve	

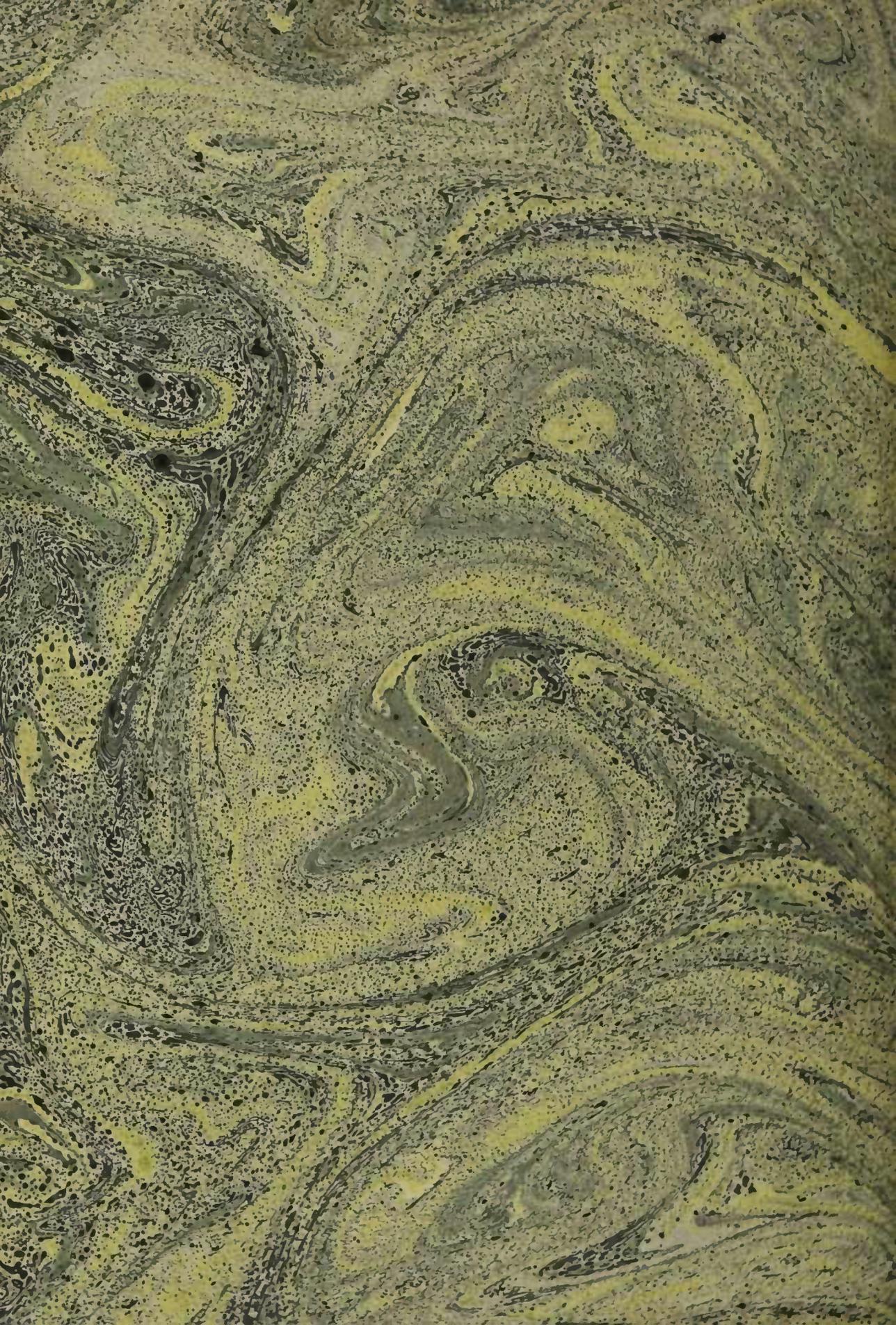
	<i>Págs.</i>
com o Padre Capellão acerca de donde procedeu a origem do gen- tio, que veio a esta parte da America	23
CAPITULO III — Despede-se o Peregrino do Padre Capellão, e dá inteira relação do que viu, e observou no Palacio da Saúde, e seu territorio de deleites: por ser as materias de grandes moralidades	33
CAPITULO IV — Como chegou o Peregrino á casa da Mestra da Solfa, e lhe explicou as excellencias da Musica, por serem tão uni- versaes a todas as creaturas	39
CAPITULO V — Como o Peregrino chegou á segunda sala e nella achou a Mestra da Poesia, e lhe relatou o Peregrino os principios e excellencias daquella arte, e de como alguns homens usaram mal della, e por essa razão lhes aconteceu varios damnos, e se fizeram aborrecidos	51
CAPITULO VI — Mostra o Peregrino em como a sciencia da Mathe- matica é mais util e necessaria para poderem usar das mais scienc- cias, e Artes nobres, e mecanicas; e como alguns de seus profes- sores têm usado mal della	66
CAPITULO VII — Relata o Peregrino o que lhe succedeu na quarta sala com a Mestra da Philosophia, com varios eremplos; mostra as excellencias desta sciencia, e trata da Medicina e de como al- guns de seus professores por imperitos, e faltos de sciencia, usa- ram mal della	76
CAPITULO VIII — O que succedeu ao Peregrino depois de ter sa- hido das casas das Artes e Sciencias, e desceu á praça do territorio dos deleites, donde achou dando-se principio a uma Cavallaria até chegar ao pateo das Comedias, e do que nelle viu e observou	95
CAPITULO IX — Da conversação que teve o Ancião com o Pere- grino acerca de quanto é nocivo e prejudicial ao bem da Repu- blica fazerem-se comedias, passos, bailes, entremezes, toques de violas e musicas deshonestas, com varios exemplos mui necessa- rios para bem da salvação e serviço de Deus	100
CAPITULO X — Em que dá inteira noticia o Ancião, ao Peregrino, da destruição da cidade de Palermo, Cabeça do Reino de Sicilia, causada pelos horriveis terremotos que padeceu na noite do pri- meiro de Setembro do anno de 1726	121

O PEREGRINO DA AMERICA

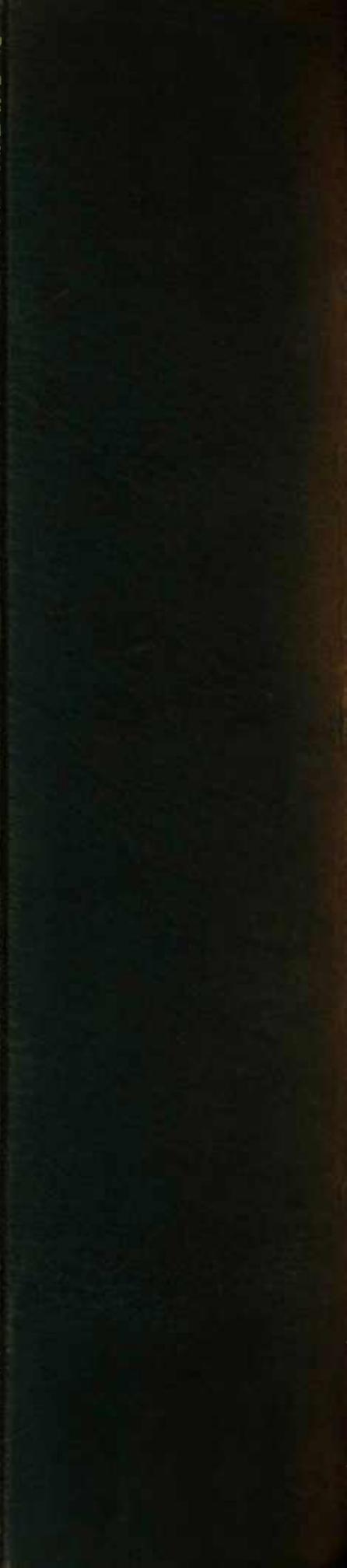
Págs.

- CAPITULO XI — Do que succedeu, e viu o Peregrino no seguinte dia na praça do territorio dos deleites, e Palacio da Saúde, e da conversação que teve com o Presidente da Saúde; e o mais que viu, e observou na Torre intellectual, e descobriu pelo oculo do alcance; e o que lhe succedeu na audiencia dos defuntos e ausentes, até sahir pela porta do Desengano 132
- CAPITULO XII — Do encontro, que teve o Peregrino com um mancebo, que achou á sombra de uma arvore, e da relação que lhe deu da sua vida, e do mais que lhe succedeu no proprio lugar com uma moça, o que consta do capitulo seguinte 152
- CAPITULO XIII — Da relação, que a Moça dá da sua vida desde que sahiu das casas de seus paes até o tempo, que se encontrou com o Peregrino 162
- CAPITULO XIV — Em que o Peregrino dá saudaveis conselhos e documentos ao mancebo, e á moça, e os deixa mui satisfeitos pelos grandes e varios exemplos, que a um e outro deu, ensinando-lhes o meio de se poderem haver, e aproveitar dalli por diante com acerto no temporal, e espiritual 176
- CAPITULO XV — Como chegou o Peregrino, e o mancebo, e a moça, ao Templo da Enfermidade, e casa da Santa Doutrina, e o que nelle viu e observou 186
- CAPITULO XVI — Da conversação que teve o Peregrino com o Religioso no alpendre da igreja, donde lhe fez presente o motivo que teve para mudar o primeiro nome de Fernando no de Disiderium vivendi Deum, por causa de ter ouvido uma pratica a um Religioso missionario naquella mesma igreja. É materia util e mui necessaria para os que della se quizerem aproveitar 190
- CAPITULO XVII — Do que mais succedeu ao Peregrino no dia seguinte da segunda-feira, que se começou a dar principio a missão no Templo da Enfermidade; e se trata das excellencias da doutrina christã, e de como deve ser venerado o Santo Signal da Cruz com varios exemplos, á maneira de dialogo 206
- CAPITULO XVIII — Do que mais viu o Peregrino no seguinte dia tratar os dous Religiosos na sua pratica acerca de como devemos ser apressados, e diligentes em buscarmos a Santa Doutrina, que é a palavra de Deus. E como nos é muito necessario padecer en-

	<i>Págs.</i>
fermidades, e miserias, e trabalhos; com varios exemplos mui con- ducentes para o bem da salvação	223
CAPITULO XIX — Em que se dá principio aos quatro Novissimos do homem, e se começa a discorrer pelo primeiro, que é a Morte; com varios exemplos para desapegarmos a vontade deste uuudo, e vivermos sempre no conhecimento, que haveos morrer; fa- zendo desde logo o que desejamos ter feito de bem na hora da morte	236
CAPITULO XX — Do que mais viu o Peregrino tratar os dous Reli- giosos na sua missão acerca do seguudo Novissimo do homem, que é o Juizo, o qual é muito para temer por ser rectissimo o Juiz, e independente julgador, uo qual Tribunal não ha appelação, nem agravo, dando a cada um o premio e castigo, segundo seu mereci- mento, que é o inferno por uma eternidade, ou o Paraizo para sempre	247
CAPITULO XXI — Do que mais viu o Peregrino tratar os dous Religiosos na sua doutrina acerca do terceiro Novissimo do ho- mem, que é o Inferno, e de seu espantoso e horrendo sitio	256
CAPITULO XXII — Do quarto e ultimo Novissimo do homem, que é o Paraizo, e do mais que viu tratar o Peregrino aos dous Reli- giosos acerca da Bemaventurança. Doutrina mui necessaria para todos os que desejam gozar da presença de Deus, e sua Patria, que é o Céu	270







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).